

OCEAN OF SIN AND STARLIGHT

KARINA HALLE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

Oceano de Pecado e Luz das Estrelas

UMA ROMANTISMO SOMBRI

KARINA HALLE

OceanofPDF.com



Copyright © 2024 por Karina Halle. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de nenhuma forma ou por nenhum meio eletrônico ou mecânico,
incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão
por escrito do autor,
exceto pelo uso de citações breves em uma resenha de livro.

Design da capa: Hang Le

Edição: Laura Helseth

Revisão: The Fiction Fix + One Love Editing

Arte interna de Larimar e Priest por: Jaqueline Florencio

OceanofPDF.com

Conteúdo

Lista de reprodução

Nota do autor

Aviso de conteúdo

Parte um

Prólogo

Capítulo um

Priest

Capítulo dois

Priest

Capítulo três

Priest

Capítulo quatro

Larimar

Capítulo cinco

Priest

Capítulo seis

Larimar

Capítulo sete

Priest

Capítulo oito

Larimar

Capítulo nove

Priest

Capítulo dez

Larimar

Capítulo onze

Priest

Capítulo doze

Larimar

Capítulo treze

Larimar

Capítulo quatorze

Priest

Capítulo quinze

Larimar

Capítulo Dezesseis

Larimar

Capítulo Dezessete

Sacerdote

Capítulo Dezoito

Larimar

Interlúdio

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Parte Dois

Capítulo Vinte e Dois

Sacerdote

Capítulo Vinte e Três

Sacerdote

Capítulo Vinte e Quatro

Sacerdote

Capítulo Vinte e Cinco

Larimar

Capítulo Vinte e Seis

Sacerdote

Capítulo Vinte e Sete

Sacerdote

Capítulo Vinte e Oito

Larimar

Capítulo Vinte e Nove

Sacerdote

Capítulo Trinta

Larimar

Capítulo Trinta e Um

Larimar

Capítulo Trinta e Dois

Sacerdote

Capítulo Trinta e Três

Larimar

Capítulo Trinta e Quatro

Larimar

Capítulo Trinta e Cinco

Sacerdote

Capítulo Trinta e Seis

Larimar

Um Navio de Ossos e Dentes

Agradecimentos

Sobre o autor

Também por Karina Halle

OceanofPDF.com



@jjflorentina

Lista de reprodução

“Grace” - (+++) Cruzes
“Mermaids” - Hans Zimmer
“Goodnight, God Bless, I Love U, Delete” - (+++) Cruzes
“Last Rites” - (+++) Cruzes
“Holier” - (+++) Cruzes
“Thholyghst” - (+++) Cruzes
“Bitches Brew” - (+++) Cruzes
“Cross” - (+++) Cruzes
“Death Bell” - (+++) Cruzes
“The Line Begins to Blur” - NIN
“Discipline” - NIN
“Right Where it Belongs” - NIN
“The Hand That Feeds” - NIN
“Various Methods of Escape” - NIN
“Find My Way” - NIN
“God Given” - NIN
“Capital G” - NIN
“Sanctified” - NIN
“Sin” - NIN
“Heresy” - NIN
“La Mer” - NIN
“Ajude-me, estou no inferno” - NIN
“O albatroz” - Taylor Swift
“Culpado como o pecado?” - Taylor Swift
“Judas” - Banks

"Ocean Eyes" - Billie Eilish
"Hostage" - Billie Eilish
"No Time to Die" - Billie Eilish
"Should Be Higher" - Depeche Mode
"Heaven" - Depeche Mode
"Before We Drown" - Depeche Mode
"The Sinner in Me" - Depeche Mode
"Mercy in You" - Depeche Mode
"In Chains" - Depeche Mode
"Halo" - Depeche Mode
"Last Cup of Sorrow" - FNM
"Ashes to Ashes" - FNM
"King for a Day" - FNM
"The Tradition" - Halsey
"Bells in Santa Fe" - Halsey
"Devil in Me" - Halsey
"Way down We Go" - Kaleo
"Hallowed Ground" - Como destruir anjos
"A Drowning" - Como destruir anjos
"Going to Heaven" - O Matanças
"Kingdom Come" - The Kills
"God Games" - The Kills
"Still Don't Know My Name" - Labrinth
"Babel" - Massive Attack
"Angel" - Massive Attack
"Nocturne" - Mark Lanegan
"Spell" - Nick Cave e as Bad Seeds
"Messiah Ward" - Nick Cave e as Bad Seeds
"Lovely Creature" - Nick Cave e as Bad Seeds
"Do You Love Me?" - Nick Cave e as Bad Seeds
"I Let Love In" - Nick Cave e as Bad Seeds
"Loverman" - Nick Cave e as Bad Seeds
"The Vampyre of Time and Memory" - QOTSA
"I Appear Missing" - QOTSA
"Someone's in the Wolf" - QOTSA
"Un-Reborn Again" - QOTSA
"Fortress" - QOTSA

“Villains of Circumstance” – QOTSA
“God Hates a Coward” – Tomahawk
“Somebody’s Sins” – Tricky
“Nothing Matters” – Tricky (part. Nneka)
“Atlantic” – Sleep Token
“High Water” – Sleep Token
“The Night Does Not Belong to God” – Sleep Token
“Dark Signs” – Sleep Token
“Gods” – Sleep Token
“The Summoning” – Sleep Token
“Aqua Regia” – Sleep Token
“Take Me to Church” – Hozier
“Son of Nyx” – Hozier
“Foreigner’s God” – Hozier
“First Light” – Hozier
(Venha me encontrar no Spotify!)

OceanofPDF.com

Para aqueles leitores que gostam de seus homens selvagens, suas mulheres selvagens
e sua
fantasia sombria
OceanofPDF.com



T

Nota do autor

Este livro é independente, mas também é um spinoff de A Ship of Bones and Teeth. Se você ler este livro sem ler ASOBAT, não ficará perdido. NO ENTANTO, se você estava planejando ler A Ship of Bones and Teeth, então eu sugiro que você leia primeiro, depois volte para este livro, pois Ocean of Sin and Starlight terá muitos spoilers para aquele livro (e você quer entrar em ASOBAT às cegas!). E só para você saber, A Ship of Bones and Teeth é uma releitura de A Pequena Sereia. Este livro não é uma releitura de nada. É sobre vampiros, bruxas, piratas e sereias, no entanto. (Falando em vampiros, ele está vagamente relacionado aos meus livros Black Sunshine/The Blood is Love e Blood Orange/Black Rose. Você pode querer verificar esses livros antes também para mais contexto, mas não precisa). Continue lendo para o aviso de conteúdo importante.

OceanofPDF.com

Aviso de conteúdo

Classificação R para Blasfêmia, Dub-Con, Estupro e Tortura

Ocean of Sin and Starlight está no gênero dark-fantasy — o que significa que é uma fantasia (ou romantismo) que contém temas assustadores ou perturbadores. Isso significa que pode ser considerado um romance dark?

Não exatamente.

Na minha opinião, o romance dark tem muitos tons de cinza, e eu gosto de me envolver em todos eles. Mas não vou chamar isso de romance dark, porque então leitores de romance dark vão entrar pensando que vai atingir certos níveis de depravação e, na minha opinião, não acho que isso aconteça. Então, se VOCÊ é um leitor

de romance dark, estou dizendo que não é um romance dark porque não quero te enganar. Em outras palavras, você não pode dizer que ficou desapontado por não ser dark o suficiente, porque estou te dizendo agora... provavelmente não é dark o suficiente para você.

MAS, e aqui vai um grande mas (risos), se você não é um leitor de romances obscuros, algumas cenas aqui podem ser ofensivas, chocantes ou deixar você desconfortável. Além de violência, sangue, linguagem áspera (falando em linguagem, tomei liberdades com a fala deles para que não soasse tão afetado quanto nos anos 1700. Não seria agradável de ler), blasfêmia em todas as acusações e cenas de sexo explícito (incluindo estupro na página, não envolvendo os MCs), há cenas que são dub-con, especialmente quando se trata de abuso de dinâmica de poder e coerção. A heroína também é mantida em cativeiro por um período de tempo e foi essencialmente sequestrada e torturada. Eu mencionei crucificada? Literalmente? Há também alguns elementos BDSM, como escravidão em correntes, muita mordida e jogo de sangue, jogo de gozada, sexo anal, coisas de bunda, jogo de respiração, inserção de

objetos estranhos... Já mencionei jogo de sangue?
Por último, mas não menos importante, nosso anti-herói é um homem do clero. Não estou dizendo que ele é um bom padre, dada sua natureza sugadora de sangue, assassina e super tarada , mas há alguns elementos religiosos transformados em cenas de natureza gráfica incluindo sexual, que vão te ofender e ser consideradas blasfêmias/desrespeitosas para aqueles que são devotamente cristãos. Caramba, até aqueles que não são religiosos podem se sentir ofendidos. Meu objetivo não é propositalmente ofender ninguém, mas estou apenas fazendo o que os personagens me dizem para fazer.
ENTÃO, POR FAVOR, se você é sensível a cenas dessa natureza, ou qualquer coisa que eu liste acima, este não é o livro para você. Estou fornecendo este aviso de conteúdo para que você possa ficar seguro e fazer a escolha certa para si mesmo!
Não leia coisas que vão te deixar bravo. Não vale a pena!
Se você decidir continuar lendo, espero que aproveite a viagem sangrenta.
OceanofPDF.com

WW

Parte Um
OceanofPDF.com



T

Prólogo

O MONSTRO

A criatura estava subjugada por pesadas correntes enferrujadas e amarrada por semanas quando o médico o encontrou. Os moradores disseram que ela havia matado vários deles, enquanto foram necessárias uma dúzia deles para finalmente contê-lo.

O médico queria recompensá-los por sua bravura, mas não havia uma alma à vista neste momento, apenas sulcos profundos na lama seca onde os calcanhares do aldeão devem ter cavado, marcas selvagens ao redor do tronco do carvalho próximo, a casca tendo sido raspada pelas correntes, e os respingos de sangue aqui e ali, adicionando cor à cena.

Havia apenas o médico e a criatura no meio deste campo salpicado de flores amarelas, nesta manhã quente de verão, o orvalho já evaporado.

Claro, a criatura era de fato um homem. O médico deu um passo hesitante em direção a ele, olhando para a figura de aparência atormentada. Ele estava enrolado em posição fetal, olhos fechados, cabelos emaranhados ao redor do rosto, seu corpo nu coberto de lama, mas, apesar de seu estado frágil, ele era alto e ombros largos, construído como um boi. Ele tinha os músculos elegantes que tantas outras criaturas tinham, mas havia uma aspereza nele, como se os músculos tivessem sido conquistados com trabalho duro e não dados a ele naturalmente.

Não há nada de natural nisso, o médico pensou, empurrando seu longo cabelo ruivo para trás das orelhas e ajustando seu chapéu contra o sol que estava lentamente

ficando mais forte a cada dia. Não há nada natural sobre esses monstros.

Ele ficou triste ao saber de casos como esse, esses monstros que foram criados para serem homens loucos, mas essa era a natureza de seu trabalho ultimamente. Ele

tinha ficado fascinado por essas abominações, que eram tão parecidas com ele em muitos

modos, e ainda assim tão diferentes. Ele queria estudá-los de perto e pessoalmente. Ele queria provar que sua humanidade poderia ser descoberta.

Mas era um longo caminho pela frente para ambos. O médico mal podia ser descrito como um homem às vezes, e a besta ainda menos.

O médico suspirou e se agachou ao lado da criatura, notando o quanto pouco ela respirava. O pobre monstro não podia morrer, mas sem dúvida desejava que pudesse. Mesmo que tivesse sido acorrentado a esta árvore por séculos, sem uma única

gota de comida, ele ainda não morreria.

E, a menos que sua cabeça fosse arrancada, o médico também não morreria. Então ele não teve muito medo quando estendeu a mão e gentilmente afastou o cabelo da criatura do rosto.

Era um rosto forte e bonito. Se a criatura não fosse tão grande e musculosa, se aquele queixo não fosse tão forte, ele poderia ser chamado de bonito, um

tipo delicado de graça em longos cílios pretos, um nariz reto, lábios carnudos. A maioria da espécie do médico tinha seu próprio tipo de magnetismo que era sobrenatural, mas ele podia dizer que a criatura, quando era um homem e antes de ter se transformado, tinha sido abençoada por Deus.

Abençoada antes de ser amaldiçoada.

Mas se a irmandade do mosteiro não pudesse ajudar a criatura a encontrar Deus — ou algo que se assemelhasse a um — e se tornar um homem, então, no mínimo, o médico faria tudo o que pudesse para ajudar.

Afinal, quanto mais esses monstros vagavam pela Terra, mais o doutor e sua laia estariam em risco, e seus segredos descobertos por um mundo que nunca estava pronto para entendê-los.

"Você pode me ouvir?" o médico perguntou em voz baixa. "Meu nome é Abraham, mas você pode me chamar de Abe."

A criatura se mexeu, mas não abriu os olhos. Sua boca se abriu um pouco. As poucas criaturas com as quais Abe entrou em contato não falavam inglês, espanhol ou qualquer idioma. Muitos deles estavam em um estado de depravação ainda mais antigo, seus corpos cobertos de pelos emaranhados ou asas de couro.

Alguns até tinham caudas.

Mas essa criatura já tinha passado desse estágio, embora isso não o tornasse menos perigoso. Ainda era um monstro, e ainda tinha potencial para se tornar um homem novamente.

A criatura de repente estalou suas mandíbulas para Abe, tentando dar uma mordida nele, mas só conseguiu ar antes de cair de volta no chão, toda a força se foi.

"Agora, agora", Abe disse a ele. "A raiva é necessária para a sobrevivência às vezes, mas eu vou te ensinar a controlar sua raiva. Eu vou te ensinar como deixar esse monstro de lado por enquanto. Eu vou pegar sua alma de volta, contanto que você esteja disposto a trabalhar por isso. Você está disposto a trabalhar por isso, Homem de Aragão?"

Esse sempre foi o teste. Dê ao homem uma escolha, e o homem pode se apresentar. Se o homem fizesse a escolha, e não a besta, se a luz atravessasse as sombras, então a criatura tinha uma chance de ser salva. A alma poderia ser redimida.

E dessa vez a criatura fez um baixo ruído sibilante a pedido de Abe. Ele tomou isso como um sim.

OceanofPDF.com



"Y

Capítulo Um

PRIEST

Dois Séculos Depois

você tem sangue suficiente para durar um mês," Abe anuncia enquanto ele entra na minha cabine. O vento uiva como um lobo raivoso pela fresta enquanto ele fecha a porta.

Eu pressiono meus dedos nos papéis para evitar que eles voem para longe e levanto os olhos da minha mesa. As velas tremeluzem, mergulhando minha cabana na escuridão, mas eu posso ver o médico claramente.

"Um mês," eu repito, o pânico fazendo minha boca ficar com gosto azedo. Quatro semanas de

absolvição até que eu tenha que pecar novamente.

Até que eu tenha que matar novamente.

Espero que minha voz não traia o desespero dentro de mim, se contorcendo em nós ácidos, mas a expressão de Abe suaviza, e eu sei que ele pode sentir o cheiro do meu medo.

"Você sabia que eu tinha que ir embora," ele diz gentilmente enquanto ele lentamente atravessa a

sala. "Eu só posso te fazer companhia e fazer seu... trabalho sujo por tanto tempo."

O trabalho sujo. Esse é o meu termo para meu apetite. Abe usa palavras mais

inocuas: nossos instintos. Nossa fome. Nosso impulso. Como médico, ele

olha para nossa aflição como meramente isso: algo que nos aconteceu, como uma doença, para ser tratada com naturalidade. Mas Abe não é como eu, não exatamente.

Ele nasceu com apetite por sangue. Eu não. Eu nasci humana. Eu tinha uma família, um futuro.

Eu tinha uma alma... até que não tinha mais.

"Há outros", Abe diz enquanto está ao lado da minha mesa, seus dedos traçando a escrita dourada estampada na Bíblia Sagrada. "A última correspondência do monastério disse que se assemelha a uma epidemia. Mais da sua espécie foram criados em uma onda de violência. Alguns deles eram bruxos, como você."

"Por ele? Por Kaleid?" Eu sussurro. Dizer seu nome faz meu coração acelerar, mesmo depois de todo esse tempo.

O médico me encara por um momento, como se estivesse pesando a verdade, então acena uma vez. "Temo que possa ser pior do que eu pensava originalmente, e minha experiência é necessária. Eles não podem ser autorizados a vagar. Eles devem ser reabilitados. Eles devem ser salvos. Você sabe que há uma palavra para nós agora? Os humanos estão entendendo. Eles nos chamam de Vampiros."

"Vampiros," repito. A palavra parece adequada.

"Há pessoas no mosteiro..." começo, mas paro porque não há ninguém como o médico. Eu sabia que ele não ficaria aqui comigo no fundo do mundo para sempre, mas quando ele saiu do navio oito meses atrás, eu esperava que ele ficasse pelo menos alguns anos.

No entanto, sei que não há nada para ele aqui, nada além de mim, e eu não sou boa companhia. Meu trabalho é me tornar a voz de Deus nesta região fria, árida e varrida pelo vento, para fornecer fé e orientação para os colonos que foram estacionados aqui em Nombre de Jesus por ordem do Governador do Chile. As pessoas estão aqui para impedir que corsários e piratas ingleses tomem o Estreito de Magalhães, e eu estou aqui para fornecer salvação.

Este lugar deveria ser minha salvação também.

Mas ainda não a encontrei.

"Quando você vai voltar?", pergunto.

"Eu não sei", ele diz, suspirando novamente. O médico é meu amigo mais antigo — meu único amigo. Abe foi quem me salvou de ficar um monstro para sempre. Por meio de sua fé em mim e nos ensinamentos rígidos do monastério, a besta que me tornei foi escondida nos recessos profundos e negros da minha antiga alma. Abe me mantém alimentado, me mantém puro, mantém meus demônios afastados.

Mas embora eu seja sua razão de estar aqui, não sou seu propósito de vida. Ele dedicou seu estudo de ciência e medicina às mesmas coisas que a ciência não pode explicar, que a medicina não pode controlar e a magia não pode salvar. Por meio de sua

ajuda, os ensinamentos do Senhor e a disciplina da doutrina, eu me transformei de volta em um homem. Talvez uma casca de homem, mas o suficiente para que as pessoas não precisem mais me temer. E há outros como eu que precisam da ajuda dele. Então, eu sei que ele deve ir. Ainda assim, isso fica dentro de mim como uma mancha se espalhando, a sensação de terror e futilidade do que farei — o que me tornarei — quando estiver sozinho novamente. "Oito meses não foram o suficiente", consigo dizer, minha voz grossa. Eu quero contar mais a ele. Eu quero implorar para que ele não me deixe, que me escolha em vez do trabalho de sua vida, que deixe os monstros vagarem livremente pelo mundo, desde que ele possa me manter sã e em sua companhia.

Ai, mesmo depois de todo esse tempo, eu tenho meu orgulho. "Eu voltarei", Abe diz, colocando a mão no meu ombro e dando um aperto. "Não sei quanto tempo vai demorar, mas o que são alguns anos quando você é imortal? Você terá visitas nesse meio tempo." Ele tira a mão, e eu olho para ele. "Quem?" "Homens como nós," ele diz, olhando ao redor da casa escassamente decorada como se ele fosse ver algo novo em vez de pinturas de montanhas e cruzes nas paredes. "Homens como você? Vampiros? Ou monstros como eu?" Ele me dá um olhar de repreensão. "Você não é um monstro, meu padre. Você é o Padre Aragon. Você nasceu homem. Eu não." "Aquele homem morreu quando minha família morreu," eu digo amargamente. "Eu fui transformado. Você sempre soube da sua verdadeira natureza, sempre esteve no controle." "Pode ser, mas nós dois bebemos sangue para sobreviver, e fazemos isso com discernimento, não é? Isso nos torna iguais aos meus olhos. Mas sim, homens como eu, bebedores de sangue que se autodenominam Irmãos do Sangue. Eles são piratas que navegam em alto mar em seu navio, o Nightwind, apelidado por homens mortais como o Navio dos Mortos-Vivos. Eles fizeram um grande nome para si mesmos em todas as partes do mundo, saqueando navios mercantes e portos, caçando Syrens por seu sangue. É em parte a razão pela qual eles estarão aqui um dia." Eu aceno. "A colônia." Houve rumores de que uma colônia de Syrens vive abaixo dos icebergs e penhascos áridos da Ilha Roche. O mar entre, o Mar de Drake, é traiçoeiro, então os rumores foram em sua maioria infundados, supostamente iniciados por tripulantes naufragados alucinando de fome. Mas eu sei que tais criaturas são reais — encontrei uma encalhada em

a praia uma vez, apenas pele esfolada, escamas secas e ossos quebradiços. Uma abominação pior do que eu — meio humano, meio peixe. Eu também sei que até uma gota do sangue deles nos sustenta, bebedores, por muito tempo. Eu tinha ouvido esse boato também, e não sabia que era verdade até que mordi o pescoço enrugado do cadáver. Eu não conseguia dizer se era um homem ou uma mulher, e tinha gosto de sal puro e morte. E ainda assim o sangue seco e pulverulento da criatura foi o suficiente para me satisfazer, como se eu tivesse acabado de beber de um humano vivo.

"Sim, a colônia", diz Abe. "De qualquer forma, esses Irmãos virão pelo estreito. Não sei dizer quando. Podem ser dois anos. Podem ser dez anos. Mas eles são piratas de coração, e o governo chileno soará o alarme quando entrarem em águas espanholas. Haverá um ataque de ambos os lados. Você será presenteado com uma escolha: ficar e lutar pela Espanha, mesmo como um homem

de Deus, ou se juntar aos Irmãos."

Eu franzo a testa. "Dez anos? Mas certamente te verei antes disso."

"Espero que sim," ele diz com uma reverência de cabeça, apertando as mãos na cintura. "Com alguma sorte, estarei no navio com eles. Mas se não, tenho certeza que te encontrarei. O mundo não é tão grande quando você tem todo o tempo nele."

Eu o encaro, piscando devagar. Ele pode estar indo embora por tanto tempo? Eu esperava dois ou três anos no máximo.

"Eu não gosto disso," eu sussurro. Eu agarro a cruz do rosário em volta do meu pulso, apertando-a com força suficiente para que o ouro tire sangue, como eu já fiz tantas vezes antes. Minha pele vai se curar em um minuto.

"Você não precisa gostar, Aragon," Abe diz gravemente. "Você só tem que aceitar. E eu tenho que aceitar que, embora você seja um querido amigo meu, eu sou necessário em outro lugar para outros que precisam mais de mim. Levou tempo, mas você foi reabilitado. Você foi salvo. Meu trabalho aqui está concluído. Ele se vira e começa a caminhar em direção à porta, e eu o vejo ir, seu cabelo ruivo brilhante mesmo na escuridão, com o andar confiante de um homem que aceitou quem ele é, pecados e tudo. Levanto-me de repente, dominado por uma sensação de desespero. "Você é minha bússola moral, Abe", eu grito. "Eu vou perder meu controle se não tiver você." Ele me dá um sorriso simpático, um sorriso de médico. Então, ele acena para o retrato de Jesus na parede. "Ele é sua bússola moral. Você é um padre há mais de um século. Deveria ser Deus guiando você, não eu."



“Você nem acredita em Deus.”

“E você também não”, ele diz.

Então ele assente e abre a porta, engolido pelos ventos gelados e pela noite sem fim.

Quando eu era humano, eu conseguia dormir num piscar de olhos. Minha esposa sempre me dizia que tinha inveja da minha habilidade. Fosse quando as crianças gritavam, como as crianças costumam fazer, ou quando os gatos da fazenda brigavam e os burros zurravam, nada conseguia me acordar.

No minuto em que minha cabeça bateu no travesseiro, mesmo com um vazamento no telhado de palha que

sucumbiu à chuva, eu estava sonhando.

Eu disse a ela que sempre poderia preparar uma poção para dormir, algo que ela não conseguia fazer por si mesma. Nossa bruxaria raramente funcionava em nós, mas funcionaria para os outros. Mas ela era teimosa e decidiu resistir.

Então, depois que um vampiro me matou e me forçou a voltar à vida como um monstro,

nunca mais fui visitado pelo doce feitiço do sono. Passei cem anos sem um sonho, cem anos sem nenhuma escapatória, e fui forçado a lidar com a criatura vil que havia me tornado.

Foi somente no monastério que o sono veio em ataques e recomeços.

Sono que trouxe pesadelos, que continuam até hoje.

Rezo ao Deus em quem tanto me esforço para acreditar e peço libertação dos terrores, para ser visitado por aquele sono doce, mas ainda assim, ele só me concede o que eu temo.

Então não durmo na maioria das noites.

Esta noite especialmente.

Já faz uma semana que Abe foi embora. Os estoques de sangue que ele mantém em barris

nos fundos da igreja, barris que, se alguém tropeçasse, eles presumiram ser o vinho da união sacramental, estão começando a acabar. Eu tenho apenas o suficiente para durar mais algumas semanas antes de ter que encontrar meu próprio sustento.

Antes de ter que matar pela primeira vez em oito meses.

O peso disso me atinge, como um torno pressionando dos próprios céus.

Quem eu vou escolher? Um dos nativos da área que se mantém para si, naturalmente desconfiado dos colonos e de mim? Ou um dos aldeões que vem à minha igreja toda semana, aqueles que eu conheci? Há apenas algumas centenas aqui, espalhados pelos assentamentos de Nombre de Jesus e Primera Angostura, junto com o pessoal militar estacionado. Ou terei que me aventurar mais para a cidade maior de Ciudad del Rey Don Felipe, como Abe fez, desaparecendo por uma noite ou duas até encontrar uma vítima?

E quando eu os escolher, o que eu vou me tornar? Abe diz que não é nossa culpa que precisamos de sangue humano para prosperar, que nascemos ou fomos criados desse jeito. Ele diz que não é diferente de abater uma vaca, que não devemos sentir vergonha por algo motivado e decidido por nossa biologia. Mas o ato de assassinato, de violência contra outro humano, deixa o monstro sair, o suficiente para me lembrar o quanto bom foi sucumbir a um ser tão primitivo para me tornar, existir, viver sem moral ou culpa.

É o monstro dentro de mim que está feliz que Abe foi embora para que eu possa retornar àquela fera mais uma vez, e por isso, estou com medo.

E não ouso dormir.

Em vez disso, saio para a noite escura. Pela primeira vez, os ventos diminuíram, dando à paisagem a sensação de uma longa expiração, como se ela pudesse finalmente

encontrar paz. Minha casa é cercada por capim tufo e arbustos atrofiados e pinheiros, uma casa de clero localizada atrás da capela, construída perto da beira da água. Hoje à noite, as ondas batem suavemente na costa rochosa, e minha visão sensível

pode distinguir os picos escarpados das montanhas do outro lado do estreito.

Está estranhamente calmo enquanto eu sou uma tempestade por dentro.

Sob a luz da lua minguante, passo pela capela e paro no pequeno cemitério onde tantas pessoas foram enterradas. Este assentamento viu sua cota de dificuldades, nenhuma relacionada ao meu apetite. Eu sinto que estou morrendo de fome metade do tempo, mas eles também estão morrendo de fome. A maioria dos colonos é da Andaluzia, perto de onde cresci. Eles estão acostumados a um clima mediterrâneo, de frutas doces e verões secos e brisas suaves e quentes. Eles não são feitos para suportar a hostilidade aqui no fim do mundo.

Por um momento, um pensamento terrível cruza minha mente. Penso no sangue seco dos Syren e me pergunto se eu desenterraria os corpos de alguém que

pereceu recentemente, eu encontraria algum tipo de substância no sangue morto de um cadáver humano em decomposição?

Mas antes que eu possa me sentir culpado por um pensamento tão vil, um grito ecoa, claro através da baía.

Minha cabeça se levanta rapidamente dos túmulos, e olho para ver um pequeno ponto de luz se movendo para frente e para trás na água escura, e então um barco sendo balançado, ondas espirrando. Meus ouvidos captam um rosnado e sons de estalo, então mais gritos, como se alguém estivesse sendo dilacerado.

"Socorro!" alguém do barco grita. "Socorro! Estamos nos afogando! Senhor nos ajude!"

Eu posso me mover rápido quando preciso, mais rápido do que qualquer criatura. Corro para

onde o barco a remo está amarrado à costa e rapidamente o empurro para a água. Não há ninguém por perto para me ver na escuridão, me ver me movendo em velocidades não naturais,

desumanas, e estou no barco em segundos, remando rápido pela água calma.

Chego ao barco afundando e vejo uma cena de horror.

Há três homens. Dois estão vivos e aterrorizados, enquanto o outro está morto, cortado ao meio com suas entradas arrancadas. Há evidências de uma quarta pessoa, o toco ensanguentado de uma perna no canto.

O cheiro de todo o sangue faz minha boca salivar, minha visão fica afiada e sinto meus dentes se transformando em presas.

Faço o sinal da cruz e rezo para manter o monstro afastado.

Preciso salvar esses homens.

"Padre Aragon!", grita um deles. "Por favor, ajude-o."

Os moradores daqui sabem que posso curar os outros graças à ajuda de Deus.

Eles não suspeitam da minha bruxaria. Mas nem eu posso curar um homem cujo coração e fígado estão faltando.

Balanço a cabeça, engolindo em seco. "O que aconteceu aqui?"

Os dois homens se entreolham. Alonso e José Carlos, acredito que seus nomes são. Pescadores honestos.

"O que aconteceu?" Repito, querendo fugir do sangue e da carne o mais rápido que puder.

"Você não vai acreditar em nós", diz José Carlos, com a voz trêmula e os olhos arregalados.

"Mas estávamos pescando o peixe-negro. Então, ele apareceu na água.

Nós pensamos que era uma mulher se afogando, precisando de ajuda. Presa em nossa linha, talvez. Mas estávamos errados." Ele faz uma pausa. "Era uma Syren."



N

Capítulo Dois

PRIEST

as notícias do ataque aos pescadores se espalharam antes do sol nascer sobre o estreito. Ao meio-dia, tropas militares estacionadas em Primera Angostura chegaram para se juntar aos que estavam aqui, intrigados com o incidente e armando os canhões. Eles conversaram com o pescador sobrevivente para obter seus relatos, examinaram o que restava dos corpos e então vieram falar comigo.

A essa altura, eu estava na capela, arrumando com uma vassoura. De manhã, eu gosto de me dar trabalho, um hábito duradouro dos meus dias no mosteiro. Trabalho ocioso cura mentes ociosas, e mentes ociosas são propensas a pecar. Como

resultado, a capela e minha casa estão sempre tão arrumadas quanto um alfinete. De qualquer forma, isso me dá algo para fazer.

Eu nunca gostei dos militares. Havia alguns soldados que vieram à minha igreja precisando de penitência pelas pessoas que mataram sob a ordem de seu país, e eu ouvi seus fardos como ouvi os de todos, mas em geral, acho que eles são mais hipócritas do que a maioria dos crentes. Eles devem proteger as pessoas, mas onde estavam quando um bando de sanguessugas cavalgou pela Espanha? Onde estavam quando minha aldeia estava sob cerco? Eles não estavam em lugar nenhum — covardes, todos eles.

Os soldados estacionados aqui também não parecem gostar muito de mim. Eu sei que tenho um certo jeito sobre mim — todos da minha espécie têm. Para priorar as coisas, porque eu era uma bruxa antes de ser transformada em uma bebedora de sangue, acho que eles

podem sentir isso também. De qualquer forma, eles não veem minha alteridade como sendo sagrada como os outros aldeões veem — eles veem isso como uma ameaça que não entendem muito bem.

Às vezes, sonho em matar todos eles, em deixá-los ver que estavam certos em me temer.

"Padre Aragon." O soldado mais alto avança, abaixando a cabeça levemente em uma demonstração de respeito fingido. Seus olhos estão escuros e frios.

"Os homens

dizem que você os salvou ontem à noite. Gostaríamos de ouvir seu relato do que aconteceu."

"Claro", digo, apoiando a vassoura no banco e então endireitando a frente do manto preto que uso na igreja. Olho nos olhos do soldado, talvez um pouco profundamente demais, porque ele fica bem parado. Posso ouvir seu coração desacelerando, sua respiração se tornando superficial e longa, suas

pupilas dilatando em poças negras. Muitas vezes consigo obrigar as pessoas dessa forma, colocando

elas sob controle moderado, mas Abe faz isso melhor do que eu. Quanto mais poder eu exerço sobre alguém, mais provável é que eu perca o controle de mim mesmo, então tento

não fazer isso com muita frequência.

Mas esta manhã, quero que os soldados ouçam exatamente o que vou dizer.

"Ouvi os gritos do outro lado da água", digo a eles, mantendo meu olhar focado no soldado principal. "Peguei meu barco e remei em direção a eles o mais rápido que pude. Graças a Deus eles tinham uma lâmpada acesa, ou eu nunca os teria encontrado no escuro."

"Os homens disseram que isso aconteceu no meio da noite", diz um dos outros soldados bruscamente. "Os gritos deles eram tão altos que acordaram você?"

Não olho para ele. "Eu não estava dormindo. Eu estava aqui na capela, rezando."

O soldado chefe assente lentamente. Mesmo que quisesse se afastar dos meus olhos, ele não consegue. Ele está extasiado e enfeitiçado. "O que você viu quando

encontrou o barco deles?"

"Exatamente o que você viu. Um homem rasgou o meio, e tudo que sobrou do outro foi sua perna."

"E o que os homens te disseram que aconteceu?"

Eu consigo dar um pequeno sorriso, como se estivéssemos contando uma piada. "Eles disseram que viram

uma mulher na água. Ela os enganou para pensar que estava se afogando. Eles disseram que era uma Syren que de repente puxou o amigo deles para baixo

e o despedaçou antes de pular da água e entrar no barco, atacando o outro. Aparentemente, ela comeu o coração e o fígado dele antes do

os homens lutaram contra ela com os remos e a esfaquearam nas costas com a faca. Só então ela se soltou e afundou abaixo da superfície."

"E você acredita nisso?"

Outro sorriso apaziguador. "Claro que não. Sou um homem de fé, um homem de Deus. Deus nunca criaria uma criatura tão abdominal. Não existe uma sereia ou uma mulher monstruosa no mar."

O outro soldado resmunga. "Então o que você acha que realmente aconteceu?"

"Acho que os homens beberam um pouco demais enquanto pescavam, e atraíram alguma outra criatura marinha. Sabemos que tubarões nadam no estreito. Acredito que os outros dois homens devem ter caído no mar por causa do amor pela bebida; você sabe o quanto eles gostam dessa libação pecaminosa aqui. Eles foram atacados e mortos, e os outros dois tentaram salvar o que puderam."

Todos os soldados ficam em silêncio, e eu finalmente desvio o olhar, olhando para o resto

deles. Eles parecem desconfiados de mim, embora o que eu acabei de dizer seja a explicação mais lógica.

"Posso perguntar o que vocês acham que aconteceu?", pergunto.

O soldado que eu estava obrigando pisca lentamente e então balança a cabeça. Ele franze a testa para mim. "Acho que deve ter acontecido como você disse. É simplesmente impossível para uma mulher arrancar a perna de um homem desse jeito."

"E não existem coisas como Syrens", eu o lembro.

Ele concorda. "E não existem coisas como Syrens."

Então, ele limpa a garganta e me dá outro aceno, desta vez mais cortês. Ele gesticula para seus homens saírem da capela, e eles rapidamente o fazem como se este lugar de repente os aterrorizasse.

Eu os vejo ir e sorrio, o primeiro sorriso genuíno que tenho desde que Abe foi embora. Eles querem acreditar em monstros porque monstros são reais, e alguma parte deles sabe disso. Mas a lógica sempre vence.

Para mim, quanto menos eles acreditam, melhor.

Porque aquela Syren existe.

Ela atacou aqueles homens e os comeu.

E ela está em algum lugar lá fora nas águas agora, ferida, talvez sangrando lentamente até a morte.

Esse sangue vai ser desperdiçado.

Esse sangue poderia me sustentar para sempre se eu agir agora.

Hoje à noite, vou pescar.



O ataque da noite passada aconteceu por volta de uma ou duas da manhã, então espero

meu tempo até lá, pensando que pode ser o horário de caça da Syren. Limpo a igreja, reescrevo o sermão para este domingo para que ele se concentre em acalmar os medos das pessoas sobre o desconhecido. Sob a lua que corta a janela, rezo o rosário como só um pagão faria, cada conta não direcionada a Deus, mas a mim mesmo. É um canto que repito várias vezes, lembrando a mim mesmo de manter o controle.

E ainda assim, sinto esse controle escorregando quanto mais a noite passa.

Estou começando a acolhê-lo.

Meu pulso está acelerando, o sangue correndo para meu pau até que minhas calças estão apertadas. Eu me pego pensando se a Syren é tão bonita quanto dizem, ficando cada vez mais duro com o pensamento de encontrá-la, banqueteando-me com ela...

contaminando-a.

O pensamento faz um choque percorrer meu corpo como um relâmpago ardente, e eu aperto o rosário com mais força enquanto me contorço na cadeira.

"Salvação", sussurro para mim mesma, minha voz se misturando ao vento do lado de fora das janelas. "Salvação."

Faz séculos que não estou com alguém, homem ou mulher.

Às vezes, com Abe, chegava perto, mas ele sabia melhor do que ninguém que o celibato e manter meus votos eram primordiais para permanecer humana. Nós somos criaturas sexuais por natureza, e por causa das minhas origens monstruosas, meus apetites são selvagens, depravados e incontroláveis. Sangue e sexo são minhas duas fraquezas, e porque tenho que consumir sangue para sobreviver, isso significa que não posso ceder ao outro, ou vou me perder completamente.

Mas esta noite, enquanto meu corpo pulsa com a energia que eu vinha negando a mim mesma

por eras, penso na Syren que eu ainda não tinha visto. Ela teria cabelos loiros, ruivos ou pretos. Sua cauda brilharia como geada sob a lua. Seus seios estariam cheios, mamilos pálidos, rosados e duros no ar frio, implorando para serem tocados, para serem mordidos.

Penso em arrastá-la para fora da água, pesada e molhada. Ela gritaria por ajuda, e eu sufocaria sua boca com minha mão. Eu a puniria por seus pecados e esperaria que, de alguma forma, isso me absolvesse dos meus.

Penso em morder seu pescoço, minhas presas perfurando a artéria antes que o sangue corra para minha boca. Penso em como o sangue terá gosto — mais celestial do que Deus poderia me conceder — e quão quente ele será, os sons enquanto espirra por todo o peito dela, minha garganta fazendo ruídos gananciosos enquanto eu engoli tudo.

Se o sangue em pó de uma Syren morta pode me dar vida por um dia, então o sangue pulsante de uma viva tornará a imortalidade muito mais doce.

Antes que eu perceba o que estou fazendo, estou tirando meu pau da minha calça, acariciando-o com força. Alguns puxões violentos, e estou gozando com um suspiro sufocado, cordas brancas jorrando pelo tecido preto das minhas coxas.

"Deus", eu juro, cerrando os dentes enquanto minha cabeça vai para trás. Imediatamente, uma sensação de paz me envolve como uma névoa quente enquanto sinto o mundo se afastar.

Eu sei que é temporário — sempre é. Eu sei que quando o sentimento passa, minha fome volta dez vezes maior. A fome por sangue, a fome por sexo.

É uma ladeira maldita e pecaminosa para se estar.

Mas agora, fecho meus olhos e caio em um sono suave e sem sonhos que descansa meus ossos cansados e acalma minha alma rebelde.

Não sei quanto tempo estou inconsciente e, quando acordo, é como se um canhão tivesse disparado. Sento-me ereto na cadeira, meu coração batendo forte, meu pau meio duro ainda fora das calças. Olho para o esperma seco com desdém. Ele ficaria melhor pulverizado em um traseiro redondo e pálido do que deixando uma mancha

em minhas roupas sagradas.

Não adianta tirá-las e lavá-las na bacia. Ele sairá no oceano.

Eu me levanto, coloco meu pau de volta e saio da cabana para a noite. Um homem traria algum tipo de arma para lutar contra uma fera tão selvagem, mas eu também sou uma fera selvagem, e não há como me derrotar.

Não há como me matar também. Por mais letal que essa Syren seja, ela não é imortal, e não importa como ela tente me ferir, eu vou me curar diante dos seus olhos.

O vento é constante, trazendo o frio cortante e amargo dos mares glaciais do sul, mas nunca foi desconfortável para mim. Em vez disso, é revigorante, me dando virilidade, causando uma pontada cruel de fome no meu intestino.

Olho ao redor, meus sentidos sobrenaturais tentando ouvir alguém por perto. Os canhões que guardam a entrada do estreito estão a uma milha de distância

e fora de vista, assim como os soldados estacionados, e não há pescadores esta noite. Acho que ninguém ousará pescar depois do anoitecer nunca mais.

Também ouço o som da água — não apenas as ondas quebrando contra a costa rochosa, mas os respingos do outro lado do estreito. Algumas são espumantes, uma é uma foca tentando respirar seguida de um bufo agudo, e uma é um som de alguém se debatendo. Pode ser um golfinho, um peixe, até mesmo o tubarão que culpei pelo ataque.

De qualquer forma, há algo ali.

Atravesso a costa e atravesso as ondas quebrando até nadar além do arrebentamento. Eu poderia ter pegado o barco, mas isso só iria atrair atenção indesejada para mim. Dessa forma, posso me mover rapidamente e sem ser detectado.

Sob o luar, as montanhas cobertas de neve e escarpadas do outro lado do estreito parecem uma fileira de dentes irregulares. Nado o mais rápido e o mais silenciosamente possível, passando a maior parte do tempo debaixo d'água, onde não

preciso respirar. Mesmo na escuridão, meus olhos conseguem ver claramente através das profundezas turvas.

Eu sinto o cheiro dela antes devê-la.

O cheiro de mulher, intensificado e combinado com algo primitivo.

Uma mulher jovem. Eu sinto o cheiro de sexo e energia.

Eu sinto o cheiro de um animal.

Eu abro minha boca e sinto um gosto delicado do oceano.

Há sal, e então há sangue.

O sangue dela.

Minha Syren está sangrando.

Eu finjo que ela está sangrando por mim e deixo fluir através de mim, a luxúria, a fome, a necessidade por essa criatura que eu nem conheci.

Salvação, eu acho. É o gosto dela. Apenas a mais tênue sugestão do que está por vir.

Então, saindo da escuridão, eu vejo o contorno tênue de seu corpo. Cabelo loiro se move ao redor de sua cabeça como algas marinhas, brilhando prateado ao luar.

Seus seios são cheios, pálidos e expostos, seu torso curvando-se para uma barriga macia e redonda

que desaparece em uma cauda longa e grossa de escamas rosa brilhantes.

Ela é a criatura mais deslumbrante que já vi, brilhando nesta escuridão aquática como um farol, uma Estrela do Norte, uma luz que me levará a algum lugar.

Só que eu já sei que ela vai me levar direto para o Inferno.

E eu vou de boa vontade.

OceanofPDF.com



S

Capítulo Três

PRIEST

alvação, penso novamente enquanto olho para a Syren. Ou é condenação?

Eu a observo pairando na corrente, seu corpo tão pecaminosamente macio e curvado que tenho dificuldade em imaginá-la como uma criatura cruel.

Ela é linda demais para isso, delicada demais.

Eu quero ver seu lado monstruoso em ação. Até agora, ela não me viu

. Ela está apenas pairando na água alguns metros abaixo da superfície e embora eu não consiga vê-la completamente, vejo leves manchas de sangue colorindo a

água de onde o pescador deve tê-la esfaqueado.

Preciso de toda a minha determinação para não fazer um movimento para ela. Eu poderia estar nela em segundos, destruindo-a.

Em vez disso, eu atiro para a superfície, rompendo. Eu engulo o ar frio da noite, olhando para a lua enquanto espero que ela ataque.

Eu a ouço se aproximando, um som de rosnado das profundezas abaixo de mim, e me preparam.

Ela agarra meus tornozelos primeiro, garras afiadas cravando em minha carne, tendões e ossos, surpreendentemente fortes. Se eu fosse um homem normal, ela teria quebrado meus ossos como galhos estilhaçados.

Eu poderia lutar imediatamente e ficar acima da água, mas a deixei me puxar para baixo.

Até que ela me puxasse para baixo até o nível dela.

Ela me gira, cabelos loiros prateados girando ao nosso redor.

Estou olhando para dois olhos grandes e encapuzados que brilham como chamas violetas,
pupilas um diamante de carvão no meio. Suas sobrancelhas as emolduram como arcos. Seu nariz é curto e empinado, seu rosto tem o formato de um coração, com lábios pequenos e carnudos acima de um queixo delicado. Por um momento, eu me engano pensando que estou olhando para uma mulher bonita até que aqueles lábios se separam, e ela mostra os dentes para mim. Seu sorriso é afiado como uma navalha, como olhar para a boca de um tubarão.

Um tubarão que pensa que está prestes a devorar sua presa inteira. Mas eu não quero perder meu nariz, mesmo que ele acabe se curando, e eu não sinto vontade de sentir dor — os cortes que ela cravou em meus tornozelos ainda latejam.

Eu me abajo para sair do caminho no momento em que ela se lança sobre mim, dentes à mostra, soltando um rugido que viaja pela água como uma onda.

Eu a mordo antes que ela tenha a chance de me morder. Minhas presas perfuram seu pescoço, sua pele surpreendentemente dura, e ela solta um grito. Coloco minha mão na parte de trás de sua cabeça, fechando o punho em seu cabelo, a outra mão apertando suas costas até encontrar o ferimento de faca. Pressiono meus dedos dentro dele, com força.

Suas costas arqueiam, dobrando em meu aperto, seus gritos de agonia enchendo a água, mas pelo menos eu a fiz parar de lutar. A dor a deixou atordoada. Começo a beber, puxando o sangue para minha boca.

No momento em que atinge minha língua em uma explosão de sal e vitalidade, sinto a fera dentro de mim sacudindo suas correntes. Se eu soltar, ela rasgará esta Syren em pedaços,

e embora seja bom no momento sucumbir à mesma coisa contra a qual eu lutei tanto, perder toda a humanidade que conquistei, eu sei que seria a coisa mais tola a se fazer.

Eu poderia devorá-la, e ela me manteria vivo por um longo tempo. Mas não para sempre.

No entanto, se eu a trouxesse para terra, a mantivesse como prisioneira, como um animal de estimação, eu poderia drenar lentamente seu sangue. Eu poderia tirar o máximo que pudesse sem matá-la, colocar nos barris com o resto do meu suprimento como um backup no caso de eu acidentalmente matá-la, e então, a cada poucos dias, tirar mais dela.

Não precisaria ser muito, apenas o suficiente para me sustentar.

Eu sei o que Abe diria, que é imoral e desumano. Mas quanto mais eu bebo desta Syren, mais percebo que é algo que nunca serei capaz de escapar, não importa quantas vezes eu reze a um Deus que não me ouve, não importa como o mundo me veja como um homem de fé.

Eu sou imoral.
Eu sou desumano.
Eu nem sou mais humano.
No entanto, preciso beber sangue humano para sobreviver. E se for o sangue de uma Syren,
isso é ainda melhor. Não é mais gentil manter uma criatura selvagem, como essa mulher-peixe, como minha fonte de alimento do que matar pessoas toda semana?
Eu estaria fazendo um favor ao mundo, salvando as vidas que ela teria matado, assim como as que eu teria matado.
Estou fazendo um favor a Deus.
Ela realmente será minha salvação, eu acho.
Com esse pensamento, consigo arrancar meus dentes do pescoço dela antes de perder todo o controle. O sangue flui livremente na água, e ela está perdendo a consciência, seus olhos tremulando fechados enquanto ela fica mole em meus braços. Espero que eu
ainda não a tenha matado.
Eu quero mantê-la viva para sempre.
Eu quero mantê-la. Para sempre.
Eu me viro na água, um braço enganchado sob o dela, e começo a nadar em direção à costa. Não demora muito para que eu sinta as pedras sob meus pés, e eu cambaleio para fora da água, segurando a Syren em meus braços. Aqui, no vento frio e cortante que traz uma névoa espessa e ondulante, ela parece totalmente vulnerável e fora de seu elemento. Se eu ignorar sua cauda, ela pode ser uma donzela que acabei de resgatar.
Mas não estou aqui para resgatá-la.
Estou aqui para fazê-la sangrar.
Não perco tempo em levá-la diretamente para a capela. Minha casa é pequena, com paredes finas e muitas janelas, e enquanto a igreja em si está sempre aberta para todos, a sala dos fundos está trancada e não tem janelas.
Eu abro as pesadas portas principais com um chute, esperando que alguma alma rebelde
não tenha entrado para rezar enquanto eu estava fora. A igreja está vazia, silenciosa, como se estivesse prendendo a respiração e esperando por mim.
Eu caminho pelo corredor, deixando um rastro de água e sangue atrás de nós, e vou direto para a porta dos fundos da capela. Não ouso olhar para o altar ou para as pinturas de santos nas paredes, a desaprovação é aparente em seus rostos. Eles vão perceber que preciso fazer isso; eles vão entender que estou salvando o rebanho deles ao matar outro lobo.
A sala dos fundos cheira a ervas amassadas, madeira, lençóis envelhecidos e sangue velho. Os barris estão enfileirados ao longo da parede mais distante, e há uma pequena escrivaninha

e cadeira com pilhas de Bíblias extras. Eu mantendo tudo o mais organizado em caixas de vime, metade das quais mofaram neste clima, não importa o quanto seco o cômodo pareça estar.

Então, há a cruz pesada, em tamanho real, encostada na parede. Quando Abe me trouxe aqui pela primeira vez, o governo estava no meio de uma reforma de sua igreja e havia retirado esta cruz desgastada acima do altar, uma que tinha sido feita de um carvalho gigante em Salamanca, e colocado uma menor, de prata mais ornamentada. Era para significar um futuro mais digno para a vila, talvez um Deus mais digno.

Eu sempre achei isso um pouco insultuoso. Deus não era encontrado nas riquezas; não, ele era encontrado nas coisas simples, como madeira gasta e áspera da pátria. Uma cruz cara e luxuosa não significava que esta vila estava mais perto do céu do que com uma velha de madeira.

Mas nada disso importa agora. Tenho uma cruz à minha disposição, e Deus iria querer que eu a usasse.

Coloco cuidadosamente a Syren no chão. Ela está completamente parada, olhos fechados, e eu a encaro por um momento para ver se ela está respirando. Ela tem guelras no pescoço, três linhas que tentam se abrir, depois param, grudando umas.

Talvez ela morra, e meu plano seja frustrado, mas de qualquer forma, eu preciso tirar mais sangue dela agora enquanto posso.

Embora eu consiga enxergar bem no escuro, preciso de luz para fazer isso direito. Acendo

algumas velas ao redor da sala, e então vou até a cruz e arranco os longos espinhos que foram perfurados nos braços para reverência mórbida. Pego alguma corda que está empilhada no canto, e com um grunhido, puxo a Syren para cima

do chão e a coloco de volta contra a cruz, enrolando rapidamente a corda em volta de um braço, depois do outro, até que ela fique suspensa.

Ela cai para frente, seu longo cabelo loiro molhado caindo no rosto, pingando no chão. O peso da parte superior do corpo puxa seus braços até eles se deslocarem com um estalo, então deixo seu rabo descansar no chão para lhe dar

algum apoio. Sei o suficiente que não foram os pregos que mataram aqueles que foram crucificados. Não, foi sufocamento pela pressão nos pulmões. Não tenho certeza de quanto uma Syren pode aguentar, mas um humano em uma cruz morreria em

menos de vinte e quatro horas.

Nem sei se ela ainda está respirando.

Fico perto dela, segurando os espinhos em minhas mãos. A água do mar pinga dela em uma cadênciaria constante, mas, fora isso, ela não se move. Meu olhar

permanece em seus seios, uma tentação que tenho que ignorar, embora meu pau já esteja pulsando descontroladamente à menor provocação.

Então, eu vejo. A mais leve inspiração. Seu peito sobe e desce, suas narinas alargam-se levemente. Ela está respirando pelo nariz e pelos pulmões. A Syren pode respirar debaixo d'água e acima.

Satisfeito por ela ainda estar viva, pego dois cálices de prata, colocando-os embaixo de seus pulsos. Então pego um barril vazio e posiciono um dos espinhos logo abaixo de seu pulso. Com um movimento rápido, enfito a coronha do barril contra o topo do espeto, enfiando-o direto em seu braço e na madeira. O sangue escorre do ferimento, derramando-se no cálice abaixo enquanto respingos de vermelho pontilham o chão.

Ela levanta a cabeça e me encara horrorizada.

Logo antes de gritar.

OceanofPDF.com



P

Capítulo Quatro

LARIMAR

ain explode do meu pulso, quebrando dentro de mim, me puxando para fora do conforto da escuridão até que eu seja empurrado de volta para o mundo.

Um mundo horrível e seco.

Meus olhos se abrem, um grito agudo sai da minha garganta crua, meus pulmões queimando enquanto lutam para serem usados, para encontrar oxigênio no ar. Parece que eu

tenho pedras colocadas em cima deles, e estou ofegante, me perguntando por que eu fui trazido de volta dos mortos e em tamanha agonia.

Há um homem bem na minha frente, o cheiro estranho e sobrenatural dele enchendo meu nariz. Ele estremece com o grito vindo da minha boca, e em algum lugar, ouço vidro quebrando com o poder da minha voz.

Mas o homem não para o que está fazendo. Vejo um espinho longo e afiado em sua mão, e ele rapidamente o coloca contra meu outro pulso antes de enfiá-lo no meu braço com um objeto redondo de madeira. Ele se move tão rápido que meus olhos

mal conseguem acompanhar seus movimentos; ele é apenas um borrão, uma mancha no ar.

A dor me atinge ainda mais rápido.

Eu grito de novo, me debatendo contra os espinhos que me pregaram contra uma tábua de madeira. Isso faz minha carne rasgar, sangue voando para todo lugar. O homem aperta as cordas em volta dos meus braços, garantindo que eu não possa mais me machucar, e a pressão nos meus pulmões diminui um pouco. Minha cauda abaixa bate violentamente contra o chão até que eu consiga me manter apoiada.

Então, o homem pega a ponta da corda e a enfia na minha boca, como se ele quisesse me impedir de gritar.

Como se isso fosse ajudar.

Tolo.

Olho direto nos olhos dele e mordo a corda, meus dentes cortando através dela com apenas alguns estalos do meu maxilar até que ela caia, desfiada e livre.

Suas sobrancelhas se erguem, e ele parece impressionado mais do que qualquer coisa. Este é o primeiro momento em que realmente olha para ele.

Porque ele não é como a maioria dos homens, é?

Quando o vi no oceano, pensei que talvez ele fosse outro pescador, um que tinha vindo investigar o que eu fiz aos outros. Um que queria vingança.

E eu acolhi isso. Por causa do meu ferimento, eu sabia que comer o coração e o fígado de outra pessoa me alimentaria muito até que eu me curasse.

Parecia bom demais para ser verdade, e era.

Eu agarrei seus tornozelos com força suficiente para quebrar os ossos, e ainda assim, eles

não quebraram. Eu o puxei para baixo da superfície e fui para o meu ataque.

Mas quando olhei para o rosto dele, percebi que não era um pescador comum.

Ele era bonito de uma forma linda que a maioria dos humanos não é, com um mandíbula e nariz fortes, olhos azuis brilhantes emoldurados por longos cílios pretos, juntamente

com uma barba escura e espessa e cabelos longos e pretos. Sua aura era diferente de qualquer

humano que eu já tive o prazer de devorar.

Mas foram seus olhos que me pareceram os mais incomuns, que me fizeram pensar que ele talvez não fosse humano.

Eles não continham medo algum.

Em vez disso, eles dançavam com excitação.

Com violência.

Antes que eu pudesse agir, ele abriu a boca, exibindo um par de presas afiadas e, simultaneamente, encontrou o ferimento de faca nas minhas costas, cravando seus dedos até eu gritar de agonia.

A última coisa que senti foram seus dentes no meu pescoço, uma onda de prazer até eu desmaiar de dor.

Agora, o homem está na minha frente, aqueles mesmos olhos azuis cruéis me encarando

com uma mistura de respeito e malevolência.

O que você é? Eu quero perguntar. O que você quer comigo?

Eu decido gritar de novo, já que isso o incomoda tanto.

O canto da boca dele se curva em um sorriso frio e calculista. Com humanos normais, o grito de uma Syren pode imobilizá-los, mas com esse homem,

não faz nada.

De repente, ele se afasta de mim em um borrão, e naquele momento, eu consigo entender onde estou. Estou em uma sala sem janelas com paredes brancas, a única luz vem de velas colocadas aqui e ali. Apesar da dor e confusão, sinto orgulho de mim mesmo por reconhecer o que essas coisas são. Minha amizade com Jorge, o filho do construtor de barcos, não foi em vão. O homem volta para o meu lado, um barulho pesado enquanto ele ajusta uma corrente em sua mão, como aquela com a qual um navio ancoraria, mas mais fina. Antes que eu possa descobrir o que ele está prestes a fazer, ele estica a corrente entre as mãos e a empurra em meu rosto, pressionando-a entre meus lábios.

Solto um rosnado, sentindo gosto de ferrugem, o metal frio, machucando meus dentes. Ele

rapidamente puxa a corrente para trás até minha cabeça bater na madeira atrás de mim, então

enrola a corrente até que eu esteja presa no lugar.

Ele me diz algo com uma voz profunda e áspera que faz pequenas saliências aparecerem na minha carne, mas não consigo entender o que ele está dizendo.

"Ou você fala espanhol?", ele diz, olhando direto nos meus olhos até que eu começo a me sentir um pouco tonta, embora talvez seja a perda de sangue que jorra dos meus pulsos para as taças de prata abaixo. Então, ele balança a cabeça. "É

claro que você não consegue entender o que estou dizendo."

Mas eu entendo o que ele está dizendo, pelo menos agora. Ele está falando uma língua humana que Jorge conseguiu me ensinar durante aquelas noites em que eu o encontrava

no estaleiro, quando aprendi tudo o que pude sobre os humanos e seu mundo na chance de que isso pudesse de alguma forma me levar à minha irmã.

Não que eu possa informar o homem sobre isso quando estou amordaçada com uma corrente, e

não que eu queira ter conversas com esse monstro.

Ele dá um passo para trás e me olha, como se estivesse admirando o que fez comigo. Como se ele tivesse criado arte a partir da minha dor.

Seus olhos azuis encontram os meus, a cor do oceano frio perfurado pela luz do sol, e espero que ele consiga ler toda a animosidade no meu próprio olhar. Esta não é

a primeira vez que sou mantido em cativeiro, mas é a primeira vez que é em terra. Embora eu possa sobreviver fora da água por longos períodos de tempo, eu vou eventualmente secar e morrer se não me molhar. Não acho que esse homem saiba disso, e não tenho certeza se ele se importaria.

O homem assente pensativamente, como se entendesse isso, e então ele gesticula para meus pulsos. O sangue diminuiu para um fio, acumulando-se nas taças de prata, e ele se abaixa para pegar uma.

Ele estende o copo na minha frente, meu próprio sangue uma poça de vermelho escuro,
como o vinho que Jorge costumava roubar de seu pai.
Eu rosno para ele, meus dentes rangendo nas correntes até doerem.
Ele mantém aqueles olhos focados nos meus e então lentamente levanta o copo até sua boca.
Ele olha diretamente para mim enquanto toma um gole.
Ele está bebendo meu maldito sangue.
Eu o encaro em completo horror. Até mesmo Syrens não bebem sangue; nós comemos os órgãos de criaturas para que possamos nos sustentar. Humanos não são particularmente nutritivos — eles não têm tanta gordura quanto as focas — mas são especialmente saborosos.
Mas beber sangue é totalmente depravado.
Que tipo de homem é esse?
Não, não é homem. Criatura.
Monstro.
Ele engole o sangue, sua garganta grossa balançando, até que ele drene o copo inteiro. Um fio escorre do canto de sua boca, pingando em seu peito nu. Ele é feito de poder, músculos e força, cada centímetro dele tenso e duro, me dando a impressão de que ele poderia me rasgar com as próprias mãos se quisesse. Ele não precisa de garras — ou de suas presas — para isso.
Ele limpa a boca ensanguentada com as costas da mão e então leva o copo para uma mesa do outro lado da sala. De costas para mim, ele olha pelas gavetas da mesa, e eu prenho a respiração, me perguntando o que ele vai fazer dessa vez, de que outras maneiras ele planeja me torturar.
Quando ele se vira, ele tem algo nas mãos exalando fumaça, um doce aroma herbáceo. Parece um maço de folhas secas amarradas com barbante, as pontas ardendo com brasas brilhantes.
"Isso vai doer", ele diz, e eu me preparam.
Ele se estica e remove o espinho do meu pulso em um movimento fluido, a dor fazendo meus olhos revirarem na minha cabeça. Então, ele pressiona o pacote em chamas no meu ferimento.
Eu grito contra a corrente, observando enquanto ele a segura contra minha carne sangrando,
cantando em uma língua que eu não entendo.
E então, o impensável acontece.
Eu sinto uma picada ao redor da queimadura, e então a dor começa a desaparecer até que seja quase imperceptível.

Ele tira as ervas, e eu olho em completo espanto enquanto o ferimento sangrento no meu pulso começa a se curar, a carne crescendo sobre ele como se o ferimento estivesse sendo apagado diante dos meus olhos.

"Eu não quero que você sangre até a morte", ele diz calmamente. "Eu preciso de você viva."

Que nobreza.

Ele vai até o outro pulso e faz o mesmo. Desta vez, eu tento

manter a compostura. Eu não quero que ele se deleite com o meu sofrimento.

Finalmente, ele se aproxima de mim, tão perto que eu posso ver pequenas manchas de prata e verde em seus olhos. É hipnotizante, a maneira como eles me puxam para baixo

daqueles cílios longos e escuros, e o cheiro dele, semelhante ao que ele está queimando

mas com algo doce, só aumenta a embriaguez.

"Eu posso consertar suas costas também", ele diz, sua voz baixa, e ele olha para minha boca enquanto ele alcança atrás de mim. Meus seios roçam seu peito quente, meus mamilos endurecem apesar do medo e ódio que sinto por ele, e minha respiração fica presa. Seu olhar cai ainda mais agora, o canto de sua boca cheia se ergue enquanto ele observa como meu corpo responde a ele, como me trai. Então, ele encontra o ferimento nas minhas costas e pressiona as ervas até que eu sinta que ele também cicatriza. "Pronto", ele diz com um aceno satisfeito enquanto me olha. "Como se nenhum mal tivesse acontecido a você. Vou coletar mais sangue em alguns dias, dar tempo para você se curar e se recuperar. Você vai se acostumar com o ciclo, e a magia deve tornar as coisas mais fáceis."

Magia? Meus olhos se arregalam, e ele percebe.

"Sim, magia", ele diz. "Você parece conhecer essa palavra? Você conhece as bruxas? Você tem bebedores de sangue? Ou tudo isso é novo para você? Talvez você esteja acostumada a ser o único monstro por perto."

Eu não sou um monstro, eu quero gritar com ele. Eu estou fazendo o que eu devo, o que eu fui feito para fazer. É disso que se trata? Isso é punição pelo que eu fiz àqueles homens?

"Deve ser uma pena que você não consiga me entender", ele diz enquanto se abaixa para pegar o outro cálice. Eu espero que ele beba meu sangue como ele fez com o outro, mas ele não faz. "Mas eu estou acostumado a falar com alguém que não me entende e nunca responde." Ele olha para o teto, e meu olhar segue, esperando que algo ou alguém esteja lá.

"Eu me pergunto", ele diz, olhando para mim, a frieza em seus olhos suavizando um pouco, "você tem Deus sob o mar? Vocês, Syrens, adoram

tubarões? Outras Syrens? O próprio homem? Você já se perguntou como Deus pôde criar uma criatura horrível como você, como eles puderam deixar algo assim acontecer com uma de suas preciosas almas vivas? Você já pensou em quem criou você?" Ele me dá um sorriso cáustico. "Que bênção seria, nunca ter que acreditar em nada."

Então, ele começa a caminhar em direção à porta.

Ele a abre, olhando cautelosamente para fora antes de se virar para olhar para mim.

"Voltarei depois do amanhecer", ele diz. "Sei que você não entende o que isso significa. Só quero que saiba que voltarei, para melhor... ou para pior."

Então, ele sai da sala, fechando a porta atrás de si. Há um alto clique e barulho da maçaneta, depois nada.

Há alívio no silêncio desta sala, com apenas o crepitante das velas me cercando. Meu corpo dói da posição em que está amarrado, minha cauda começa a secar um pouco enquanto me pressiono para tirar a pressão dos meus ombros e peito.

Ele vai voltar, para melhor ou para pior, ele diz.

Eu sei o que ele quer dizer para pior.

Mais derramamento de sangue ou alguma outra forma de tortura.

E provavelmente não há nada para melhor.

Mas ele é mágico. Ele se autodenominava bruxo. Um bruxo bebedor de sangue.

Passei onze anos procurando por Edonia, a bruxa do mar que enganou minha irmã para que ela trocasse suas barbatanas por pernas, esperando que, se eu a encontrasse, ela

pudesse me dizer onde Maren estava ou me desse pernas para que eu pudesse atravessar o

mundo para encontrá-la. Minha busca me levou a Jorge, depois através do Pacífico, de volta ao meu reino de Limonos até que a última de nossas Syrens partisse. Então, viajei até aqui, para os oceanos gelados do sul, sempre procurando, relutante em desistir.

E agora, fui capturada e torturada por essa bruxa bebedora de sangue que parece ter planos malévolos para mim.

Mas eu também tenho planos.

Se ele puder me dar pernas, do mesmo jeito que Edonia fez para Maren, então estou preparada para dar a esse monstro exatamente o que ele quer.

Não importa o que isso me custe.

OceanofPDF.com



Eu
Capítulo Cinco
PRIEST

corri o risco de deixar a Syren crucificada na cruz. Embora eu tivesse trancado a porta atrás de mim para que ela estivesse o mais segura possível, amarrada e acorrentada, sempre havia uma chance de algo dar errado.

Mas eu não podia ficar lá nem mais um minuto. Com o sangue dela correndo em minhas veias, tornando mais difícil controlar meus impulsos, eu tinha que me separar dela. Houve um momento ali, quando usei minha magia para curar a ferida em suas costas, que senti seus mamilos roçando em meu peito nu, e pensei que meu pau explodiria. Fui atingido pelo desejo de correr meus lábios sobre seus seios, morder e festejar, deixar minhas mãos vagarem

para o sul. Não tenho ideia de como era a anatomia de uma Syren, mas eu queria descobrir.

Eu era um monstro, eu sabia, mas não queria ser desse tipo. Homens perversos eram assim, aqueles que atacavam mulheres, que as contaminavam.

Talvez todos os homens tenham algum tipo de besta dentro deles, levando-os a fazer tais coisas, mas esse era o último bastião da humanidade em que eu tinha que me agarrar.

Deus, me ajude a aguentar.

Agora, no silêncio da minha cabana, com apenas uma rajada ocasional de vento uivante do lado de fora para me fazer companhia, preciso formular um plano. Preciso

ser capaz de pensar claramente sem que Syren ocupe meus pensamentos, sem mencionar meus desejos.

Amanhã é domingo. As pessoas estarão aqui para o funeral dos dois pescadores, e então estarão na igreja. Tenho que garantir que ela seja subjugada

e quieta. Se ela cair da cruz ou se soltar das correntes, então ela não é mais um segredo. Então, ela se torna um espetáculo.

Talvez eu possa lançar algum tipo de feitiço nela, talvez um que tire sua voz sem o uso de correntes. Vou ver o que consigo reunir. Minha magia era mais forte antes de eu ser transformada em uma bebedora de sangue, quando eu era

apenas uma bruxa humana. Eu tive que enterrar minha magia inteiramente no monastério,

pois tal poder já é um ato indulgente, e eu estava mais propensa a perder o controle de mim mesma.

Agora, eu o uso ocasionalmente — para curar pessoas sob o disfarce de Deus, para obrigar as pessoas quando preciso de persuasão extra, para espionar as pessoas se necessário.

Eu sempre tive o dom de ser capaz de entrar na mente de qualquer animal, então, desde que esse animal esteja à minha vista, e eu possa controlá-lo até certo ponto, vendo através de seus olhos. Por um momento, me passa pela cabeça que se a Syren fosse mais animal do que humana, talvez eu pudesse fazer isso com ela. Eu poderia

pelo menos tentar.

O amanhecer rompe o céu nublado quando me sinto mais no controle e composto, e volto para a capela.

A Syren está exatamente onde a deixei, uma visão em santidade.

Sua cabeça está caída para o lado, as correntes esticadas ao redor de sua boca, o cabelo loiro caindo ao redor de seu rosto como um anjo. Seus seios permanecem cheios

e perfeitos, seus braços presos pelas cordas sem nenhum sinal de seu empalamento. Não há luz no quarto, as velas estão todas queimadas e, ainda assim, parece que ela está brilhando.

Só para mim.

Eu paro e fecho a porta, trancando-a silenciosamente atrás de mim com a chave mestra

que enfilo em minhas calças.

Ela não se moveu nem um pouco, e sinto uma pontada de medo de que talvez ela esteja

morta. Mas então seu peito sobe, só um pouco, respirando silenciosamente.

Eu caminho em sua direção e paro para olhar mais de perto, querendo que ela levante a

cabeça e encontre meus olhos. Eu quero ver aquele fogo neles que vi ontem à noite, aquela

fera diabólica dentro dela.

Talvez nossas feras pudessem sair e brincar.

Mas eu tiro esse pensamento da minha mente e foco na crucificação dela, na cruz. Isso me lembra de permanecer puro, de permanecer no controle, de fazer o que deve ser

feito e apenas o que deve ser feito.

"Olá", eu digo, parado na frente dela. Minha voz soa oca na sala, e eu me sinto um pouco bobo por dizer algo tão sem graça, dado o

situação.

Mas ela não se mexe. Não espero que ela entenda espanhol, mas ela nem se encolhe.

Estendo a mão e agarro o cabelo no topo da cabeça dela, puxando sua cabeça para trás para que eu possa vê-la claramente. Suas sobrancelhas se juntam levemente, e ela solta

um gemido suave contra as correntes. Mas ela não abre os olhos, e quando eu solto seu cabelo, sua cabeça cai para frente novamente.

Olho para baixo, para sua cauda. De perto, parece que as escamas estão descascando como se estivesse começando a encolher e desidratar. Ela tem que estar na água para sobreviver?

Saio rapidamente da sala, trancando-a atrás de mim, então saio da capela com um balde que uso para encher a pia. Galos cantam com o nascer do sol, e corro para o poço sacramental, onde a água benta é retirada de trás da capela, enchendo o balde antes de voltar para a igreja.

Assim que estou trancado na sala dos fundos novamente, fico a alguns metros de distância

da Syren e então jogo o conteúdo do balde nela. A água espirra sobre ela como um tapa, e ela levanta a cabeça com um suspiro abafado. Aliviado, coloco o balde no chão e vou até ela. Estendo a mão e afasto seu cabelo molhado do rosto angelical.

Aqueles olhos violetas raivosos me encaram, suas narinas dilatadas.

Não consigo deixar de sorrir.

"Eu estava preocupado que você estivesse perto da morte", digo a ela. Sei que ela não entende, mas ainda é bom conversar. "Não sei muito sobre manter uma Syren viva, mas talvez você precise de água, assim como eu preciso de sangue."

Ela franze a testa, sobrancelhas delicadas se juntando, e solta um rosnado baixo.

Ver a luta em seu retorno me traz uma espécie de alegria perversa.

Uma gota de água rola pelo nariz até os lábios, afundando atrás da corrente de metal, e vejo sua língua rosa sair para lambê-la, uma visão que faz meu pau tremer. Faço o meu melhor para ignorar.

"Acho que você pode querer algo para beber", penso, dando um passo para trás e olhando ao redor da sala. Terei que sair novamente mais tarde para pegar mais água, e não vou oferecer sangue a ela, especialmente o dela, então vou até o barril que sei que tem vinho e o abro. O cálice que bebi ontem à noite está vazio, então despejo vinho nele e levo para ela.

"Vou presumir que você nunca tomou vinho antes", digo enquanto seus olhos focam no cálice, medo e curiosidade se misturam em tons de hematoma. "Não posso

prometo que vai ter um gosto bom para você. Francamente, os vinhos que nos dão para a igreja não são da mais alta qualidade, e não sei se será o suficiente para saciar sua sede. Mas Jesus transformou água em vinho, e eu só posso esperar que eu possa transformar esse vinho em água."

Eu me aproximo dela e estendo uma mão para a parte de trás da cruz, encontrando onde eu tinha prendido as correntes. Mais uma vez, seus seios estão contra meu peito, embora por causa da minha camisa preta, eu não os sinta como senti ontem à noite.

"Vou desfazer a corrente para que você possa beber livremente," murmuro, olhando para baixo em seus olhos. "Você pode tentar me morder, mas fique tranquila, você não pode me machucar. Você pode gritar, mas eu vou colocar essa corrente de volta na sua boca ou tirar sua voz. A decisão é sua."

Suas narinas dilatam enquanto ela olha para mim, mas ela finalmente cede, um suspiro cansado ecoando por ela.

Eu desfaço a corrente e a puxo para longe de sua boca, rapidamente recuando com ela. Sua boca se alarga e estica, e ela estremece, obviamente dolorida. As correntes deixaram sulcos vermelhos enferrujados nos cantos de sua boca, me lembrando de sangue.

"Comporte-se", eu a aviso, me aproximando novamente com o cálice. "Você me morde, e eu te mordo de volta. Não vou dar a outra face."

Ela me olha atentamente e engole, lambendo os lábios secos, sacudindo a tensão de sua mandíbula.

Então, ela acena. Ela pode não falar minha língua, mas ela me entende.

Aquiescência.

"Muito bem", eu digo, levando o cálice aos lábios dela. "Beba enquanto pode." Ela cheira o cálice, provavelmente verificando se não é seu próprio sangue, então toma um gole morno, seu lábio superior carnudo apertando suavemente a borda. Eu inclino o

copo para frente para que o vinho caia em sua boca lentamente, tomando cuidado para não derramar,

e observo enquanto ela engole. Seu rosto se contorce por um momento, talvez chocada com o gosto do vinho, e então seus olhos se fecham. Ela parece angelical novamente, jovem.

De repente, sou atingida por dois desejos conflitantes — o desejo de proteger essa criatura de qualquer dano e o desejo de fazer mal a ela. Alimentar-me dela, confessá-la, saber como seriam aqueles lábios se estivessem pressionados contra os meus ou, Deus me livre, enrolados em volta do meu pau.

Mas então, ela engole o resto do vinho freneticamente, o líquido vermelho derramando para todo lado, e seus dentes afiados mordem a borda do cálice de metal, mordendo-o.

Rapidamente arranco o cálice dela.

"Eu disse para você se comportar", eu a repreendo. "Desobedecer a um padre é blasfêmia."

"Eu não vou me comportar", ela rosna para mim.

Eu a encaro, boquiaberta. "Você fala espanhol?", pergunto, piscando para ela.

Como isso é possível?

"Eu falo o suficiente", ela diz com um sotaque sedutor.

Então, ela cospe no meu rosto.

Eu limpo e sorrio para ela. "Bem, isso certamente tornou sua pequena situação muito mais interessante. Para mim, é isso. Estou tão acostumada a falar com um Deus que não responde, pode ser legal falar com alguém que responda."

Ela rosna em resposta e cospe em mim novamente.

Dessa vez, eu limpo, olhando para ele entre meus dedos, tingido com vinho. Eu balanço minha cabeça levemente e esfrego sua saliva ao longo da minha língua,

engolindo-a. Até sua saliva tem um gosto divino.

"Se você acha que cuspir em mim é um impedimento, você está tristemente enganada",

eu digo a ela, derrubando o cálice vazio. "Eu bebo sua saliva como vinho.

Falando em vinho, eu poderia te dar mais, mas tudo depende do seu temperamento. Até agora, não tenho certeza se você está levando isso a sério."

"Maldita seja, vagabunda", ela zomba.

Eu começo a rir, minha própria risada é estranha aos meus ouvidos.

A Syren pode xingar, embora criativamente. Ela fica mais interessante a cada minuto.

"Eu gosto de você, sabia", eu digo a ela, ainda rindo. "Isso não é uma coisa boa a longo prazo. Mas sim, eu gosto muito de você. Diga-me, Syren, onde você aprendeu a falar minha língua?"

"Não é da sua conta. Deixe-me ir."

Eu levanto minha sobrancelha, passando a ponta do meu dedo sobre a borda do copo.

"Deixe você

ir para onde? Para fazer o quê? Você sabe, se você fosse um humano que tivesse assassinado aqueles homens como você fez, você já estaria morto. É assim que lidamos com as coisas neste mundo. Você os mata, nós matamos você. É mais seguro para

o mundo que uma criatura selvagem como você seja colocada no chão, transformada em comida de peixe."

"Coloque-me de volta na água ou..." Ela para, lambendo o vinho dos seus lábios. Eu gostaria de lamber para ela.

"Ou o quê?", pergunto distraidamente.

"Eu vou gritar", ela ameaça. "Você sabe o que o grito de uma Syren pode fazer."

"Na verdade, eu não sabia. Não até te conhecer. Eu confesso. Eu não sei nada sobre você ou sua espécie. A única coisa que eu sei, a única coisa que eu preciso saber, é que seu sangue me sustenta por longos períodos de tempo. Essa é a única razão pela qual você está aqui. É tudo o que eu quero de você."

Seus olhos escurecem. "Eu não acredito em você. Você está aqui para me punir."

"Bem, eu suponho que haja uma pequena punição envolvida. Deus é o juiz, mas talvez eu seja o júri e o carrasco." Eu me inclino para mais perto dela, ousando a afastar uma mecha de cabelo loiro molhado que caiu sobre seu olho. "Eu vou tratá-la de forma justa, mas você deve entender que se você gritasse, se você fugisse, você não encontraria segurança no meu mundo. Esses homens cortariam sua cauda ou a venderiam para um museu. Você consegue imaginar uma Syren de verdade para o mundo ver? Você quer passar o resto da sua vida em um aquário, com pessoas se aglomerando ao seu redor, batendo no vidro?"

Ela sacode a cabeça para fora do caminho, rosnando como um cachorro raivoso.

"Eu sou sua única aliada aqui," eu a informo, minha voz baixa. "E através de mim é a única maneira de você alcançar qualquer tipo de salvação. Talvez eu queira mantê-la aqui como punição. Talvez eu só queira ter certeza de que vou tirar o máximo de você que eu puder. Você vai sangrar por mim, peixinho, até não ter mais nada para dar. Então, e somente então, eu vou pensar em deixar você ir."

"Você é um monstro," ela diz, mostrando os dentes para mim.

Tiro minha mão do rosto dela. "Você não tem ideia."

Eu me inclino para mais perto, inalando seu cheiro. Fiquei tão encantado com o doce cheiro e o gosto decadente do sangue dela que mal registrei qual é seu aroma natural. Como seu sangue, é doce e rico, mas há algo fresco e revigorante nele. Traz memórias à minha mente, aquelas que eu pensei ter esquecido. Ela cheira como a vez em que viajei para uma vila no Mediterrâneo, na Espanha, quando eu era humano. Eu estava com meu filho comigo, e viajamos por oliveiras, limoeiros e amendoeiras até que eu vislumbrei o mar pela primeira vez. A mulher na pousada nos deu uma fatia de bolo com cascas de limão com mel...

A lembrança me pega desprevenido, me desorienta. Esta criatura cheira como a última vez que me lembro de estar feliz e inteiro e —

Com um movimento de cabeça, ela se inclina para frente e morde minha mão, que eu tinha descansado em seu ombro. A dor explode quando seus dentes afundam e selvagemente

rasgam minha gordura e tendão, rasgando meus ligamentos em pedaços.

Eu grito e arranco minha mão de suas mandíbulas, mas sua mordida é forte, e ela mantém parte da minha mão em sua boca, a bagunça sangrenta pendurada em seus dentes.

Eu olho para minha mão devastada e sangrando. Tenho sorte que ela não tenha arrancado um dedo. Tecido e músculo podem se reparar e crescer novamente, mas ossos raramente podem.

Ela sorri para mim, uma visão horrível.

Pensar, essa criatura me fez sentir algo por um momento.

Solto um rugido, e minha outra mão dispara, envolvendo seu pescoço. Ela consegue engolir parte da minha mão antes que eu aperte sua garganta com força até sentir suas vértebras quase quebrando.

"O que eu acabei de te dizer?" Eu sibilo para ela. "Você me morde, e eu vou morder você de volta."

Eu puxo a cabeça dela para o lado, expondo a pele do pescoço dela, e afundo meus dentes em sua jugular. Ela grita, mandíbulas estalando, mas eu sou mais forte e a mantendo

travada no lugar enquanto eu tomo meu sangue. Eu não estava planejando me alimentar dela tão cedo de novo — se meu plano é funcionar, eu tenho que ser estratégico quando eu tirar sangue, dar tempo para ela se repor — mas eu me recuso a deixar

ela vencer esse joguinho que ela está jogando.

Com o tempo, ela aprenderá que sua liberdade é uma ilusão.

E se o monstro dentro de mim escapar, ele sempre vencerá.

OceanofPDF.com



F

Capítulo Seis

LARIMAR

por um momento, acho que estou em outro lugar.

O oceano.

Estou nas profundezas frias e sem fundo, aquele trecho de azul que continua e continua para sempre. Não há nada aqui que possa me machucar. Ninguém que eu tenha perdido. Nenhuma

dor, nenhuma tristeza, nenhuma tristeza. Apenas um nada feliz no qual flutuar para sempre.

Mas então, a realidade se instala.

A dor se instala.

Uma pontada aguda no meu pescoço.

A sensação de ter minha alma, a própria essência de mim, arrancada de mim enquanto, ao mesmo tempo, estou preenchido.

Preenchido com algo que eu não sabia que precisava, não percebi que ansiava.

Atinge quente e rápido, como um relâmpago líquido que afunda em meu âmago, causando uma fome insaciável como eu nunca conheci.

Este homem está sugando o sangue do meu pescoço, se banqueteando comigo, me engolindo pela garganta, e há quase algo prazeroso na dor, o suficiente para que eu solte um gemido baixo.

O homem para.

Fica imóvel.

Tira suas presas do meu pescoço.

Ele se afasta e me encara. Seus olhos azuis brilhantes são da cor do oceano naquele vazio em que eu estava flutuando. Talvez eu estivesse flutuando em

os olhos dele o tempo todo. Eles me observam, suas pupilas se contraindo e arregalando novamente, como um sol negro em um céu azul. Mas há uma mudança em relação ao que eram antes. Antes, seus olhos brilhavam com crueldade, combinados com algo como piedade, uma presunção que me abalou. Ele claramente gosta de ter poder e fará tudo o que puder para mantê-lo. Ele também parece pensar que tem algum deus cristão do seu lado. Eu sei o suficiente sobre esse deus por Jorge para saber que ele nunca está do lado de ninguém.

Agora, há um lampejo de vergonha em seu rosto, ou algo próximo disso.

Esse sanguessuga cruel tem capacidade de sentir remorso?

Penso em gritar. Eu provavelmente conseguiria dar um grito alto, minha música de Syren, antes que ele me mordesse novamente ou batesse a corrente na minha

boca. Ele não disse algo sobre tirar minha voz? Não foi isso que Edonia fez com Maren?

Mas ele mencionou como os humanos me tratariam se me descobrissem e eu sei que ele está certo. Eu vi o quanto cruéis eles podem ser, a maneira como aqueles

piratas tiraram minha irmã mais velha, Asherah, da água enquanto nós estávamos em busca de Maren enquanto Jorge me mantinha escondido de seus irmãos. "Eu não deveria ter feito isso", ele diz calmamente enquanto se abaixa para pegar um balde. "Você precisa se curar e repor seu sangue antes que eu tome mais de novo."

Ele faz uma pausa, parecendo pensar. "Mas, de novo, eu acabei de ver você comer uma parte

da minha mão." Ele levanta a que eu mordi, que ainda está sangrando e faltando um pedaço de carne. "Talvez eu deva comer um pedaço de você para mantê-lo equilibrado."

Eu engulo em seco.

"Eu poderia começar com seu nariz", ele diz. "Parece tão doce e delicado, demais para um animal tão cruel. Ou talvez eu dê uma mordida nesses seus lábios carnudos. Ou mastigar esses peitos decadentes."

Em qualquer outra circunstância, eu me sentiria enojado, e ainda assim posso sentir o calor

nas minhas bochechas. "Você tem uma boca suja para um homem santo."

Ele parece surpreso com meu comentário. "Suponho que apenas uma criatura imunda como você poderia tirar isso de mim."

Eu o encaro. "Você diz que eu preciso me curar. Eu vou me curar mais rápido se você me mantiver molhada."

Suas sobrancelhas pretas se erguem. "Quão molhada estamos falando aqui?"

Eu franzo a testa. Não tenho certeza se estamos discutindo a mesma coisa.

"Preciso estar na água, ou vou secar e morrer", digo a ele, minha paciência exaurida. "Se você deseja me manter em cativeiro, então você vai precisar jogar água em mim constantemente, especialmente na minha cauda."

Em outras palavras, preciso que ele me tire dessa estrutura de madeira e me coloque em uma banheira ou lagoa se ele não me libertar no oceano.

"Quão constantemente?", ele pergunta.

Eu aceno para o balde. "É melhor você encher isso logo. Vou secar de novo em algumas horas. Também preciso me hidratar por dentro. Posso passar semanas sem comer, mas preciso de água. No entanto, estou bem com o vinho que você me deu. Embora eu deva dizer que já tomei melhores", acrescento.

Ele franze a testa, virando o balde nas mãos. "Como você tomou vinho?"

"Isso não é da sua conta", digo a ele, apreciando o lampejo de aborrecimento em seus olhos. Ele quer saber mais sobre mim, isso é claro como gelo. É a única vantagem que tenho, e planejo usá-la.

Eu continuo. "Claro, se me manter molhada parece estar atrapalhando seus planos de me manter viva para que você possa beber meu sangue, eu tenho uma solução para você."

Ele cruza os braços sobre o peito, e eu não posso deixar de admirar a maneira como seus músculos se contraem. Pena que ele seja um bruto tão malicioso. "E o que pode ser isso?"

"Você disse que tem magia. Use essa magia em mim. Transforme-me em um humano. Dê-me pernas."

Ele pisca para mim por um momento e então ri, balançando a cabeça

. "Dar-lhe pernas? Simples assim? Não tenho certeza se você sabe como a magia funciona."

"Eu sei muito bem como funciona", digo a ele levantando o queixo. "Nós temos bruxas do mar. Você acha que eu não vi o que elas podem fazer?"

Você acha que eu não tenho procurado uma bruxa do mar pelos últimos onze anos para que ela possa fazer comigo o que fez com minha irmã?

"Bruxas do mar", ele diz com um aceno lento. "Então, o que você as viu fazer?"

Eu não quero contar a ele sobre Maren. Sinto que dar a ele informações pessoais pode ser como dar a ele uma arma.

"Eu conheço uma Syren que queria pernas em vez de uma cauda", eu digo cuidadosamente. "Ela

queria se tornar humana, andar e viver em terra. A bruxa do mar foi capaz de fazer isso por ela."

Ele franze a testa. "E você viu isso acontecer com seus próprios olhos?"

Eu balanço minha cabeça. "Não. Mas aconteceu do mesmo jeito."

Um olhar de descrença toma conta dele. Ele começa a andar lentamente na minha frente, mãos atrás das costas. "Diga-me, então... Qual é seu nome, afinal? Ou devo apenas chamá-lo de peixinho?"

Eu aperto meus lábios. Não vou dizer meu nome a ele, e ser chamado de peixe não é um insulto de onde eu venho.

"Peixinho, então", ele diz, e embora seu rosto esteja muito sério, eu pego um olhar de alegria em seus olhos. "Então me diga: por que eu deveria usar minha magia para

te dar pernas? O que eu ganharia com isso? Se eu fizesse de você um humano, certamente você perderia todas as propriedades especiais em seu sangue, a mesma coisa que eu desejo."

"Como você sabe que isso aconteceria?" Eu pergunto a ele. "Tudo o que você precisa me dar são pernas. Eu posso ficar com minhas guelras. Posso manter minha habilidade de respirar

debaixo d'água. Posso manter minha vida longa. Você não precisa mudar meu sangue."

Ele me estuda por um momento. "Por que você quer pernas?"

"Não seria mais fácil para você me controlar? Você não pode me manter nesta sala para sempre. Eventualmente, alguém vai me descobrir. Você mesmo disse: meus gritos chamariam atenção. Portanto, isso significa que há uma audiência a ser conquistada. Se eu tivesse pernas, você poderia me fazer passar por talvez

uma mulher que naufragou."

"Sim," ele diz lentamente. "Eu poderia fazer isso, embora eu precisasse descobrir uma maneira de impedir que você escapasse, de falar com os aldeões. Você não seria mais livre do que é agora. Então eu quero que você responda à pergunta: por que você quer pernas? O que há nisso para você?"

"Acho que vou experimentar algo novo antes de morrer," eu digo a ele.

É a verdade parcial.

"Falando em morte, você não parece temê-la", ele diz, dando um passo hesitante para frente, seu olhar procurando meu rosto. Não sei dizer se ele tem medo

de se aproximar por minha causa... ou por causa dele mesmo.

"Eu temo a morte", admito baixinho. Se eu não confessasse, não tenho dúvidas de que ele

tentaria me fazer temê-la de maneiras torturantes.

"Mas você nunca tentou implorar por sua vida. Pelo menos, não realmente."

"Talvez eu esteja implorando." Talvez eu já tenha passado por coisas piores antes e sobrevivido para contar a história. Você não consegue vagar pelos mares sozinha como uma Syren

mujer sem se meter em problemas.

"Não," ele diz desdenhosamente. "Eu sei como é implorar. Eu sei muito bem. Você não tem medo de mim, pelo menos não tanto quanto deveria. Diga-me, onde você estava antes de aparecer nestes portos? Sua espécie não vive em colônias? Por que você estava sozinho?"

"Quem disse que eu estava sozinho?" Eu pergunto, minha voz ficando dura.

"Você estava sozinho," ele diz depois de um momento. "Eu posso dizer quando alguém está

fugindo de algo — ou correndo para algo. É meu chamado
acolher aqueles, não importa em que direção eles estejam correndo."

Ele não posso deixar de torcer meu lábio para ele. De novo com essa conversa piedosa.
Ele deveria

saber que isso não tem peso algum para mim. "Você tem um chamado estranho,
sequestrar Syrens e trazê-los para sua igreja para torturá-los em
segredo."

Ele me lança um olhar penetrante, sobrancelhas pretas franzidas. "Eu não estou
torturando você."

Eu quase rio. Este homem é terrivelmente delirante.

"Ah, então suponho que me amarrar a uma tábua e fazer furos nos meus pulsos
não é tortura? Me morder e beber meu sangue não é tortura? Me amordaçar
com uma corrente não é tortura?"

A nitidez em seus olhos não se dissipa. "Não é uma tábua."

Agora eu rio, o som é ácido. "Minhas sinceras desculpas por não conhecer
sua terminologia."

"É uma cruz", ele diz, embora sua voz esteja mais suave agora. "Um crucifixo. Para
simbolizar a morte de Jesus, que morreu pelos nossos pecados."

"Então ele morreu pelos seus pecados, não pelos meus", eu digo a ele sarcasticamente.

"Então o que você está
tentando fazer? Fazer de mim um exemplo?"

"Estou tentando me lembrar de não me deixar levar", ele diz, seu olhar
procurando a cruz à qual estou amarrado.

"É mesmo? E como é se deixar levar?"

Ele não responde de início; ele apenas esfrega os lábios em pensamento. "Eu
preciso de lembretes para me manter na linha. Eu lutei tanto e tanto para
me tornar o humano que sou hoje. Não posso me dar ao luxo de escorregar e jogar
tudo fora

só porque eu... porque perdi o controle. Preciso de um lembrete de quem eu preciso
continuar sendo."

"E quem é esse?"

Seus olhos escurecem. "Um homem em busca de salvação. Um homem que pode
merecê-la."

Eu bufo. "Se você acha que vai encontrar a salvação, é melhor procurar mais. Posso não saber muito sobre sua religião, mas tenho certeza de que não é assim que você a encontra."

"Não estou torturando você", ele diz novamente. "Não estou tentando lhe causar dor. Estou fazendo isso porque preciso que você sobreviva. Você não tem ideia de como é ser uma criatura como eu."

"Acho que posso."

Ele balança a cabeça. "Não. Você é de um mundo onde seu lado monstruoso pode existir livremente. Eu vivo em um mundo onde ele não pode. Este mundo não sabe o que eu realmente sou, nem sabe que minha espécie existe. Ainda não, de qualquer forma.

E se eles souberem, seremos nós que seremos colocados em uma gaiola em uma exposição para sofrer por toda a eternidade."

"Isso é para me fazer sentir pena de você?"

"Não", ele diz calmamente, seu olhar passando rapidamente por minhas feições. "Eu não quero sua pena. Nenhum de nós faz isso. É a maneira como Deus nos fez. Bem, a maneira como ele fez

todos os outros." Ele faz uma pausa. "Deus não me fez."

"Quem fez você, então? Por que você é tão especial?"

Ele não diz nada sobre isso. "Acho que é melhor eu ir pegar outro balde de água antes que o dia passe rápido."

"Se você me desse pernas, não teria que se preocupar com isso," eu rapidamente digo a ele.

Ele me dá um sorriso amargo. "Não. Minhas preocupações só aumentariam."

E então, ele se foi.

OceanofPDF.com



Capítulo Sete

PRIEST

Querido Abe,

Já faz quase um mês que você se foi.

Conhecendo você, você provavelmente está pensando em mim neste momento, controlando quanto tempo eu tenho até ficar sem suprimentos. Você está provavelmente se preocupando comigo, com minha psique, como eu vou lidar com a solidão, como eu vou lidar com ter que matar novamente.

Se você soubesse o que estava prestes a ser jogado no meu caminho.

Você ainda teria me deixado por conta própria dispositivos?

Você ainda teria escolhido aquelas pobres almas em vez das minhas?

É difícil dizer.

A
t
t
t
tt

y

E quando você ler esta carta, não tenho certeza se você vai se arrepender da sua escolha ou não.

Alguns dias atrás, pescadores locais foram atacados por uma Syren. Ouvi seus gritos e nadei pelo estreito para ajudar. Vi os restos de dois, ou pelo menos o que sobrou deles — foi horrível, sem dúvida dilacerado por esta criatura. O fato de agora termos uma Syren perigosa nadando em nossas águas, não mais perto dos icebergs, era um problema para esta vila, mas também fornecia uma solução para mim.

Na noite seguinte, entrei nas águas e capturei a Syren.

Agora, ela está no fundo da igreja, amarrada à cruz. Eu a crucifiquei na esperança de que isso me lembre do que lutei, o que você me ajudou a me tornar. Eu sei que você não acredita em Deus, doutor. Eu sei que você usa Deus para inspirar disciplina, restrição e devoção em seus monstros. Você pegou Deus e o usou para nos tornar humanos, e funcionou.

Agora, preciso dessa disciplina mais do que nunca.

t

t t

t

t

t

As coisas que eu quero fazer com essa criatura são
indizíveis.

Eu pensei que a luxúria dentro de mim estava
enterrada há séculos. No monastério, ela
nem existia. Aqui, no fundo do
mundo, eu não ousei deixá-la sair para brincar. Não
com você, nem com ninguém. E ainda assim, agora que
essa criatura está na minha presença, eu a temo. Eu
temo tanto quanto temo o desejo de devorá-la
inteira, beber todo o seu sangue até que ela seja um
cadáver enrugado.

Eu pareço um pagão, um louco. Eu temo
que estou me transformando em ambas as coisas, e eu sou
impotente para impedir a transformação. Quanto mais
essa Syren estiver em minhas mãos, mais eu acho
que ela não sobreviverá.

Que eu posso não sobreviver.

Eu sei o que você diria — que é melhor
matá-la e acabar logo com isso. Não prolongue
sua tortura por mais tempo, que tais pecados estão
abaixo de mim. Você diria que eu não deveria prolongar
o risco de eu enlouquecer e me tornar aquela
coisa terrível que você descobriu uma vez acorrentada a uma
árvore na terra natal. Faça o que puder para
não regredir.

B tt

t

Mas pense nas pessoas que salvarei mantendo
ela. Em vez de matar várias vezes por semana,
posso me alimentar dela indefinidamente. Salvarei
humanos, e não é isso tudo que eu queria fazer?
Não é esse o cerne da minha absolvção? Para compensar
todas aquelas vidas que tirei, não por
sobrevivência, mas porque matar parecia bom para o
assassino dentro de mim?

Aragon, você diria, você não deve se sentir
culpado pelo que você foi feito para fazer. Beber
o sangue de humanos é divino. Torturar uma criatura
marinha, não importa o quanto eles possam
merecer, está abaixo de nós. Devemos sempre escolher
a rota que leva à salvação, não importa o que
a lógica nos diga.

Não sei o que vou fazer. Você
está claramente na minha mente e no meu ouvido, mesmo
embora você provavelmente esteja no meio do
Atlântico agora, ficando cada vez mais
distante de mim. Eu sei o que você quer que eu
faça, mas...

Talvez eu esteja curioso demais para fazer isso.
Eu não me sinto tão vivo há séculos, Abe.
A excitação, a luxúria, os desejos obscuros...
Ela está se tornando minha obsessão, minha razão de
ser, e eu apenas comecei.

t

I
g
y
g

Seu amigo mais antigo,

O Padre

coloço minha caneta-tinteiro de lado e olho para o papel amassado, esperando a tinta secar. Lá fora, uma coruja pia antes que seu grito seja engolido pelo vento. Em algumas horas, o sol nascerá e terei que fazer um funeral para os pescadores, seguido de missa. Eu deveria estar revisando o elogio fúnebre — embora eu não conhecesse bem os homens, a vila esperaria que eu agisse como eu agi, que dissesse todas as coisas certas, para ajudá-los a entender tal tragédia.

Já houve tragédia suficiente por aqui, graças à fome e à doença, mas esta era de outra natureza.

Para minha consternação, meus pensamentos continuam indo para a Syren.

Meu peixinho que não me dá seu nome.

Talvez ela não tenha um, ou pelo menos nenhum que traduza.

Mas sinto que ela tem. Ela só não quer que eu saiba, pois acha que isso me dará mais poder.

Ela está certa.

Se ela quer que eu faça mágica para ela, terei que saber o nome dela para fazer funcionar. Algo dessa magnitude requer isso.

Não que eu esteja considerando isso.

Fazer um feitiço dessa enormidade requer consideração séria. Há sacrifícios físicos a serem feitos. O momento tem que ser certo. Eu posso curar aqueles que estão feridos, mas meus talentos têm sido mais humildes. A ideia de que eu poderia manipular sua cauda para se tornar pernas, que eu poderia dar a ela uma anatomia humana, está além do meu escopo.

E mesmo se eu fosse capaz de fazer isso com sucesso, eu tornaria minha toda a situação mais difícil. Uma Syren é facilmente contida. Uma mulher não.

Eu teria que ter medidas de segurança adicionais para ela. Ela ainda precisaria ser restringida, embora talvez não a uma cruz. Eu teria que transformar a sala dos fundos em uma espécie de prisão. Ela não seria capaz de gritar

ou chamar atenção para si mesma. Ela não ousaria se deixar ser conhecida como ela é agora, mas se ela pode se passar por uma mulher comum, não há dúvida de que ela irá buscar segurança e santuário nos braços de outras pessoas.

Você deveria ser o santuário dela, eu me repreendo, dobrando o papel.

Eu sei que deveria ser, mas não posso ser. Eu já estou imaginando ela como uma mulher,

e estou tendo dificuldade em aceitar o que terei que fazer para

mantenha-a aqui.

É mais fácil ser um monstro quando você está lidando com um.

No minuto em que ela se tornar humana, isso só mostrará quanta humanidade me falta.

Mas todos esses pensamentos não ajudam quando ela está esperando.

Eu derreto cera sobre a chama da vela e despejo um círculo limpo sobre a carta, selando-a com uma prensa do anel do clero. Então, eu a coloco na prateleira ao lado da minha porta para me lembrar de trazê-la para a cidade mais tarde para enviar no

próximo navio. Há sempre uma chance de alguém ler, mas o temor a Deus é forte aqui. Quebrar o selo é quebrar a confiança de um homem santo.

Além disso, quem acreditaria neles?

Dessa vez, pego um balde que tenho na casa de campo, já que vou precisar do da igreja para a missa, e saio para o vento gelado. Ainda está escuro lá fora, embora haja uma faixa cinza no horizonte leste. Esta será a quinta vez que farei a viagem até o poço para manter a Syren úmida, e já estou cansando disso. Talvez ela estivesse mentindo quando disse que precisava se manter molhada — talvez ela esteja me fazendo fazer isso como uma espécie de vingança mesquinha.

Estamos em abril. Não vai demorar muito para a neve cair aqui no Hemisfério Sul, e aqueles ventos dos mares desconhecidos do sul tornarão

as vilas inóspitas. A água do poço congelará, e as pessoas geralmente se refugiam na igreja quando suas casas caem devido ao mau tempo.

Cuidar de uma Syren será mais difícil do que já é.

Faça o que o médico quer que você faça, penso comigo mesmo. Drene o sangue dela, armazene-o e depois mate-a. Ou jogue-a de volta no mar para os tubarões se você não aguentar isso.

Depois de pegar a água, vou para a igreja e para a sala dos fundos.

Cada vez que destranco a porta e entro, a Syren está esperando por mim com ódio em seus olhos violetas. Desta vez, no entanto, ela está caída, o cabelo no rosto, ainda úmido da última vez que joguei água nela.

Eu limpo minha garganta, trancando a porta ruidosamente atrás de mim para ver se consigo

acordá-la. Quando ela ainda não se mexe, sinto uma pontada de pânico no meu peito.

Eu vou até ela e penso em jogar o balde de água nela como fiz da última vez, mas de alguma forma, isso parece duro.

Eu coloco o balde na base de sua cauda, notando o quanto mais seco parece. A cor laranja-rosada desapareceu para um cinza-branco, e cada escama está levantada e descascando, secando diante dos meus olhos.

Sei que estou correndo um risco ao me aproximar dela — minha mão só começou a se recuperar de onde ela mordeu um pedaço outro dia — mas eu coloco meus dedos sob seu queixo e o levanto.

"Peixinho", sussurro para ela.

Sua boca se abre um pouco, e ela solta um suspiro irregular, seus lábios tão secos quanto sua cauda. Cílios pretos tremulam por um momento, mas seus olhos não abrem.

"Você precisa de um pouco de água", digo a ela, desejando que o sentimento de preocupação que tenho por seu bem-estar não fosse tão proeminente.

Pego o balde e inclino sua cabeça para trás novamente, despejando um pouco em sua boca. Derrama sobre seus lábios, mas ela consegue engolir um pouco para baixo.

"O que você precisa?", pergunto a ela. "Comida? O lado da minha mão não foi suficiente para sustentá-la?"

Ela não responde, nem mesmo com um comentário conciso, e sua cabeça cai contra meus dedos.

Eu a deixo ir, tentando pensar. Vou até minha mesa e pego um par extra de faixas brancas que uso amarradas sob minha gola durante a missa e depois trago de volta para

o balde. Eu me ajoelho e molho o pano na água antes de começar a pressioná-lo sobre as barbatanas de sua cauda. A textura é estranha sob o pano, suave, mas rígida, e cuidadosamente me certifico de que cada centímetro esteja bem umedecido antes de passar

para o resto de sua cauda.

É uma sensação curiosa, tocar uma criatura como ela com tanta paciência e cuidado. É a primeira vez que consigo realmente observá-la de perto.

Embora ela possa ser um monstro, ela ainda parece pertencer a este mundo, mesmo que não seja o dela. Suas escamas me lembram das trutas que eu pescava nos lagos da montanha, enquanto a parte superior de seu corpo...

Fecho meus olhos por um momento, parando com o pano molhado pressionado contra a lateral de sua cauda. Quero que ela me lembre da minha esposa, da mulher que eu amava antes de perdê-la. Mas o tempo apagou muito dessa vida de mim. Lembro-me dela, lembro-me dos meus filhos, consigo recordar as memórias e sentimentos, mas não consigo mais vê-los. São rostos nebulosos e vazios.

Sei como era acariciar o corpo da minha esposa, derramar minha semente dentro dela, perder-me nas garras da paixão, mas não consigo dizer de que cor eram seus olhos ou cabelos ou qual era o gosto da sua pele.

Nem me lembro do nome dela.

Mas lembro-me de como ela morreu.

"O que você está fazendo?"

Olho para cima e vejo um par de olhos roxos brilhando para mim.
Eu limpo minha garganta e dou um passo para trás. Por que me sinto como se tivesse
sido
pego fazendo algo do qual preciso sentir vergonha?
"Eu estava passando uma esponja no seu rabo", digo a ela. "Achei que isso ajudaria a
absorver
melhor do que apenas jogar um balde de água em você."
Ela assente, lambendo os lábios. "Você ia fazer o resto do meu corpo?"
Meus olhos vão imediatamente para seus seios, seus mamilos se contraindo em
pedras duras e rosadas. Embora ela sempre tenha ficado de topless, eu saio do meu
caminho
para não me deter em sua nudez, para não perder a cabeça.
Mas agora, ela está me fazendo olhar. Ela até projeta um pouco o peito, como se
ela quisesse minha atenção, quisesse minhas mãos nela com meu pano sagrado,
deixando
ela molhada. Por um momento, imagino jogar fora todas as restrições, todas as
inibições e fazer o que quero com ela. Imagino deixar pequenas mordidas ao longo
da barriga dela, ao longo de seus lados carnudos, deixando apenas os menores
rastros de sangue, que eu delicadamente lamberia com minha língua como um felino.
Eu a faria gemer aquele mesmo som profundo e ofegante que ela expeliu
quando eu estava bebendo seu sangue.
Então, eu procuraria seu ponto mais íntimo, talvez uma fenda escondida
ao longo do comprimento frontal de sua cauda, puxaria meu pau já rígido e empurraria
dentro dela até ouvi-la gritar.
"Sim", eu a ouço sussurrar, tão fraco que eu poderia ter imaginado.
Mas é o suficiente para me puxar de volta ao controle.
Engulo em seco e desvio meus olhos de seu peito. "Eu diria que meu
trabalho aqui está feito."
Antes que eu possa mudar de ideia, pego o balde e jogo o resto da
água em seu rosto. Ela grita, cuspido enquanto a água cai em cascata sobre sua
cabeça, e então eu despejo o que sobrou no balde sobre a minha.
Preciso dar um tapa em mim mesma tanto quanto ela precisa.
"Preciso conduzir um funeral e um sermão", digo a ela, enxugando a água
da testa. "Você terá que sobreviver enquanto eu estiver fora. Posso te dar algo
para comer se me disser o que é."
Ela me encara, riachos escorrendo pelo rosto. "Um coração humano.
O seu, de preferência."
Não consigo deixar de dar a ela um sorriso morno. "Você nunca terá meu coração,
peixinho."
Além disso, eu nem sou humano.



O funeral e o sermão que se seguiu foram exatamente o que eu precisava para me colocar de volta nos trilhos. Estando tão envolvido com as Syren, eu tinha esquecido

como era realmente desempenhar meu papel. Não se trata apenas do meu relacionamento — ou falta dele — com Deus; trata-se do meu relacionamento com os aldeões. Eles me procuram em busca de orientação, especialmente em momentos de estresse e

medo. A morte pode não ser estranha a essas partes, mas acidentes horríveis, como os que aconteceram com seus vizinhos, são poucos e distantes entre si.

Sim, há uma escaramuça ocasional com a população nativa que vive nos arredores dos assentamentos e, de vez em quando, há uma situação de abuso e brutalidade entre um marido e sua esposa, ou dois bêbados na cervejaria, mas, na maioria das vezes, a violência não é comum aqui, a menos que tenha ocorrido no convés de um navio pirata.

Essas pessoas precisavam ouvir as palavras de sabedoria de Deus, sentir esperança e entender o mundo ao redor delas. Eu precisava lembrar por que estou preso neste posto avançado. Não é só porque mereço isolamento, é porque eu tenho algo a oferecer.

Mas mesmo que eu me sentisse recarregado quando os adoradores deixaram a igreja, não posso dizer que minha mente estava completamente focada no meu rebanho, pois eu continuava

pensando no lobo que eu tinha atrás de portas fechadas. Enquanto eu dava meu sermão

sobre viver com o pecado e encontrar a coragem de superá-lo com graça, eu estava chafurdando na lama e no lodo mantendo aquela criatura cativa para meus próprios ganhos. Embora eu continuasse dizendo a mim mesmo que precisava fazer isso para o meu

próprio bem, isso não impediu que os impulsos e pensamentos vergonhosos afundassem.

Não impediu a verdade.

Eu agi como um homem de Deus quando, na verdade, eu era um homem do Diabo.

Eu não era homem nenhum.

O que eu realmente queria da Syren não era o sangue dela, e não era minha sobrevivência.

Era ela.

Só ela.

Ela é minha prisioneira há menos de uma semana, eu nem sei o nome dela, e não consigo imaginar deixá-la ir.

Se você vai ter uma obsessão, certifique-se de que seja a certa. As palavras de Abe ecoam na minha cabeça. Ele queria que o monastério e a religião se tornassem

minha obsessão porque se eu estivesse fixada nisso, não teria tempo para pensar na fera da qual estava tentando escapar. E funcionou.

Mas a última coisa que ele iria querer é que minha obsessão se transformasse em algo físico.

Com esse pensamento, minha pele formiga ansiosamente. Eu rapidamente caminho pelo

corredor e fecho as portas para o vento frio, esperando que todos tenham terminado com Deus

por hoje. Eu sei que terminei.

Meu olhar varre a igreja, certificando-me de que tudo está em seu lugar organizado, e então destranco a sala dos fundos e entro.

Ela está onde a deixei, amarrada à cruz. Seus olhos estão fechados, e ela

parece apática, seu rabo ainda mais pálido do que antes.

Lamentável, não consigo deixar de pensar. Quanto mais eu a mantendo aqui, menos ela se torna uma

predadora vibrante e feroz.

Sei que terei que encher o balde do poço e molhá-la novamente, mas primeiro preciso tirar minhas vestes de batina para não molhá-las.

As coisas demoram uma eternidade para secar aqui.

"Padre Aragon", diz a Syren em voz baixa enquanto coloco minhas vestes na cadeira. O som do meu nome atrai meu olhar para o dela.

Faço uma careta, prestes a perguntar como ela sabia meu nome quando acrescenta: "Tenho

uma audição especialmente boa".

Imagino que seus sentidos sejam melhores do que a maioria. Se ela é como eu nesse aspecto,

ela também tem um paladar, visão e olfato superiores.

"Você realmente acredita no que está dizendo para essas pessoas?", pergunta ela.

Sua voz é áspera e ela lambe os lábios ressecados.

"Eu digo a eles o que eles querem ouvir", digo, caminhando em sua direção enquanto ajusto a gola da camisa preta que uso por baixo das vestes. "O que eles precisam ouvir. Não é fácil ser um colono nessas partes. Todas essas pessoas e aqueles que vieram antes deles se mudaram de uma terra muito mais hospitalaria do que

esta. Eles precisam que Deus lhes dê fé, para lembrá-los de que tudo que eles estão fazendo é por uma razão."

"É mesmo? Qual é a razão?"

Inclino minha cabeça enquanto olho para ela. Apesar de quão pálida ela parece, aqueles olhos

dela brilham com antagonismo. "Por seu país."

"E que país é esse? É um reino?"

"Sim, o reino da Espanha."

“É daí que você é?”

Faço uma pausa. “Sim. E de que reino você é?”

Não espero que ela me responda, então é surpreendente quando ela diz, “Limonos, mas não existe mais.”

Interessante. “O que aconteceu com ele?”

Ela apenas me encara por um momento e então levanta o queixo. “Você desviou minha pergunta.”

“Assim como você está desviando da minha?”

“Eu perguntei a você primeiro. Você acredita no que estava dizendo para aquelas pessoas? Você acredita nesse Deus que você diz que fala através de você? Ele fala através de você? Você o ouve?”

Suas perguntas me dão muito o que refletir. Eu caminho em sua direção, parando a um pé de distância. “Eu recito as palavras que aprendi”, admito. “Eu sei o que a Bíblia diz, e eu sei o que as pessoas esperam ouvir. Deus não fala através de mim. Eu não o ouço. Eu nem acho que ele existe metade do tempo.”

“Você questiona a existência dele, e ainda assim é um padre? Até eu sei que isso é absurdo.”

Eu olho para ela, maravilhada. “Como você aprendeu tanto?”

“Por que você está fingindo ser a mensageira de Deus?”, ela pergunta.

“Porque eu devo,” eu digo a ela.

“Por quê? É algo que você é forçada a fazer neste mundo?”

“Para alguns, sim,” eu digo cuidadosamente.

“Para você?”

Eu suspiro e passo a mão pelo meu cabelo. “Para mim também. Eu não tenho que fazer isso; eu preciso fazer isso. É a estrutura da religião e de Deus que me mantém

no caminho que eu preciso seguir. Isso me impede de...”

Seus olhos brilham curiosamente. “De quê?”

“Eu já te disse antes: isso me impede de me tornar um monstro, algo pior do que como estou diante de você agora. Eu sei que você acha que eu sou cruel e imoral, mas você realmente não tem ideia do quanto eu fui para garantir que eu machucasse o mínimo de pessoas possível neste mundo.” Espero um momento. “Eu percebo que isso é

algo que você nunca vai entender.”

Ela franze a testa. “Se você está tentando me fazer sentir culpada, não vai funcionar.

Eu não sinto

culpa. Eu mato homens não só porque eles têm um gosto bom, mas porque eles merecem. Eu vi o que os homens fazem com criaturas, com mulheres, com Syrens. Um homem a menos

está fazendo um favor a este mundo.”

"Então você deveria perceber que eu sou pior do que os piores homens que você já ouviu falar ou conheceu. Eu fui transformado em uma besta pelo próprio Diabo. Se há algo de que você deveria livrar o mundo, sou eu."

Ela sorri para mim com dentes afiados. "Então chegue um pouco mais perto." Eu a encaro por um momento, tentando encontrar algum tipo de plano em todo esse caos.

Então, eu alcanço seu rabo e arranco uma das escamas secas.

Ela estremece quando eu coloco a escama no meu bolso.

"Para que foi isso?" ela diz, rangendo o maxilar.

"Para o feitiço," eu digo a ela, e seus olhos se arregalam. "Para minha magia. Você disse

que queria pernas, não disse?"

Ela acena cautelosamente.

"Pode levar algum tempo — uma ou duas noites, um ritual, uma lua nova. Eu posso precisar de mais de você. Mais escamas, seu cabelo, talvez seu sangue. E eu preciso descobrir o que você me dará em troca. Isso é uma barganha, não algo feito para seu benefício."

"Você está recebendo meu sangue em troca," ela diz.

"Eu receberia isso de você não importa o que eu fizesse," eu a informo.

"Você se beneficia aqui mais do que eu. Eu terei que pensar em algo que faça isso valer a pena, ou talvez você mesma possa pensar em algo.

O que você poderia me oferecer que eu aceitaria?"

Tenho certeza de que não aceitaria nada menos que a alma dela.

"Oh," eu acrescento, "eu também preciso saber seu nome."

OceanofPDF.com



I

Capítulo Oito

LARIMAR

olhando para o padre.

Ele precisa saber meu nome.

Suponho que seja justo, já que sei o dele.

"É Larimar", digo a ele.

Seus olhos brilham apreciativamente. "Larimar. Isso é incomum. O que isso significa?"

"Significa alma do mar em Limonos", digo a ele, sentindo uma onda de orgulho. Minha mãe disse que o nome veio a ela em um sonho pouco antes de eu nascer. "O que significa Aragão?"

"Nada tão poético quanto o seu. É uma área na Espanha, de onde eu sou."

"Você recebeu o nome de onde nasceu?"

A escuridão toma conta do seu olhar. "Não exatamente. Recebi o nome porque foi lá que me encontraram. Nasci com um nome diferente, mas... não me lembro mais."

"Onde quem te encontrou?", pergunto, intrigada.

"Não é importante", diz ele com um suspiro cansado.

Eu não deveria querer saber mais sobre ele, mas eu quero.

"Então eu vou te chamar de Padre", eu digo a ele. "Padre Aragon é um bocado, mesmo que você seja um pai."

"Eu não sou um pai", ele diz rapidamente antes de engolir, o som audível. "Eu não sou pai de ninguém, não mais." Ele parece aflito, e

então o olhar passa. “É apenas um termo da igreja, uma medida de respeito dada a um líder espiritual.”

“E você não é nada disso para mim,” eu digo a ele. “Não é um líder espiritual e nem um homem de respeito. Mas um padre, isso é bem simples.” “Muito bem,” ele diz. “Padre, então. Agora, se você me der licença, Larimar, vou buscar mais água para você.”

Ele pega o balde e sai do quarto, trancando-o atrás de si.

É só então que eu exalo.

Ele vai tentar me dar pernas. Ele vai tentar me fazer humana, ou pelo menos capaz de passar por uma. Eu sei que tudo vai depender da sua magia e se o feitiço for bem-sucedido, e eu não deveria ter muitas esperanças, mas eu não consigo me conter.

Nos últimos onze anos, tudo que eu queria era seguir os passos literais da minha irmã. Tudo o que eu queria era poder andar entre os humanos e encontrá-la. Eu sabia que procurar nos mares era inútil, perigoso. Eu tinha dito isso a Asherah. Ela aprendeu da maneira mais difícil quando aqueles piratas a puxaram das profundezas. Eu aprendi quando tropecei em Syrens que eu não deveria ter aprendido. E ainda assim, mesmo depois de perder minhas duas irmãs, eu não desisti. Eu sabia que esse impulso, essa obsessão em encontrar Maren, acabaria me colocando no caminho certo. Eu chegaria onde precisava ir. Maren trocou suas nadadeiras por pernas para que ela pudesse se tornar humana. Alguns disseram que ela até se casou com um príncipe de uma terra distante. Eu sabia que ela não seria encontrada no oceano, mas até que eu tivesse pernas, esse era o único lugar onde eu poderia procurar. Também sei que se Priest for bem-sucedido na minha transformação, terei outros problemas com os quais terei que lidar. Se eu ao menos conseguir sair daqui vivo, é a questão de encontrar Maren neste mundo grande, seco e estrangeiro. Não pode ser fácil, mas nada sobre isso pode ser.

Então agora, eu tenho que descobrir o que eu devo oferecer a ele em troca por isso. Ele não sabe dos meus planos. Ele não sabe sobre Maren. Eu tenho que dar a ele exatamente o que ele quer e mais um pouco, então esperar

pelo momento certo para escapar.

Isso é tudo que eu tenho. Um momento. Eu sou uma lutadora. Eu sobrevivi até aqui, e eu sei que se eu jogar minhas cartas direito, eu posso encontrar minha liberdade na primeira oportunidade.

Syrens são seres sexuais por natureza. Eu sei da nossa reputação quando se trata do mundo e da vontade dos homens. Somos conhecidas por seduzir e destruir.

É como nós encantamos tantos homens para a água, como nós matamos tão bem.



Este padre não é como a maioria dos homens, pelo que sei. Ele fala sobre ser um bebedor de sangue e um monstro, e claramente, ele é ambos.

Mas eu vejo desejo nele.

É nisso que eu sou boa.

Ver o desejo e explorá-lo.

Ele não quer ceder a isso porque o assusta. É por isso que, sempre que nossos encontros oscilam para algo íntimo, ele entra em pânico. Eu vejo isso em seus olhos, dilacerados entre sua luxúria e sua necessidade de controle. É como se

ele pudesse me machucar o quanto quisesse, mas no momento em que ele realmente me deseja, é

quando ele pensa que é um passo longe demais.

É seu ponto fraco e exatamente o que eu preciso manipular para minha vantagem.

Seduzir, destruir, escapar.

Infelizmente para mim, o padre leva seu tempo para trabalhar em sua magia. É difícil saber que dia é aqui quando não há vislumbre do mundo exterior. Minutos, horas, dias? Um bom relógio interno é necessário quando você está vivendo nas profundezas do oceano, onde o sol e a luz não podem penetrar, mas aqui, tudo se mistura. Só sei que o tempo está passando pelo quão seco meu rabo está ficando e quão ressecado eu me sinto de dentro para fora, como se nenhuma quantidade de água pudesse me saciar.

O padre vai e vem, sempre tão sério, sempre com aquela linha permanente entre suas sobrancelhas escuras que se arqueiam sobre seus olhos. Às vezes, ele apenas joga um

balde de água em mim, transbordando com alguma raiva fervente. Outras vezes, ele demora, encharcando cada centímetro do meu rabo com um pano molhado.

Quando ele trabalha dessa forma, não consigo deixar de prender a respiração e observá-lo

. Seu toque é tão metódico, atencioso, até mesmo terno. Sinto como se estivesse tendo um vislumbre de sua humanidade, do homem por trás do monstro. É nesses momentos que quero fazer perguntas a ele sobre quem ele era antes. Ele disse que tinha outro nome do qual não se lembra, uma vida anterior quando ele era um homem mortal. Quero saber mais sobre ele.

Mas aprendi que fazer perguntas a ele funciona da mesma forma que ele me fazer perguntas. Isso o faz ficar quieto, então mantendo minha boca fechada e o deixo me tocar. Quando sinto vontade de colocar parte do meu plano em ação, afundo contra suas mãos, ou posso gemer um pouco, como se estivesse obtendo alguma perversão com isso.

Ele sempre para depois disso, mas quero ter certeza de que tenho esse poder sobre ele.

Quero que ele tenha medo de mim, sintia desejo e luxúria por mim.

Porque, eventualmente, ele terá que surtar.

Sei o suficiente sobre homens santos para saber que eles fazem votos, e farei tudo o que puder para fazê-lo rasgar seus votos em pedaços.

É meu único meio de escapar.

"Larimar?", ouço sua voz rica perguntar na escuridão.

Levanto minha cabeça e abro meus olhos para ver o contorno tênue de sua figura no preto. Eu nem o ouvi entrar.

Ele coloca um jarro na mesa e começa a acender velas, o brilho cintilante iluminando seu rosto. A escuridão se acumula sob suas sobrancelhas grossas e corta sob suas maçãs do rosto altas, fazendo-o parecer mais perigoso e sobrenatural do que o normal. Suas roupas pretas só aumentam o efeito de um homem composto de sombras.

Um homem da noite.

É sempre noite aqui.

Ele pega os espinhos que estavam na cruz e vem até mim, enfiando-os nos bolsos.

"No caso de algo dar errado esta noite", ele diz solenemente, "preciso tirar o máximo de sangue que puder."

Eu engulo em seco. "Você está planejando algo dar errado?"

Ele balança a cabeça levemente, mas a hesitação em seus olhos não inspira confiança. "A magia pode ser complicada. Às vezes, ela usa você tanto quanto você a usa." Ele faz uma pausa. "Há uma chance de você morrer no processo. Você ainda quer que eu faça isso?"

Minhas sobrancelhas se erguem. "Uma chance de eu morrer?" Eu repito.

"Eu te disse," ele diz pacientemente, "eu não fiz um feitiço dessa magnitude antes. Certamente não desde que me transformei. Não posso te dar nenhuma garantia. Você ainda quer prosseguir?"

Eu quero que ele fale sobre o que significa se transformar, mas acho que terei que guardar isso para depois do feitiço.

Se eu sobreviver.

Olho para o azul oceânico rodopiante dos seus olhos, mas não consigo ver meu futuro ali. Sei que ele não quer que eu morra; se eu morrer, ele também perde. Mas no final, minha vida não é muito para ele. Ele consumirá meu sangue até que eu não tenha nenhum para dar e seguir em frente.

Eu concordo. Cheguei até aqui. Não posso desistir agora. Devo isso às minhas irmãs.

"Então você já pensou no que vai me oferecer pelos meus serviços?"

Ele pergunta, virando as costas para mim enquanto vai até o jarro na mesa e o pega

"Achei que, seja lá o que eu pensasse, você teria uma ideia melhor."

"Você provavelmente está certo sobre isso", ele diz, olhando para o jarro em suas mãos. O quarto inferior está cheio de um líquido claro, e há algumas coisas flutuando nele, provavelmente minhas escamas e fios de cabelo que ele arrancou sem cerimônia da minha cabeça outro dia, junto com algumas ervas verdes. Então, ele pega os dois cálices de prata que ele usou para coletar e bebe meu sangue na primeira noite, colocando-os no chão diretamente sob meus pulsos.

Eu sei onde isso vai dar.

"Você pode simplesmente não me morder?" Eu pergunto, tentando manter o medo longe da minha voz.

O canto da boca dele se levanta. "Oh, eu vou. Não se preocupe."

Ele coloca o jarro sob um braço enquanto coloca um espeto contra meu pulso esquerdo e tira um martelo enferrujado do bolso, do tipo que eu costumava ver no estaleiro de Jorge.

Eu nem tenho tempo para me preparar.

Ele bate o espeto diretamente no meu pulso com uma explosão de dor que traz ácido para minha garganta, me fazendo gritar em pura agonia. Cinza pele se forma nos cantos da minha visão, e eu sinto que estou começando a deslizar.

"Eu pensei que você já estaria acostumado com a dor", ele comenta baixinho enquanto o sangue escorre do meu pulso para o cálice. "Talvez você esteja se tornando mais humano a cada segundo."

Ele cruza na minha frente e faz o mesmo com o outro pulso.

Desta vez, eu mordo minha língua até sangrar. Eu me lembro de Maren, como a bruxa do mar cortou sua língua. Talvez seja parte do acordo. O sangue escorre dos meus pulsos, e ele coloca o jarro embaixo, deixando algumas gotas caírem no conteúdo. Satisfeito, ele pega o jarro e o segura na minha frente.

"Preciso que você beba isso", ele diz simplesmente.
"Foda-se." Eu franzo a testa em meio à dor, incapaz de evitar choramingar.
O som do meu sangue batendo nos cálices ecoa.
Ele me encara pensativamente, e estou tentada a cuspir nele de novo, mas
ele só gostaria disso, especialmente com o gosto de sangue na minha boca.
"Antes de beber", ele diz, sua voz medida, "preciso que você concorde
com os termos do acordo. Farei o meu melhor para lhe dar pernas. No
processo, farei o que puder para manter seu sangue Syren intacto. Isso pode
significar que você terá seus dentes, suas garras e suas guelras. Pode não ser. É
um risco que estou disposta a correr, mas você deve me dar algo mais do que apenas
seu sangue."

"O quê?", pergunto com os dentes cerrados. Sinto como se estivesse ficando mais fraca
a
cada segundo.

"Você deve prometer pertencer a mim para sempre, corpo e alma."

Eu pisco para ele, a dor desaparecendo por um momento enquanto tento entender
seu significado.

"Corpo e alma?"

Seus olhos escurecem. "Você sempre será meu, Larimar. Você sempre
estará ligado a mim."

Isso é tudo que eu tenho que fazer? Eu posso dizer a ele que sempre serei dele, e ele
simplesmente
me dará o que eu quero? "Tudo bem", eu digo cautelosamente.

Ele me dá um sorrisinho cruel e dá um passo à frente, ainda
segurando o pote. "Eu não sou bobo, peixinho. Você pode pensar que pode me dizer o
que eu
quero ouvir, mas este feitiço vai te prender a ele. Não importa onde você vá, eu
te encontrarei. Eu te levarei de volta, pegarei o que é meu. Eu sei que você quer
escapar de qualquer maneira que puder, mas mesmo que você tenha sucesso um dia,
eu não vou parar por
nada para te caçar. Esta magia vai garantir que eu te encontre, não importa quanto
tempo leve. E acredite em mim, você não vai querer que eu te encontre."

Não digo nada sobre isso, apenas continuo respirando através da dor,
que está diminuindo lentamente. Por que ele me quer tanto? É só por causa
do meu sangue mágico? Ou ele realmente me quer? Meu corpo? Minha companhia?

"Além disso", ele continua com uma voz cortante, "este feitiço permanecerá
inteiramente sob minhas ordens. Se eu precisar transformá-la de volta em uma Syren,
cauda e
tudo, tudo o que preciso fazer é mergulhar você no oceano. A água salgada reverterá
a magia. Posso tirar tudo tão facilmente quanto posso dar." Ele espera um momento,
longos cílios piscando enquanto seus olhos examinam minhas feições. "Bem? Você
aceita esta
barganha?"

"Eu tenho escolha?"

Seus olhos dançam com isso. "Não se subestime, peixinho. Você sabe que sempre tem uma escolha, mesmo que pareça que não tem."

Eu exalo o mais forte que posso. Mesmo que eu tenha me acostumado a ser amarrado à cruz com meu rabo me apoiando por baixo, ainda é desafiador respirar direito.

Embora eu suponha que não terei que me preocupar com meu rabo por muito mais tempo. Eu

só espero que meus pés toquem o chão.

Pés. Ao pensar em ter pés, meu coração começa a disparar. Eu estaria mentindo se dissesse que procurar Maren era minha única razão para querer pernas. A verdade é que eu quero saber como é viver neste mundo. Maren era fascinada pela terra dos humanos desde jovem, mas eu mantive minha curiosidade para mim. Eu finge que não tinha interesse para mim, embora, secretamente, eu

desejasse ser algo diferente de uma Syren.

E agora, nas piores circunstâncias possíveis, meu desejo está prestes a se tornar realidade.

"Eu aceito", digo a ele.

"Boa menina", ele diz, seu rosto impassível enquanto ele traz a borda do jarro aos meus lábios. "Agora, beba."

Abro minha boca, e ele despeja a mistura vil dentro.

"Caudam capio et tibi pedes dabo", ele canta em voz baixa, em uma língua que não entendo. Calafrios percorrem meu corpo enquanto ele continua.

"Vocem capio et servitutem tibi trado."

Mas quando começo a engolir, ele agarra o topo do meu cabelo, fechando o punho, e então afunda os dentes na minha jugular.

Tento gritar, mas engasgo com o líquido, me forçando a engolir o resto.

O padre continua sugando, sugando meu sangue para sua boca em goles gananciosos, e aquela sensação vertiginosa de antes está de volta. Estou sangrando dos meus dois pulsos, e ele está se alimentando do meu pescoço — estou perdendo muito sangue de uma vez.

"Padre!", tento gritar, mas não consigo. A palavra só sai como um sussurro.

Em vez disso, tento gritar, aquele som horrível que só Syrens conseguem produzir para atordoar suas presas, mas embora eu sinta minha garganta vibrar com o esforço, apenas um

sussurro áspero emerge.

O que você fez comigo?

Mas então sinto um aperto em volta do meu corpo, me apertando por todo o corpo como uma corda, mas de dentro para fora, e percebo que está apenas começando.

Um estalo alto de repente enche a sala, uma explosão de luz brilhante, e é como se um raio tivesse explodido e me atingido bem no meu âmago.

Eu grito e grito, mais sussurros irregulares, e parece que minha cauda está sendo dividida em duas, queimada no meio e partida. Posso sentir meus ossos quebrando, meus músculos se separando, antes de se fundirem novamente. Minhas escamas tremem e então afundam em meu corpo como um milhão de agulhas. Meu sangue parece estar fervendo dentro de minhas veias.

Em algum momento, Priest solta meu cabelo, solta suas presas e dá um passo para trás. Eu me contorço na cruz, gritando, gemendo, tentando escapar da dor da parte inferior do meu corpo, e então...

Eu ouço Priest prender a respiração.

Consigo abrir meus olhos, com muito medo de ver o que aconteceu comigo. Ele encontra meu olhar.

Espero ver violência e excitação neles.

Em vez disso, há luxúria.

Suas pupilas são piscinas escuras de desejo.

Olho para o meu corpo e suspiro.

Minha cauda se foi. Abaixo da cintura, tenho um par de pernas — pálidas, como o resto do meu corpo, sem pelos, joelhos, tornozelos, pés, dedos. Todas queimam como se estivessem em chamas, mas pelo menos a dor está latente.

"Funcionou", Priest diz com voz grossa, seu olhar entre minhas pernas, bem na minha nova feminilidade. É isso que está impulsionando a luxúria nele, uma mulher nua na frente dele.

Uso isso a meu favor.

Estou na ponta dos pés — dedos dos pés! — com alavancagem suficiente para manter a pressão longe dos meus ombros e braços, mas decido que a dor vale a aposta. Levanto lentamente as duas pernas, esticando-as. Meus ombros puxam para frente, e meus pulmões são espremidos pela pressão, mas observo os olhos de Priest enquanto abro minhas novas coxas para ele, enquanto mostro minhas partes mais pecaminosas.

Ele está praticamente lambendo os lábios.

"Toque-me," eu sussurro para ele.

Ele pisca e dá um passo para trás, finalmente encontrando meus olhos. "Perdão?"

"Eu quero saber se eu posso sentir. Eu quero saber como é a sensação da minha pele. Toque-me."

Eu estendo uma perna, apontando meus dedos para ele provocativamente, esfregando-os no músculo duro de sua coxa, para cima, para cima, para cima. Apesar de suas roupas pretas, eu já posso ver que ele está duro.

Ele engole em seco, e eu o vejo tentando pensar, tentando usar a lógica.
"Segure meu pé", eu digo a ele, dando a ele um ponto de partida.
Ele lentamente se abaixa e pega meu pé em sua mão antes que eu possa
esfregar contra sua ereção empurrando contra a frente de suas calças. Seus dedos
são fortes e duros, sua palma surpreendentemente quente. Eu não percebi o quanto bom
era ter seus pés segurados. Nossas caudas são tão duras e escamosas que não
sentimos
muito de nada.

Cuidadosamente, ele agarra minha panturrilha com a outra mão e dá um aperto suave
, apoiando-a e aliviando um pouco da pressão em meus ombros.

Então, enquanto seus olhos estão fixos nos meus, ele levanta meu pé até sua boca,
meu joelho dobrando.

Minha respiração acelera, imaginando o que ele está prestes a fazer.

Ele pressiona meu dedão do pé contra seus lábios.

Por favor, não me diga que ele está prestes a comer meus dedos antes que eu tenha a
chance de
apreciá-los.

Mas quando ele abre a boca, ele chupa meu dedo do pé gentilmente. Seus dentes não
aparecem.

Meus olhos se fecham, a cabeça para trás contra a madeira, porque eu nunca
senti nada assim antes. Isso é normal para humanos? Chupar dedo do pé? Ou é
porque cada parte de mim é nova em folha?

"Isso é bom?" ele murmura enquanto puxa meu dedo do pé para fora de sua boca,
acariciando-o com sua língua enquanto ele continua me encarando atentamente.

Eu aceno, deixando escapar um gemido sem fôlego. É bom, especialmente quando eu
começo a imaginar como essa língua pode ser em outras partes de mim. Ainda assim,
eu

estou exagerando, porque eu sei que quanto mais excitada eu pareço, mais ele
vai querer explorar o resto de mim.

E mais eu posso explorar suas fraquezas.

Seu olhar cai para minha boca, então para meus seios, meus mamilos endurecendo
pelo roçar de sua língua, então para minha barriga e as sombras entre minhas
coxas. Suas narinas se dilatam, e eu percebo que ele está me cheirando. Um músculo
se contrai

em sua mandíbula, suas pupilas se expandem até seus olhos parecerem pretos.

Ele começa a passar a língua sobre o topo do meu pé agora, suas mãos
trabalhando seu caminho para baixo na minha panturrilha, o ponto
surpreendentemente sensível sob meu
joelho, descendo pelas minhas coxas.

Então ele abaixa minha perna de volta, parecendo hesitar, mas eu aproveito a
oportunidade para envolver minhas pernas em volta de sua cintura. Isso está me
mantendo apoiada
e ele fechado.

Uma armadilha.
Seu olhar cai entre minhas pernas, e ele inala bruscamente novamente.
"Por favor," eu sussurro para ele. "Toque-me ali. Eu preciso saber se eu posso sentir."
Ele franze a testa, mas é um olhar de total desamparo.
Eu mordo meu lábio, mas estou realmente mordendo meu sorriso.
Eu posso ser a única pregada em uma cruz, mas finalmente estou no controle.
OceanofPDF.com



L

Capítulo Nove

PADRE

as palavras de arimar ecoam na minha cabeça.

Toque-me.

Toque-me ali.

E não há dúvidas sobre o que ela quer dizer.

Suas pernas flexíveis e surpreendentemente fortes estão enroladas na minha cintura,
seus

calcanhares tocando a parte inferior das minhas costas, e diretamente na frente do
meu

pau endurecido está sua boceta. Pequena, molhada, tão perfeitamente rosa.

Acho que posso explodir em chamas. A condenação está vindo para mim de uma só
 pena.

Parte de mim está soando o alarme, me dizendo para sair dali. O
feitiço funcionou, e ela é humana. Eu dei a ela o que ela queria; ela não
merece mais nada.

Mas eu quero tocá-la.

Acho que posso morrer se não fizer isso.

Não por ela, mas por mim.

Porque mal me lembro de como era explorar o corpo de uma mulher.

Porque já faz séculos desde que fiz meus votos.

Porque eu quero, anseio, preciso senti-la por dentro. Quero tocar,
chupar, provar essa boceta nova e madura.

Aragon, você está se tornando um animal, diz a vozinha na minha cabeça.

Pise com cuidado, ou você pode continuar sendo um animal.

Mas por que eu deveria negar a mim mesmo o que eu realmente sou?

Oh, estou realmente negociando comigo mesma agora.

"Por favor", ela diz novamente em outro gemido áspero e sussurrado. Com o feitiço, tirei sua capacidade de gritar ou levantar a voz, então ela sempre ficará presa sussurrando, mas esses sons ofegantes são como um raio para meu pau.

Foda-se.

Com um grunhido, corro minha mão pela maciez macia de sua coxa interna, tão pálida, tão perfeita, até que meus dedos roçam sua boceta nua, quente e suave como veludo.

Cristo, eu juro, embora ele não possa me ajudar agora.

Ninguém pode.

Ela prende a respiração e me encara de tal forma que sinto como se estivesse caindo em uma toca de coelho. E eu pensei que sugadores de sangue fossem os únicos

que poderiam compelir. Mas, novamente, ela é uma Syren. É por isso que eles são conhecidos.

E neste momento, eu não me importo.

Deslizo minha mão para cima até meus dedos a encontrarem onde ela está quente e molhada,

tão molhada, e temo que meu pau possa romper minhas calças.

Ela gême, sua cabeça rolando para trás, sua boca aberta, e eu me sinto como um homem faminto em um banquete, faminto e selvagem e sem saber por onde começar.

Eu

quero lamber o sangue que ainda escorre das feridas de perfuração que deixei em seu pescoço. Eu quero beijar aquela boca quente e molhada. Eu quero tirar meu pau e empurrá-lo para dentro dela até que o ar saia de seus pulmões, outra maneira de pregá-la nesta cruz.

Seus votos, eu me lembro. Lembre-se de seus votos, Pai.

Eu resmungo em frustração e então enfilo dois dedos dentro dela.

Ela engasga, olhando para mim com os olhos arregalados enquanto eu começo a bombear minha mão,

deixando-a me cobrir. Meu polegar desliza para seu clitóris, já inchado de necessidade, e eu não consigo evitar gemer, a sensação de sua pele acetinada, lisa e escorregadia o suficiente para me fazer perder a cabeça.

"Você consegue sentir isso?", murmuro, inclinando-me para lamber a lateral de seu pescoço,

sentindo seu suor e sangue.

"Sim", ela grita suavemente. "Não pare, por favor."

A palavra por favor me faz gozar. O suave pedido. Meu Deus, tudo o que eu quero é que

ela me implore pelo resto da minha vida.

"Você quer que eu faça você gozar?", pergunto, minha voz rouca e crua enquanto eu chupo a pele macia abaixo de sua orelha enquanto continuo a trabalhar meus dedos e

fora dela, adicionando outra, sentindo-a escorrer pela minha mão. "Você quer saber como é isso com essa sua nova boceta?"

Ela solta um gemido, e eu deslizo meu polegar com mais força ao redor do clitóris dela.

Deus, ela é perfeita.

Ela é tão perfeita.

"Oh!" Ela engasga, e eu posso sentir seu corpo apertar como um nó, sentir seu desejo atingir o limite.

Então, suas pernas apertam em volta de mim, sua respiração fica presa na garganta, e ela dispara como tiros de canhão. Seus olhos reviram em sua cabeça, peito roçando contra o meu, costas arqueadas como se uma mulher estivesse possuída. Ela aperta meus

dedos enquanto goza, empinando contra minha mão como um cavalo selvagem, seu torso

apertando a cada giro.

Acho que nunca vi algo tão celestial antes.

Ela é um anjo.

Ela é um demônio.

Ela será minha ruína.

Enquanto seus gemidos ofegantes enchem o ar, eu me inclino e chupo seu pescoço, lambendo os fios de sangue que deixei antes. Para minha alegria, o sangue fresco que sai dela tem o mesmo gosto de antes, criando uma tempestade elétrica dentro das minhas costelas.

Ela não perdeu seu poder; ela ainda tem o sangue de uma Syren.

Eu me afasto, lambendo meus lábios, e tiro seu cabelo do ombro. Há linhas tênues de onde suas guelras costumavam estar, três cicatrizes rosadas.

Ela é humana agora, e ela ainda pode me dar tudo que eu preciso.

Por enquanto.

Por eternidade.

Preso por magia, preso por sangue.

Eu me endireito, removendo meus dedos de entre suas pernas. Enquanto ela olha para mim com olhos atordoados e saciados, eu deslizo meus dedos sobre minha língua,

certificando-me de que ela possa ver o quanto eu gosto de cada centímetro dela. Ela é deliciosa por dentro e por fora, e meu pau lateja furiosamente, implorando para finalmente

gozar, mas agora que ela está ofegante, suas pernas ficando moles contra mim, eu tenho

um momento para pensar, para ganhar clareza.

Ela quer que eu perca o foco. Se eu transar com ela, não só estou jogando fora meus votos, mas estou um passo mais perto de perder o controle tanto do monstro quanto

do homem. Eu tenho que me segurar em algo.



"Qual é o meu gosto?" ela sussurra, seu olhar focado na minha boca.
Eu levanto minha sobrancelha para sua ousadia. Por outro lado, eu não deveria estar tão surpreso.
Ela pode ter uma boceta humana, mas ainda é uma Syren por baixo.
"Como os mares", eu digo a ela, chupando o resto dela dos meus dedos. "Como águas desconhecidas."
E eu sou o primeiro a descobri-las.
O som de sangue espirrando no cálice atrai meu olhar. Seu sangue da cruz diminuiu, mas os copos estão cheios, e eu não posso me dar ao luxo de deixá-la sangrar mais.
Eu desenganco suas pernas ao meu redor e vou para minha mesa, meu pau doendo enquanto pego o maço de sálvia. Eu o acendo brevemente em uma chama antes de apagá-lo. Eu começo a arrancar os espinhos dos pulsos ensanguentados dela, um de cada vez, a dor fazendo sua voz ficar presa na garganta, e eu rapidamente pressiono as ervas queimando contra as feridas abertas. Murmuro meu feitiço repetidamente até que as feridas comecem a cicatrizar.
Ela olha para mim com olhos grandes. "Você pode me decepcionar também?"
Eu vejo o que está acontecendo. Ela acha que, porque eu a fiz gozar, estou prestes a ficar doce com ela.
Eu sorrio. "Eu já te dei êxtase com meus dedos. Não fique ganancioso, peixinho."
Então, eu me viro e caminho até a porta, deixando-a nua na cruz.
Não planejo ficar fora por muito tempo. Eu sei que ela pode ficar na ponta dos pés para se sustentar, mas logo, ela estará muito exausta. Ela tem que saber que está à minha mercê, que eu não estou à dela, e ainda assim não quero sair do meu caminho para ser cruel.
Não, a menos que ela mereça.
Então, eu me esgueiro pela noite e sigo para o norte. Está frio, o cheiro de geada no ar, e o vento é apenas um sussurro. Ouço sons no mato, animais correndo para longe enquanto corro pela floresta atrofiada. Eu me movo rápido, um borrão a olho nu, indo em direção à cidade de Ciudad del Rey Don Felipe.

general e sua esposa moram lá, e ela usa vestidos finos que parecem que caberiam em Larimar.

Hoje à noite, eu sou um ladrão.

A cidade está tranquila, com apenas algumas vozes balbuciantes vindas de um pub no final da estrada lamacenta. Eu fiz uma visita domiciliar na casa do general quando sua mãe idosa estava em seu leito de morte, então eu sei como me virar na casa.

Eu subo na lateral e olho pela janela. O general e sua esposa estão dormindo na cama, e embora sua casa ainda seja pequena em comparação com

uma que eles teriam na Espanha, eu sei que ela tem um provador para seus vestidos.

A verdade é que eu não estou roubando roupas para que Larimar possa se sentir mais confortável.

É para que eu possa ficar mais confortável. Seus seios estavam sempre à mostra, mas agora que eu vou ver aquela boceta rosa dela toda vez que eu entrar no quarto dos fundos,

temo que não serei capaz de funcionar. Se eu acabar deixando-a descer da cruz, isso vai piorar ainda mais as coisas.

Eu entro pela janela do quarto ao lado e encontro seu guarda-roupa. Faço o meu melhor para levar o que uma mulher usaria: roupas de linho para dormir e por baixo, espartilho de barbatana de baleia, uma anágua, três espartilhos

com vestidos combinando, além de um par de meias e botas. Pego uma capa de lã com capuz, pendurando-a no topo da minha cabeça antes de voltar pela janela e entrar na escuridão novamente.

Se alguém me vir correndo pela cidade e de volta para a floresta com uma pilha de roupas femininas nas mãos, deve ser uma visão e tanto.

Quando volto para a igreja, apenas algumas horas se passaram, mas Larimar parece tão petulante quanto quando a deixei, embora haja uma estranha presunção em seus olhos. Não que eu olhe para seus olhos por muito tempo — é difícil mantê-los

focados quando ela está tão terrivelmente, lindamente nua.

Coloco a pilha de roupas na mesa e caminho em sua direção, parando quando percebo a causa daquele olhar altivo.

Ela derrubou os dois cálices, seu sangue derramou em ambas as direções.

Bem feito para mim por não removê-los imediatamente.

"Suponho que você esteja orgulhosa de si mesma", comento, pegando uma xícara do chão. Se eu fosse mais animal, ficaria de joelhos e lamberia o sangue, mas não vou suplicar na frente dela assim.

Resmungo para mim mesmo e vou para o outro cálice quando ela de repente me chuta no rosto, meus dentes batendo.

"Porra!", grito, segurando meu queixo. Isso realmente doeu. Se eu fosse humano, isso deixaria um hematoma.

Eu a encaro, desejando que a raiva dentro de mim aumente para que eu possa atacá-la.

No entanto, não consigo deixar de ficar impressionado, talvez um pouco excitado. Não ajuda que ela ainda esteja tão incrivelmente nua.

"Você se sente melhor agora?", pergunto suavemente, mexendo meu queixo. Ela tem um chute e tanto.

"Um pouco", ela diz. "Eu estava esperando para ver seu rosto quando você viu que eu derramei todo o seu sangue, e não fiquei desapontado."

"Cuidado", aviso, guardando os cálices. "Quanto mais você derramar, mais eu terei que tomar." Felizmente, eu me enchi de qualquer maneira, e agora que eu

sei que ela ainda tem sangue Syren, não preciso estocar.

"Por que eu mal consigo falar?", ela pergunta enquanto começo a vasculhar suas roupas roubadas.

"Porque eu tirei sua habilidade de gritar ou berrar," eu explico. As mulheres sempre usaram tantas camadas que é difícil saber por onde começar.

Ela solta um pequeno grito de desespero, e eu pego um dos vestidos, este um cinza azulado escuro, e vou até ela, segurando-o até seus ombros para ver se ele vai, de fato, servir.

"Você tirou minha voz?" ela sussurra.

"A força dela," eu digo a ela. O vestido faz seus olhos parecerem mais fortes e vibrantes. "Eu não vou deixar você gritar por ajuda agora que você pode se passar por humana. Melhor do que a corrente na sua boca, não você concorda?"

Ela faz um barulho descontente. "Para que servem as roupas?"

Eu dou a ela um olhar firme. "Para você usar, obviamente."

"Por quê?"

"Por modéstia."

Ela bufa. "Eu estive nua esse tempo todo. Por que começar agora?"

Eu limpo minha garganta e volto para a mesa para reunir o resto dos itens que vão com ela. "As coisas são diferentes agora. Você era um animal. Agora, você é um humano."

"E você tinha apenas seus dedos dentro de mim," ela aponta.

Meu pau se contrai, e eu rosno levemente em resposta.

Um momento se passa.

"Você tem vergonha do meu corpo?" ela pergunta, mais calma agora.

Eu olho para ela por cima do meu ombro, intrigada. "Por que você diria isso?"

Sua expressão se torna vulnerável, seus olhos suaves, lábios praticamente fazendo beicinho.

É como uma facada no peito.

"Eu não sei", ela diz, olhando para suas pernas. "Eu não sei se a minha é normal ou não. Parece normal, mas... você trouxe essas roupas para me cobrir, como se não quisesse olhar para mim."

Deus me ajude.

Eu vou até ela e coloco minha mão em seu rosto, fazendo-a olhar para mim.

Suas bochechas parecem tão pequenas e quentes contra minha palma.

"Eu sou um homem do clero", eu digo, abaixando minha voz agora que meu rosto está tão perto do dela. "Eu sei que não sou particularmente bom, mas estou tentando o meu melhor. Posso fazer coisas que parecem blasfêmias, e talvez sejam, mas

eu não vou jogar fora meus votos por você. Seu corpo, este lindo, corpo perfeito, é uma distração. É uma estrada para o Inferno, mais reta do que qualquer outra que eu já tenha percorrido."

"Mas você..." Ela para de falar.

"Sim. Eu sou um bebedor de sangue. Eu faço coisas ruins, coisas que fariam sua pele arrepiar. Eu sou um homem e nunca vou me livrar do meu monstro. Mas estou tentando

deixar meu passado para trás, e ainda preciso beber sangue para sobreviver. Eu faço o que posso para fazer as pazes com isso. Mas isso... você..."

"Toque-me novamente," ela sussurra, batendo seus longos cílios. "Se eu sou bonita, então me toque novamente."

Eu balanço minha cabeça. Se eu tocá-la novamente onde ela quer ser tocada, eu vou acabar transando com ela nesta cruz, pura e simplesmente.

"Eu vou te derrubar, e então vou te vestir," eu digo a ela, alcançando as cordas. "Isso é o máximo que eu posso fazer."

"Mas você já quebrou seus votos me fazendo ter um orgasmo, não é?" ela pergunta. Dou um sorriso irônico. "Não exatamente. O diabo está nos detalhes."

De repente, puxo a corda solta da madeira, e ela grita, metade dela caindo para frente. Eu rapidamente alcanço seu braço livre para apoiá-la antes de desfazer a outra corda até que ambos os braços estejam livres.

Ela solta um gemido profundo, e eu sei que se eu não tivesse tirado sua voz, ela estaria gritando.

Ela cai direto em meus braços, e eu os envolvo em volta dela, segurando ela firmemente, mas não forte o suficiente para causar mais dor. Eu posso sentir o cheiro do cabelo dela, aquele cheiro de limão açucarado e água salgada fazendo algo tolo ao meu coração, e o fato de que eu estou realmente segurando ela — nua — é estonteante.

"Seus ombros estão deslocados", digo a ela. "Eles levarão um tempo para curar." Tento puxá-la para longe da cruz, mas ela tropeça de joelhos, choramingando em agonia. "Levará um tempo para você aprender a andar também", digo, abaixando-me para pegá-la em meus braços. Lembro-me de algumas semanas atrás, quando a tirei do oceano e a carreguei para a igreja. Parece que muita coisa mudou desde então, e ainda assim não consigo esquecer por que ela está aqui em primeiro lugar.

Ela é meu sustento.

Ela é minha refeição.

E se eu estivesse de volta naquele oceano com ela, não tenho dúvidas de que seria dela.

Coloco-a na cadeira perto da mesa, posicionando-a de forma que ela fique ereta. Seus braços pendem indefesos ao lado do corpo; ela não conseguirá usá-los por algum tempo.

"Normalmente, eu sugeriria tomar banho antes de se vestir", digo a ela.

"Afinal, limpeza é algo divino. Mas eu já te dei tantos banhos que acho que você vai ficar bem."

Ela não diz nada sobre isso, apenas fica sentada ali parecendo miserável.

Pego uma das camisolas de linho. "Uma dessas é para usar à noite quando você for dormir, a outra por baixo do seu vestido." Eu levanto seus braços flácidos e consigo colocar a camisola nela, puxando-a para baixo sobre seus seios. O tecido é fino o suficiente para que eu ainda consiga ver o contorno tênué de seus mamilos enquanto eles aparecem.

Eu resmungo com a visão e então rapidamente agarro seu espartilho para cobri-la mais.

"Por que você está me dando mais roupas?" ela pergunta, um som lamentável em sua voz enquanto ela tenta se afastar de mim. "Isso não é o suficiente? Não é como se eu fosse sair deste quarto."

Eu paro, considerando isso. Estou tão acostumado a nunca dormir que não me passou pela cabeça que ela poderia estar cansada, então colocar todas essas camadas pode não ser necessário.

Coloco o espartilho de volta com o resto das roupas e me inclino contra a mesa, estudando-a. "Talvez um dia, você tenha permissão para sair para o mundo comigo ao seu lado. Talvez um dia, você não queira sair daqui."

Seu olhar endurece. "Eu morreria antes de querer isso."

Meu sorriso é amargo em troca. "Eu sei que você faria." Eu me endireito. "Eu deveria fazer uma cama para você. Acho que se eu puxar dois dos bancos de trás e —" "O chão está bom", ela diz bruscamente. "Só vá. Eu gostaria de ficar sozinha." Eu considero isso por um momento. "Tudo bem", eu digo, pegando os vestidos e anáguas e jogando-os no chão ao lado dela. "Essa pode ser sua cama, então, já que você não quer usá-los."

Ela revira os olhos. "Você está agindo como uma criança, chateada porque eu não estou apreciando seu gesto."

"Eu disse a você, as roupas são para meu benefício, não seu", eu digo a ela. Então eu me abeam e a agarro pela cintura, puxando-a para fora da cadeira e colocando-a rudemente na pilha. "Pronto."

Eu a encaro, parecendo tão desamparada naquela mudança, com seus braços sem vida e pernas destreinadas, mas estou aprendendo a não levar nada ao pé da letra quando se trata dela. Não tenho dúvidas de que ela está com dor, que ela realmente está

impotente por enquanto, mas ela ainda é uma oportunista de cabo a rabo.

Não posso correr riscos.

Pego as cordas da cruz e caminho de volta até ela.

"O que você está fazendo?", ela sussurra, pânico em sua voz.

Agarro seus tornozelos e rapidamente os amarro, então agarro seus braços e os puxo para trás das costas, forçando-a de bruços no monte de roupas.

"Você ainda tem sangue Syren", digo a ela, prendendo a corda em seus pulsos. "Isso pode significar que você ainda tem a força de uma Syren. Não posso me dar ao luxo de perder você neste estágio do jogo."

Eu me levanto e olho para ela. Sua camisola levantou, expondo parte de seu bumbum cheio e redondo. Preciso de toda a minha convicção para não me curvar e cravar meus dentes nele.

"Se a dor ficar muito forte, fique à vontade para tomar um pouco de vinho.

Aproveite seu tempo sozinha", acrescento, embora eu estremeça ao som da minha voz.

Em

toda a minha longa e histórica vida, nunca ouvi tanta petulância nela.

Estou realmente agindo como uma criança.

O que significa que ela realmente está me irritando.

OceanofPDF.com



P

Capítulo Dez

LARIMAR

ain me tira de um sono sem sonhos, da escuridão para a luz
de velas moribundas. Cada parte do meu corpo dói; meus braços ficam dormentes
quando

não estão pegando fogo, e minhas pernas doem de dentro para fora. Até minha boceta
está dolorida de onde Priest trabalhou seus dedos com força. Não que tenha doído na
hora — na hora, eu só senti uma espécie de felicidade gananciosa — mas acho que
estou

me acostumando a ter uma anatomia totalmente nova.

Não ajuda que eu tenha sido jogado em uma pilha sem cerimônia em cima
dessas roupas, meus tornozelos e pulsos amarrados. Ele disse que eu poderia
beber vinho se quisesse aliviar a dor, mas chegar aos barris não seria
uma tarefa fácil.

Então, novamente, o que mais eu tenho que fazer?

Com um gemido, eu lentamente me sento, a sala girando levemente. Meus braços
eram

inúteis mesmo antes de ele amarrá-los nas minhas costas, mas terei que fazer o que
posso. Eu me inclino para trás, não acostumada a ter uma almofada tão macia e
natural

também — caudas nunca tiveram muita gordura. Começo a mover minhas pernas em
uníssono

então isso está me puxando para frente no chão. Priest pode ter pensado que estava
me imobilizando ao amarrar minhas pernas, mas era assim que meu corpo
funcionava até recentemente.

Eu me movo em direção aos barris, fingindo que ainda tenho uma cauda, então uso
meus pés

para empurrar um para fora da pilha. Ele quica no chão, mas a madeira não
quebra. Uso meus dedos para virá-lo de lado e então removo a rolha exatamente como
eu
tinha visto Priest fazer.



Líquido vermelho derrama no chão de madeira, e eu cheiro o ar, certificando-me de que é vinho e não meu próprio sangue — ou o sangue de qualquer outra pessoa. Então, eu me deito

ao lado dele, o vinho espirrando no meu rosto enquanto coloco meus lábios sobre o bico.

Eu chupo o barril até secar. Talvez o vinho tenha um gosto melhor quando você é humano.

Certamente é melhor. Não demora muito para eu desmaiar, de volta àquele sono sem sonhos novamente. Eu sei que deveria estar fazendo planos agora que tenho um corpo humano, agora que tenho uma chance de sobrevivência neste mundo quando eu escapar.

Mas meus pensamentos logo desaparecem.

"Larimar?"

Eu ouço uma voz distante.

"Larimar?" a voz diz novamente, mais alto agora.

Eu sinto uma batida na lateral do meu rosto.

Eu só consigo sorrir. Isso deve ser um sonho. Um homem veio me salvar.

"Você está bêbado", diz a voz. "Vamos."

A batida fica forte.

Sinto uma pontada de dor de um tapa, mas não é o suficiente para...

Ai!

Algo perfura a pele do meu pescoço.

Meus olhos se abrem e tudo o que vejo é um cabelo preto longo e grosso enquanto Priest enterra

suas presas em mim. Tento gritar, mas em vez disso, é aquela sensação horrível de ter o grito morrendo dentro de você. Nada sai além de suspiros crus e irregulares.

Priest levanta a cabeça e olha para mim através de seus cílios escuros, diversão dançando em seus olhos, um rastro de sangue escorrendo do canto de sua boca.

Que criatura linda e maligna ele é.

"Estou apenas te vingando por derramar meu sangue", ele diz em voz baixa.

"Ou devo dizer, seu sangue." Ele estende a mão e tira uma mecha de cabelo do meu rosto. Não consigo deixar de estremecer com o gesto. "Além disso, posso ver que

você bebeu vinho. Trouxe um pouco de comida para ajudar com isso."

Pisco enquanto ele agarra meus ombros e me puxa para cima até que eu esteja sentada com minhas pernas dobradas para o lado. Só então percebo que ele está segurando um prato de madeira com algumas fatias de pão manchadas com algo brilhante e amarelo. Ele o abaixa e começa a desamarra minhas mãos.
"Prometa que vai se comportar e pode comer alguma coisa."
Concordo ansiosamente enquanto ele desamarra a corda. Meus pulsos doem por terem sido presos por tanto tempo.

"Aqui", ele diz, entregando o prato para mim. "Vai fazer você se sentir melhor. Você não deve beber vinho com o estômago vazio."
"Meu estômago não está vazio", consigo dizer enquanto pego o prato dele, minhas mãos tremendo, os músculos fracos. "A última coisa que comi foi sua mão." Um fantasma de sorriso surge em seus lábios. É raro vê-lo sorrir — por outro lado, nunca houve muito motivo para sorrir — mas quando ele sorri, mesmo que seja só um indício, ilumina todo o seu rosto, como se, naquele momento, ele não fosse mais um homem de sombras.
Você não deveria querer que ele sorrisse para você, digo a mim mesma e trago meu olhar para o pão. Isso significa apenas que ele quer comer você.
"Você já comeu comida humana antes?" ele pergunta, e para minha surpresa, ele se senta na minha frente no chão. "Você já comeu pão?"
Eu aceno. "Jorge às vezes me trazia restos do jantar, embora eu frequentemente compartilhasse com seu cachorro."

"Então, me diga: quem era esse Jorge?" ele pergunta. Ele está tentando soar casual, mas há uma tensão em sua voz.

É possível que ele esteja com ciúmes? Devo mentir?

Talvez um pouco.

"Jorge era alguém com quem fiz amizade", digo cautelosamente. "Um humano. Ele trabalhava no estaleiro do pai em um lugar chamado Acapulco. Ele disse que pertencia à Nova Espanha. Este lugar também pertence à Nova Espanha?" Eu gesticulo para a sala com o prato.

Priest concorda. "Estamos no Chile, mas é parte do mesmo império. É engraçado; você nunca perguntou onde está."

"Talvez nunca tenha sido importante até agora."

Talvez eu nunca tenha tido esperança de escapar até agora.

"Então, esse Jorge, ele te ensinou a falar?"

Eu concordo. "Ele ensinou. Nós nos encontrávamos todas as noites depois do jantar dele. Ele e sua família moravam em um dos grandes navios. Nós nos encontrávamos no final de uma das docas, fora da vista, ficávamos acordados a maior parte da noite juntos por um ano, no

no mínimo. Ele me ensinou tudo o que podia sobre a humanidade e a natureza humana.

Ele aperta o maxilar levemente. Ah, ele parece mesmo com ciúmes.

“Esse Jorge acabou sendo seu primeiro...”

“Amor?”, pergunto antes de sorrir. “Não. Jorge tinha dez anos. A única razão pela qual eu estava falando com ele era porque eu...”

Eu paro e mordisco a crosta dura do pão. Não estou com vontade de falar sobre Maren agora. Se eu falar, ele vai saber por que eu queria pernas.

“Você...”

Eu balanço a cabeça. “Eu estava curioso. Só isso.” Eu gesticulo para o prato.

“O que é essa mancha amarela?”, pergunto, olhando para ela.

“Manteiga”, ele explica. “Tem uma senhora na vila que sempre me traz pão nas sextas-feiras, e ela coloca sal e algas secas na manteiga. Achei que você poderia gostar disso.”

Interessante que ele me trouxe algo que eu poderia gostar.

“É muito gentil da parte dela trazer isso para você.”

“As pessoas costumam ser gentis com o padre da aldeia”, ele diz. “Eles acham que fazem isso pela bondade de seus próprios corações, mas é para que possam ganhar o favor de Deus. No final, eu ganho presentes.”

Pego o pedaço de pão e mordo a ponta, mastigando pensativamente por um momento. A manteiga é boa — tem gosto de mar — mas o pão de Jorge era melhor.

“Você pode comer isso? Ou você só pode ter sangue?”

“Eu posso comer comida. Há algumas coisas nesta aldeia que ainda considero apetitosas, mas não me sustentam como o sangue.”

“E nenhum dos aldeões sabe a verdade sobre você?”, pergunto.

Ele balança a cabeça levemente. “Acho que alguns soldados suspeitam já que não são tão devotos. Os aldeões sabem que sou diferente, que não sou como eles no fundo, mas eles fazem parecer que sou um mensageiro do divino. Eles podem desculpar, dar sentido a isso, porque Deus está envolvido.”

“Mas como você consegue? O que... quem você... consumiu antes de eu aparecer?”

Algo como vergonha toma conta de suas feições, e ele desvia o olhar, seus olhos indo para a cruz. “Eu nem sempre estive sozinho aqui. Eu tinha um amigo, Abe. Meu amigo mais antigo. Ele me salvou de mim mesmo, me trouxe aqui para que eu pudesse aprender a ser humano fora do monastério, para que eu pudesse me esconder daqueles

partes pecaminosas de mim mesmo. Ele era minha bússola moral, e ele matou outros para que eu não precisasse. Ele nunca teve que se preocupar em perder o controle."

"Quando ele foi embora?"

"Mais de um mês atrás," ele diz em voz baixa. Ele suspira suavemente. "Ele ficaria muito decepcionado comigo se soubesse o que eu estava fazendo."

"E o que você está fazendo?"

Ele olha para mim pelo canto do olho. "Mantendo uma mulher como gado."

Eu engulo em seco, desconfortável. É isso que eu sou, não é? Primeiro, ele me viu como um

animal, uma criatura, e agora, mesmo com pernas, sua visão de mim não mudou.

"O que Abe diria para você fazer?" Eu pergunto, tentando apelar para essa bússola moral que Priest perdeu de vista. Ele diria para você me deixar ir? Eu penso esperançosamente.

"Abe me diria para te matar," ele diz claramente. "Infelizmente, ele não é de sentimentos. Ele é um médico. Ele me diria para matá-lo e acabar com isso, então continuar a caçar nas aldeias ou nos assentamentos nativos por minha presa, assim como ele faria por mim."

Tudo bem. Talvez o Priest precise de uma nova bússola.

"E meu sangue permite que você não cace."

Sua boca se torce. "Seu sangue me dá mais vitalidade do que eu pensava possível. Além disso, posso passar semanas sem outra gota. Ao mantê-lo você, ao me alimentar de você de vez em quando, você está salvando muito dessa humanidade que você aprendeu. Jorge ficaria orgulhoso."

"Não traga o nome dele para isso, tentando justificar o que você está fazendo."

Ele dá de ombros. "Tudo bem. Mas eu posso justificar. E se você se importasse com a vida humana

de alguma forma, você apreciaria."

"Bem, eu não me importo com a vida humana," eu digo a ele. "Se você já esqueceu que eu como humanos."

"Você esqueceu," ele aponta. "Você teria comido Jorge?"

Eu empurro meu queixo para trás com a pergunta. "Claro que não."

"Então há alguns humanos com quem você se importa, não é?"

Eu ignoro isso. Jorge era a exceção.

"Então, quantos da sua espécie existem no mundo?" Eu pergunto, mudando de assunto. "Vocês são todos padres e médicos? Estão todos tentando lutar contra algum monstro interior?"

Ele me dá um olhar medido. "Há monstros dentro de todos, Larimar. A única diferença é que somos os únicos que sabemos como lidar

com eles." Ele faz uma pausa. "Mas não, a maioria de nós não é padre. Só os do mosteiro. Mas éramos uma raça diferente."

"O que isso significa?"

Seus olhos azuis brilhantes como o sol me encaram por um momento, e me sinto instável,

como se a sala tivesse começado a girar. É difícil dizer se é o vinho ou se ele está tentando fazer algum tipo de mágica em mim.

Mas então a sensação para, e ele desvia o olhar, soltando um longo exalar, passando os dedos finos sobre o tecido brilhante dos vestidos em que estamos sentados.

"Dizem que agora há um nome para nós", ele diz em voz baixa.

"Vampiros. Sempre nos chamamos de sugadores de sangue, bebedores de sangue.

O fato de haver um nome para nós é preocupante. Isso significa que os humanos estão começando a entender."

"Tenho certeza de que eles notaram pessoas desaparecendo, sem sangue e com marcas de dentes no pescoço", comento.

"Sabemos que devemos ter cuidado", ele diz rapidamente. "Ou, devo dizer, a maioria de nós

sabe. Quando digo que faço parte de uma raça diferente, faço parte dos que não são cuidadosos. Veja, há duas maneiras pelas quais os vampiros são criados. A primeira e mais comum é que você nasce de pais vampiros. Se você é uma mulher, você se transforma em um vampiro aos vinte e um anos. Se você é um homem, você se transforma

aos trinta e cinco. Mas você nasce sabendo o que é e é criado de acordo. Você sabe como caçar, sabe como se misturar com humanos. Esses são os que andam entre todos os outros."

Ele faz uma pausa por um momento, os olhos parecendo perdidos. "Então há... as feras. Os monstros. Aqueles que nasceram humanos e se transformaram em Vampiros por outro sugador de sangue. Eles são mortos e trazidos de volta à vida ao beber o sangue do Vampiro que os massacrou. Quando isso acontece... você nasce uma criatura do Inferno. Você não tem mente, nem consciência. Você é puro poder e sede de sangue, e nem parece humano mais. São essas criaturas que matam indiscriminadamente, sem piedade. Eles são difíceis de controlar, ainda mais difíceis de matar, e se tornam o assunto de todas as histórias assustadoras de ninar contadas para crianças."

Priest olha para mim, seus olhos assumindo um brilho vermelho que eu não tinha visto antes,

sua boca se abrindo em um sorriso horrível e com presas. "Quer adivinhar qual eu sou?"

O medo percorre minha espinha como um dedo gelado. Pela primeira vez, eu realmente tenho medo dele. Pela primeira vez, percebo que seu monstro não é uma figura de linguagem.

"Mas você é..." eu sussurro.

"Um padre," ele diz com naturalidade, a vermelhidão desaparecendo de seus olhos. "O monastério foi iniciado por Abe e alguns outros Vampiros para cuidar de criaturas como nós. Ele imaginou que não era nossa culpa termos sido transformados.

Todos os Vampiros sabem as consequências, mas nem todos os Vampiros são bons. Alguns

só querem o caos. Eu fui transformado por um chamado Kaleid, que liderou seu bando de

sanguessugas pelo meio da Espanha para criar um exército de assassinos. Eu suponho que ele conseguiu. Ele simplesmente escolheu uma bruxa quando fez isso."

Meus olhos estavam arregalados o tempo todo em que o ouvia, completamente engajados. Temos nossos próprios problemas no mundo subaquático, e há Syrens que são cruéis e perigosas para os outros, mas tudo isso parece totalmente fantástico.

"Então aprender sobre Deus te manteve na linha, te manteve humano?" Eu pergunto. Ele concorda. "Sim. No começo, foi difícil entender. Tudo o que eu sabia era ódio e raiva. Mas suponho que o Bom Livro tenha alguma utilidade. Ele me atingiu. Comecei a acreditar nele. Combinado com a disciplina que fazia parte de nossas vidas, lentamente nos recuperamos. Eventualmente — e estamos falando de séculos aqui — percebi que era tudo inventado, apenas histórias para manter as pessoas na linha. Mas a rotina rígida, os votos, a estrutura? Isso me manteve no controle. Isso me trouxe ao aqui e agora, como sou capaz de falar com você sem querer arrancar sua cabeça."

Engulo em seco, desconfortável. "Então você parou de acreditar em Deus..."

"Não", ele diz, mordendo o lábio por um momento. "Não, eu acredito em algo. Talvez seja Deus. Talvez seja outra coisa, outra pessoa. Mas todas essas regras, essa culpa? Isso é tudo feito pelo homem."

"Mas você está vendendo isso", eu aponto. "Você está espalhando essas regras e a culpa para as pessoas aqui, e você nem acredita nisso. Você está espalhando mentiras."

Ele levanta o ombro em um encolher de ombros. "Com o tempo, eles chegarão às suas próprias conclusões. Talvez no leito de morte."

Penso nisso por um momento. Temos nossas próprias crenças em Limonos, mas nenhuma tão complicada quanto esta. Então, novamente, minha cabeça parece nebulosa de todo o vinho que consumi.

"Mais cedo, você disse que é sexta-feira. Por quanto tempo fiquei fora?", pergunto a ele.

"Vinte e quatro horas", ele diz.

Meus olhos se arregalam. "Você me deixou amarrado aqui por um dia inteiro?"

"Você disse que queria ficar sozinha", ele diz suavemente. "Além disso, agora que eu não preciso molhar seu rabo a cada duas horas, não preciso cuidar de você tanto."

"Entendo", eu digo, de repente sem fome. Eu coloco o prato na mesa. "Então eu só devo passar meus dias aqui assim, com você só aparecendo quando tem vontade para me jogar um pouco de pão?"

Ele me encara, sua expressão curiosa, como se estivesse tentando desvendar um quebra-cabeça.

"O que exatamente você espera de mim?" ele pergunta.

Minha mente gira, alimentada pelo álcool.

Não consigo esquecer meu plano.

Seduzir, destruir, escapar.

Eu ainda sou uma Syren, não importa o que aconteça.

"E quanto à companhia?" eu pergunto a ele, tornando minha voz mais suave. "Você não

se importa com o quanto sozinha eu vou me sentir neste quarto frio e escuro? Você não sabe

o que é solidão?"

Ele se encolhe como se tivesse levado um tapa. "Claro que sim. Solidão é tudo que eu conheço. Estou abandonado no fundo do mundo."

"Então você não precisa ser tão cruel comigo", digo a ele, me contorcendo no meu assento até ficar de joelhos na frente dele. "Você não precisa me torturar."

"Cruel?" Sua garganta balança enquanto ele engole em seco, seu olhar no meu peito.

"Eu vou mantê-lo vestido, banhado, alimentado. O que mais você poderia pedir?"

"Um corpo quente", digo a ele. "Um pouco de companhia para essas noites escuras."

"Você é meu prisioneiro. Você é... um animal de estimação."

"Até os animais de estimação merecem um pouco de gentileza, não é?"

"Não se você estiver planejando matá-los um dia."

Ele diz isso como uma forma de me assustar, e isso me assusta porque eu ouço a verdade amarga em sua voz. Mas mesmo assim, eu me inclino em direção a ele, o suficiente

para perder o equilíbrio e me lançar em sua direção.

Ele estende a mão e me agarra pelos ombros, me segurando para trás.

Eu o encaro, despejando cada grama de sedução em meus olhos, esperando que eles tenham algum efeito sobre ele.

Eu sei que ele me quer, me deseja; não há dúvida nisso.

Eu só preciso afrouxar a corda que o prende também, aquela em que ele não sabe que está enredado.

"Você queria tirar minha voz", eu sussurro, observando suas pupilas se tornarem buracos negros. "Então me beije até que eu não consiga falar." Meu olhar cai para o dele

lábios. "Beije-me antes que eu —"

"Cristo," ele diz através de um rosnado, seus olhos brilhando descontroladamente.

Mas em vez de me beijar, ele estende a mão e me agarra pela garganta.

E me aperta até que eu não consiga respirar.

OceanofPDF.com



O Capítulo Onze SACERDOTE

um dos ensinamentos mais cruciais no mosteiro era o domínio das emoções. Enquanto eu era uma fera, minhas emoções controlavam todos os aspectos da minha vida selvagem. É verdade que minhas emoções não eram muito complexas — elas eram simplificadas para apenas raiva e desejo, mas eram elas que comandavam o navio, por assim dizer.

Todos os dias, acordávamos às quatro da manhã, no escuro e com o canto dos pássaros. O mosteiro ficava no topo de uma rocha irregular que havia se separado da passagem da montanha há muito tempo. Estábamos completamente isolados, com poucos visitantes ousando atravessar as escadas para nos alcançar. Apesar disso, meu trabalho todas as manhãs era puxar as escadas e limpar os degraus. Disseram-nos que, quando recebéssemos as pessoas, elas não poderiam sujar os pés — seria profano — então cada degrau tinha que ser limpo antes do dia começar.

O problema era que a rocha também era o lar de uma colônia de nidificação de trepadeiras que usavam as escadas como poleiro enquanto bicavam insetos na rocha. Onde eles pousavam, eles cagavam. Assim que eu limpava a escada, eu a abaixava, e os pássaros voavam de volta para usá-la como sua própria pequena latrina.

De novo e de novo.

Podia-se ver como isso era uma lição de paciência e controle da raiva.

Com o tempo, o trabalho aparentemente inútil e incômodo me ensinou a armazenar minha raiva. Tornei-me equilibrado, metódico em meus pensamentos e

aprendi a colocar distância entre mim e minhas emoções, a ser um observador e não um participante.

Não deixo mais a raiva me dominar.

Não deixo mais o desejo me dominar.

Até esta noite.

Até que Larimar piscou seus malditos cílios e olhou para mim com aqueles sedutores olhos lilases, pedindo para eu tratá-la gentilmente, se eu soubesse o que era solidão, como se eu não tivesse passado a maior parte da minha vida em suas garras.

Tão fodidamente solitário.

Então, ela me disse para beijá-la até que ela não pudesse falar, e tudo o que eu queria fazer era exatamente isso. Para impedi-la de dizer aquelas palavras que estavam começando a afundar em meu coração como bile. Sentir seus lábios e sua língua e prová-la tão profundamente que ela se tornaria parte de minhas veias.

Mas o desejo não venceu — não no começo.

Em vez disso, foi raiva, uma sombra peluda e com presas que disparou de mim enquanto eu agarrei sua garganta.

Eu a seguro agora, meus dedos apertando sua pele macia com força, e estou observando a luz começar a deixar seus lindos olhos. Neste momento, eu sei que estou disposto a matá-la para não sentir nada por ela.

Isso me apavora.

Ela me apavora.

Eu a deixo ir.

Ela engasga, suas mãos vão para sua garganta para aliviar os hematomas que deixei para trás.

Eu penso naquelas manhãs na montanha.

Eu penso no canto dos pássaros até que a raiva se dissipe.

A raiva rapidamente substituída pelo desejo.

E para o desejo, não há cura.

Eu a quero.

Eu preciso dela.

Eu estendo a mão novamente e agarro seu rosto, segurando-o rudemente em uma mão enquanto

minha outra mão vai para seu cabelo, fechando um punho apertado. Eu quero ver se sua

língua tem gosto de limão açucarado e salgado.

Ela solta um grito, sua boca se abrindo, petulante, rosa e molhada.

O sangue lateja em minha virilha enquanto a luxúria toma conta.

E eu me inclino para ela. Incline-se para ela.

Eu a beijo.

Eu a beijo com força.
Isso é punição.
Por ela ser uma pirralha.
Por mim não beijá-la antes.
Cristo, eu quero beijá-la até que nós dois engasguemos.
Quando foi a última vez que senti os lábios de uma mulher? Não consigo lembrar, mas meu corpo sabe exatamente o que quer. Ele quer a língua dela fodendo minha boca, liso e suave. Ele quer seus pequenos gemidos gananciosos.
Ela me dá os dois, oferecendo-os em uma bandeja de prata.
Eu rosno em sua boca, sua língua provocando, me lambendo enquanto eu a lambo.
Ela desliza ao lado da minha — lisa e suave, com gosto de mar e ervas — e o calor em minhas calças cresce até se tornar insuportável, um fogo que irá consumir nós dois se eu deixar isso durar muito tempo.
Vamos queimar.
Minha boca se abre mais, querendo devorá-la inteira, e ela corresponde a mim, ofegando de uma forma que faz uma tempestade de raios se formar em meu peito. Eu torço meus dedos em seu cabelo sedoso, mordo seus lábios, fodo sua língua como um homem faminto.
Ela se afasta, apenas o suficiente para recuperar o fôlego, e meu punho em seu cabelo fica mais forte, como se isso fosse me ajudar a manter o controle.
Mas estou perdendo o controle.
"Leve-me", ela sussurra, sua voz áspera, áspera com a necessidade.
Tento engolir e não consigo.
É demais. Há algo arranhando meu peito, em minha garganta.
O monstro prospera com isso.
Quero dar tudo ao monstro.
Quero que ele se alimente.
"Esqueça seus votos", ela diz asperamente, inclinando-se para pegar meu lábio inferior entre seus dentes. Ela o puxa com força, meus olhos revirando na minha cabeça. "Esqueça seus votos e me leve. Por favor."
Esta minha linda criatura.
Implorando por mim.
Ligada a mim.
Portanto, devo mantê-la.
Devo mantê-la viva.
A raiva é uma tempestade de fogo no meu peito, mas tudo parece ir para o meu pau, e eu solto um rugido frustrado.

Eu a empurro de volta para o chão e a abaixo para pegá-la. Minhas mãos trêmulas quase vão para a parte inferior de sua camisola, mas há um momento de intervenção divina, e eu agarro o tecido de seu decote em vez disso.

Eu rosno enquanto rasgo sua camisola aberta no meio, expondo aqueles peitos cheios dela. Eu estava olhando para eles há semanas, e de repente, depois de ficar coberta por um dia, é como se eu estivesse vendo-os com novos olhos, vendo algo que eu não deveria.

Fruto proibido de comer.

Eu me inclino e cuspo em seu peito, uma, duas vezes, e então me movo para eu ficar montada nela. Ela olha para mim com olhos selvagens e questionadores, seu cabelo loiro espalhado ao redor dela como uma auréola. Não quero nada mais do que atirar minha semente por todo aquele rosto lindo, para me deleitar com a depravação de tudo isso,

e pela maneira lasciva como ela está mordendo o lábio, acho que ela pode querer o mesmo.

Minha deusa do mar quer ser tomada, mas eu seria um tolo em dar a ela o que ela quer, então a tomarei da forma mais egoísta que puder.

Como se estivesse ficando sem tempo, tiro meu pau da aba da minha calça, pesado, sólido e quente em minhas mãos, meus movimentos frenéticos.

Seus olhos ficam ainda maiores aovê-lo — desejo misturado com uma pitada de medo. Não posso deixar de me sentir satisfeito com sua reação; faz muito tempo que alguém me olha assim.

Eu me movo para cima, então estou logo abaixo do peito dela, meu pau rígido batendo na pele

entre seus seios com um forte estalo, fazendo o cuspe voar. Isso será difícil de fazer sem a ajuda dela, mas ela aprende rápido. Ela se estica, colocando as mãos em ambos os lados dos seios, empurrando-os para dentro para que engolissem meu pau.

"Sim", eu assobio, plantando minhas mãos em ambos os lados da cabeça dela enquanto começo

a me esfregar descaradamente entre seus seios como um animal. Eu sei que devo parecer totalmente depravado, cheio de pecados sujos que quero liberar nela, como um

homem tão movido pela necessidade primitiva de gozar que tenho que aceitar de qualquer maneira que puder.

Estou desesperado agora, reduzido a uma criatura selvagem enquanto bombeio e empurro por

puro instinto selvagem. Quando o atrito se torna demais, eu cuspo na palma da minha mão

e acaricio meu pau, certificando-me de capturar o pré-sêmen choroso na ponta antes de espalhá-lo pelo meu comprimento rígido.

"Eu quero ver", ela sussurra, sua cabeça se erguendo para pegar meu lóbulo da orelha entre os dentes. "Eu quero ver você gozar."

Um rosnado febril ressoa através de mim, e eu bombeio meus quadris com mais força, a ponta do meu pau batendo na parte inferior do queixo dela, me fazendo estremecer. É bagunçado, animal e prestes a ficar mais bagunçado.

Fogo selvagem se espalha pela minha espinha, reunindo-se na base com uma facada afiada de necessidade pecaminosa, e eu sou incapaz de me conter. Eu eclodo, observando enquanto longas e grossas cordas de esperma fluem sobre seu peito e pescoço, rosto e cabelo. Eu continuo gozando, bombeando rápido e forte, e Larimar abre a boca para que um pouco da minha liberação escorregue por seus lábios e para sua língua.

Finalmente, estou vazio, meu pau gasto e se contorcendo, embora eu saiba que poderia ir de novo em um segundo. Exceto que eu não foderia seus peitos novamente. Talvez sua boca. Ou talvez eu jogasse meus votos ao vento e enfiasse naquela pequena boceta bonita dela, assim como ela quer. Talvez eu encontre a salvação lá. Talvez eu encontre o inferno.

Por enquanto, porém, estou tonto e um tanto saciado, a raiva infrutífera dissipando e aquela doce névoa de paz me inundando. Eu me levanto com cuidado e me aproximo dela. Quero gravar essa imagem dela no meu cérebro: deitada abaixo de mim, minha ejaculação borrifada sobre ela, seus olhos dançando com uma excitação tímida enquanto ela olha para mim.

Padre imundo, imundo, eu acho.

Coloco meu pau de volta nas calças e pego uma das minhas vestes antes de me ajoelhar ao lado de Larimar e passar na bagunça que deixei. É o mínimo que posso fazer. Além disso, as manchas vão me lembrar dela enquanto eu estiver entregando meu sermão.

Ela se senta e olha para sua camisola. "Isso não durou muito."

"Felizmente, eu trouxe uma extra para você", eu digo, puxando a camisola sobre seus ombros, só para que seus seios fiquem mal cobertos.

"Posso perguntar de onde você tirou essas roupas? Você mantém roupas femininas à mão, talvez trancadas em um baú em algum lugar, só para o caso de você encontrar uma Syren?"

Dou a ela um sorriso irônico enquanto me sento na cadeira. "Eu as roubei."

Ela parece surpresa. "De quem?"

"A esposa do general. Eles moram em outra cidade, a cerca de um dia inteiro de viagem daqui."

Seu lábio faz um leve beicinho enquanto ela franze a testa, pensando. Agora que sei como são os lábios dela, qual é o gosto da sua boca, não consigo evitar querer beijá-la novamente.

Mas isso seria um erro. Se eu a beijasse, eu ficaria enredado por suas artimanhas femininas. Só agora essa névoa está começando a se dissipar, uma clareza dura se instalando novamente em meus ossos. Preciso colocar distância entre nós novamente. Preciso parar de pensar com meu pau.

"Quando você fez tudo isso?", ela pergunta.

"Ontem à noite."

"Mas quando?"

"Quando eu te deixei na cruz."

"Mas um dia inteiro de cavalgada..."

"Você sabe que eu posso me mover rápido. Ser um bebedor de sangue não é apenas beber sangue para sobreviver. Você sabe o quão forte eu sou. Todos os meus sentidos estão aguçados, e eu sou rápida também."

"Mais alguma coisa que eu devia saber?", ela pergunta com um pequeno sorriso.

"Eu sou imortal."

Ela parece surpresa com essa admissão, sua boca formando um O, e por um segundo obsceno, eu sonho em agarrar sua cabeça e enfiar meu pau em seus lábios.

Senhor, proteja-me dos meus pensamentos.

"Quer dizer que você não pode morrer?" ela finalmente diz.

Eu dou de ombros. "Bem, não é que eu não possa. Eu posso, mas é preciso um tipo específico de esforço. Caso contrário, viverei até o fim dos tempos. Quanto tempo vocês Syrens vivem?"

"Trezentos anos, mais ou menos", ela diz.

"Ainda é muito tempo."

"Eu suponho, embora seja difícil saber agora que estou neste corpo", ela diz, gesticulando para si mesma, e eu tento não olhar para o corpo em questão.

"Você ainda tem sangue Syren. Você tem suas guelras, embora, felizmente, não seus dentes."

"Não", ela diz em uma voz estranha, desviando o olhar enquanto enrola os dedos na palma da mão. "Ou minhas garras."

"Tenho certeza de que você ainda viverá muito tempo."

Ela olha para mim bruscamente. "Um longo tempo sob seus cuidados", ela diz, a amargura clara em seu tom.

Eu aceno, dando a ela um sorriso apaziguador. "Sim."

Um dia, ela vai se acostumar. Ela pode até gostar.

"Meio engraçado, não é?" ela diz lentamente. "Ser um padre quando não há nenhuma chance de você ser chamado para a vida após a morte para encontrar seu criador."

"Isso ainda pode acontecer. Eu poderia ser terrivelmente azarado. Existem apenas três maneiras de matar um bebedor de sangue."

"Quais são elas?", ela pergunta com olhos brilhantes.

Eu rio. "Eu não ousaria te dar essa informação, não quando você me quer morta."

"Eu não quero você morta..." Ela para. "Mas eu te mataria se eu tivesse que fazer."

Eu dou de ombros, sem me ofender. Como eu poderia, quando eu disse que a mataria um dia?

Ela me estuda, seu olhar deslizando sobre minhas feições, parando na minha boca, meu nariz, minha testa, como se ela fosse encontrar algumas respostas ali. "Você disse que foi pai uma vez."

Eu visivelmente me arrepiro, ombros enrijecendo.

"Você tinha uma família?" ela continua, sua voz gentil agora. "Filhos?

Uma esposa?"

Uma dor surda se forma sob meu peito, do tipo que eu geralmente fujo. Mas seus olhos estão me olhando mais de perto agora, e eu me sinto preso, sem para onde ir.

"Eu tinha uma esposa, um filho e uma filha", consigo dizer. Eu não deveria ter nem dito isso, mas é como se eu fosse obrigado, como se eu quisesse contar a esse pequeno peixe tudo.

Distância, eu me lembro. Coloque distância entre vocês de todas as maneiras.

"O que aconteceu com eles? Eles foram transformados?"

Olho para minhas mãos. Essas mesmas mãos que rezam para Deus são as mesmas mãos que pertencem a uma fera.

Só consigo balançar a cabeça. "Não." Minha voz sai em um sussurro. "Era só eu." Fecho meus olhos e consigo ver agora: os momentos que tento tanto enterrar ao lado dos meus demônios. Vem lentamente, como um sonho descendo através da névoa, um que eu sei que rapidamente se transformará em um pesadelo.

Respiro fundo, tremendo.

E, contra meu melhor julgamento,uento a Larimar meu começo.

E meu fim.

"Eu estava na vila, na minha loja como ferreiro, prestes a terminar meu trabalho do dia", eu digo a ela. "Minha loja ficava no final de uma rua de paralelepípedos,

e estava tranquilo naquele início de noite. O sol ainda estava no céu, o crepúsculo de verão estava a algumas horas de distância. Havia grilos matinais e o cheiro

de trigo cozido ao sol dos campos ao redor, e de repente, os grilos pararam.

"A escuridão desceu, e eu lembro de olhar para o sol brilhando além do carvalho, mas o ar tinha uma sombra que eu não conseguia explicar, e de repente, eu estava gelado até os ossos. A magia que eu sempre conseguia sentir em minhas veias estava começando a zumbir como vespas.

"Eles saíram da floresta, um bando deles a pé, e eu lembro de me perguntar por que eu não os tinha ouvido. Como esse grupo de homens poderia ter

atravessado tão rápido aquele matagal sem fazer barulho?

"Mas quando eles se aproximaram, eu entendi. A magia em minhas veias estava me avisando. Eles não eram homens.

"O da frente, cabelo escuro, queixo largo, estava sorrindo como um idiota. Eu vi as presas. Então, eu vi a espada. Ela mergulhou direto no meu coração, matando me na hora.

"Minhas últimas lembranças de um homem, de um ser humano puro, eram de mim no chão. Aquele que me esfaqueou tirou a espada do meu peito e me disse que seu nome era Kaleid, que ele era o Filho de Skarde, e que eu iria me juntar ao seu exército de monstros. Então ele pegou sua espada e cortou seu pulso. Eu estava morrendo quando ele colocou seu pulso na minha boca. Lembro-me de sentir o gosto do sangue dele,

e foi isso."

Olho para vê-la se inclinando em minha direção, mordendo o lábio entre os dentes. "Foi isso?" ela sussurra.

Eu aceno. "Tudo depois disso foi apenas... sombras. Raiva. Fome..."

"O que aconteceu com sua família?" ela pergunta em voz baixa.

Eu balanço minha cabeça. Não consigo admitir, nem para ela, embora, de alguma forma, eu saiba que ela entenderia.

Limpando minha garganta, eu me levanto. "É melhor eu voltar para minha casa," eu digo a ela. "Outro aldeão pode passar por aqui com mais pão."

Ela pisca para mim. "Você está me deixando de novo?"

Estou prestes a dizer sim e ir embora, mas lembro que suas mãos estão desfeitas. Apesar do que acabei de confiar a ela, a intimidade entre nós não é real. Ela ainda é minha prisioneira, minha cativa, meu bichinho de estimação, e ela fará tudo o que puder para escapar.

Até me matar se for preciso, eu acho. Estou ainda mais feliz por não ter dito a ela como.

Pego a corda e fico sobre ela, e ela recua, recuando como se tentasse fugir.

"Sinto muito", eu digo, alcançando seus braços. Ela tenta arrancá-los do meu alcance, mas minhas mãos são grandes, meu aperto é forte.

"Não, você não está", ela grita suavemente, ainda lutando contra mim.

"Sinto muito", eu estalo, rapidamente enrolando a corda em volta de um pulso antes de empurrá-la de bruços e amarrar suas mãos atrás das costas. "Eu queria não ser assim, mas eu estou. Eu fiz muito pior do que o que estou fazendo com você. Talvez você devesse tentar ser um pouco grata."

"Grata?" ela grita com sua voz arruinada. "Grata por você me manter aqui para usar para o que quiser?"

Eu a viro de volta e me inclino sobre ela, agarrando seu queixo entre meus dedos. "Não aja como se você não estivesse tentando me usar também."

"Usar você para o quê?"

"Um trampolim para o que você realmente quer."

"E o que é isso?"

Aperto meus lábios em um grunhido. Esse é o problema: não sei o que ela realmente quer, mas é alguma coisa.

E com certeza não sou eu.

"Volto amanhã", digo a ela, soltando seu rosto e me endireitando. "Trago um pouco de água para você não ter que beber o vinho da igreja. Mais comida se estiver com fome. Talvez até uma cama de verdade." Deixo-a lá no chão, em uma pilha de vestidos que provavelmente nunca verão a luz do dia, certificando-me de trancar a porta depois de mim.

A noite está mais escura que o pecado quando saio da igreja e caminho em direção à minha casa. A vela solitária na janela pareceria convidativa para qualquer outra pessoa, menos eu. O fato é que não quero ficar com meus pensamentos. Quero

estar no quarto dos fundos com ela, mesmo que eu esteja lhe contando coisas que ninguém além

de Abe saberia. Mas essa é mais uma razão pela qual devo ficar sozinha.

De repente, sinto um cheiro indesejável no ar.

Afinal, não estou sozinho.

"Padre Aragon."

Viro-me para ver um dos soldados passando pela igreja e vindo em minha direção, o mesmo suspeito com quem lidei depois do ataque de Larimar aos pescadores.

"O que foi, filho?", pergunto como um padre atencioso faria, pressionando as palmas das mãos

como se estivesse rezando.

"Você tem estado bem ocupado essas noites", diz o soldado, parando a alguns metros de distância. "Sempre entrando e saindo da igreja."

Que observador da parte dele.

"Deus está ativo em todas as horas da noite", digo a ele com meu sorriso mais paciente . "Eu não tiro folga da minha missão."

Os olhos do soldado são frios, e me pergunto se os meus parecem os mesmos.

"Você deveria ter cuidado por aqui", diz ele, com um significado oculto em suas palavras. "À noite. Nós, soldados, somos poucos e distantes entre si. Você tem sorte que eu patrulho aqui com tanta frequência."

"Eu não temo nada, exceto o julgamento de Deus", digo com reverência.

O soldado franze a testa e então me dá um sorriso azedo. "Claro que não.

Bem, só para você saber. Não queremos que o que aconteceu com aqueles pescadores aconteça com você."

Ele então se vira e vai embora, desaparecendo pela minha cabana e na escuridão.

Eu também não quero que isso aconteça comigo.

OceanofPDF.com



Eu
Capítulo Doze
LARIMAR

tenho um segredo.

Um segredo que tenho guardado do Priest.

Um segredo que pretendo usar na hora certa.

Eu percebi pela primeira vez quando ele estava me estrangulando.

Quando senti meu corpo ficando mole e o mundo ficando cinza, pensei que ia morrer. Isso fez algo bem no centro de mim, como uma chave encaixando em uma fechadura e liberando algo que poderia salvar minha vida.

Algo que me ajudaria a lutar.

Senti meus dentes entrarem.

Minha mandíbula parecia estar se abrindo, e eu podia sentir os dentes afiados crescendo sobre meus dentes humanos em fileiras, como a boca de um tubarão.

Eu estava preparado para morder sua maldita mão ao meio novamente.

Mas então, ele me soltou. Acho que ele não percebeu a mudança em mim, e meus dentes recuaram rapidamente quando o perigo passou.

Elas não eram necessárias quando ele tirou o pau e fodeu entre meus seios como um louco, como um animal descontrolado, e gozou em todo o meu rosto. Ainda estou achando seco no meu cabelo.

Agora, no entanto, agora que ele me amarrou e me deixou por conta própria, elas podem ser necessárias. Minhas mãos estão atrás das costas, e eu me pergunto se elas,

também, podem se transformar em algum momento, se há algo que as tornará em minhas velhas garras. É raiva? É autopreservação? Fome?

Tenho certeza de que vou descobrir de qualquer maneira.



Então, agora que tenho esse segredo, preciso descobrir como usá-lo.
E quando.

"Você vai me mostrar como rezar?", pergunto, querendo que minha voz soe inocente, mas não muito, para não levantar suspeitas.

O padre olha para mim surpreso, abaixando sua taça de vinho.

"Você quer saber como rezar?"

Estamos em sua mesa, eu na cadeira, ele sentado na beirada da mesa.

Já faz alguns dias desde nossa última interação íntima — nosso único beijo — e até agora, ele tem estado distante. Não cruel, mas também não gentil. Acho que eu não deveria esperar muito mais do que isso dele. Talvez eu devesse ser grata, como ele disse.

Ontem foi missa. Através das paredes, eu o ouvi falar novamente, pregando coisas que eu sei que ele não acredita — ou pelo menos, ele não acredita na maioria delas. As regras, a culpa, a condenação. Parece que não importa o que essas pobres pessoas façam, elas vão para o inferno de uma forma ou

de outra. Já estive perto de humanos o suficiente para saber que ninguém é tão bom de coração. Todos são pecadores e continuarão pecadores porque esse é o mundo em que vivemos.

Pelo menos as Syrens passam por isso honestamente. Aceitamos que não somos todos luz, mas não somos todos sombra. Somos aquelas sombras lamacentas no meio, tentando fazer o nosso melhor para permanecer vivos. A vida já é muito difícil para nos preocuparmos com o que vai acontecer conosco depois que a deixarmos.

"Estou curioso", digo a ele, gesticulando para a taça de vinho. "Depois de ouvir seu sermão ontem, eu queria saber como é lá dentro. Como é orar."

Ele esfrega os lábios, e a lembrança de sua boca faz meus próprios lábios formigarem.

Aquele beijo o assustou. Tudo a ver comigo o assusta, eu posso dizer.

Ele hesita antes de oferecer o cálice, e eu o pego em minhas mãos, amarrado na minha frente dessa vez. Que legal da parte dele me dar um pouco de variedade.

Ele também me vestiu com o vestido da esposa do general, um verde acetinado com um

corpete baixo que faz meus seios parecerem que querem escapar. Eu me senti como um animal de estimação de verdade quando ele colocou todas as camadas em mim, uma por uma. Qualquer desejo que ele possa ter sentido ao me vestir, ele conseguiu manter escondido.

Esta manhã, ele trouxe dois bancos da igreja e os juntou para que parecessem uma cama. Eu ainda não dormi nele, mas até agora, parece que o monte de roupas no chão pode ser a opção mais confortável.

Eu inclino o cálice para trás e engulo o resto do conteúdo de uma só vez. Suas sobrancelhas escuras se erguem apreciativamente. "Tudo bem. Eu posso te mostrar como rezar."

Ele se levanta e arranca o cálice das minhas mãos, colocando-o na mesa antes de me puxar pelo cotovelo. "Vamos. Você acha que consegue mancar lá fora, ou devo te carregar?"

"Por que você não vê se eu consigo aprender a andar?" Eu aponto. Começo a tomar, e ele me mantém de pé colocando suas palmas quentes em meus ombros. "Não consigo aprender se você me mantiver manietado. É como se eu ainda tivesse um rabo."

Ele me encara por um momento e então concorda. "Ponto justo. Promete que não vai me chutar?"

"Eu não faço tais promessas."

Ele ri para si mesmo e então se abaixa, quebrando a corda com suas mãos nuas como se fosse apenas um fio de cabelo.

Sinto que ele fez isso de propósito, um lembrete de sua força e do que ele poderia fazer comigo.

Como sou fácil de quebrar.

Mas não serei quebrado sem lutar.

Ele coloca a mão no meu cotovelo para me firmar. De pé ao lado dele assim também estou ciente de quanto maior e mais alto ele é. Cada centímetro dele é tenso, duro e poderoso, mais besta do que homem, mais animal do que padre. É estranho que eu tenha tido os dedos dele dentro de mim, que ele tenha tido o pau

entre meus seios, que nós dois tenhamos gozado na presença um do outro, visto um ao outro no nosso momento mais cru e vulnerável, e ainda assim é em momentos como esse

que eu sinto a diferença em nossas estaturas.

Ele, o captor.

Eu, a cativa.

Mas quando ele pergunta: "Você está bem para andar? Aqui, apoie-se em mim e dê um passo de cada vez", e sua voz é gentil, seus olhos cheios de preocupação, eu me pergunto se o homem dentro dele algum dia vencerá para sempre. Se ele pode se livrar

o monstro um dia, junto com essa religião, se libertar de ambos. Se ele puder se tornar o homem que foi um dia, aquele com o nome que ele não lembra mais.

Dou a ele um sorriso tranquilizador. "Vou tentar."

Fiquei com os pés amarrados esse tempo todo, mancando e pulando pela sala quando ele não está aqui, trabalhando meus músculos e testando meus pés, me certificando de que eles estão prontos para a grande fuga. Mas agora que eu realmente tenho

que andar com um pé na frente do outro, não é tão fácil quanto eu me permito acreditar.

Eu oscilo, muito, mas Priest mantém seu aperto em mim firme, me levando em direção à porta, em direção ao lugar onde a salvação acontece. Meus pés parecem apertados e finos, meus dedos continuamente agarrando o chão como se fossem garras.

Minhas panturrilhas doem rápido, mas consigo colocar um pé na frente do outro até chegarmos à porta.

Ele me solta o suficiente para destrancá-la, e eu consigo ficar de pé.

Então, ele abre a porta e me leva para um mundo totalmente novo.

Este lugar parece sagrado. O ar está carregado de reverência — não há outra maneira de explicar. Às vezes, em Limonos, você se deparava com essas cavernas marinhas onde o sol perfurava a superfície, iluminando os corais e as escamas brilhantes dos peixes, e você podia sentir que era um lugar importante. Outras vezes, havia cavernas na rocha onde os mortos eram enterrados, pilhas de ossos de Syren, e você podia sentir todas as vidas que vieram antes de você.

Esta igreja é assim. Talvez não tão natural, não tão pura, mas eu posso dizer que é um lugar onde as pessoas vêm para trazer suas esperanças, sonhos, medos e tristezas e colocá-los de lado, oferecê-los.

"O quê?" Priest me pergunta.

Eu parei, absorvendo tudo.

"Você não sente?" Eu sussurro, olhando para as vigas. Suponho que o lugar seja simples — já vi mais chique em reinos subaquáticos — mas mesmo em sua simplicidade, há algo palpável no ar.

"Sentir o quê?" Seu olhar é curioso enquanto me percorre.

Dou de ombros, me sentindo um pouco tola. Se um padre nem sabe...

"Eu posso dizer que é um lugar de adoração."

"Ah", ele diz lentamente, passando os dedos pelo queixo. "Suponho que você esteja certa. Estou tão perto disso que nunca percebi. Não me diga que você está prestes a se tornar uma mulher de fé."

"Eu não sou mulher de nada", eu digo rigidamente. "Só de mente livre e livre arbítrio."

"E ainda assim, outro dia, você estava julgando as mesmas pessoas que vêm aqui para adorar."

"Eu não estou dizendo que concordo com o que eles estão adorando", eu explico. "É só que eu posso sentir que eles fazem. Não é sobre Deus. É sobre desespero."

O silêncio se estende entre nós, e eu me preocupo em tê-lo ofendido, mesmo que eu queira ofendê-lo.

"Entendo", ele diz cuidadosamente, esfregando os lábios enquanto pondera minhas palavras.

"Você deveria ter cuidado; seus pensamentos estão beirando a blasfêmia."

"E por que eu me importaria?"

"Porque você é quem acabou de me perguntar como orar." Ele pega meu braço novamente e me leva até a frente da igreja, uma área elevada em frente ao corredor. Há alguns degraus que levam até lá e então uma longa mesa iluminada com velas, coberta com renda branca. Atrás dela, uma grande cruz de prata está montada na parede, várias outras cruzes e retratos de pessoas de cada lado com janelas feitas de vidro colorido.

"Aqui", ele diz em voz baixa, ajoelhando-se no degrau e gesticulando para que eu faça o mesmo.

Eu puxo a bainha da minha saia e tento me ajoelhar ao lado dele, meus movimentos desajeitados enquanto eu doubro meus joelhos dessa forma, o cetim verde se acumulando ao meu redor como água. Eu observo tudo o que ele faz — a maneira como ele

coloca as mãos juntas, palma com palma, dedos para cima, como ele olha para a cruz, a maneira como ele abaixa a cabeça e descansa as pontas dos dedos na testa, fechando os olhos.

"Pai nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome", ele diz em uma voz baixa e rica, uma versão mais baixa daquela que eu ouvi ecoando durante a missa.

"Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na Terra como no céu."

Ele então fica em silêncio, e eu não consigo evitar prender a respiração.

Finalmente, ele abre os olhos e me lança um olhar tímido. "Você deve repetir depois de mim."

"Oh!" Eu exclamo suavemente. "Minhas desculpas. Você pode repetir?"

Ele me lança um sorriso paciente e então repete a oração novamente, parando no final de cada frase para que eu a diga de volta.

"O que acontece depois?" Eu pergunto.

"Você pode orar por coisas específicas," ele diz, olhando para a cruz. "Ou você pode deixar como está, contanto que haja significado em cada palavra, contanto que

você está buscando fazer desta oração uma ponte entre você e Deus. Você não recita as palavras e não pensa no que elas significam. Isso é inútil. Poderia ser em outro lugar.”

“Então é assim que você reza?”

Ele me lança um olhar curioso. “Eu em particular? Não. É assim que a maioria das pessoas reza.”

“Mas eu quero saber como você reza.”

Seus olhos azuis me estudam cuidadosamente, e eu sei que tenho que me conter.

“Coisa curiosa, não é? Querendo saber tanto sobre o mundo

humano que você despreza.”

“Eu nunca disse que o desprezava!”

“Eu acredito que você disse que matou homens não porque eles eram saborosos, mas porque eles mereciam. Em suas palavras, um homem a menos está fazendo um favor a este mundo. Agora, talvez eu esteja interpretando isso, mas isso não parece que você

se importa tanto assim com a humanidade.”

Meus olhos se estreitam. “Você é um homem — é claro que você não entenderia o que eu quero dizer. Posso pensar que os homens são as criaturas mais perigosas de todas e

não quero condenar toda a humanidade por seus crimes.”

“Justo”, ele diz, abrindo as palmas das mãos em uma demonstração de aceitação.

“Então o que você pede quando reza?”, pergunto.

Seu queixo se move para dentro. “Você não pode me perguntar isso.”

“Por que não?”

Sua boca abre e fecha, tentando encontrar as palavras. “É pessoal.”

“É como um desejo? Se você contar a alguém, ele não se realiza? Temos isso com o peixe-espinho. Quebre um dos espinhos nas costas deles e faça um desejo, mas se você contar a uma alma, tudo será em vão.”

Ele solta uma risada suave. “Não, não assim. É só que... é entre você e Deus.”

“O mesmo Deus em que você não acredita?”

“Eu não disse que o homem na cruz está me ouvindo”, ele diz, acenando para a cruz gigante de prata na parede. “Mas alguém está. Eles podem não agir sobre isso, mas eles ouvem, e isso é o suficiente para mim.”

Espero um momento, elaborando minha melhor estratégia de abordagem. Sinto como se estivesse de volta

à água novamente, nas profundezas turvas, me aproximando da minha presa.

“Então esse Deus, esse ser, só ouve suas preces... e ainda assim você sente que deve cumprir todos os seus votos? Para quê?”

Ele me lança um olhar firme, suas sobrancelhas se juntando. À luz bruxuleante das velas da igreja, suas belas feições parecem mais afiadas, mais perigosas. Ele enfia a mão na camisa, e eu o vejo agarrar o colar de contas em volta do pescoço como se isso pudesse salvá-lo.

Um arrepió percorre meu corpo.

Estou realmente prestes a fazer isso? Fugir?

Será que vou sair vivo dessa?

Ou a melhor pergunta é... ele vai?

OceanofPDF.com



“Eu

Capítulo Treze

LARIMAR

já disse a você,” Priest diz em uma voz lenta e comedida, “meus votos me mantêm na linha para mim. Para essa humanidade com a qual você finge se importar.”

Eu dou a ele meu sorriso mais inocente e me viro para encarar o corredor, o degrau mais alto pressionando minha parte inferior das costas. “E como

me foder significa a queda da humanidade?” Eu pergunto, abaixando minhas mãos amarradas para puxar a bainha do meu vestido até que ele suba na minha cintura. Eu

abro minhas pernas, certificando-me de que ele tenha uma boa visão da minha boceta nua.

Um estrondo soa em seu peito, suas sobrancelhas abaixadas enquanto ele olha para mim.

“É sobre controle,” ele diz com a voz grossa, e eu posso dizer que ele está se esforçando para não olhar entre minhas pernas.

“Mas me fazer gozar na sua mão não é sobre controle? Ou você gozar entre meus seios?”

“Cristo, mulher,” ele xinga.

Eu quase rio. “Quem é blasfemo agora?” Então, coloco minhas mãos em mim. Eu deveria ter vergonha de quão molhada fiquei só de provocá-lo assim. “Tudo bem então. Se você não me der o que eu quero, terei que dar a mim mesmo.”

Suas narinas se dilatam, o aperto em seu colar deixa seus nós dos dedos brancos. Mas ele não me diz para parar.

Eu movo meus dedos para baixo, o som da minha umidade incrivelmente alto no silêncio da igreja. É difícil conseguir contato com a forma como minhas mãos estão amarradas, mas é tudo parte do show.

Arqueio as costas, meu cabelo fluindo atrás de mim como um lençol. Gemo, minha boca aberta. Sinto seus olhos em mim, no meu rosto, no meu peito, nas minhas pernas abertas.

Eles queimam como fogo sob seu olhar, fazendo minha pele ficar quente, apertada e exposta.

"Você poderia me ajudar", sussurro, olhando para as vigas. "Você poderia me ajudar de muitas maneiras."

"Você parece estar indo bem", ele diz com uma voz áspera e rouca.

Levanto minha cabeça para vê-lo olhando fixamente para minha boceta, como se estivesse faminto e desesperado por um gozo.

Abro minhas coxas ainda mais e o vejo engolir a visão.

"Você poderia afrouxar a corda", digo num gemido. "Deixe-me fazer comigo o que você não fará comigo."

Ele olha para mim bruscamente, a linha se aprofundando entre suas sobrancelhas. Ele me avalia por um momento, respirando pesadamente enquanto pesa suas opções.

A tensão crepita entre nós, estendendo-se aparentemente para sempre antes que ele estenda a mão e desamarre a corda que prende meus pulsos, jogando-a para o lado.

Então, para minha surpresa e alegria, ele se deita no chão e se move entre minhas pernas. Com um aperto firme em minhas coxas, suas pontas dos dedos duros

cravando em minha pele, ele as abre ainda mais, seus maneirismos ásperos. Seu longo cabelo preto faz cócegas em minha pele sensível, aumentando a sensação.

Eu suspiro, e ele olha para mim entre minhas pernas, perguntando silenciosamente se ele

deveria continuar. O olhar em seus olhos é totalmente selvagem, aquela besta abaixo do homem aparecendo.

Sim. Coma-me inteira. Pegue o que quiser. Pegue tudo.

Um fio de suor se forma na parte de trás do meu pescoço. Eu quero escapar

de suas garras, mas ao mesmo tempo, eu quero ser pega. Eu quero ser sua presa.

Eu quero que ele se delicie comigo e me foda até a beira da morte. Eu quero dançar com aquele céu de que ele sempre fala.

"Devore-me", eu sussurro para ele. "Devore-me até que não haja mais nada."

Sua mandíbula fica tensa, um estrondo baixo escapa dele, olhos azuis brilhando com fome e necessidade, e então ele mergulha seu rosto para baixo.

Eu grito suavemente, minhas mãos se estendendo para fazer punhos em seu cabelo.

Sua

barba arrasa minha pele delicada, seus lábios duros e macios enquanto sua boca engole minhas dobras, sua língua forte e se movendo habilmente. Uma longa lambida, depois

outra, fazendo meu mundo girar, me fazendo querer implorar por ele mais fundo.

"Padre", eu digo através de um gemido, me perdendo na sensação de sua língua.

Ele me fode com ela, mergulhando fundo dentro da minha boceta. Parece ser mais longo e

mais grosso do que humanamente possível, me enchendo até que eu não consiga respirar.

Ele geme contra mim, e as vibrações fazem meus quadris se erguerem contra seu rosto. Nenhum de nós está paciente esta noite. A fumaça enche minhas veias, e

eu estou flutuando e lutando por ele, puxando seu cabelo como se para me manter aqui enquanto, ao mesmo tempo, quero ser solta.

"Cristo, você tem gosto de minhas orações", ele diz contra mim, seus lábios se movendo

enquanto ele fala, sua respiração quente na minha boceta, meus olhos revirando na minha cabeça. "Eu
rezei por isso, por você."

Meu coração fica preso na garganta com suas palavras.

Ele rezou por mim?

Ele está sendo honesto ou está me dizendo o que eu quero ouvir, tentando me tornar inútil, à sua mercê? Ele está —
Ai.

Ele mordeu meu maldito clitóris!

Eu grito, o som ecoando na igreja apesar da minha voz temperada, e ele o suga para dentro da boca, gemendo alto agora. Eu posso sentir a onda quente de sangue, a dor rapidamente aliviada por sua língua macia e lambendo, e aquela felicidade inebriante

e nebulosa de sua mordida toma conta de mim.

"Estou perto", consigo dizer, quase engasgando com minhas palavras, minhas coxas apertando os lados de sua cabeça. "Eu estou... eu estou..."

É demais. Estou molhada de sangue e desejo, e sua boca está insaciável, frenética e bagunçada, seus lábios e língua girando e sugando e lambendo, e cada nervo dentro de mim é puxado para um grupo apertado. Estou perseguindo

atraito, perseguindo algo. Eu me encho de fogo que não tem para onde ir, e ele aumenta e aperta e...

Eu me desfaço. Em pedaços. Em cinzas. Fragmentos espalhados por este sagrado lugar.

Estou gritando seu nome, puxando seu cabelo, meu corpo se debatendo violentamente até

acho que meus quadris podem quebrar sua mandíbula. O calor explode através de mim como um

milhão de raios, e não tenho mais certeza de onde estou. Não tenho certeza do que me tornei, exceto este ser, flutuante, cheio de alma e livre. Então, no fundo da minha mente, lembro-me do meu plano.

Não há realmente nenhum ponto, nenhuma maneira de eu realmente conseguir escapar.

Mas tenho que tentar, pelo menos uma vez, e sofrer a punição por isso.

"Padre", sussurro, puxando seu cabelo até que trago sua cabeça para a minha. Ele se apoia em ambos os lados de mim enquanto se inclina, e vou até seu ouvido, como se fosse sussurrar algo, seu cabelo caindo sobre meu rosto.

Em vez de dizer qualquer coisa, eu busco o desespero dentro de mim, essa necessidade
de ser selvagem e livre, e invoco meus dentes.

Eles se alongam na minha boca, meu maxilar brotando de dor. Meus dedos fazem
o mesmo, as unhas se curvando para frente em garras endurecidas.

O padre enrijece ao perceber, mas é tarde demais. Ele está muito envolvido no
gosto de mim em seus lábios para ser tão rápido quanto deveria.

Com um uivo, eu mordo sua orelha com um estalo selvagem, meus dentes afundando
nela

e arrancando a carne imediatamente.

Ele grita, sangue jorrando, sua mão indo se proteger, e eu trabalho
o mais rápido que posso, rasgando a lateral de seu pescoço com minhas garras,
arrancando

músculos e tendões antes de sair de baixo dele. Ele tenta
me agarrar, mas eu escorrego de seu alcance, suas mãos muito escorregadias e
ensanguentadas.

Eu não tenho tempo.

Começo a correr pelo corredor, indo em direção às portas principais, cuspindo
partes do seu pescoço e orelha enquanto vou, meus pés tropeçando enquanto tento
correr pela
primeira vez.

Estou quase na porta quando o sinto atrás de mim, ofegante, rosнando
como uma fera raivosa, pronto para me derrubar.

Não vou conseguir.

Pelo menos tentei.

Ele ruge e me ataca por trás, e eu giro no ar até que ele
me joga de costas, sem fôlego.

Seu sangue escorre sobre mim, pingando no meu rosto, e ele agarra meu cabelo,
puxando-o para trás antes de ir para o meu pescoço. Ele me morde com força, embora
o

prazer seja novamente rápido para tomar conta da dor. Ele bebe de mim, e eu
tentó lutar, mesmo sabendo que é inútil, mesmo querendo que ele
me pegasse. Minhas mandíbulas estalam, e minhas garras arranham suas costas,
rompendo
o tecido e deixando cortes longos e sangrentos.

Ele grita e tira a boca do meu pescoço, tateando meus braços
com uma mão enquanto me segura pelo pescoço com a outra.

"Esse era seu plano?", ele grita enquanto solta brevemente minha garganta para
arrancar

seu colar e me virar de bruços, enrolando-o em volta dos meus
pulsos atrás das costas. "Esse era seu plano esse tempo todo, tentar
me seduzir para que você pudesse escapar? Dizer as coisas que você pensou que eu
queria
ouvir?"

Eu nem estou mais tentando mordê-lo. "Não foi um bom plano?"

"Você quer o que está pedindo?" ele ruge, me agarrando pela nuca. "Você saberia como lidar com o que está pedindo?"

Antes que eu possa tentar responder, ele me puxa do chão pelo meu pescoço, o suficiente para que eu tema que ele possa quebrá-lo em dois, como um osso oco. Minhas

garras se agitam sem rumo, incapazes de pegar o colar de contas que prende meus pulsos, meus dentes estalam, mas incapazes de chegar perto dele.

Eu queria que ele me perseguisse, me prendesse, me jogasse para todos os lados e fizesse

o que quisesse comigo — finalmente — mas há uma chance de ele estar tão furioso que ele pode realmente me matar. Não apenas uma provocação à morte, não apenas flirtando com

minha morte — ele pode realmente arrancar minha cabeça, se banquetear com meu sangue até que eu

vire uma casca seca e acabe com isso. Em instantes, eu posso ser jogada de volta no mar para virar comida para os peixes.

Ele me leva para o banco mais próximo e me vira para que a parte de trás das minhas pernas bata nele, minhas costas arqueando enquanto seu aperto aperta.

Eu encaro seus olhos — selvagens, descontrolados, como se houvesse outra pessoa atrás

deles, alguém que não se importa se eu vivo ou morro. O monstro. Eu nunca queria que essa parte dele saísse.

Eu só consigo encará-lo e me perguntar se é isso.

"Por favor", consigo sussurrar contra seu aperto sufocante.

Por favor, me deixe viver.

Por favor, me deixe ir.

Por favor, cuide de mim.

Por favor, me foda.

Por favor... me ame.

Eu pegaria qualquer um deles.

E então vejo clareza surgir em seus olhos, frios a princípio, tornando sua cor azul glacial, como gelo debaixo d'água. Eu o vejo emergir, o torturado humano, o padre, até mesmo o bebedor de sangue.

Com um rosnado profundo e estrondoso, ele me arrasta pelos bancos, meus pés descalços

mal tocando o chão antes que ele me empurre para baixo, então eu estou ajoelhada no banco.

"É isso que você quer?" ele grita roucamente, trazendo seu corpo para trás de mim. Ele puxa a bainha do meu vestido até que ele esteja enrolado em volta da minha cintura,

minha bunda nua para ele. Eu o ouço mexendo no tecido de suas calças, e meu coração começa a galopar em antecipação. Eu ainda estou molhada de antes, mas

agora, está beirando o excesso.

"É?" ele rosna no meu ouvido. "Você gosta de jogar duro? Você gosta de machucar e mutilar? É isso que você quer em troca?"

Sua respiração é quente na minha bochecha, e eu posso ouvir a profunda e áspera impaciência em sua voz, como se ele estivesse mais bravo consigo mesmo por ceder. "Você

quer meu pau enfiado dentro de você até que você não consiga respirar? Isso é o suficiente para você? Minha semente escorrendo pela sua perna, minha alma junto com ela? É isso? Isso vai te satisfazer?"

"Sim", eu grito suavemente, e o sinto puxar seu pau para fora das calças, a energia dele irradiando contra a parte de trás das minhas coxas, a pressão de seu comprimento sólido, grosso e intimidador. É macio como veludo e duro ao mesmo tempo — e quente, muito quente. Eu posso senti-lo pulsando contra mim a cada batida do seu coração.

Minha boceta dói de necessidade, repentina e selvagem, e eu quase imploro de novo —ele parece gostar de como eu imploro—mas então sua mão agarra meu traseiro, dedos

cavando forte enquanto ele enfia seu pau dentro da minha boceta em uma, pontuando impulso.

"Padre!" Eu grito através de uma expiração irregular, seu nome sendo levado para as vigas.

"É isso que você queria?" ele raspa contra meu pescoço, seus quadris bombeando contra minha traseira, seu ritmo acelerando. "Meus votos rasgados em pedaços para apaziguar

você e seu apetite?"

Eu não posso deixar de concordar, um gemido escapando dos meus lábios.

É exatamente o que eu queria.

"Você acha que é minha salvação? Você acha que é minha redenção?" ele continua, a barba fazendo cócegas em meus ouvidos. "Você ao menos sabe o que isso significa?"

Eu não consigo nem formar as palavras. Eu não consigo pensar. Sua mão vai até minha garganta,

me sufocando, a outra mão desce até meus pulsos, tocando brevemente as contas ao redor do colar que me prende.

"Eu quero você", ele diz sem fôlego, moendo seu pau mais fundo. "Preciso de você. Desejo você como nada mais que eu já quis. Sem absolvição, sem céu, nada. Eu preciso ter você, assim, pau fundo na sua boceta e

rezando a Deus para que você nunca me deixe, que eu nunca fique sem isso."

Ele alcança minha frente, a mão freneticamente movendo as camadas do meu vestido para fora do caminho até que ele agarra minha boceta, seu aperto possessivo e forte.

"Isso me pertence, junto com o resto do seu corpo, sua alma. Para sempre e cada vez mais, estamos ligados."

Com a ponta do dedo no meu clitóris, ele cria círculos ásperos e duros contra onde estou escorregadia e inchada. Qualquer dano causado antes por sua mordida diminuiu, e estou tão sensível quanto sempre fui. Ele se estica ligeiramente, beliscando como se estivesse mordendo novamente, e eu suspiro. Dói, e ainda

nunca me senti tão desesperada pela dor.

"Eu quero você gozando no meu pau como a deusa do mar que você é", ele diz asperamente. "Eu quero ele molhado, muito molhado pra caralho."

Seus dedos voltam a trabalhar, girando, beliscando, puxando até minhas coxas começarem a tremer, meu pescoço arqueando para trás.

"Sim, sim", eu assobio. "Mais."

"Jesus", ele murmura contra mim. "Você vai me levar para o céu quando eu não mereço. Você vai se afogar no meu esperma de dentro para fora."

Ele se afasta um pouco, tentando recuperar o fôlego, e a igreja inteira está confusa, como se eu estivesse em outro lugar, em outro mundo. Então seu pau é enfiado tão forte e fundo, que não há misericórdia, nenhuma misericórdia.

Eu grito, a respiração me sai enquanto eu solto as ondas que se aproximam para a dor que vem com o prazer. Meu núcleo parece ser o sol, quente e girando, o calor aumentando até me destruir. Eu gozo forte e tão alto quanto minha voz permite. Meu corpo inteiro pulsa e treme, a borda do banco cravando em meu peito, forte o suficiente para machucar.

"Oh, foda-me, aqui vem", ele ofega. "Oh, Deus."

Ele penetra em mim, puro animal, todo besta, todo homem, e eu ouço sua respiração engatar, sinto os estrondos de seus gemidos, o jato quente de sua semente dentro de mim. Meu

corpo estremece e se debate com as estocadas moribundas até ficar sem ossos, até que seu ritmo

diminua e suas mãos estejam deslizando pela parte de trás da minha cabeça, deslizando pelo

meu cabelo em um gesto que é ausente e terno, como se ele não tivesse certeza de quem eu sou ou quem ele é.

"Larimar", ele diz, meu nome um sussurro, uma oferenda, algo reverenciado.

Então, ele planta um beijo no meu ombro.

Doce.

Suave.

"Padre", eu sussurro de volta.

Ele fica tenso com hesitação.

Então, ele ri calorosamente.

"Desculpe, estou com problemas para ouvir você", ele diz. "Parece que meu ouvido está faltando."



I

Capítulo Quatorze

PRIEST

nunca pensei que perderia uma orelha. Francamente, nunca pensei que perderia qualquer parte do meu corpo. Quando eu era um monstro, eu era completamente indestrutível. Lembro vagamente de ser atacado por pessoas em legítima defesa, mas não acho que elas tenham causado algum dano. Independentemente disso, cada parte de mim sempre permaneceu intacta.

Até que Larimar, meu peixinho, minha deusa do mar com um apetite por destruição, arrancou minha orelha destruída, cortou meu pescoço e deixou suas marcas nas minhas costas em fileiras sangrentas. Acho que nunca senti tanta dor, mas essa agonia foi rapidamente substituída pela necessidade de violência e pelo desejo de transar com ela.

É uma sorte para nós dois que meu desejo de transar com ela tenha vencido. Nos dias desde que a levei para a igreja, lutei com o que mudou. Minha orelha cresceu de novo, felizmente — acontece que sou mais vaidoso do que um

padre deveria ser — e minhas feridas sararam, mas meu relacionamento com Larimar foi alterado. É como se eu estivesse olhando para ela por uma lente diferente. Eu sempre a desejei, queria possuí-la de uma forma obsessiva. Eu ansiava por mantê-la para sempre, quer isso significasse mantê-la nos fundos desta igreja ou talvez, um dia, aventurar-me para fora desta aldeia desolada e castigada pelo clima e ir para outro lugar — talvez um navio pirata comandado por uma tripulação de bebedores de sangue, navegando para mares desconhecidos com ela ao meu lado. Mas esses sentimentos vinham de um lugar de propriedade, de querer que ela fosse minha. É por isso que eu precisava que ela estivesse ligada a mim em troca da minha



mágica. Pode ser só para enfeitar em nome dela, mas eu levo a sério. Quando eu digo que viajarei até os confins da terra para encontrá-la se ela me deixar, eu falo sério.

No entanto, depois que eu estive dentro dela, depois que eu gozei até não sobrar nada, depois que eu me entreguei à tentação e ao pecado, eu percebi do que eu estava com medo esse tempo todo. Eu presumi que se eu quebrasse meus votos, se eu a fodesse

corretamente aos olhos de Deus, eu estaria entregando as rédeas para a fera interior.

Mas isso não aconteceu.

Eu percebi que meu verdadeiro medo, o que sempre me aterrorizou sobre minha deusa do mar, é como eu me sentia sobre ela. Não apenas como uma posse ou uma obsessão,

algo para possuir, manter e contemplar, mas alguém para proteger, para estimar, com uma parte dela para cobiçar.

Seu coração.

Mas eu não saberia o que fazer com o coração de ninguém. Eu sou a última pessoa que o manteria seguro. Se ela me desse o dela, eu só abusaria. Eu não sou um bom homem, não importa minha vocação, e eu só sei como machucar as coisas que eu gosto.

Quanto ao meu coração? Bem, eu realmente não tenho um. Ele foi perdido no dia em que eu fui transformado em um vampiro. Não, não perdido. Eu não perdi meu coração naquele dia.

Eu o rasguei em pedaços.

Eu o liquefiz.

Ele se dissolveu no momento em que matei minha família.

Como se nunca tivesse existido.

Um homem assim não merece ter um coração.

Apesar de Larimar me lembrar do que eu mais temo, não havia chance de eu ficar longe dela. Naturalmente, eu não poderia de qualquer maneira, já que eu tinha que verificar

ela todos os dias. Eu tenho o trabalho humilde de esvaziar seu balde de latrina e levar comida e água para ela.

Eu mantive a corrente em sua boca e suas mãos amarradas. Meu corpo precisava de tempo para se curar, e a última coisa que eu queria era que ela me atacasse e

tenho que começar a curar de novo. Estremeço ao pensar em que outra parte do corpo ela pode tentar morder. Sei que lhe dei prazer uma e outra vez — e ela sabe o que vai acontecer com ela se tentar fugir — mas não posso correr meus riscos.

Às vezes eu quero, no entanto. Frequentemente. Mais uma prova daquela boceta, mais um aperto forte dentro dela. Quero sentir o jeito que ela treme no meu pau quando ela está gozando. Quero ouvir seus pequenos ruídos ofegantes e gananciosos enquanto ela termina, o paraíso que só eu posso fazê-la ver.

E agora, ela está parada na minha frente com um olhar carnal em seu rosto doce. Que justaposição — um demônio e um anjo em um, e ela está nua, amarrada e acorrentada.

Seguro um pano molhado na mão, oferecendo a ela da tina. Eu o trouxe da minha casa de campo, imaginando que era uma maneira mais digna de tomar banho do que de um balde.

"Achei que, já que você não tem mais rabo, você provavelmente deveria se banhar."

Eu afrouxei a corrente o suficiente para que ela pudesse falar, embora abafado e arrastado às vezes. "Você vai ter que me desamarrar primeiro," ela diz docemente, mostrando-me seus pulsos.

Ela só parece inocente. Eu sei o que essas garras podem fazer.

Quando eu não me movo para ela, ela revira os olhos e sobe na banheira, seu longo cabelo loiro-trigo caindo sobre seu ombro como uma pintura do início da Renascença. "Tudo bem," ela diz em uma voz dura e abafada. "Então você será a única a me dar banho."

Eu exalo pesadamente e aceno. "Tudo bem."

Ela se senta na banheira, a água mal a cobrindo. Está congelando já que eu não consegui aquecê-la, mas ela não parece notar. Eu suponho que essa seja outra parte de seu eu Syren que se manteve desde que ela costumava nadar nas águas da costa, repletas de pinguins e plataformas flutuantes de gelo.

"Conte-me algo sobre você", eu digo enquanto esfrego uma fatia de sabão de azeite na toalha e aplico em seus ombros. Sua pele é tão macia e suave que desliza sobre ela. "Conte-me sobre onde você estava morando antes de eu te encontrar."

"Morando?" ela diz com um bufo. "Eu estava morando em todos os lugares."

"Mas vocês vivem em grupos, em colônias, não é?"

"Eu disse que estava sozinha", ela diz enquanto eu coloco o pano ensaboadosobre suas costas.

"Mas você veio de um reino. Limonos, não é? Você estava em Acapulco. Fica do outro lado do continente. Certamente, você estava com outros de lá para cá. Por que você nadaria todo esse caminho sozinha?" Seu corpo fica imóvel, e o silêncio preenche a sala. "Eu estava procurando alguém."

Isso é novidade para mim.

"Quem?", pergunto, o pano parando no meio da coluna.

"Alguém que não quer ser encontrado", ela diz baixinho. "Prefiro não falar sobre isso."

"Por que não? Eu te contei sobre meu passado."

"Nem tudo", ela diz enquanto olha para mim.

Ela está certa — nem tudo. Se eu a importunasse mais, ela me faria confessar meus pecados mais obscuros.

Eu deixo o assunto de lado. Provavelmente é cruel continuar fazendo-a falar enquanto ela está amordaçada com uma corrente de qualquer maneira.

Eu mantendo o pano se movendo enquanto a lavo em todos os lugares, sendo extremamente gentil

sobre seus seios, entre suas pernas. É impossível não excitá-la, não provocar seu apetite sexual. Eu a faço gozar sem nem querer, e não há orações que eu possa fazer que mantenham meu pau para baixo, que impeçam minha mente de afundar no lodo da depravação.

Quando termino de dar banho nela, decido me deleitar.

Eu a tiro da banheira, molhada e nua, e a deito no banco.

"Vou me alimentar de você", digo a ela. "E você vai me deixar tomar o máximo."

Seus olhos se arregalam de antecipação. "Você vai fazer doer?", ela pergunta.

"Posso tentar não fazer, mas não farei nenhuma promessa."

"Estou pedindo para você." Ela me dá um sorriso irônico. "Faça doer."

Seu apelo faz minhas bolas subirem, meu pau já cruelmente, dolorosamente duro.

"Tudo bem", digo a ela, prestes a abrir a aba da minha calça.

"Tenho outro pedido", ela diz rapidamente, e eu a encaro para continuar. "Eu quero ver você nua."

Eu paro, minha mão dentro da calça, apertando meu pau. "Nu?"

"Eu nunca vi um homem completamente nu", ela diz. "Não de uma forma sexual. Por favor. Você está sempre vestida, e eu sempre... não. É justo, não é?"

"Se as coisas fossem justas no seu mundo, você não seria minha prisioneira, seria?" Eu aponto, mas decido satisfazê-la de qualquer maneira. Tiro minha camisa, minhas calças, até ficar nua, a única coisa que resta no meu corpo é o rosário em volta do meu pescoço. Sei que meu corpo é forte, construído com perfeição. Ser uma

imortal com força sobrenatural significa que tudo está no auge da condição física, dos meus braços ao meu abdômen e meu pau.

E pelo jeito que ela morde os lábios, o cheiro fresco de sua excitação no ar, sei que ela mais do que gosta do que vê.

Meu peixinho está com fome.

Coloco minhas mãos em suas clavículas e a empurro até que ela esteja deitada no banco, e então pego suas pernas e as levanto o mais retas que posso, ficando entre elas. Sua boceta está completamente nua e aberta para mim, e eu tenho a visão mais pecaminosa dela.

Não perco tempo liberando o pagão dentro de mim.

Posiciono meu pau na boceta dela, provocando por alguns segundos apenas com a ponta, mal empurrando até que ela comece a se contorcer, esfregando sua boceta, molhada e escorregadia, contra mim.

Então eu dou a ela o que ela quer, enfiando meu pau dentro dela o mais fundo que pode. É um ajuste apertado desse ângulo, mas quanto mais eu enfito, mais eu sinto ela se esticar ao meu redor. Meus olhos reviram na minha cabeça, meu corpo já tremendo.

"Deus", ela grita contra a corrente.

Finjo que ela está me chamando, que eu sou seu deus.

Eu gemo com o pensamento enquanto minhas bolas puxam em direção ao meu corpo, apertadas como punhos.

Mas que deus teria uma mulher com as mãos amarradas atrás das costas e uma corrente de metal na boca? Que deus manteria uma mulher dessas em cativeiro para que ele pudesse transar com ela e se banquetejar com ela? Acho que isso me torna o Diabo.

Eu empurro até o fim, minhas bolas pressionadas contra sua bunda e coxas, e olho para a visão. Ela parece estar sendo empalada, meu pau grosso dentro de sua pele molhada e rosa.

"Mais, por favor", ela sussurra, seus olhos travando nos meus.

Eu resmungo e começo a bombear mais forte, segurando suas pernas para alavancar, suas

panturrilhas em meus ombros, e logo, estou no cio como um animal. Eu me sinto tão incrivelmente forte assim, vendo-a embaixo de mim, sua boceta encharcada, seus olhos vidrados, seu corpo meu para ser tomado. Quase parece errado, como se eu não devesse estar gostando do quanto estou dominando ela, e ainda assim estou.

"Mais", ela sussurra novamente.

Eu sorrio para ela, minha voz rouca enquanto digo, "Eu ainda não terminei com você."

Eu me afasto, meu pau balançando, brilhante com seu desejo, enquanto a viro

de bruços. Ela solta uma risada alegre que faz meu coração pular uma batida,
mas isso é rapidamente ofuscado pela necessidade fervorosa de gozar dentro dela.

Mas primeiro, eu quero me alimentar.

E então, eu quero dar a ela algo mais.

Eu me inclino para frente sobre suas costas e mordo a lateral de seu pescoço. Minhas
presas

perfuram sua pele, e seu sangue doce flui para minha boca, escorrendo
pelo pescoço dela. Eu sei que não deveria me alimentar dela com tanta frequência, mas
não consigo me conter.

O sangue dela é tão viciante quanto o resto dela.

"Mais", ela geme.

"Mais o quê?" Eu pergunto contra seu pescoço, lambendo o sangue derramado. "Diga
para mim, e eu darei a você."

"Mais de você. Quero sentir mais de tudo. Quero me sentir
obliterada."

"Então suas preces serão atendidas," digo a ela.

Engulo seu sangue e então me endireito. "Levante seus quadris," murmuro
para ela, observando enquanto seu traseiro firme e cheio sobe no ar. "Essa é uma
boa menina."

Inclino-me e mordo sua bochecha, presas afundando na pele macia e macia.

Ela grita, seu corpo enrijecendo antes que ela comece a relaxar em mim.

Antes que ela possa se mover, agarro seu traseiro em minhas mãos e abro suas
bochechas. Seu pequeno buraco apertado está limpo, rosa e esperando por mim, e eu
vou

estragar tudo. Abaixo minha cabeça, meu nariz pressionando primeiro antes
da minha boca, e ela engasga quando minha língua faz contato com seu lindo
ponto enrugado, com gosto do sabão com que a lavei.

"Oh meu Deus," ela grita contra a corrente.

Continuo sondando, provando, deixando seu buraco o mais molhado possível para o
que estou

prestes a fazer. Eu me afasto e mordo seu traseiro novamente, puxando o sangue para
minha

boca antes de cuspir na minha mão.

Deslizo aquela mão sobre meu pau latejante, depois entre suas bochechas,
alternando até que ambas estejam escorregadias.

"Morda se precisar", brinco.

Então, pressiono a ponta do meu pau contra seu buraco escorregadio e empurro
lentamente
para dentro.

"Ahhh", ela grita suavemente.

"É isso, você pode me levar", eu lhe asseguro. "Eu vou devagar."

"Padre", ela geme, seu corpo começando a se contorcer, como se fosse correr.

Eu paro, colocando minha mão na parte inferior das costas dela. "Você pode me dizer para parar."

Ela acena, engolindo em seco. "Está tudo bem. Eu estou bem."

"Você pode levar", eu digo a ela novamente.

"Eu posso levar."

Eu sorrio para mim mesmo com uma sensação perversa de orgulho antes de agarrar seus quadris e

continuar me empurrando para dentro dela. Centímetro por centímetro, ele vai, e eu cuspo mais algumas vezes para lubrificar seu caminho.

Ela geme alto, e embora ela não esteja empurrando seu traseiro em mim, ela não está tentando fugir também.

Lentamente, eu começo a bombear, meu pau brilhando enquanto eu o retiro e então o empurro de volta. Ela está tão apertada que fica difícil enxergar direito.

"Mais", ela diz. "Quero sentir você em todos os lugares."

Minhas sobrancelhas se erguem enquanto vejo meu comprimento desaparecer dentro dela.

Ela diz em todos os lugares...

Ainda dentro dela, alcanço uma das velas acesas na mesa e a apago. A fumaça flutua para longe do pavio enquanto puxo a vela do suporte e a viro de cabeça para baixo, a ponta fumegante pressionada contra minha palma, chamuscando-a.

Brandindo-a, trago a vela para baixo de seus quadris.

Seu corpo fica tenso.

Corro meus dedos sobre a borda de sua boceta, certificando-me de que ela ainda está jorrando

antes de enfiar a vela dentro dela.

"Padre!", ela grita. A vela é quase tão grossa quanto meu pau, mas ela está tão molhada que desliza para dentro.

"É isso", murmuro, trabalhando tanto em seu cu quanto em sua boceta. "Viu como você me aceita bem? Viu como seu corpo precisa de mim, tão maduro e ganancioso, pronto

para gozar de qualquer maneira que você puder?"

Ela está ofegante agora, movendo os quadris para trás contra mim, querendo mais. Eu dou a ela, a vela fodendo sua boceta profundamente, meu pau enfiado em seu traseiro.

Eu nunca vi uma visão dessas.

"Você gosta disso, não é?" Eu gemo. "Ser preenchida assim. Você quer gozar, peixinho?"

Ela acena, soltando um som de choramingo. Ela está tão tensa, tremendo por todo, tão perto. Tudo o que faço é deslizar meu nó dos dedos sobre seu clitóris inchado e

ela se desfaz.

Seu canal agarra meu pau, me ordenhando até que eu fique violentamente duro, seus gritos ofegantes enchendo o ar. Sua cabeça cai para frente enquanto eu começo a bombear

nela com uma selvageria que me surpreende.

"Porra", eu resmungo. "Sim, sim."

É isso.

Com um puxão grosseiro dos meus quadris, meu orgasmo é arrancado do meu núcleo.

Eu sinto

como se alguém tivesse feito um exorcismo em mim, arrancado o diabo da minha alma em uma onda de esperma quente. Eu a encho com isso, e continua vindo em torrentes,

quente e implacável.

Eu bombeio e empurro, sua traseira ficando mais bagunçada até que eu finalmente escorregue para fora. Eu

observo enquanto meu esperma escorre do seu buraco, escorrendo pelo meu pau, minhas

bolas, pingando no banco.

Eu acho que nunca fiz tanta bagunça antes.

Sem pensar, passo meus dedos sobre meu esperma gasto e o enfilo dentro de sua boceta, empurrando-o para dentro com meus dedos até que ela se contorce, seu

corpo muito sensível. Mas não estou tentando deixá-la pronta novamente. É a visão das pérolas brancas brilhantes em sua carne rosa que faz algo comigo, me satisfaz como nada mais.

"Bem", eu digo, dando um passo para trás, meus olhos passando pela visão de seu belo corpo.

Ela vai precisar de outro banho.

OceanofPDF.com



I

Capítulo Quinze

LARIMAR

nunca pensei muito sobre como é a versão do céu da humanidade, mas tenho quase certeza de que a deles não envolve uma corrente enferrujada na boca. No entanto, enquanto estou deitado no banco da igreja, sinto-me o mais perto do céu que posso chegar.

"Fique aí", Priest me diz em uma voz baixa e rica, colocando brevemente sua mão quente na parte inferior das minhas costas. O gesto é suave, mas envia uma onda de arrepios pela minha pele. Engraçado como ele pode me contaminar tão completamente — amarrada, acorrentada, com um pau e uma vela de todas as coisas — e ainda assim um toque simples parece tão bom.

Talvez até mais.

Não vou a lugar nenhum, quero dizer a ele, mas é claro que não consigo falar claramente com a corrente na boca.

Sinto sua presença se afastando de mim, o som de suas calças sendo puxadas, o som da fechadura sendo desfeita e a porta se abrindo. Viro minha cabeça para vê-lo sair.

Ele não tranca a porta atrás de si.

Esta é sua chance, digo a mim mesma. Fuja.

Mas os orgasmos implacáveis devem ter feito algo com minha cabeça.

Eles me deixaram fraca.

Droga. Eu deveria ser a única a seduzi-lo e deixá-lo indefeso através do sexo, não o contrário.

Como ele conseguiu virar o jogo?

Eu exalo contra a corrente, meus olhos na porta. Não sei para onde Priest foi, mas não consigo imaginar que ele vá ficar fora por muito tempo. Ele sabe que não trancou?

Tento superar a névoa pós-coito e formular um plano. Eu poderia me levantar e correr. Minhas pernas funcionam, e elas não estão amarradas. Eu poderia correr, embora nua,

para fora e continuar correndo até encontrar ajuda. Os aldeões me ajudariam, tenho certeza disso.

Mas Priest provavelmente me caçaria como fez antes, e francamente, eu não me importaria se ele me submetesse a mais sexo raivoso.

Ainda assim, tenho que lembrar por que desisti das minhas nadadeiras para começar. Tenho que pensar em Maren.

Eu me viro e sento cuidadosamente, tentando reunir coragem.

Foi tão fácil correr no outro dia.

O que aconteceu comigo?

Por que me sinto compelida a continuar refém desse homem?

Porque você gosta, diz uma vozinha dentro de mim. Porque você gosta de ser sua cativa. Você gosta que ele se alimente de você e te foda e te faça sentir coisas que você nunca sentiu antes.

Porque você é como ele.

E você gosta dele.

Eu engulo em seco, inquieta. Não. Eu não posso gostar dele. Eu não posso gostar de nada disso.

Eu fui movida pela obsessão de encontrar minha irmã pelos últimos onze anos, meu único propósito singular. Eu sobrevivi à perda do meu pai, à perda do meu reino, à perda da minha outra irmã. Eu sobrevivi ao abuso nas mãos de Syrens desonestos, sobrevivi a anos de solidão e desespero enquanto eu procurava os oceanos procurando por Maren.

Eu não posso desistir agora, mesmo que eu sinta algo por esse homem.

Este monstro.

Este Vampiro.

Mas e se eu nunca for destinada a encontrar Maren?

E se eu for destinada apenas a encontrá-lo?

Eu ouço passos do lado de fora da porta, e eu saio dos meus pensamentos, meu coração disparado.

Priest volta para o quarto, sem camisa, mas usando suas calças pretas, carregando um balde de água e um pano.

Ele para por um momento, e a mágoa passa por seu rosto enquanto ele me olha antes de continuar andando.

"Você estava planejando ir a algum lugar?", ele pergunta morno enquanto coloca o balde ao meu lado.

Eu o encaro em resposta. Não consigo responder de qualquer maneira.

Ele apenas concorda. "Deite-se. Abra as pernas."

Meus olhos se arregalam. De novo? Já estamos fazendo isso?

"Estou limpando você", ele acrescenta calmamente e gesticula com um levantamento do

queixo para fazer o que ele pede.

"Você acabou de me dar banho."

"E eu acabei de te sujar de novo", ele diz e gesticula novamente. "Eu queria água limpa para isso."

Eu me deito no banco, minhas mãos amarradas abaixo de mim, e olho para o teto.

Eu ouço a toalha entrando na água. Está deliciosamente fria e úmida enquanto ele a pressiona contra meu joelho interno e a desliza suavemente pelas minhas coxas.

Ele

me limpa como fez antes, com movimentos delicados e metódicos.

Ele murmura para eu me virar de bruços, e eu o faço, abrindo minhas pernas para ele novamente. Não há vergonha com ele, nenhuma inibição ou humildade,

não quando se trata do meu corpo, mas mesmo assim, eu fico um pouco tensa quando ele separa as

bochechas do meu traseiro e gentilmente passa a toalha ali, aquela parte de mim um pouco dolorida por ter sido usada de uma maneira tão estrangeira e selvagem.

"Pronto", ele diz. Depois de mais alguns minutos de cuidado terno, ele remove a toalha, e então...

BAM.

Eu grito contra a corrente, estremecendo com o impacto da palma dele contra meu bumbum.

Eu o encaro por cima do ombro, e ele está sorrindo maliciosamente para mim, o tipo de sorriso que acalma a dor. Um sorriso que faz meu coração tropeçar.

"Desculpe", ele diz, sem soar nem um pouco arrependido. "Eu não pude evitar. Eu terei que culpar o monstro."

Então, ele se estica para frente e me agarra pelos ombros, me puxando para sentar. "Vou te desamarrar por um momento enquanto coloco essa roupa em você", ele diz, levantando o linho.

Qual é o sentido? Eu penso enquanto ele estica a mão atrás de mim e começa a desfazer a

corda. Eu só vou acabar nua de novo.

"Prometa que vai se comportar", ele sussurra no meu ouvido, fazendo meus olhos revirarem na minha cabeça. "Então talvez eu desfaça a corrente também."

Concordo enquanto ele liberta minhas mãos. Eu mexo meus pulsos doloridos, e ele imediatamente os agarra, trazendo-os para frente, um aviso em seus olhos. Então, ele os levanta até a boca e, com seu olhar intensamente focado no meu como se estivesse olhando para minha alma, ele coloca seus lábios na parte inferior suave de cada um.

Meu Deus, sinto que estou derretendo com seu toque. É como se ele estivesse tentando me conquistar com ternura agora.

E está funcionando.

Eu vou me comportar, eu acho. Eu farei qualquer coisa que você quiser se você continuar me olhando assim.

Ele sorri gentilmente e então levanta meus braços, deslizando a camisola sobre mim e puxando-a para baixo sobre minha cabeça e peito.

"Boa menina", ele diz apreciativamente enquanto alcança atrás de mim para desfazer a corrente.

Então, ele para.

Suga a respiração.

A energia na sala de repente muda para algo escuro e frio.

Olho para cima para vê-lo olhando por cima do meu ombro, e sigo seu olhar para a porta para ver um homem parado ali.

Eu suspiro contra a corrente, e Priest abaixa as mãos.

"O que está acontecendo aqui?", diz o homem. Ele está vestido com roupas autoritárias,

o que me faz pensar que ele também pode ser um padre, mas então vejo a espada embainhada ao seu lado, uma arma em sua mão. Fiquei muito familiarizado com eles depois que Asherah foi capturada.

Este homem é um pirata? Ele parece muito bem cuidado para ser um. Ele até tem uma daquelas perucas brancas enroladas.

Priest não diz nada; ele apenas se coloca entre mim e o outro homem.

"O que você está fazendo com ela?", diz o homem. "Afaste-se, Padre Aragon."

"Por favor, vá embora", Priest diz com uma voz dura e fria. "Você não tem permissão de volta aqui. Este é um solo consagrado."

O homem bufa e saca sua arma, apontando-a para Priest.

"Solo consagrado. Eu sei que você não é um padre, nem um homem santo. Eu sempre suspeitei disso — todas essas visitas à igreja no meio da noite.

Agora, vejo que você está mantendo uma mulher aqui atrás para você. Homem santo de fato."

"Ela me pertence", Priest praticamente rosna.

"Vou deixá-la decidir a quem pertence", diz o soldado enquanto sorri para mim. "Não se preocupe, querida, eu vou te trazer aqui." Ele olha para Priest e sacudi a pistola para ele. "Afaste-se, Aragon."

Priest olha de volta para mim.

Acho que essa é minha chance.

Era tudo o que eu estava esperando.

Alguém para vir me resgatar.

Mas então, para minha total surpresa, Priest se afasta.

E meu coração afunda de medo.

O homem sorri e caminha até mim, mantendo a arma apontada para Priest enquanto ele se aproxima.

"Você é linda, não é?", diz o homem enquanto me olha de soslaio. "Eu posso ver por que ele queria te esconder aqui." O soldado estende a mão livre e agarra meu pulso, com força suficiente para eu gritar. "Não se preocupe, estou aqui para ajudar."

O padre faz um movimento para mim, mas o soldado puxa o gatilho.

Com uma explosão de fogo, a fumaça da arma enche o ar, e eu grito novamente quando o padre é atingido com uma bala no peito. Ele cai com um suspiro, batendo no chão fortemente.

"Padre!" Tento gritar contra as correntes, mas o soldado me acerta na lateral da cabeça com sua pistola, e tudo explode em faíscas. Sinto sangue quente escorrendo pela lateral da minha cabeça, e sou empurrado para baixo

no banco novamente, o soldado empurrando minha camisola para cima.

Ele geme, pressionando sua ereção contra meu traseiro enquanto eu me debato, tentando sair

do caminho, me afogando em desgosto.

"Duvido que você tenha sido devidamente fodida por um homem santo", diz o homem, agarrando meus pulsos e puxando-os para trás das costas, meus ombros deslocando novamente com uma dor debilitante. "Ele provavelmente teve que amarrar você

porque não sabe o que está fazendo. Provavelmente teve que colocar isso na sua boca para que você não dissesse a ele o quanto ruim ele era."

Ele me bate com a arma novamente, e eu grito, sentindo minha luta começar a escapar. Tento fazer minhas garras saírem, mas a maneira como meus ombros estão arrancados das articulações deve estar me impedindo. "Ou ele fez isso porque você grita? Sabe, eu gosto quando eles gritam."

Ele agarra a corrente na parte de trás da minha cabeça e bate minha testa na madeira antes de puxar minha cabeça para cima novamente. Sinto sua outra mão

tateia em suas calças. "Vamos ver quanto barulho você faz, querido."

Sinto a corrente começar a se soltar.

Sinto minha determinação começar a escapar.

"Eu não removeria isso se fosse você." A voz de Priest soa como um farol atrás de mim.

Abro meus olhos.

Ele está vivo!

A corrente se desfaz e cai da minha boca.

Sinto o soldado se virar para olhar na direção de Priest, ouço seu suspiro confuso aovê-lo vivo.

"Ela morde", Priest acrescenta.

E isso é o suficiente para mim.

Enquanto o soldado está distraído com a ressurreição de Priest, meus dentes de tubarão

emergem, e encontro forças para me virar e morder a mão do soldado. Eu

mastigo dois dedos, cortando os dois na articulação.

O soldado grita de horror, sangue jorrando, e eu cuspo os dedos violentamente. Se eu vou comer qualquer parte desse homem, vai ser o coração dele, e ele vai me assistir fazer isso.

Enquanto isso, Priest aparece atrás dele, agarrando o homem por trás,

tirando sua peruca e jogando-a no chão antes de envolver

dedos fortes em cada ombro, segurando o soldado gritando no lugar.

"Você quer fazer as honras, peixinho?" Priest me pergunta. Seus olhos

têm aquele estranho brilho vermelho, suas presas se projetando enquanto ele fala.

Eu mostro meus dentes de volta, combinando com seu sorriso horrível.

"Com prazer", eu digo a ele.

Eu movo meus ombros para que eles rolem para frente e voltem ao lugar,

rangendo meus dentes em um grito. Então, eu empurro minha mão para o soldado, minhas unhas se transformando em garras enquanto eu enfio meus dedos no peito do homem, rasgando carne e osso.

Seu grito ecoa nas paredes, e eu vejo meu reflexo em seus olhos escuros. Eu pareço um monstro enlouquecido.

Ainda mais quando arranco seu coração do peito. Eu o seguro na frente de seu rosto para que ele possa assistir enquanto ele dá sua última batida. Eu quero que ele me veja comê-lo também, mas hesito, imaginando se isso será demais para Priest, se ele pensará mal de mim.

Mas quando olho para ele parado atrás do soldado, ele apenas me dá um aceno seguro para prosseguir.

Então, abro a boca e enfio o coração do homem lá dentro, cortando o músculo duro com alguns estalos dos meus dentes, o sangue escorrendo pelos lados dos meus lábios.

Sei que o soldado me vê comê-lo, mesmo que ele esteja vivo por apenas um mero segundo antes de desabar, morto nos braços de Priest.

Isso só me deixa mais faminto enquanto engulo seu coração — é a melhor coisa que já provei em muito tempo — e olho nos olhos de Priest.

Algo muda em seu olhar, e ele franze a testa. Ele sabe que, agora mesmo, eu poderia fugir. Meus dentes estão afiados, minhas garras para fora; posso correr para a porta.

Mas não me movo. Fico ali, um cadáver ensanguentado entre nós.

Não sei por que parece estranho, mas parece, como se nós dois estivéssemos vendo um ao outro sob uma nova luz, uma talvez apenas lisonjeira para o outro.

"Você levou um tiro", eu aponto, acenando para o peito dele enquanto limpo o sangue da minha boca.

"Eu levei. Não foi a primeira vez e não será a última. Não pode me matar."

"Então por que você se afastou?" eu pergunto. "Eu pensei que você fosse me proteger."

"Larimar, eu vou te proteger de todos, inclusive de mim", ele diz sério. "Ele não ia sair vivo desta sala de qualquer maneira, mas eu queria ver o que você poderia fazer. Eu queria ver como você cuidaria de si mesma. Eu queria ver seu monstro."

"Ele ia me estuprar", eu digo. "E se eu não pudesse ter lutado?"

"Eu teria arrancado o pau dele antes que ele tivesse a chance", ele rosna, seus olhos queimando nos meus. "Eu não achei que ele puxaria o gatilho. Além disso, você se cuidou. Tudo isso? Isso é tudo você."

Eu acho que ele está certo. Mesmo que Priest não tivesse se recuperado, eu consegui morder

os dedos do homem. Arranquei seu coração e o comi. Eu poderia até ficar um pouco orgulhoso de mim mesmo.

"Já que o temos, não devemos deixá-lo ir para o lixo", Priest diz, limpando a garganta. "Você queria se servir do resto dos órgãos enquanto eu bebo seu sangue?"

"Você acha que outros virão?"

Ele balança a cabeça e dá um passo para trás para colocar o soldado no chão.

"Eles já estariam aqui, mas estarei ouvindo, só por precaução. Eu

deveria tê-lo ouvido chegando antes, mas eu estava... muito preocupado com você."

"Se eu me comportaria," eu o lembro. "Eu diria que estou no meio de um mau comportamento, você não acha?"

Ele me dá um sorriso torto, presas e tudo, que rouba o fôlego dos meus pulmões. "Então, por favor, continue."

"Não se importe se eu fizer," eu digo, ficando de joelhos ao lado do cadáver. O padre faz o mesmo, quebrando o pescoço do morto para o lado antes de morder e festejar. Eu cavo minha mão na cavidade torácica do soldado e o rasgo no meio, procurando seu fígado.

Nós dois compartilhamos uma refeição juntos, como os amantes fazem.

OceanofPDF.com



P

Capítulo Dezesseis

LARIMAR

riest ficou nervoso por alguns dias após matarmos o soldado.

Mesmo que ninguém o tenha seguido, ele estava paranoico de que o soldado tinha contado a outros sobre suas suspeitas, ou alguém teria visto o soldado passar pela igreja naquela noite fatídica.

Mas ninguém veio interrogá-lo.

Na verdade, já faz quase uma semana desde que aconteceu, e ele diz que não houve nenhuma notícia de que o soldado sequer desapareceu. Priest acha que eles abandonam seus postos com frequência suficiente para que isso não seja questionado. Estar estacionado

nessas partes não é para os fracos de coração, aparentemente.

Naturalmente, ele se certificou de que não restasse nenhuma evidência de nosso banquete. Depois que

Priest drenou o sangue do soldado e eu comi alguns órgãos saborosos e nutritivos, ele levou o corpo para fora e o enterrou. Ele disse que os lobos provavelmente o desenterrariam em alguns dias antes que a geada se tornasse permanente.

Quando terminassem com ele, não sobraria nada.

"Não vou ficar muito tempo. Tenho missa esta manhã", diz o padre para mim.

Ele acabou de se juntar a mim na sala dos fundos, entregando meu café da manhã.

Desta vez,

parece ser pão, manteiga e algum tipo de peixe que não cheira muito bem. Eu torço o nariz para ele enquanto ele o coloca na mesa onde eu estava sentada, vestida apenas com minha camisola, folheando uma Bíblia. Tenho tentado me ensinar a ler sem sucesso.

"O quê?", ele pergunta com uma carranca, notando minha expressão. "Finalmente consegui

peixe para você como você pediu. Você não aprova?"

Pego a ponta e lambo timidamente.

Ele gême enquanto me observa. "Por favor, evite me dar pensamentos obscenos antes do meu sermão."

Não consigo deixar de sorrir, embora o peixe em si tenha gosto de sal puro.

"Não acho que os humanos saibam qual é o gosto de um bom peixe", comento, fazendo uma careta.

Priest ri. "Acho que sei, peixinho."

"Mas você não é bem humano", aponto. "Além disso, não tenho gosto de peixe."

"Não. Você tem gosto de uma deusa do mar", diz ele, suas mãos indo puxar o pano branco em volta do colarinho. "Você tem gosto de céu na minha língua." O calor envolve seu olhar, tornando-o ardente, e de repente ele xinga. "Cristo."

Ele dá a volta na mesa e coloca as mãos nos meus quadris, me levantando para que eu fique empoleirado na beirada dela. Eu rio, empurrando meu prato de café da manhã para longe

e passando meus dedos por seu cabelo longo e sedoso enquanto ele empurra a bainha da minha camisola e abre minhas pernas.

"Só um lanche para me ajudar a terminar minha pregação", ele murmura, abaixando a cabeça e me atacando com sua boca até eu suspirar. "O gosto de você me lembrará pelo que vale a pena pecar", ele raspa contra minha pele.

Céus.

"Enquanto eu estiver em sua mente", digo a ele através de um gemido, meu pescoço arqueando para trás. Nós nos tornamos mais próximos nesta última semana, pelo menos tão próximos quanto um captor e um cativo podem ficar. De vez em quando, Priest fica com esse olhar nos olhos, como se tivesse sido repreendido, e ele coloca alguma distância entre nós. Seu olhar se torna glacial, e ele sorri e fala menos, me tratando como algo que ele tolera — não mais cruel, mas rígido e educado.

Mas não demora muito para ele descongelar. Nossos corpos são rápidos para aquecer um ao outro, constantemente atraídos para o abraço um do outro. Não preciso mais implorar

por atenção, não preciso pedir para ser tocada. Ainda farei isso porque ele gosta de ouvir, mas ele é tão rápido em oferecer.

E estou encantada com cada minuto em sua companhia.

Especialmente quando ele está se banqueteando comigo. A visão dele entre minhas coxas — cabelo escuro, ombros largos — só aumenta o aperto no meu peito.

Eu não deveria querer um homem assim, um lobo em pele de cordeiro, mas eu quero.

Eu não deveria querer um homem de jeito nenhum.

Porra, como eu quero.



O padre gême contra mim, as vibrações fazendo meus ossos parecerem geleia. Um pulso de excitação espessa incha meu clitóris, fazendo minha boceta se abrir, e sua língua me penetra ainda mais, cavando e lambendo tudo, quente e molhado.

Eu nunca vou me cansar do jeito que ele me come, como se ele tivesse abandonado cada

moral, cada voto, cada corda que o mantinha amarrado. Ele festeja como se ele nunca mais fosse

provar nada, sua garganta grossa com grunhidos vorazes e gritos ásperos de adoração — não por seu Deus, ou o Deus dos outros, mas por mim. Este padre está me adorando com cada chupada, lambida e volta de sua língua.

Eu não demoro muito para gozar. Eu gozo como um tiro, me contorcendo contra a mesa, apertando sua cabeça entre minhas pernas, e ele é implacável com sua boca até o final agridoce. Eu fico ofegante, me sentindo fora do meu corpo.

Ele se endireita e tira o cabelo da minha testa úmida de suor, colocando-o atrás das orelhas com uma ternura que me deixa sóbria. Seus lábios brilham

com meu desejo. Eu gesticulo para a bagunça, e ele lentamente tira a língua, lambendo a boca.

"Posso confiar em você para se comportar se eu te deixar desamarrada?" ele pergunta, me olha

mais de perto. Desde que devoramos o soldado, ele não coloca a corrente de volta na minha boca, e só se lembra de amarrar meus pulsos quando tem vontade — geralmente com seu colar, que ele chama de rosário.

"Você ainda está preocupada que eu possa ir embora?" eu pergunto, tentando não me sentir magoada. "Quem

mais me daria tanto prazer quanto você?"

Ele alcança sua orelha e faz uma careta enquanto a toca levemente. "Eu ainda acho que não consigo ouvir tão bem. Sou eu ou ela cresceu de novo?"

Ele tem razão. Não que sua orelha pareça diferente.

"Eu volto", ele diz, estendendo a mão e batendo os dedos na

bíblia. "Se você estiver realmente interessada, eu posso te ensinar a ler."

Meu coração dispara no peito. "Você tem certeza?"

Ele concorda. "Podemos começar esta noite."

Então, ele abre a porta da igreja e a fecha atrás de si.

Prendo a respiração, imaginando quanta liberdade ele realmente me dará.

Então, ouço a fechadura girando.

O sermão do padre pareceu durar mais do que o normal. Talvez ele se sentisse culpado pelo que fizemos ao soldado, embora tenha sido legítima defesa e o soldado merecesse. Pelo que ouvi através das paredes, ele passou muito tempo falando sobre culpa, mais do que o normal.

Mas quando ele finalmente se aventurou a voltar para me ver, ele não parecia sobrecarregado por nenhuma das palavras que havia falado. Em vez disso, ele parecia mais leve do que eu já o tinha visto, como se um peso pesado tivesse sido tirado de seus ombros. Ele me trouxe um pouco de comida e depois voltou à noite para que nossas aulas pudessem começar.

Tenho que admitir, foi bom ver esse lado dele. Imaginei que ele seria um bom professor por causa de sua voz profunda e estrondosa e cadência envolvente quando ele está dando seus sermões. Não consigo ver como os moradores reagem, mas presumo que eles se apegam a cada palavra dele. Eu sei que sim, mesmo quando estou ouvindo através das paredes.

Mas quando se trata de me ensinar a ler, ele é paciente, compassivo, gentil.

Ele parece ter energia ilimitada para isso. Ele deve ter tentado me ensinar por horas antes de sentir que meus olhos estavam começando a ficar vesgos.

"Tudo bem, acho que vou precisar de uma pausa", digo a ele. "Meu cérebro só aguenta até certo ponto."

Ele me dá um sorriso tímido, e isso de alguma forma o faz parecer mais jovem. "Desculpe", diz ele, fechando o livro. "Eu posso me deixar levar."

"Eu percebi. Onde você aprendeu a ler? Você deve ter tido um bom instrutor."

Ele traça as letras douradas estampadas na capa de couro do livro. "Eu aprendi no monastério. Eu não sabia ler quando era humano. Eu queria aprender, mas não havia utilidade para isso na minha linha de trabalho."

"E quanto a lembrar feitiços?"

Ele dá de ombros. "Eles foram todos transmitidos verbalmente."

"Seu amigo Abe lhe ensinou no monastério?" Eu pergunto.

Ele olha para mim surpreso, como se não esperasse que eu me lembrasse do seu nome. "Não. Por mais metódico que ele seja, ele não tem paciência para aqueles que não são tão brilhantes quanto ele", ele diz com uma risada. "Houve outros que me ensinaram isso."

"Eles também eram vampiros?"

"A maioria deles", ele diz. "Alguns humanos."

"E eles não estavam preocupados em se tornarem sua próxima refeição?"

Ele levanta um ombro. "Se fossem, nunca me contaram."

"E então o que você aprendeu? Estou supondo que a Bíblia."

"Sim. Alguns outros livros também. Já ouviu falar de William Shakespeare? John Milton? Miguel de Cervantes?"

Dou a ele um sorriso morno. "Você sabe que não. Só ouvi falar do Padre Aragon, e é isso."

Isso traz outro sorriso ao seu rosto. "Bem, eu conheço o Livro Sagrado de frente a frente, mas talvez meus ensinamentos sejam mais bem aproveitados em algo um pouco mais divertido."

Ele se levanta, empurrando a cadeira para trás e estendendo a mão para mim.

"Venha comigo", ele diz. "Tenho coisas para lhe mostrar."

Olho para sua mão por um momento, uma vibração em meu coração. Estou quase com medo, mas é um tipo diferente de medo.

Engulo em seco e coloco minha mão na dele enquanto ele a agarra com dedos quentes, fortes e

finos. Não consigo deixar de estreitar meu foco neste momento — é a primeira vez que ele me trata como mais do que uma cativa ou prisioneira ou mesmo companhia, como alguém que ele deseja ter por perto.

Ele me puxa para ficar de pé e, como sempre quando ele está ao meu lado, eu me sinto tão delicada e pequena perto de seus ombros largos e altura. Como uma Syren,

ser considerada pequena ou delicada nunca foi uma coisa boa — quanto maior você era, melhor o assassino. Quanto menos provável você se dobrasse ou quebrasse em um

mundo marinho implacável, mais tempo você sobreviveria.

Mas de alguma forma, como mulher, na presença dele, eu gosto da ideia de que ele pode

me jogar para todo lado, que eu não peso nada para ele, que ele pode me proteger contra

os perigos deste mundo, um que eu sei que não sou muito versada.

"Para onde estamos indo?", pergunto enquanto vamos até a porta e ele a destranca com

sua chave. "Para rezar?"

Ele sorri para mim. "A maneira como oramos é bem diferente de como os outros fazem."

A questão continua enquanto ele me leva pelo altar e pelo corredor.

Para as portas que levam para fora.

Quase o lembro de que não estou amarrada, mas ele sabe disso. É por isso que seu aperto na minha mão é muito forte.

Com a outra mão, ele empurra as portas pesadas com facilidade, e elas se abrem com um rangido alto.

Sou recebido pelo vento frio de um céu noturno, ar frio e severo que faz minhas narinas se dilatarem, uma brisa que joga meu cabelo para trás. Inspiro como se nunca tivesse respirado antes, absorvendo tudo o que é revigorante e esclarecedor. Paro onde estou, as portas da igreja se fechando atrás de mim enquanto inclino minha cabeça para trás para

olhar o céu. Há uma lua, um milhão de estrelas e, além delas, uma escuridão como a mais profunda tinta. Ela se espalha e se estende até o infinito e, de uma vez, fico impressionado com o quanto bonito é, o quanto pequeno me sinto.

"Você está chorando", diz Priest em voz baixa.

Estendo a mão e toco sob meus olhos, sentindo umidade.

Olho para ele perplexa. "Nós Syrens não choramos", digo, minha garganta e nariz agora estão grossos.

"Você não sente tristeza?", ele pergunta curiosamente.

"Não temos lágrimas debaixo d'água", explico, enxugando as lágrimas.

"É a primeira vez que choro."

"Entendo", ele diz baixinho. Ele inclina a cabeça para trás. "Deus pode fazer isso às vezes."

Pisco para as estrelas. "O que você quer dizer?"

"É aqui que encontro Deus", ele diz. "Não lá." Ele acena para a igreja e depois olha de volta para o céu. "Lá."

"No céu?"

"No universo, na natureza", ele diz, gesticulando ao redor.

Meu olhar segue, o luar iluminando a casa próxima, as árvores atrofiadas e tortas que são perpetuamente curvadas pelo vento, a costa de seixos, as

ondas quebrando de casa.

"Em você", ele acrescenta.

Ele diz isso de forma tão simples que quase acho que não o ouvi direito no início.

Olho para ele, minhas sobrancelhas levantadas.

"Eu encontro Deus em você", ele repete, seus olhos brilhando como a luz das estrelas. Se eu já tive alguma determinação contra os poderes desse homem, sei que estou perdendo

todos eles com essas palavras. Aqui está o padre que encontra seu Deus em mim.

Eu.

Outra lágrima rola pela minha bochecha, e eu solto uma risada forçada, batendo nela com raiva. "Já chega."

O padre continua a me encarar, seu olhar solene. Então, ele puxa minha mão. "Vamos. Deixe-me mostrar onde passo os dias."

Ele me leva por um caminho de pedra ladeado por grama congelada. Eu me maravilho com

tudo enquanto caminhamos, tão emocionada e aliviada por estar fora da igreja. Eu me sinto

mais perto do meu verdadeiro eu agora, a selvageria da paisagem e as ondas quebrando, como se estivessem desenrolando minha alma. Parte de mim quer me arrancar de suas mãos e correr — não para longe dele ou de qualquer coisa, mas apenas para sentir minhas pernas se moverem nesta noite clara e fria. No entanto, estou curioso para ver onde Priest dorme. Quando ele me leva para a cabana fria e escura, acho que não deveria esperar muito. Não é até que ele jogue alguns troncos no fogo e acenda algumas velas grossas — velas que nunca mais olharei da mesma forma — que vejo que tem mais personalidade do que à primeira vista. É vazio, com uma cama no canto, uma escrivaninha e cadeira, janelas finas, uma pequena lareira para cozinhar e aquecer, duas cadeiras almofadadas ao lado. Há algumas caixas e baús onde presumo que seus pertences estejam armazenados, bem como a tina que ele trouxe de volta para cá. Mas as paredes estão cobertas de cruzes e pinturas, dando vida e sabor à casa de campo que a parte de trás da igreja nunca teve.

"Sente-se", ele diz, me sentando em uma das cadeiras. Eu afundo nela — como se estivesse sentada em um travesseiro. Alguém poderia pensar que os bancos da igreja ofereceriam esse mesmo tipo de conforto. "Você gostaria de um chá?"

"Você bebe chá?", pergunto a ele.

Ele me dá um sorriso fraco e balança a cabeça.

"Então eu desisto", digo. Nunca tomei chá antes e não vou começar agora. Além disso, não sou seu convidado, embora eu me sinta como um no momento.

Ele acena e então se dirige a uma prateleira, pegando alguns livros antes de se sentar na cadeira à minha frente. "Vamos começar com Dom Quixote?"

"Você vai me ensinar a ler agora?"

"Não", diz ele. "A aula acabou por hoje. Vou ler para você."

Ele abre o livro cuidadosamente e começa a ler. Ele faz isso do jeito que ele dá seus sermões, e eu estou extasiada, pendurada em cada palavra sobre esse homem de La Mancha e seu escudeiro, mesmo quando eu me vejo ficando cansada, o quarto ficando confuso. Meus olhos se fecham por um momento. O padre fecha o livro e então vem até mim, se abaixando para me pegar em seus braços, me levando para sua cama.

"Eu quero que você durma comigo esta noite," ele diz enquanto me abaixa para o colchão de palha. Ele não está pedindo, mas eu não quero dizer não de qualquer maneira.

Eu apenas aceno, esfregando meus lábios em silenciosa antecipação. Então, para minha surpresa, ele pega meus pulsos com uma mão, tira seu rosário com a outra e o enrola em volta dos meus pulsos. Espero que ele os prenda nos postes de ferro que revestem a cama, mas ele não o faz. Acho que ele apenas gosta

do jeito que fica em mim, preso pelo que ele adora.

Embora eu saiba que ele está prestes a me adorar.

Ele tira a camisa, depois as calças, e eu absorvo a visão dele, meu olhar ganancioso e faminto. Seu pau é grosso, duro como pedra. Não me importo se é considerado rude; levo meu tempo para estudar a visão dele. Eu já dormi com outras Syrens antes, machos, fêmeas, as intermediárias, mas eu nunca tinha visto um pau humano até ver o de Priest. Não tenho muito com o que comparar, além do soldado — dei uma espiada nas calças dele quando Priest estava preocupado — mas sei que esse pau é magnífico: não tão longo quanto o de um Syren macho, mas grosso, largo e esculpido, com veias e sulcos duros e pele macia e aveludada.

Já estou salivando. Quero na minha boca.

Ele me dá um sorriso torto enquanto ronda sobre mim, seu pau balançando rígido enquanto ele se move. Olho para os sulcos de seu abdômen enquanto eles flexionam, a

curva acentuada de seus quadris. Tento alcançar seu pau com minha mão amarrada, desesperada para sentir seu peso pesado na palma da minha mão, mas ele agarra meus pulsos e os segura acima da minha cabeça.

Meu sangue já está fervendo enquanto ele mantém minhas mãos juntas e alcança, direcionando seu pau para minha entrada. Estou molhada e pronta, pernas abertas, meu sangue fervendo, o pulso do meu coração acelerado em minhas veias. Observo os músculos fibrosos de seus antebraços enquanto ele se posiciona, me provocando com a ponta brilhante.

Eu suspiro, sacudindo meus quadris para cima, animalesca e intuitiva, querendo tudo dele.

"Paciência", ele murmura para mim, seus olhos azuis com as pálpebras pesadas enquanto ele

continua essa dança torturante, a cabeça de seu pau apenas beijando minha boceta, um

som molhado enchendo o quarto.

"Eu não tenho paciência", digo a ele, tentando levantar meus quadris novamente. "Eu quero

você dentro de mim. Se não estiver lá, então deixe meus lábios te possuírem."

Ele rosna e agarra meu rosto, colocando o polegar na minha boca.

"Eu sei que você prefere chupar meu pau", ele diz com um gemido. "Mas eu só estou disposto a perder a ponta do meu polegar para você." Ele me dá um preguiçoso,

sorriso torto e enfa o resto do polegar na minha boca. Eu chupo, observando seus olhos se fecharem por um momento.

Então, ele bate os quadris para frente contra os meus, seu pau penetrando profundamente, e eu estou sem fôlego, ofegante, todo o ar empurrado dos meus pulmões, meu coração martelando no meu peito.

Ele grunhe alto, seus dentes inferiores à mostra como se estivesse rosnando, e ele começa a me foder mais forte, o suficiente para que a cama se mova, empurrando para dentro e para fora como se ele quisesse me empalar. Então, de repente, ele desacelera, se afastando na metade do caminho, passando a boca por todo o meu corpo, seus dentes me roçando, tirando sangue.

Meu padre é uma contradição enquanto se move. Suas mãos percorrem meu corpo com desespero; elas agarram meus quadris, meu estômago, meus seios, maldosos e machucados.

Seus dentes são afiados, sua mordida é dura. E ainda assim, de vez em quando, quando ele olha para cima para encontrar meus olhos, há suavidade ali, algo profundo e selvagem mas terno o suficiente para desfazer os ganchos em volta do meu coração.

Às vezes, o jeito que ele olha para mim, intenso e sem piscar, como se estivesse abrindo um caminho para minha alma, é demais, e eu tenho que desviar o olhar, e agora não é exceção. A vulnerabilidade é enervante, então eu olho para onde seu pau desaparece dentro de mim, brilhante com meu desejo.

Estamos unidos, conectados, mesmo quando ele está sendo tão áspero que a dor brevemente ofusca o prazer.

"Você gosta do que vê?" ele diz. "Você gosta de como eu adoro em seu altar? Você é minha. Esta boceta, esta bunda, esta boca. Tudo isso é meu, Larimar. Cada centímetro que eu posso penetrar é meu, e se eu pudesse penetrar sua alma, então isso também pertenceria a mim."

Mas ele pode penetrar minha alma.

Eu o sinto ali, afrouxando-o até que não tenha escolha a não ser pertencer a ele. Ele não está apenas mantendo meu corpo cativo — ele está segurando meu coração. E se ele me deixar ir, acho que meu coração será o último a sair.

"Olhe para mim", ele diz através de um gemido áspero. "Olhe para mim, peixinho." Eu encontro seus olhos, e ele os mantém lá com a intensidade pura de seu olhar.

"Diga-me que você é meu."

"Eu sou seu", eu digo, mas as palavras são cruas e sussurradas.

Seus lábios se curvam, e ele empurra com mais força, me punindo. "Diga-me que você é meu e seja sincero, droga. Diga-me, ou não vou deixar você gozar."

Agora ele está sendo injusto.

"Eu sou seu", eu digo a ele.

O engraçado é que eu falo sério. Não é porque eu disse que ficaria presa a ele — é porque eu quero ficar presa a ele. E quando ele está tão fundo dentro de mim, não sei como posso pensar o contrário.

"Porra", ele diz rispidamente. "Aqui vou eu, Deusa." Seus dedos alcançam para baixo, dando algumas carícias ásperas no meu clitóris. "E você também vai." Ele sabe tudo o que eu preciso. Seus dedos me dão êxtase em segundos. Eu gozo forte, gritando enquanto ele mantém minhas mãos presas acima da minha cabeça, mordendo e

sugando meus seios, lambendo minha boca enquanto aperto seu pau até que seu orgasmo seja arrancado dele.

"Sim", ele implora na minha boca aberta. "Por favor. Deus."

Ele goza com fortes empurrões de seus quadris, sua semente quente jorrando dentro de mim,

me enchendo até que eu acho que não pode haver mais.

E então, finalmente, ele desaba, enterra o rosto no meu pescoço, sua pele úmida, o quarto cheirando ao nosso sexo.

Ele ainda está dentro de mim quando adormece.

OceanofPDF.com



I

Capítulo Dezessete

PRIEST

sonho pela primeira vez em um século.

Não há muita narrativa nisso, apenas flashes de imagens. Vejo a cauda brilhante de Larimar debaixo d'água. O soldado morto arranhando seu túmulo. Larimar pregado em um moinho de vento, como os de Dom Quixote. A lua sobre a água, impossivelmente grande. Abe vestido de cavaleiro, montando um cavalo feito de ossos. Larimar alcançando meu peito e puxando meu coração antes de jogá-lo por cima do ombro porque ele ainda estava batendo. Quando acordo, sinto-me descansado e alerta, embora, a julgar pela lua entrando pela janela, eu não possa ter dormido por mais de algumas horas.

A mesma lua está iluminando Larimar, não mais crucificada em um moinho de vento, não mais descartando meu coração. Ela está aqui ao meu lado, o cabelo

se espalhando ao redor dela como prata e ouro líquidos. Seus olhos estão fechados, seu rosto

uma lousa limpa. Um anjo de inocência, mesmo quando eu sei o contrário.

Meu coração se faz conhecido, batendo descontroladamente no meu peito, como se quisesse

dar um soco nas minhas costelas. Tudo isso só de olhar para ela.

Mas eu sei o que realmente está fazendo minha alma ganhar vida como o soldado em meu sonho, rastejando para fora de um túmulo.

É porque eu adormeci depois de transar com ela.

Eu sonhei.

E ela ainda está aqui.

Ela está presa apenas por aquele rosário. Ela poderia ter partido a qualquer momento durante
a noite, e ela não o fez.

Ela está aqui.

Ela escolheu ficar comigo.

Eu continuo olhando para ela, absorvendo cada centímetro do seu rosto, seu corpo, e algo dentro de mim começa a abrir espaço, como se agora houvesse espaço para algo viver dentro de mim.

Mas não pode ser amor.

Eu fecho meus olhos paravê-la, tentando lidar com a verdade.

Não pode ser amor.

Eu não posso amar essa mulher, minha cativa, meu animal de estimação, minha Syren, meu peixinho.

Eu não posso amá-la porque perdi meu coração há séculos, e eu sei o que acontece com aqueles que eu amo.

Minhas histórias de amor nunca têm um final feliz.

Um suor frio brota na minha testa, e eu lentamente me sento. Pela primeira vez, eu contemplo correr. Partir. Eu vou me jogar naquele oceano e me afogar. Mas eu nunca vou me afogar; eu nunca vou morrer. Estou apaixonado por essa mulher, e ela vai me assombrar até o fim dos tempos. Ela vai fazer um ninho no meu coração e ficar lá, presa atrás das grades das minhas costelas.

Ela está ligada a mim, quer um de nós dois queira, e eu nunca vou me livrar dela, nunca vou me livrar desse sentimento que está lentamente tomando conta da minha existência.

Esfrego as mãos no rosto, tentando me recompor e acalmar meu pulso acelerado. Há algo acontecendo bem fundo dentro de mim, uma sensação estranha que vem de um lugar escuro, aquele túmulo sem fim recentemente desenterrado. Não é meu coração, que parece estar se equilibrando em um precipício,

mas algo vil se espalhando na medula dos meus ossos.

Não. Não, Deus, por favor, não deixe isso acontecer agora.

Tentei por tanto tempo manter esse monstro afastado; isso não pode estar acontecendo agora.

O medo se espalha por mim, e pressiono as costas da minha mão contra a minha boca, sentindo como se pudesse estar doente. Olho para baixo para Larimar dormindo profundamente, e sei que não posso ficar perto dela, não até que eu saiba que tenho as coisas

sob controle.

Rapidamente saio da cama e visto minhas calças, e então saio para a noite. As nuvens chegaram, e a chuva cai, fria e pesada, mas eu mal sinto.

Só chego na metade do caminho para a igreja quando sinto que ele está me arranhando.

Eu caio de joelhos e vomito sangue na grama.

Não. Devo mantê-lo enterrado. Devo manter o controle.

Eu devo.

Eu consegui esconder aquela velha fera lá no fundo, não importa o que fosse jogado em meu caminho. Usei os ensinamentos rígidos do livro para me manter na linha. Eu

sempre pensei que se eu me desviasse da palavra de Deus de alguma forma, seria quando

eu escorregaria, e o monstro tiraria vantagem. Pensei que se eu não matasse, seria salvo. Pensei que se eu não cedesse aos meus desejos lascivos e depravados,

eu seria salvo.

Mas, acontece que nada disso importa.

Eu matei aquele soldado, com ou sem a ajuda de Larimar, e a fera ficou adormecida.

Eu fodi Larimar e a contaminei de todas as maneiras possíveis. Eu me tornei um escravo dos meus desejos sexuais mais profundos e obscuros.

E embora a fera tenha acordado, ela não escapou de sua jaula.

Mas agora que sinto que meu coração se envolveu, agora que as emoções reais estão vindo à tona, é isso que está trazendo esse monstro dentro de mim à vida.

Eu sabia que mantê-la aqui seria perigoso, não só para ela, mas para mim.

E agora eu sei o porquê.

Eu cuspo e me levanto, tropeçando o resto do caminho até a igreja, entrando pelas portas como um louco. Eu cambaleio pelo corredor, deixando um rastro de água em meu rastro, antes de cair de joelhos no altar. Eu já sinto uma dor imensa nas costas, como se minhas omoplatas estivessem se estilhaçando, e eu

arqueio minha cabeça em direção ao teto.

"Por favor!" Eu grito, minha voz ecoando nas vigas. "Ajude-me! Salve-me, Senhor. Salve-me de mim mesmo!"

Eu pressiono minhas palmas juntas em oração, mas minhas mãos não param de tremer.

A escuridão dentro de mim aumenta, preenchendo todas as minhas rachaduras e fendas.

Luz, eu preciso de luz. Somente a luz pode expulsar a escuridão.

Eu cambaleio para ficar de pé e pego os fósforos do altar, acendendo todas as velas, tochas e lamparinas a óleo que posso encontrar. Eu quero esta sala em chamas, eu quero que ela seja tão

brilhante que não haja lugar dentro de mim para o mal se esconder.

Quando finalmente chego à última lamparina, a lamparina do presbitério sempre acesa na parede do altar, eu adiciono mais óleo, fazendo as chamas dançarem perigosamente altas.

E nessas chamas, vejo Larimar dançando.

Então, sinto o cheiro dela, ouço seus passos do lado de fora da porta momentos antes de ela entrar.

"Padre?", ela grita.

Eu me viro para vê-la descalça e andando pelo corredor, vestida apenas com sua camisola branca. A chuva a encharcou na curta caminhada, seu cabelo molhado, seu vestido encharcado e grudado nela. Posso ver seus mamilos claramente, as sombras escuras de sua boceta. Uma necessidade quente e líquida pulsa através de mim, roubando tudo o que é bom e moral até que eu seja apenas um homem perverso e uma fera selvagem.

"Fique longe de mim", eu rosno, mas já tirei meu pau das minhas calças, fechando o punho. Há uma coceira profunda dentro de mim, dolorosa e insidiosa, e sei que ela pode fazer isso ir embora.

Ela para no meio do corredor e me encara com seus grandes olhos violetas, que parecem quase rosados nessa luz febril. Com as chamas queimando ao redor dela, lançando um ouro cintilante em sua pele molhada, ela parece um anjo escapando do inferno. Ela precisa escapar do inferno que estou prestes a lhe trazer. "Larimar, por favor", eu digo, mas minhas palavras não correspondem às minhas ações. Meu pau se projeta para fora dos meus quadris, pulsando levemente com cada batida selvagem do meu coração. "Por que você foi embora?", ela pergunta, vindo lentamente em minha direção. "Eu acordei, e você tinha ido embora." Ela olha para o jeito que estou fechando meu pau, bombeando-o. "Eu não te dei prazer suficiente?"

Solto um grito rouco, desejando que ela não dissesse tal coisa. "Eu preciso que você... vá", eu sussurro.

"Por quê?", ela pergunta, parando no pé da escada. Estou em cima do altar, imponente sobre ela como uma divindade, e não consigo me conter enquanto estendo minha

mão livre e a coloco em cima de sua cabeça. Eu a empurro para baixo, de joelhos.

"Me adore", eu digo a ela. "Me chupe."

Ela pisca surpresa, provavelmente porque antes, eu a fiz pegar meu polegar em sua boca, dizendo para ela ficar longe do meu pau. Mas eu não me sinto mais no controle das minhas palavras.

"Eu disse para fazer isso", eu rosno.

A apreensão cai em seu rosto, mas ela me alcança, envolvendo suas mãos em volta do meu comprimento. Eu quero me odiar por perder o controle, por deixar

o monstro fala, mas a visão dela de joelhos, rezando no altar do meu pau, é deliciosamente pecaminosa.

Eu empurro para dentro de seus lábios macios, e ela começa a me chupar, me trabalhando com passos quentes de sua língua, ficando mais voraz conforme avança.

Há uma parte de mim que se preocupa que ela possa se deixar levar, que a parte Syren dela possa sair, e temo que a besta goste disso.

Mas então, quando sinto minhas bolas se apertarem, minhas mãos puxando rudemente seu cabelo, o suficiente para fazê-la gritar de dor, sei que preciso da minha semente dentro dela.

Eu puxo sua cabeça para cima pelas raízes, seus dentes roçando minha crista enquanto ela avança,

e então a jogo para trás no corredor.

Ela cai com um baque, uma respiração ofegante arrancada dela, e tenta se levantar, mas eu me movo rápido. Eu a empurro de volta para baixo, e ela grita, prendendo as mãos de volta sobre a cabeça. Percebo que ela removeu o rosário, e isso faz algo comigo, como se o último bastião de graça e controle que eu tinha foi removido junto com ele. Não está mais lá para me lembrar da salvação.

A ausência dele é um marcador da minha queda.

"Padre", ela diz, seus olhos uma mistura de medo e desejo, mas eu me importo menos com

como ela se sente, e é assim que sei que a besta está vencendo.

"Você deveria ter me escutado", eu digo asperamente.

Então, eu me abaixo e seguro suas coxas com força, abrindo-as antes de montá-la, sem hesitação, exceto pela voz dentro de mim que grita para ela correr, ir embora, escapar.

Mas essa voz não sai. Isso é punição por tirar as dela,

por fazer suas palavras sempre serem um sussurro, por manter aquela corrente em sua boca por mais tempo do que eu deveria?

Deus está me castigando agora pelos meus erros do passado?

Ou estou apenas fazendo isso comigo mesmo?

Estou fazendo isso, uma voz ecoa lá do fundo, uma que soa como Kaleid. Isso soa como sangue. Isso soa como o próprio Diabo.

Isso é tudo para mim. Foda-se ela, festeje com ela.

"Não!" Eu grito, e Larimar olha para mim com os olhos arregalados um segundo antes de eu enfiar meu pau dentro dela. Eu observo enquanto sua boca se abre em um grito silencioso, e eu resmungo, batendo meus quadris com mais força.

Eu levo minha boca até sua garganta, e eu mordo, sincronizando com um impulso punitivo do meu pau, bebendo o máximo dela que posso. O monstro me quer

foder e quer que eu faça um banquete, e se eu der isso e só isso, talvez deixe nós dois em paz.

Mas eu sei que o desejo é infrutífero, como uma prece não ouvida.

Eu vi meu pau entrando e saindo dela, cruelmente, violentamente, prendendo-a tão forte, que temo que ela possa se tornar uma com o chão da igreja.

"Padre", ela diz entre um suspiro ofegante, passando as mãos pelas minhas costas. Eu puxo minha cabeça para trás, querendo que ela me acalme, precisando que ela me controle.

Isso foi um erro.

Um olhar para seus lindos olhos, um vitral para sua alma requintada e eu percebo o quão apaixonado por ela eu estou.

"Larimar", eu respiro, tentando segurar meus quadris para trás, mas é como tentar trazer um cavalo desgovernado. "Eu tenho que te contar uma coisa enquanto ainda tenho uma chance."

Suas sobrancelhas se juntam enquanto ela me encara.

Eu seguro seu rosto com uma mão, tomado pelo desejo de expor minha alma.

"Eu vivi tanto, tanto tempo, sem você. Não sei como sobrevivi a qualquer minuto disso."

Seus lábios se movem, mas nenhum som sai, uma suavidade lavando suas feições, como se ela estivesse derretendo sob mim.

"É por isso que sinto muito que tenha que acabar assim", eu digo e enfito meu pau de volta dentro dela, movimentos bruscos que sacodem seus seios sob a camisola.

Minha pele parece estar pegando fogo, esticando e engrossando, meu pau alongando.

"O quê?", ela pergunta, mas o monstro não me deixa explicar.

Isso me faz abaixar e dar um peteleco e beliscar seu clitóris até que ela chore. O monstro a faz gozar com prazer e dor até que ela fique uma bagunça molhada e trêmula abaixo de mim.

Eu mostro minhas presas para ela, sibilando.

Ela ainda está gemendo, lutando contra seu clímax, tentando se manter afiada, sabendo que há algo terrivelmente errado, sabendo que há perigo.

Boa noite, Armand Alcaraz, a voz sussurra para mim, sinistra e abrangente.

"Armand Alcaraz!" Eu consigo gritar para Larimar. "Meu nome era Armand Alcaraz!"

Eu sinto meus ossos quebrando, esticando e mudando, alguma terrível transformação tomando conta, como se espadas quentes estivessem atravessando minhas costas.

A dor me envolve da cabeça aos pés enquanto eu grito, e ainda assim eu gozo,
atirando minha semente em sua boceta, bombeando e esvaziando até que minha
mente

desapareça completamente e apenas minha mancha de alma permaneça.

A última coisa que vejo com meus próprios olhos é o olhar de terror no rosto de Larimar
enquanto ela olha para mim e duas longas sombras caindo sobre ela.

Asas brotando das minhas costas.

"Vamos caçar", o monstro rosna para ela.

OceanofPDF.com



I

Capítulo Dezoito

LARIMAR

não posso dizer que não vi isso chegando. Eu vi isso acontecendo enquanto ele estava me fodendo

aos poucos, pequenas mudanças que eu podia sentir que estavam se somando a algo. Eu suspeitava que o monstro pudesse estar saindo, mas eu não achei que ele perderia o controle total. Priest sempre teve o controle de si mesmo, de mim, de tudo. Eu nunca pensei que fosse possível para ele ser qualquer coisa além disso.

Mas seus olhos ficaram completamente pretos.

Então, suas pupilas ficaram vermelhas.

Sua pele começou a escurecer, ficar mais grossa, coriácea.

Seu pau começou a bater em novos lugares, inchando para me preencher de dentro.

Suas presas ficaram mais longas, mais afiadas do que eu já vi.

E então as asas escuras brotaram de suas costas, grandes, largas, terríveis asas com garras na ponta, como as próprias ilustrações do Diabo.

Ele se tornou o monstro.

"Vamos caçar."

E o monstro ainda está dentro de mim.

Ele joga a cabeça para trás e ruge, a pele escura e coriácea se espalhando pelo peito, envolvendo-o. Ele levanta as mãos para o teto em uma prece de última hora de salvação ou em uma ameaça, e garras gigantes, muito maiores que as minhas, saem disparadas de suas mãos.

Você deveria ter me escutado, suas palavras ecoam na minha cabeça. Ele tinha me dito para ir embora, para ir embora, mas eu pensei que ele queria um tempo sozinho para falar com Deus.

Eu não acho que Deus o ouviu.

Enquanto suas costas estão arqueadas e ele está se contorcendo com sua transformação, eu

sai de baixo dele, olhando para seu pau, que é muito maior, mais longo, e mais duro do que humanamente possível, escuro e coberto com nosso esperma.

Ele solta um gemido, e eu aproveito a oportunidade para tentar correr.

Mas ele me agarra pelas pernas, garras cravadas, e tenta me levar até ele.

Eu grito, mas o grito morre na minha garganta, e então eu estou me livrando de seu aperto,

suas garras cortando tiras da parte de trás das minhas panturrilhas. A agonia é aguda, me estrangulando, e eu desabo no chão, derrubando um suporte segurando uma vela acesa.

A vela cai, as chamas pegando a ponta do pano do altar. Eu consigo me levantar, me puxando pelo resto do pano até que ele se acumule em meus pés, meu sangue jorrando, manchando o pano branco de vermelho.

O monstro me ataca de lado, e eu sou jogado contra a parede, minhas costelas quebrando. Uma lamarina vermelha a óleo acima de nós cai, e eu consigo me abaixar sob seu peito, rolando para fora do caminho enquanto o óleo cai no monstro e no chão abaixo.

Meu peito parece que está desabando, mas não posso ceder aos meus ferimentos, não posso ceder à minha dor. Tenho que deixar isso de lado, tenho que me concentrar em permanecer vivo.

As chamas do pano do altar agora encontraram o óleo, e tudo se espalha em um sopro de fogo. A besta se afasta do fogo antes que ele tenha tempo de pegá-lo, mas ele já está lambendo as paredes, queimando quente e rápido, e a igreja começa a se encher de fumaça.

Eu consigo me levantar e correr, mas minhas pernas gritam de dor, e eu estou tropeçando de joelhos no meio do corredor.

O monstro solta um rugido, e eu me viro paravê-lo voar em minha direção.

Ele está voando como um maldito morcego, asas gigantes batendo enquanto ele se move alguns metros

do chão, mas tudo o que faz é atiçar as chamas, fazendo o fogo se espalhar. Ele pega nos bancos, queima as cruzes, as tapeçarias, e quando eu me empurro de volta para cima de meus joelhos, a igreja inteira está pegando fogo.

Ele quase me pega de novo, mas então uma viga em chamas cai de cima, pousando nas costas do monstro. Um grito desumano é arrancado de sua garganta enquanto

o fogo pega em suas asas, e ele cai de quatro, brasas flutuando no ar em minha direção.

Ele começa a rastejar em minha direção, sacudindo a viga em chamas, e eu sei que ele é o Diabo vindo atrás de mim, direto do inferno.

Então, ele olha para cima e passa por mim, as pupilas vermelhas se contraindo, e eu ouço gritos de socorro.

Eu me viro para ver um grupo de pessoas paradas na porta da igreja: dois soldados, dois outros homens e uma mulher.

"É o Diabo!" a mulher grita enquanto um dos soldados corre em minha direção. Eu me encolho, com medo dele, mas ele me agarra pelos braços e me levanta de pé.

"Ela está pegando fogo!" ele grita.

Eu olho para a bainha da minha camisola, surpresa ao ver chamas ali. Um pouco do óleo da lamparina deve ter espirrado em mim.

"Ela está sangrando", diz a mulher. "As pernas dela, as pernas dela!"

O soldado me pega nos braços e corre para fora da igreja em chamas, seguido pela mulher, enquanto os outros ficam lá dentro. Eu ouço gritos, e não sei se são do monstro ou dos homens, mas sinto que estou começando a perder a consciência. A chuva parou, e eu olho para o céu, observando a lua sair de uma nuvem. "Coloquem ela no oceano!", a mulher grita. Demoro um momento para registrar o que ela está dizendo. "Não", eu grito, tentando escapar dos braços do homem, mas estou muito fraca, e é tarde demais. Estamos na praia, e suas botas estão escorregando nas pedras enquanto ele caminha direto para a água, as ondas quebrando abaixo de mim. Ele me abaixa, ainda segurando, e a mulher está ao meu lado também, tentando tirar minha camisola molhada, e então eles param. Sob a luz fraca da lua, eles olham para minhas pernas com horror. Água salgada os lava, deixando escamas brilhantes em seu lugar.

Eu grito, dessa vez tão alto quanto antes, o feitiço quebrado.

Eu grito e grito enquanto o resto de mim se quebra.

Ossos se fundem, músculos se esticam e depois se contraem, ligamentos se enrolam em si mesmos até que minhas pernas estejam unidas como uma, e as escamas se espalham dos meus dedos dos pés até minha barriga até que tudo se torne uma cauda e minhas nadadeiras se abram.

A mulher grita e se levanta.

"A Syren!" ela grita. "Ela é uma Syren."

O soldado me solta, cambaleando para trás até cair na praia, me encarando horrorizado.

Um grito sai da minha garganta, alto, em pânico, e eu olho para o meu rabo enquanto estou gritando, lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Eu sou uma Syren novamente.

O que significa que perdi outra pessoa de quem eu gostava.

Amada.

O padre se foi.

Olho além dos rostos aterrorizados dos moradores e atrás deles para a igreja enquanto ela começa a desabar, caibro após caibro caindo, a coisa toda pegando fogo. Mais e mais moradores estão correndo em direção a ela para ajudar, e alguns estão correndo em minha direção.

"Temos uma Syren!" a mulher grita para eles. "Venham rápido! Tragam suas armas!"

Eu provavelmente deveria comer o coração dela por isso. Eu provavelmente deveria comer o dele também.

Quão rápido o medo os deixa quando eles têm um exército de pessoas atrás deles.

"Ela está certa!" alguém grita enquanto a multidão se aproxima.

Não posso perder tempo para ver o que acontece a seguir. Mesmo com meus dentes e minhas garras, não consigo lutar contra todos eles.

Dou uma última olhada na igreja em chamas e em tudo que está morrendo com ela, e então me viro nas pedras, rolando de volta para a arrebentação, deixando que ela

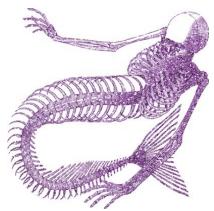
me leve para águas mais profundas. Com alguns movimentos rápidos da minha cauda, eu me impulsione

para a frente sob as ondas até que eu possa ver o fundo.

Então, eu mergulho.

De volta para onde eu pertenço.

OceanofPDF.com



Interlúdio
OceanofPDF.com



Capítulo Dezenove

General Mendoza,

estou escrevendo para informá-lo das terríveis notícias

de que o assentamento de Nombre de Jesus no Chile foi

destruído. Um incêndio irrompeu na capela,

que resultou na morte de quase todos os

moradores, bem como do único clérigo, o Padre Aragon.

Ainda não temos certeza de como o incêndio conseguiu matar

todos, pois foi dito que aconteceu à noite

e não durante a missa, mas rumores começaram nos

assentamentos próximos, a maioria dos quais são muito

absurdos para serem verdade. Dito isso, sinto que é meu

dever informá-lo sobre o que são.

De acordo com testemunhas que vieram de

Primera Angostura, havia um morador restante, uma

mulher que havia perdido todo o sangue. Ela disse ao

t

t

t t

D

t

t

outros que o Diabo tomou conta da igreja e brotou asas. Quando a igreja desabou, o Diabo voou das chamas e pegou todas as pessoas com suas garras, jogando-as nas chamas. Aqueles que escaparam, o Diabo caçou e mordeu, drenando seu sangue.

Ela também disse que a Syren que matou dois homens alguns meses antes foi encontrada na igreja com o Diabo quando o fogo começou. Ela parecia humana no início e estava em chamas até ser colocada no mar — um truque, de acordo com essa mulher. Ela disse que viu as pernas da mulher se transformarem em uma cauda bem na frente de seus olhos. A Syren então nadou para longe antes que pudessem capturá-la, e foi quando o Diabo voou para fora da igreja, em chamas, voando sobre as ondas até começar a destruir tudo e todos em seu caminho.

Não sei o que você planeja fazer com esses rumores. A única testemunha morreu logo depois.

Você sabe como esses assentamentos isolados têm uma maneira de brincar com a mente das pessoas. Vários grupos de busca de Primera Angostura e Ciudad del Rey Don Felipe partiram na área a cavalo e de barco para procurar tanto por essa Syren quanto por esse monstro voador. Até onde sei, eles não encontraram nada.

tt
t
P
t

g

O assentamento não existe mais. Talvez este seja um sinal para colocarmos nossos recursos em outro lugar. Se os piratas querem o Estreito de Magalhães, talvez seja melhor deixarmos que eles o tenham.

Atenciosamente,
Alabardeiro da Guarda, Felipe
OceanofPDF.com



Capítulo Vinte

Caro Doutor Van Helsing,

Não tenho certeza se você se lembra de mim ou não. Embora me digam que nós, letras de sangue, somos capazes de obter memórias em nossa mente, temo que quanto mais eu viver, menos espaço terei dentro do meu cérebro para tudo e todos que encontro, e talvez o mesmo seja verdade para você.

Mas deixe-me me apresentar novamente. Meu nome é Eros Fausta. Trabalhei com você no monastério, San Juan de la Pena. Ajudei a ensinar muitos dos discípulos reformados a ler e escrever, e eu sei que você formou uma profunda amizade com um deles, o bruxo Armand Alcaraz, a quem você renomeou Aragon. Não fiquei no monastério por muito tempo — minha vocação me levou para outro lugar — mas quando

t
t
t
t
t

g
y
g
y

Eu tinha retornado muito mais tarde, foi dito que você e Aragon tinham partido para um assentamento no fundo do mundo.

Eu também acabei assim, por diferentes motivos, em um navio que passou pelo Estreito de Magalhães. Foi aqui, da proa, que eu vislumbrei quem eu acreditava ser o Padre Aragon. Ou melhor, tinha sido o padre. Ele era meio monstro, com uma asa quebrada, parado na praia e observando o navio passar. Eu podia sentir o cheiro dele, e eu lembrei do seu cheiro, que foi o que me fez reconhecê-lo, pois não havia sinais reais de que era o homem de quem eu me lembrava.

Estou na Índia no momento, e não tenho certeza se você está de volta ao mosteiro ou se talvez você estivesse com Aragon lá embaixo. Eu não sei se você está vivo, mas tenho a sensação de que você está. Caso isso seja novidade para você, eu queria que você soubesse o que vi. Há uma chance de eu estar errado — eu era o único que viu o monstro — mas acho que não. Eu queria estar. Parecia haver algo enrolado no pulso da criatura — um rosário, talvez. Coincidentemente ou não, quando passamos pelo povoado de Nombre de Jesus, não havia nada sobrando dele. Ele tinha sido queimado até ficar crocante, com apenas

t
t
A
t t

y
algumas lápides de pé. Uma visão assustadora, para dizer
o mínimo, e eu já vi muita coisa.

Sinto muito se estou trazendo más notícias. Lamento
ainda mais se o Doutor Van Helsing não existir mais. Eu
espero que quem receber esta carta a considere
útil de alguma forma.

Seu velho amigo,

Eros Fausta

OceanofPDF.com



Capítulo Vinte e Um

Ao Capitão Battista do bom navio Nightwind,
Espero que esta carta o encontre bem, ou que o encontre
de qualquer forma. Um albatroz é um novo sistema de entrega para
mim, mas o Vampiro com quem me correspondi
me garante que ele chegará a você em tempo
oportuno.

Estarei na vila de Valparaíso em março com um querido amigo meu, Aragon, que
também faz parte de seus Irmãos. Ouvimos dizer que você
navegará em seu caminho para os mares do sul
e gostaria de se juntar à sua tripulação. Nós dois temos
experiência em luta, e embora nossa moral possa levar
um humano à igreja, nós dois somos sãos de mente e
constituição. Ouvi dizer que você está indo para uma
colônia Syren na Ilha Roche, e Aragon tem um

t
t
P

y
y
g

um pouco de experiência com o próprio Syrens. Talvez ele possa ser de alguma ajuda na jornada.

De qualquer forma, estaremos esperando por você. Se você passar, pergunte pelo Doutor Van Helsing, e eles irão me buscar.

Doutor Abraham Van Helsing

P.S. Se você não quer que os espanhóis o ataquem, não voe no Jolly Roger. Eles são um bando espinhoso.

OceanofPDF.com

WW

Parte Dois
OceanofPDF.com



"N

Capítulo Vinte e Dois

PRIEST

Cinco Anos Depois

ervous?" Abe me pergunta.

Eu franzo a testa, lançando-lhe um olhar rápido antes de voltar a observar o porto. "Por que eu deveria estar nervoso?"

"O primeiro dia em uma nova vocação deve ser bem estressante."

"Você age como se ser um pirata fosse um trabalho."

"Não é?" ele pergunta, mas na minha visão periférica, eu o vejo acariciando sua barba, algo que ele faz quando está nervoso.

Não posso culpar nenhum de nós, embora eu ache que seja mais ansiedade que o navio

não apareça.

Estamos na vila de Valparaíso há seis meses, esperando o Nightwind chegar ao porto.

Seis longos e tediosos meses de espera.

Mas para mim, isso não foi nada.

Fiquei sozinho por anos na Terra do Fogo, as terras selvagens do outro lado do Estreito de Magalhães. Só me lembro de um pouco, e suponho que isso seja uma bênção.

Quando Abe me encontrou, eu era uma fera faminta, tendo matado todos os colonos e nativos que pude encontrar, então mal sobrevivendo de guanacos e pingüins, o suficiente para me manter vivo, mas não em boas condições.

Depois disso, ele me levou para Santiago por alguns anos, acorrentado em um celeiro em uma fazenda isolada do outro lado do rio. Ele operava sob o disfarce de médico local e fazia viagens à cidade de vez em quando para não levantar suspeitas sobre sua presença, mas seu verdadeiro trabalho era persuadir o Padre Aragon a sair e lançar o monstro de volta.

Era um trabalho perigoso, mas Abe me garantiu que não era nada como era quando eu fui transformado pela primeira vez. Talvez o monstro dentro de mim tivesse perdido a emoção da depravação quando percebeu que eu perdi Larimar. Ou talvez o Padre Aragon

—Armand Alcaraz— soubesse como lutar dessa vez.

De qualquer forma, há mais de um ano, eu coloquei a besta de lado para sempre.

Ela não se foi — eu posso sentir isso no meu sangue, nos meus ossos.

A escuridão, o mal.

Ela está esperando para sair, esperando o momento certo, seja quando for que for.

Mas não tenho mais medo disso como antes. Sobrevivi ao meu pior medo, arrastei me de volta para a luz depois de me afogar nas sombras. Sei que, não importa o que aconteça, minha psique, minha vontade, minha constituição é forte o suficiente

para suportar o sangue ruim em minhas veias.

Talvez um dia eu faça amizade com o monstro interior. Talvez possamos coexistir no mesmo corpo, dois lados da mesma moeda, besta e homem. Afinal, sinto que a besta é a força motriz por trás desta próxima aventura — tornar-se um pirata.

Mais especificamente, para me juntar à tripulação do Nightwind sob o capitão Ramsay “Bones” Battista enquanto eles procuram a colônia de Syrens que dizem estar na Ilha Roche. Como eles são supostos vampiros como eu, Abe diz que eles esperam capturar alguns da colônia para que o sangue dure mais em suas expedições ao redor do globo.

Claro, meu verdadeiro motivo para me juntar à tripulação deles e me tornar um pirata dos altos mares é procurar Larimar. Tenho sonhado com ela pelos últimos cinco anos. Obcecado por ela. Ansiando por ela.

Tenho caçado ela de uma forma ou de outra.

Aquela que roubou meu coração.

Que quebrou nosso acordo.

Que me deixou para trás para morrer enquanto ela escapava para o mar e se tornava uma

Syren mais uma vez, a coisa verdadeira que ela sempre quis. Nunca foi comigo que ela se importou — ela viu sua oportunidade de escapar e a aproveitou.

Eu sei que é injusto da minha parte me sentir assim, ficar ressentido com ela, me sentir rejeitado e desprezado, sentir como se ela nunca tivesse cumprido sua parte do acordo. Eu sei que é injustificado, toda essa raiva que está fervendo dentro de mim. Eu sei disso. Mas não consigo evitar como me sinto.

"Aragon", Abe diz em voz baixa. "Você está fazendo isso de novo."

Eu paro. Minha mão está na minha orelha. A orelha que ela mordeu. Ela cresceu um pouco maior, eu juro que cresceu, e quando estou especialmente dominado pela raiva ou tristeza

ou frustração, tendo a puxar o lóbulo da minha orelha. Abe diz que é um dos meus sinais. No

passado, ele me dizia para controlar minhas emoções para manter a fera sob controle, mas desde que a criatura fez sua aparição na igreja, o médico está tentando uma nova abordagem. Ele acha que enfiar as emoções bem fundo e escondê-las atrás de uma fachada fria e insensível é o que fez a fera emergir. Sua nova teoria é que lidar com as emoções terá melhores resultados a longo prazo.

Eu não concordo. Não quero falar sobre meus sentimentos de merda. Eu era mais feliz quando tinha controle de como me sentia, e como eu controlava isso era ignorando.

Eu suspiro. "Minhas desculpas." Abaixo minha mão, enfiando-a no bolso do meu casaco. "Não, não se desculpe", ele diz. "Diga-me o que aflige sua mente."

Eu gemo, revirando os olhos, mas sei que ele só vai me importunar até que eu diga a ele. "Estou apenas pensando em Larimar."

"Claro que sim", ele diz com naturalidade. "Eu me arriscaria a dizer que é tudo o que você pensou nos últimos cinco anos. Quais sentimentos surgiram?"

Quais sentimentos não surgiram? Raiva. Desejo. Quero encontrá-la. Quero machucá-la por me deixar. Quero machucá-la por me machucar.

"Estou bravo", digo. "Continuo me sentindo desprezado. Envergonhado, até."

"O inferno não tem fúria como um amante desprezado", ele ri.

"É uma mulher desprezada", corrijo-o. "Shakespeare."

"Não. Na verdade, é o dramaturgo William Congreve", diz ele. "E é aplicável a todos os gêneros."

"De qualquer forma", digo, dando-lhe um olhar de aço, "é assim que me sinto."

"E você percebe o quanto injustificados são esses sentimentos, certo? O monstro assumiu seu corpo. Você tentou matar a mulher que ama. Você acabou queimando a igreja. Ela fugiu na noite e desapareceu no mar porque era a única maneira de sobreviver contra você e os aldeões que se voltaram contra ela. Então, você acabou colocando a vila inteira em

fogo, queimando a maioria das pessoas vivas e bebendo o sangue das que você não deixou. No entanto, de alguma forma, você se sente desprezado por ela ter te deixado..."

"Eu nunca disse que era justo", resmungo. Não preciso que os eventos daquela noite recordem, mas eles parecem surgir todos os dias. Exmino o horizonte novamente, a ansiedade formigando na minha nuca. "Você tem certeza de que o navio deve chegar hoje?"

"Foi o que o garoto da vila vizinha disse. Ele viu o navio com seus próprios olhos."

"Mas como você sabe que é o Nightwind?"

Abe olha para mim, com um brilho nos olhos. "O garoto disse que estava se movendo a toda vela e rápido como um raio." Ele molha o dedo e o coloca no ar. "No entanto, não há vento."

"Exatamente o que eu preciso, um maldito navio mágico," murmuro.

"Falando em magia, não contei muito a eles sobre você. Eles sabem que você é um Vampiro, é claro, e alguém de mente e constituição sãs." Soltei uma risada amarga.

Mas eu não mencionei que você era um padre," ele diz. "Nem mencionei que você foi, em algum momento, uma bruxa. Ou que você foi transformada. É melhor não balançar o barco, por assim dizer, antes de nos integrarmos a eles. Você sabe como os Vampiros podem ser perto de bruxas, mesmo as antigas. E, bem, eles tendem a torcer o nariz para os monstros, acham que estão abaixo deles."

Quem pode culpá-los?" Eu digo baixinho.

Eu mencionei que você sabia alguma coisa sobre Syrens."

Eu recuso. "Por que você fez isso?"

Ele dá de ombros. "Imaginei que seria um incentivo extra para eles fazerem a parada e nos pegarem."

"Ou pode ser a razão pela qual estamos esperando aqui há seis meses," eu indico, tentando controlar a raiva borbulhando dentro de mim. "Eles podem não estar vindo aqui. Você pode ter estragado tudo."

Ele fixa um olhar firme em mim. "Ou eu posso tê-los deixado curiosos. Eu presumo que eles já saibam uma coisa ou duas sobre Syrens, já que eles os caçam. Eles provavelmente vão querer saber como você sabe uma coisa ou duas também. Nós sempre temos muito a aprender um com o outro. Tenho certeza de que eles

verão dessa forma também."

"Eles são piratas," eu aponto. "Eu não acho que eles se importem muito em aprender. Tudo o que importa para eles é estuprar e pilhar."

Abe ri. "Vamos lá, até você sabe que não deve acreditar em rumores e lendas. Além disso, você massacrou uma vila inteira de pessoas inocentes, o próprio rebanho que jurou proteger. Não acho que você tenha uma base moral para se apoiar, Aragon."

Ele não precisa me lembrar. Pego o rosário em volta do meu pescoço, a única coisa que salvei da minha vida anterior. De alguma forma, mesmo nas partes mais sombrias da minha insanidade, consegui ir até minha cabana e pegar o rosário que

tinha amarrado os pulsos de Larimar antes de eu queimá-lo e tudo o mais no chão.

É por isso que nunca posso culpar totalmente a besta pelo que ela fez. Havia uma parte de mim lá o tempo todo. A besta não era sentimental — eu era. Eu tinha a habilidade de superar de vez em quando, o que significava, no fundo, que eu também era um animal. Parte de mim pensa que deixei a fera entrar e a deixei ficar por tanto tempo simplesmente porque não queria mais me confinar às normas da sociedade, e certamente não aos ensinamentos rígidos da igreja. Quero ser um ser lascivo, hedonista e primitivo e não ser bombardeado pela culpa por isso.

Como tal, não sou mais um padre. Meu relacionamento com Deus, seja quem for, não mudou muito, mas não posso, de boa fé, ser um homem de... boa fé. Não posso ser um hipócrita obstinado pregando do púlpito. Eu massacrei minha própria congregação. Não sou apto a pregar a palavra de Deus. Você também pregou Larimar na cruz e bebeu seu sangue, eu me lembro a mim mesmo. A verdade é que nunca fui apto para o trabalho, mas todos nós sabíamos disso.

"Ah, você vê o que eu vejo?" Abe diz animadamente. Ele aponta para a baía em direção ao porto de Quintero, onde um navio preto aparece projetando-se ao redor da costa. "Esse é o Nightwind."

"É um navio..." eu digo, não totalmente convencido. Nossa visão é melhor do que a de um humano, mas tem suas limitações. Mas mesmo enquanto digo as palavras, vejo o quão

rápido o navio está se movendo, apesar de como os mares estão calmos e o ar está parado.

E conforme ele se aproxima ainda mais, velas brancas cheias de vento mágico, começo a me sentir

animado pela primeira vez em muito tempo. Há uma sensação perversa de esperança também, como se isso realmente me levasse a Larimar. Não tenho ideia se ela estava com a colônia antes de eu encontrá-la ou se ela retornou a eles depois — ela era bastante reservada sobre seu paradeiro, o que muitas vezes me fazia pensar no que ela estava escondendo — mas de qualquer forma, isso fará mais do que eu fiz sozinho. Mesmo com asas, eu só conseguia voar até certo ponto sobre os icebergs do

mares do sul. Syrens não precisam de ar, e não há razão para que venham à superfície.

É por isso também que acho a ideia de caçadores de Syrens intrigante. Como exatamente eles os encontram quando os oceanos são tão grandes e profundos? Acho que estou prestes a descobrir.

Se eles me aceitarem.

Olho para Abe. Ele está sorrindo para si mesmo com entusiasmo, ajustando seu chapéu ansiosamente. O pobre coitado passou por tanta coisa, tirado de seu elevado trabalho no mosteiro para descer e cuidar de mim mais uma vez. Tenho certeza de que alguma parte dele queria me deixar por conta própria — mas sendo um imortal, as chances de eu morrer, mesmo como um monstro, eram mínimas, e mesmo que ele não sentisse algum tipo de sentimento por mim como amigo, ele parece ter esse estranho desejo de querer proteger a humanidade de sugadores de sangue como nós.

Isso será bom para ele, eu acho, uma chance de ficar longe das exigências de monstros reabilitadores. Talvez os piratas precisem de sua própria bússola moral a bordo.

Mas será bom para mim? Isso ainda está para ser visto.

Se eu acabar encontrando Larimar, o que farei com ela?

O monstro fará outra aparição? Ele será pior com ela do que foi antes? Ele a matará e desaparecerá, deixando-me para lidar com as consequências? Ou talvez ele assuma o controle para sempre. Eu posso estar tão

desanimado que entregarei totalmente o controle do meu corpo, mente e alma.

"Eles vão me perguntar o que eu sei sobre Syrens", digo a Abe enquanto pego minha mochila com meus escassos pertences pessoais, balançando-a sobre meu ombro. "O quanto devo divulgar sobre Larimar?"

"Tanto quanto você quiser", ele diz enquanto começamos a descer do cume em que estávamos, indo para uma trilha sinuosa que leva à praia. "O que você diz a eles é com você. Por um lado, se você for honesto, eles saberão que você não se juntou à tripulação deles apenas para desviar a pesca deles. Por outro lado, se você for honesto, eles podem pensar que você está lá para sabotá-los."

"Por que eu faria isso?"

"Bem, você se apaixonou por uma Syren. Se eles acabarem pegando Larimar, você está me dizendo que não os impediria de comê-la?"

Uma brasa de raiva queima em meu intestino, e eu cerro meus punhos com o pensamento. "Ela é minha, Abe. De mais ninguém."

"É o que você diz. Mas se você contar a eles que você era íntimo de uma das Syrens que eles estão caçando, há uma chance de eles te jogarem ao mar no abismo oceânico. Eles te considerariam muito comprometido."

Eu aperto meus lábios em pensamento enquanto chegamos à costa. "Eles estariam certos."

"Então talvez não contemos a eles," Abe diz.

"Eles vão querer saber como eu adquiri minha experiência..."

Ele suspira, olhando para o oceano enquanto o navio se aproxima cada vez mais, selando nosso destino. "Diga a eles a verdade. É mais fácil assim. Você viu o que ela fez aos aldeões. Você a capturou, você a trouxe para sua casa, você se alimentou dela, e ela conseguiu escapar um dia. Não precisa mencionar a parte sobre dar pernas a ela. Eles não precisam saber sobre sua magia ainda."

"Ou o fato de que minha casa era uma igreja."

"Talvez seja melhor contar a eles o mínimo possível. Vampiros são um bando teimoso, e imagino que piratas ainda mais. Vocês vão se encaixar perfeitamente."

Não demora muito para o navio se aproximar. Logo, ele está lançando âncora não muito longe da costa, e um pequeno barco a remo é baixado para a água com

um homem a bordo. O navio em si é impressionante tanto em altura quanto em circunferência, e ele

vibra com energia mágica, dando-lhe vida própria, como um ser senciente. Eu tenho que me perguntar como os vampiros conseguiram colocar as mãos em magia suficiente

para enfeitiçar um navio. Talvez eles até tenham uma bruxa a bordo.

Bruxas vampiras são raras, mas não são inéditas.

O barco a remo se aproxima, um homem negro nos remos, que atraca a alguns metros da costa.

"Ahoy aí", o homem diz em inglês, lançando um olhar desconfiado sobre nós.

"E quem você pode ser?"

"Doutor Van Helsing e Aragon," Abe anuncia com um floreio de suas mãos, falando a língua fluentemente, assim como eu.

"Aragon o quê?" o homem pergunta. "Ou ele só tem um nome?"

Eu levanto minhas sobrancelhas. Sempre foi Padre Aragon, mas agora que eu não sou um padre...

"Aragon Alcaraz," Abe diz sem hesitação, usando o nome com o qual eu nasci. Não parece terrível. "Estamos esperando seu navio há seis meses. Enviei sua correspondência de capitão ano passado."

"Sim," o homem diz com um encolher de ombros. "Horários são difíceis de manter por essas partes. Bem, suponho que você dê uma olhada."

Ele começa a remar o resto do caminho até o casco raspar na areia. Abe e eu caminhamos rapidamente até o barco, jogando nossas mochilas antes de subir a bordo. Eu entro na água até os joelhos para empurrar o tender para fora das águas rasas.

Abe se senta na prancha de madeira na minha frente e faz um barulho descontente. A bainha de suas calças está molhada.

Você não vai durar um dia, penso comigo mesmo.

Eu diria isso a ele, mas não quero que esse homem expulse Abe por ser inavegável, mesmo que o homem esteja me lançando um olhar que diz: E esse homem quer ser um pirata?

"Eu sou Cruz, a propósito", diz o homem, remando em direção ao navio.

"Prazer em conhecê-lo", diz Abe. "Posso perguntar quantos membros da tripulação você tem? Eles são todos Irmãos?"

"Temos treze, incluindo um humano." Então ele balança a cabeça.

"Desculpe-me, dois humanos."

"Dois humanos?" Abe pergunta. "Como isso é possível? Ah, entendo. Você os mantém como comida. Eu estava pensando em como vocês se alimentariam no mar. Vocês não podem encontrar tantas fontes de comida no meio do oceano."

"Pode ser desafiador," ele diz cuidadosamente. "Mas não, os humanos a bordo fazem parte da tripulação. Fazemos questão de não comê-los." Ele parece totalmente sério, mas abre um sorriso para nós.

"O que eles fazem?" Não consigo deixar de perguntar. "Como tripulação. Eles sabem o que vocês são?"

"Muito", ele diz. "Não é algo fácil de esconder. Um deles, Sedge, é nosso cozinheiro. A outra, Maren, é a esposa do capitão."

"Uma mulher a bordo," Abe diz. "Isso não é má sorte?"

Cruz lhe dá um sorriso cúmplice. "Ah, não essa moça. Ela é muita boa sorte."

"Então o que você usa como sustento?" Abe pergunta. Sempre com as perguntas, e ele é como um cachorro com um osso se não obtém suas respostas.

"Temos nossos métodos" é sua resposta simples.

"Caçando Syrens," eu comento.

O olhar de Cruz desliza para o meu e o segura por um segundo. "Bones me disse que você sabe algo sobre eles. Ou foi isso que sua carta disse. É verdade?"

Eu dou a ele um aceno cauteloso. "Eu sei. Eu cacei e peguei um eu mesmo."

Seus olhos se arregalam. "Por favor, conte."

"Vou esperar até falar com o Capitão Bones", eu digo. "Odiaria ter que contar a mesma história duas vezes."

Cruz absorve isso com um aceno de cabeça e continua remando até que estamos na lateral

do navio. De perto, sua energia zumbe ainda mais, a grande altura dela subindo do mar como um gigante.

O Nightwind.

Cabeças se projetam sobre a grade e jogam cordas, que Cruz rapidamente prende em cada extremidade do esquife antes que ele seja içado para fora do mar. Então, nosso barco fica nivelado com o convés do navio.

Parados ali, há uma dúzia de homens de aparência sombria com espadas e pistolas apontando em nossa direção.

A última coisa que vejo é um remo indo em direção ao meu rosto.

Então, o mundo todo fica preto.

OceanofPDF.com



I

Capítulo Vinte e Três

PRIEST

não sei onde estou.

Mas minha cabeça está caída, pulsando com um milhão de estrelas cheias de dor.

Aragon, Abe sussurra dentro da minha cabeça. Aragon, acorde.

Vampiros sempre foram capazes de se comunicar telepaticamente, mas Abe e eu realmente não sentimos necessidade, já que geralmente somos apenas nós dois

sozinhos.

Até agora.

Eu gemo e levanto minha cabeça. Está escuro, e tudo está se movendo.

Eu pisco forte e tento fazer meus olhos se ajustarem, apenas para perceber que está escuro

porque de alguma forma é noite, com o céu cheio de estrelas e nuvens espalhadas, e o mundo está se movendo não apenas porque fui atingido na cabeça com

um objeto contundente, mas porque ele está se movendo.

Estou no convés do navio, acorrentado em um dos mastros.

Na minha frente está um sujeito alto e moreno, com o cabelo escuro preso para trás e uma barba por fazer de alguns dias nas bochechas, vestido da cabeça aos pés de cinza. Ele tem uma

espada na mão, embora esteja abaixada ao seu lado, e ele está me encarando com curiosidade e diversão.

"Padre Aragon", diz o pirata com uma voz irônica, e eu estremeço ao som do meu nome divino. "Prazer em conhecê-lo. Sou o Capitão

Battista. Você pode me chamar de Bones ou Ramsay — não importa muito, já que você não ficará conosco por muito tempo. Veja, não aceitamos mentirosos a bordo

o Nightwind. Não sou só eu; você descobriria que sou realmente bastante tolerante, mas sim, o próprio navio não gosta de tripulação desonesta. Ele fica bastante... irritado."

Como se fosse uma deixa, o navio geme enquanto passa por uma onda.

"Quem você está chamando de mentiroso?" Abe diz atrás de mim, acorrentado ao outro lado do mastro. Ele está tentando parecer irritado, mas eu ouço a dor em sua voz. Ele deve ter sido atingido pelo mesmo remo.

Abe, eu o aviso. Ele tem o péssimo hábito de responder e não ler as situações sociais corretamente. Ou não se importar em fazer isso.

"Você, obviamente, Doutor Van Helsing," Ramsay diz, "se esse for, de fato, seu nome verdadeiro. Francamente, parece realmente inventado."

"É holandês," Abe diz, cuspindo.

"Ah! Isso explica por que soa como um cocô em seus dentes," ele diz.

Eu riria disso se não estivesse tão preocupado com a forma como ele descobriu que eu era um padre.

"É o nome dele, e ele é um médico", rosno para ele. "E eu era um padre. Eu era o Padre Aragon."

"Ah, eu sei", Ramsay me diz, apoiando-se na espada, suas mãos casualmente penduradas sobre o punho. "Você pode achar que não conseguimos acompanhar todas as notícias e rumores que este mundo tem a oferecer devido a estarmos perpetuamente no mar, mas visitamos muitos portos. Falamos com muitas almas diferentes — quando não estamos bebendo delas — e temos outras maneiras de obter informações. Acho que sei muito mais do que você pensa que sei."

"Aparentemente", digo baixinho.

"Então me diga, Padre", ele diz, não impressionado. "Por que você e o médico mentiram sobre sua vocação passada? Você tinha vergonha do que fez em Nome de Jesus?"

Como diabos ele sabia disso?

Calma, Aragon, a voz de Abe desliza em minha mente. Deixe-o falar primeiro. Não entregue Larimar.

"Você não estaria?", pergunto, olhando o capitão bem nos olhos.

Ele me estuda por um momento. "Suponho que sim. Mas, novamente, não sou como você. Não sou uma fera. Ficaria surpreso em saber que um monstro sente vergonha."

"Como você pode ver, não sou um monstro", digo a ele com os dentes cerrados. "Atualmente", acrescento.

"Eu simplesmente não sei", Ramsay diz, endireitando-se. Ele olha para o comprimento do navio em direção ao leme, e eu sigo seu olhar para ver uma linda mulher parada perto do leme. "Maren, temo que vou precisar de um pouco da sua intuição feminina com essas duas."

A mulher pega a bainha de seu vestido azul-petróleo e caminha pelo meio do navio, o resto da tripulação se abrindo para ela como Moisés abriu o Mar Vermelho. Ela não se parece nem um pouco com o que eu pensava que uma mulher pirata seria.

Seu vestido parece limpo e extravagante, seu longo cabelo preto ondulado amontoado em volta dos ombros, emoldurando seus seios fartos.

Ramsay sai do caminho enquanto ela fica na minha frente e se agacha para o meu nível, mantendo-se fora do alcance no caso de eu tentar agarrá-la ou chutá-la.

Seus olhos são de um tom penetrante de azul, quase sobrenatural, e ela me encara tão intensamente que temo que ela já tenha descoberto absolutamente tudo sobre mim

que não haverá mentiras seguras dela.

Eu fungo enquanto ela continua a me olhar. Ela tem um cheiro limpo, como uma mulher

e o mar, me lembrando de Larimar. Há algo nela que faz meu pau tremer, faz meu coração tropeçar. Ela não se parece realmente com Larimar, além dos seios, e suponho que qualquer mulher cheiraria como o mar se estivesse nele por muito tempo. Mas ainda assim...

"Eu sou Maren", ela diz em uma voz rica e hipnótica. Eu sei que Cruz disse que ela era humana, mas há algo nela que me faz pensar se isso é completamente verdade. "Eles dizem que sou uma boa juíza de caráter, mas acho que

eles só querem passar a responsabilidade para mim."

"A responsabilidade de?"

"Quer você viva ou morra", ela diz categoricamente, uma curva nos lábios.

"Nós somos vampiros", Abe protesta.

"Sim, eu sei", ela diz. "Mas você aprende muito quando está no mar. É um lugar inóspito se você não tem certeza de como se adaptar. Nós tivemos membros de nossos próprios Irmãos que colocaram em risco toda a tripulação. Nós lidamos com eles adequadamente, mas não gostamos de cometer os mesmos erros duas vezes."

"Existem apenas três maneiras de nos matar", eu digo, minha voz grossa.

"Sim. Eu sei. Decapitação, fogo e ser esfaqueado no coração com uma lâmina de bruxa", ela diz. "Quando tínhamos um encrenqueiro, cortávamos sua cabeça, depois o resto das partes do corpo." Ela sorri. "Devagar."

Hmmm. Talvez seja por isso que ela me lembra Larimar.

Então ela suspira e, para minha surpresa, estende a mão e toca minha bochecha, passando um dedo por ela. Sua unha parece especialmente afiada.

"Eu acho que você é um bom homem", ela diz, seus olhos procurando meu rosto.

"Bonito, com certeza, mas não deixe meu marido ouvir isso."

"Maren", Ramsay diz irritado atrás dela.

Ela sorri. "Ele sabe onde está." Então sua expressão fica séria, e eu me sinto um pouco perdido olhando em seus olhos. "Mas podemos confiar em você? Essa é

a questão. Você foi transformada, mas em um ponto você foi uma bruxa. Você tem uma lâmina de bruxa que pretende usar em nós? É esse o seu propósito? Ser uma Matadora de vampiros? Ou talvez não haja necessidade quando você pode se transformar em um morcego voador à vontade."

Engulo em seco. "Eu não posso me transformar à vontade."

"Bem, isso é ainda pior. Se você não consegue controlar, então todos nós estamos em risco.

E se você decidir queimar o navio, com o resto de nós nele, assim como fez com seus seguidores na igreja?"

Não tenho nada a dizer sobre isso. Tudo o que tenho é minha palavra e, honestamente, nem tenho certeza se ela é tão confiável. É a fera dentro de mim que decide as coisas no final.

"Aragon está reformado", diz Abe. "Você terá que confiar na opinião de um médico."

"Sim", ela diz mornamente, os olhos brilhando brevemente por cima do meu ombro.

"Nós

ouvimos tudo sobre seu monastério."

"Mas como?", pergunto. "Como você sabe sobre o que aconteceu na aldeia? Sobre o que eu fiz?"

O que mais você sabe?

"As notícias correm rápido", ela diz. "Como Ramsay explica, há muitos portos, e temos muita ajuda para obter informações."

Porra, eles são ridiculamente vagos para um bando de piratas.

"É mágica, não é?" Abe diz. "Você usa magia, a mesma que dá poder a esta nave quando não há vento."

O rosto de Maren permanece impassível, mas acho que Abe está certo.

"Um cristal de visão," digo a ela lentamente. "É assim. Você tem um."

O que mais você viu?

Ela exala e se endireita. "Suponho que você descobriria mais cedo ou mais tarde. Sim, temos um. Também temos —"

"Maren," Ramsay diz bruscamente. Ela falou demais, talvez.

Ela acena para ele com apreensão e olha de volta para mim.

"Eu não sou a capitã", ela diz. "Eu não tomo todas as decisões aqui, mas eu tenho tanta estatura e poder quanto meu marido e qualquer outra pessoa a bordo desta embarcação." Ela suspira novamente e junta o cabelo nas mãos, colocando-o atrás dos ombros. "Eu acho que devemos nos submeter a Nill", ela diz a Ramsay. "Quem é Nill?" Abe pergunta, sua voz ficando alta.

Mas eu mal os ouço.

Meus olhos estão grudados no pescoço de Maren.

Nas três linhas tênues ao longo de cada lado.

Brânquias anteriores.

Abe! Eu grito em sua cabeça. Ela é uma Syren. Ela era uma Syren. Maren era uma Syren!

Como você sabe disso?, ele pergunta.

As brânquias. No pescoço dela.

É então que percebo Ramsay me encarando curiosamente, notando onde minha atenção está.

"Não é nada", Ramsay diz, abrindo um sorriso lento antes de acenar para o resto da tripulação. "Vamos, rapazes. Vamos fazer esses dois andarem na maldita prancha."

"A prancha?" Maren diz com uma risada seca. "Eu pensei que isso fosse abaixo de nós."

"Vamos, amor. É um pouco mais divertido do que apenas jogá-los ao mar."

Vários membros da tripulação se aproximam, desamarrando as correntes e nos maltratando enquanto nos arrastam para a lateral do navio.

Este seria um momento fantástico para você deixar a fera sair, Abe diz na minha cabeça.

Ele está certo, mas no meu estado de pânico, não consigo fazer nada além de lutar, e isso me rende mais alguns golpes na cabeça e socos no estômago, junto com a mordida ocasional de um sujeito com aparência grega, que me dá um sorriso sangrento. Normalmente, eu consigo suportar uma surra como se não fosse

nada, mas desde que estou neste navio, me sinto positivamente humano na forma como tudo dói.

Acho que deve haver alguma mágica aqui, nos enfraquecendo, digo a Abe.

Sim, deve ser por isso que não consigo lutar contra dez homens, ele diz suavemente.

A tripulação nos empurra para o lado do navio, um deles removendo o revestimento até que haja uma prancha solitária projetando-se sobre o mar negro e infinito.

E naquele mar flutua uma barbatana de tubarão, circulando ameaçadoramente abaixo.

"Você não deveria discutir isso com Nill?", pergunto enquanto várias espadas picam minhas costas, me incitando a avançar para o tabuleiro.

"Você vai discutir isso com Nill", Ramsay diz, pulando no corrimão e se apoiando em uma das cordas do mastro. Ele aponta para a água com sua espada. "É ele lá embaixo."

"Um tubarão?", exclamo.

"Ele será o juiz", diz Maren. "Confie em mim, ele é bom nisso."

Tento me virar para encarar a tripulação. Todos estão gostando muito disso.

"Piratas sangrentos", rosno.

Eles mostram suas presas e sibilam para mim em troca.

Normalmente, eu pensaria que poderia facilmente enfrentar um tubarão. Eu enfrentei Larimar, e ela era muito mais astuta e cruel. Mas com minhas mãos amarradas e esse feitiço de enfraquecimento, não tenho certeza se terei muita escolha. Talvez fiquemos bem, Abe diz atrás de mim, onde ele está sendo mantido no convés, sem se preocupar em lutar mais. Um tubarão não pode nos matar.

Eu dou a ele um olhar incrédulo. Ele poderia morder nossas cabeças.

Seu rosto fica imediatamente desanimado. Ah. Sim, acho que poderia.

"Chega!" Ramsay grita. "Que o julgamento comece para o Homem Sagrado.

Ande na prancha!"

Eu tento me manter firme, mas meia dúzia de espadas cravam-se em minhas costas.

Eu grito e tropeço para frente, perdendo o equilíbrio.

Eu me jogo para o lado e caio em direção às ondas escuras, o luar refletindo nas cristas.

A água me atinge como um martelo, e eu imediatamente afundo até começar a chutar. Está um frio congelante, mas para meu alívio, isso não me incomoda, o que significa que qualquer feitiço de enfraquecimento que eles tinham sobre nós lá em cima não funciona aqui embaixo.

Eu mergulho sob as ondas e para longe das laterais do navio, só por precaução.

Quando eu rompo a superfície, olho ao redor em busca da barbatana do tubarão, mas sem sucesso.

O grito de Abe chama minha atenção para o navio enquanto o empurram ao longo da prancha.

Ele lida com isso com muito mais elegância do que eu, chegando até o fim da prancha antes que um dos piratas sacuda a outra ponta, e ele vá caindo na arrebentação, afundando com um respingo.

Eu rapidamente começo a chutar minhas pernas para ele, movendo minhas mãos amarradas como se estivesse me puxando para frente.

"Abe!", grito, mas ele não emergiu.
Mergulho, abrindo os olhos paravê-lo pairando na escuridão,
olhando para mim.

O que fazemos?, pergunta ele. Ir para a superfície? Começar a nadar?
Para que lado? Onde estamos?

Pisco para ele, o sal ardendo meus olhos, tentando descobrir um plano de
ação. Não podemos nos afogar, então não corremos perigo algum ali, mas ficar à deriva
no
oceano pela eternidade não parece muito atraente.

Então o tubarão surge atrás de Abe como um fantasma da escuridão, uma
forma sombria que causaria medo no coração de qualquer homem, mortal ou não.
Atrás de você! Eu grito.

Abe se vira bem a tempo de ver o tubarão, sua boca se abrindo em um
grito aquoso, bolhas subindo à superfície.

Mas o peixe de olhos pretos não lhe dá atenção e continua deslizando
em minha direção. Sua boca está ligeiramente aberta, exibindo fileiras de dentes
serrilhados, e
em um absurdo momento de desejo, lembro-me de Larimar.

O tubarão vem direto para mim, e estou me preparando para afastá-lo. Se ele
morder minhas mãos, pelo menos estarei livre das correntes.

Ele desvia para o lado pouco antes de colidirmos, e eu giro,
observando-o me cercar, incapaz de tirar os olhos dele. É uma grande, elegante,
graciosa máquina de matar, e a maneira como seus olhos vazios me encaram sugere
uma inteligência maior do que eu pensava.

O tubarão continua a nadar ao meu redor em círculos preguiçosos, gastando o
mínimo de energia possível antes de nadar de repente até Abe com movimentos
gigantes

de sua cauda. Ele o contorna por algumas revoluções e então
de repente decola para o fundo, desaparecendo de vista.

Abe se vira para olhar para mim. Você acha que ele vai voltar?
Eu balanço minha cabeça, olhando para as profundezas negras onde o tubarão —
Nill— desapareceu. Não tenho ideia.

De repente, há um respingo na água vindo da direção do navio,
e duas cordas pesadas afundam abaixo das ondas.

Talvez isso seja uma aposta, Abe reflete.

Nós dois nadamos o melhor que podemos até as cordas, agarrando-as
com nossas mãos amarradas antes de subirmos para a superfície.

Apesar do fato de que não posso me afogar, ainda instintivamente suspiro por ar.
Então,
olho para o navio e encontro a tripulação espiando por cima dos lados para nós.

“Vocês passaram no teste”, Ramsay grita para nós com um grande sorriso, do tipo que você quer arrancar da cara dele com um soco. “Subam a bordo, camaradas. Bem-vindos aos Irmãos do Sangue.”

Dou a Abe um olhar cansado, cuspindo água enquanto começamos a subir a corda.

“E vocês acharam que se juntar a um bando de piratas era uma boa ideia.”

OceanofPDF.com



"Q

Capítulo Vinte e Quatro

PRIEST

Quando foi a última vez que vocês comeram?" Ramsay nos pergunta. Já faz alguns dias desde nosso julgamento por tubarão e, francamente, ainda estou um pouco desconcertado com a reviravolta dos acontecimentos. Tenho dificuldade em lembrar da última vez que nos alimentamos. Tenho dificuldade em tentar lembrar como era a vida antes de embarcarmos no Nightwind. É como se tudo que aconteceu antes fosse apenas um sonho nebuloso.

Ou, no meu caso, um pesadelo.

Embora eu ainda tenha Larimar na vanguarda dos meus pensamentos.

O rosto dela é tudo o que vejo quando fecho os olhos.

Tento não fechar os olhos.

"Cinco dias atrás", Abe completa enquanto seguimos Ramsay e seu irmão, um sujeito de aparência mal-humorada chamado Thane, por todo o comprimento do navio. Nós apenas

passamos o dia limpando o convés e endireitando as linhas, assim como no dia anterior. Aparentemente, amanhã será mais do mesmo. Não há muita variedade neste navio, pelo menos não para os recém-chegados. Acho que eu deveria

estar grato por não estarmos de serviço na latrina.

"Cinco dias? Então você deve estar morrendo de fome", diz Ramsay. "Vocês dois estão trabalhando duro o suficiente, eu acho. Melhor você provar um pouco dos nossos produtos."

Thane resmunga algo baixinho.

"O que foi isso, irmão?" Ramsay pergunta, gesticulando com a mão atrás da orelha. "Você tem algo que deseja compartilhar com seu capitão e novos companheiros de tripulação?"

Thane consegue olhar para nós três com um olhar penetrante.

"Nós deveríamos ter pegado mais sangradores em Valparaíso," ele diz risco enquanto descemos as escadas para o convés abaixo. "Nós pegamos mais dois Vampiros; nós deveríamos ter pegado mais duas vítimas para fazer as coisas ficarem empatadas. Agora, eles vão se alimentar dos nossos recursos, e você,

aparentemente, não tem planos de fazer nenhuma parada passando pelo estreito." Ramsay dá ao irmão um olhar cansado. "Primeiro de tudo, você sabe que eu não gosto desse termo, Vampiro. Nós não demos isso a nós mesmos — os humanos é que deram.

Nós somos os Irmãos do Sangue, e é isso, não um nome dado pelos cristãos torcendo as mãos na Europa Oriental. Sem ofensa, Padre Aragon."

Eu levanto minha palma. "Sem ofensa. Agora é só Aragon, não pai."

Já disse isso a Ramsay algumas vezes desde então, mas ele esquece ou gosta de escolher seu nome para você. Não sei bem qual é, mas sei que preciso escolher minhas batalhas neste navio, ou elas serão escolhidas para mim. "Claro", Ramsay diz enquanto descemos outro lance de escadas, passando pelo convés onde Abe e eu dividimos uma pequena cabine com beliches. "Mas voltando para você, Thane, e seus resmungos. Não podíamos arriscar pegar mais bloodletters enquanto pegávamos esses dois. Teria sido muito perigoso, teria chamado atenção para nós mesmos. Tivemos sorte que nosso navio passou ileso."

"Porque você não estava voando com seu Jolly Roger", diz Abe. "Esse é o problema com vocês, piratas: vocês sempre têm que dizer ao mundo exatamente o que vocês são."

Ramsay sorri. "Você não acha que esse é o plano? Dizer ao mundo o que ele quer ver — piratas. Saqueadores cruéis das profundezas. Criminosos do alto mar. Esconda a verdade — somos os monstros de todos os contos de fadas."

"Poético," Thane murmura. "Ainda não compensa o fato de que temos duas bocas extras para alimentar."

"Eu poderia te jogar no mar se isso ajudasse a empatar o placar," eu digo a Thane seriamente.

Ramsay começa a rir, e isso me rende outro olhar sujo de Thane.

"Eu aceitaria sua oferta, Aragon, mas Thane é o melhor intendente que temos."

"O único que você tem," Thane aponta.

"E ele é necessário para me manter na linha", Ramsay continua. Então, sua expressão escurece um pouco. "Embora ultimamente, pareça que trocamos de papéis." Os olhos dourados de Thane brilham com algo — arrependimento ou tristeza. Mais do que

isso, posso sentir o peso da história neles. Não tenho dúvidas de que esta tripulação viu e passou por sua cota de tragédia. Nenhum de nós é imune.

Troco um olhar de cumplicidade com Abe, e continuamos descendo as escadas até chegarmos ao fundo do navio. Aqui, ela range e geme com o som das ondas batendo nas laterais de madeira. Temos tido sorte que o clima tem sido agradável até agora. Estamos longe o suficiente do Chile para não podermos ver a terra, o próprio navio tendo encontrado um curso mais fácil

e rápido enquanto avançamos em direção ao fundo do mundo.

Para onde tive salvação por um breve momento.

Salvação que veio com olhos violeta.

Até que tudo pegou fogo.

De repente, paramos diante de uma porta pesada, e o cheiro de sangue humano inunda meus sentidos, sobrepujando o cheiro de óleo, salmoura e sal que permeou a nave nos últimos dias. Sinto minhas presas endurecerem na minha boca, os pelos do meu corpo se arrepiando, meu pulso acelerando.

Ramsay acena enquanto me olha. "É surpreendente, não é, que você não tenha sentido o cheiro deles até agora? Acho que o Nightwind faz um bom trabalho em mantê-lo contido. Caso contrário, seríamos lembrados de que os temos aqui para serem capturados, e nenhuma tripulação poderia funcionar com isso."

"Mais da magia da nave", digo, limpando a sede da minha garganta.

Ele acena. "Ela fornece quando precisa."

"Então, você tem humanos aí?" Abe gesticula para a porta. Até as pupilas em seus olhos ficaram vermelhas de fome. "Aqueles que você sequestrou?"

"Nós os chamamos de sangradores", explica Thane. "E sim, eles foram sequestrados."

"Eles tiveram uma escolha," Ramsay diz a ele irritado.

Thane olha para ele por um momento e então balança a cabeça. "Uma escolha. Sim, claro." Ele olha para nós, sua expressão de alguma forma ainda mais cansada do que o normal. "Antigamente, atacávamos outros navios ou invadíamos portos, e os humanos eram a principal carga que buscávamos — não apenas joias, dinheiro e armas, mas os próprios humanos. Nós os mantivemos no porão como prisioneiros e nos alimentamos deles até que todos morressem... uma morte lenta e horrível. Mas desde

que Maren se juntou à tripulação, ela queria mudar nossas táticas para uma que fosse mais humana e misericordiosa."

"Nós damos uma escolha aos humanos", Ramsay diz, olhando para seu irmão com um olhar duro e de advertência, como se não quisesse que Maren fosse mencionada novamente. "Eles

se tornam nosso sustento ou morrem. Se você escolher o primeiro, você viverá e eventualmente será levado de volta para a costa, embora drenado de muito do seu sangue."

"E se você não fizer isso?" Abe pergunta.

"Bem, você morre, e nós o levamos de qualquer maneira", ele diz.

"Mas você não pode deixar essas pessoas saírem depois de se alimentar delas", Abe diz, o vermelho começando a desaparecer de seus olhos e a curiosidade insaciável

da mente de seu médico assumindo o controle. "Eles vão contar a todos o que aconteceu."

"Você parece esquecer o poder que possuímos naturalmente, Doutor," Ramsay diz, batendo em sua têmpora. "Nós os obrigamos a esquecer. De qualquer forma, não há

nada que um bom e velho feitiço não conserte."

"Quem neste navio sabe usar magia?" Pergunto, querendo uma resposta de algum tipo. Existem vampiros que também são bruxos, que não foram transformados como eu?

"Sim", Ramsay diz, sua voz severa, seu olhar me dizendo que ele não divulgará mais nada. No devido tempo, eu suponho.

Thane acrescenta: "Mesmo que os humanos se lembrem do que aconteceu, ninguém acreditará neles."

"Foi o que disseram sobre o que aconteceu na Europa Oriental", Abe aponta. "Mas agora temos o termo Vampyre porque havia uma história a mais que a lenda transformou em boato."

Ramsay dá de ombros. "Estamos fazendo o nosso melhor para ser um pouco mais morais. Se

der errado, não tenho problemas em cair para trás na escala."

Thane solta um bufo irônico. "Maren não deixaria você."

"Ela me deixa fazer o que preciso", Ramsay diz intencionalmente.

"Ah, mas quando a tripulação expressa seu descontentamento..." Thane diz.

"Imagino que nem todos estejam felizes com seu novo sistema?" Abe pergunta.

"Não", Thane diz. "E nós deveríamos ser uma democracia neste navio."

Ramsay apenas balança a cabeça. "Chega dessa tagarelice. Esses homens estão morrendo de fome, e eu tenho sido um anfitrião muito inóspito até agora."

Para ser justo com o capitão, ele nos deu comida, que era muito boa, mas não o sustento que realmente precisamos.

Ele pega uma chave mestra e abre a porta do porão com um alto rangido.

O cheiro dos humanos me atinge como um soco no rosto.
Está escuro aqui, mas há uma lâmpada pregada na parede, bem alto do chão, que emite um brilho baixo, lançando os humanos em sombras profundas. São cinco, uma mulher e quatro homens, todos vestidos com trajes simples, as roupas brancas salpicadas de sangue. Eles estão sentados em uma pilha de feno, acorrentados à parede pelas mãos, com folga suficiente para deixá-los se virar, deitar ou pegar o balde da latrina. Todos eles têm pratos vazios ao lado, onde algumas migalhas de pão permanecem, e há jarras de água entre cada pessoa.
Francamente, parece o inferno, e cheira a ele também, mesmo com o doce sangue deles perfumando o ar.
Todos eles me encaram com expressões opacas, os olhos vidrados.
"Eles estão drogados?", sussurro para Ramsay.
Ele acena. "É uma combinação de nós nos alimentando deles o tempo todo e o rum que continuamos correndo em suas veias. Juro, dá um pouco de um chute no sangue deles."
"Cinco pessoas," Abe diz, olhando ao redor da sala com um olhar perspicaz

"Cinco pessoas para quinze Vampiros?"
"É por isso que precisamos de mais," Thane resmunga.
"Nós pegamos um pouco a cada dia," Ramsay explica, caminhando até uma prateleira e pegando uma agulha presa a um tubo.
"Você não pega," Thane aponta.
Ramsay lança um olhar gelado para ele.
"Mas você não pega," Thane continua. Ele olha para nós. "Ele tem Maren."
"Ah," eu digo. Eu imediatamente penso em Larimar. Essas guelras no pescoço de Maren devem significar que ela é uma Syren ou ainda tem sangue Syren. Isso explica por que o capitão obtém privilégios especiais de sua esposa. O sangue dela percorre um longo caminho.
Por um momento doce e terrível, sou atormentado por memórias de Larimar na cruz, nua e se contorcendo enquanto bebo seu lindo sangue. Eu a tinha, a tinha em minhas mãos, e estraguei tudo.
"O que é isso?" Abe pergunta, gesticulando para a agulha, tubo e agora um jarro que Ramsay tem em suas mãos.
"É assim que obtemos o sangue", ele diz enquanto caminha até a mulher.
"Há muito poucos de nós que conseguem lidar com a alimentação direta deles com nossas presas. Como você sabe, tendemos a nos deixar levar um pouco.... Alguns de nós, como Thane aqui, podem fazer isso, desde que haja outro Irmão na sala para

segure-o se ele sair do controle. A última coisa que queremos é que a ganância e a fome tomem conta."

Ramsay então continua explicando como a agulha e o tubo criam pressão, permitindo que o sangue escorra para o jarro de forma lenta e controlada , algo que eu sei que Abe já é bem versado.

Abe parece bastante impressionado com tudo isso, já que esse estilo de lidar com sangue

e sustento o atrai — ele está sempre procurando a maneira mais simplificada, evitando todos os assassinatos, se possível. Não é que ele particularmente se oponha ao assassinato — Abe certamente nunca teve problemas em matar humanos para mim — mas ele acredita que o único futuro esperançoso para Vampiros, um onde podemos coexistir em segredo ao lado dos humanos, é manter nossos negócios o mais silenciosos possível.

Daí porque ele também não parece muito convencido da ideia de deixar esses humanos drenados de sangue irem depois que eles tiverem sustentado a tripulação, mas somos

novos aqui e não vamos dizer a Ramsay o que fazer. Pelo menos, não estou. Como ele comanda sua nave não é da minha conta — estou aqui por um único motivo.

Ramsay faz um trabalho rápido de preparar os humanos, tirando um pouco de sangue da mulher, depois dos outros homens, até que todos os cinco tenham enchido um jarro. Os humanos nem parecem saber o que está acontecendo e se submeteram ao processo. Pelo menos eles não parecem estar sentindo dor. "Fascinante", diz Abe enquanto Ramsay lhe entrega o jarro. Ele o inclina até a boca, o sangue escorrendo perfeitamente direto pela garganta. Suas pupilas brilham vermelhas, e Ramsay arranca o jarro dele antes que ele termine a coisa toda.

"Minhas desculpas", diz Abe timidamente, limpando a garganta. "Parece que eu estava com mais fome do que pensava."

Ramsay me entrega o jarro em seguida, e eu termino o resto. Não sou estranho a beber sangue de um copo, mas é a primeira vez que tenho vários tipos sanguíneos misturados. Não posso dizer que gosto muito disso — muito bagunçado para o meu

paladar — mas não estou em posição de reclamar. Certamente me deu mais energia, meus sentidos se aguçaram, a dor no meu intestino diminuiu.

Com o jarro vazio, Ramsay coloca tudo de volta e diz aos humanos que alguém virá mais tarde para limpar e dar mais comida, e nós trancamos o porão atrás de nós.

"Não acho que vocês realmente fizeram um tour adequado pelo navio", Ramsay nos diz. "Nós os colocamos para trabalhar imediatamente. Venham."

Novamente, seguimos ele e Thane por todo o navio enquanto ele aponta os vários alojamentos. Além do porão onde eles mantêm os sangradores, há também uma seção para prisioneiros e uma que eles chamam de "sala da corrente", onde eles mantêm vampiros indisciplinados. Então, há a sala de armas, estocada de cima a baixo com todas as armas, espadas e armas que você possa imaginar, além de

balas de canhão e pólvora. Eles apontam para uma sala de prisão em uma extremidade, embora eu

não entre, e no próximo nível, há o convés de armas, alinhado com canhões e portas fechadas, bem como alguns dos alojamentos da tripulação. No próximo convés está nossa cabine, mais próxima dos alojamentos de Thane e Ramsay.

Tenho

a sensação de que normalmente dormiríamos nas redes abaixo como a maioria da tripulação, mas talvez sejamos tratados um pouco melhor por causa do meu passado

como Sacerdote, e Abe porque ele é um médico estimado. Ou talvez eles só queiram ficar de olho em nós.

Finalmente, terminamos nos aposentos de Ramsay, bem no fundo do navio. É espaçoso, com muita teca brilhante e tapeçarias drapeadas, forrado com estantes cobertas com estatuetas de várias culturas ao redor do mundo.

E uma variedade de cristais. Olho ao redor procurando o que está vendo, que deveria se assemelhar a uma esfera de cristal, mas não está à vista.

Ele é o bruxo, eu acho. Ou algo parecido.

"Sente-se." Ele gesticula para duas poltronas de veludo.

Abe e eu nos sentamos enquanto Thane pega uma garrafa do que parece ser uísque, habilmente carregando-a e quatro copos para nós. Ele serve uma quantidade generosa para cada um e então os entrega para nós.

"Este uísque pertenceu a Francis Drake", ele diz. "O mais infame pirata de todos."

"Corsário", Abe o corrige.

"Se ele é apenas um corsário, então eu sou apenas um pirata", diz Ramsay. "Que tal um brinde a nós, piratas, então?"

Nós batemos nossos copos juntos.

"Salud", eu digo em espanhol.

"Salud", o resto diz.

O uísque combina bem com o gosto residual de sangue, suave e matizado.

Eu tento levar meu tempo com isso. Por causa de nossos metabolismos, geralmente não ficamos muito bêbados, mas isso pode acontecer de vez em quando, especialmente se você

trabalhar nisso.

"Agora", diz Ramsay enquanto se inclina para trás contra sua mesa. Seus pés estão cruzados casualmente na frente dele, seu copo balançando em seus dedos, mas o

olhar em seus olhos é marcadamente sério. “Que tal vocês dois me dizerem por que vocês realmente estão aqui?”

OceanofPDF.com



L

Capítulo Vinte e Cinco

LARIMAR

arimar!

A tempestade está chegando.

Preciso ver a tempestade.

Preciso ver o céu.

Larimar! a voz diz novamente, com mais urgência, misturada com aborrecimento — uma

voz que faz minha pele arrepiar.

Olho para a superfície, presa no meio do caminho entre ela e o Syren gritando comigo das braças abaixo.

Mas preciso ver o céu.

Eu agito meu rabo para nadar para cima, mas garras se estendem e engancham em minhas nadadeiras,

uma delas rasgando o tecido delicado. Eu rosno e giro para encarar meu agressor.

Ullan olha para mim, segurando meu rabo para que eu não possa nadar para longe, sua boca

se esticando em um sorriso macabro de bordas irregulares.

O ódio que tenho por esse Syren é palpável, e não há dúvida de que ele sente o mesmo. Ele é a razão pela qual tenho tantas cicatrizes entre minhas nadadeiras e cauda. Ele é o que me faz lamentar ter me juntado ao reino de Zellebos todos aqueles anos atrás.

Não que eu os tenha procurado propositalmente. Depois do que aconteceu com Priest, depois que me transformei novamente em Syren, nadei para salvar minha vida. Mesmo bem abaixo da

superfície, eu podia ver sua forma gigante e coriácea acima, sem dúvida procurando por mim. Eu tive que desaparecer para que ele nunca pudesse me encontrar.

No entanto, parte de mim queria que ele fizesse isso. Eu queria saber o que ele teria realmente feito comigo. Ele se transformou no monstro que sempre temeu, mas aquele monstro estava tentando me matar na igreja? Ou estava apenas tentando me possuir da única maneira demente que sabia?

De certa forma, acho que talvez eu pudesse ter temperado a fera. Eu sabia algo sobre apelar para o monstro interior. Afinal, eu também sou um.

Mas a autopreservação é uma coisa poderosa.

Então, eu nadei. Eu nadei pelas profundezas dos mares escuros, indo para o oceano aberto. Eu estava perdido para mim mesmo, perdido para as correntes. Meu coração estava

despedaçado, e meu amante se foi junto com minhas pernas, o que significava que as chance de tentar encontrar Maren novamente eram inexistentes.

Eu perdi tudo quando aquela igreja pegou fogo.

Não sei quanto tempo fiquei à deriva no oceano do sul, batendo indolentemente contra icebergs, sendo avaliado por bandos de focas-leopardo. Eu não estava

comendo; eu não conseguia nem suportar o gosto de peixe cru. Era como se ser forçada a voltar para meu corpo Syren fosse uma punição depois de estar em terra. Eu estava meio morta quando as Syrens de Zellebos me encontraram. A rainha, Sipha, me trouxe de volta para seu reino, curou as feridas em minha cauda que ainda permaneciam mesmo depois que minhas pernas se transformaram. Ela me fez comer, mesmo

que eu não quisesse, e me protegeu dos danos do mar selvagem.

Tudo estava bem e horrível no começo — bem porque a maioria das Syrens de Zellebos me tolerava. Elas desconfiavam de recém-chegados, e a maioria delas era fria e insensível, mas Sipha gostou de mim, então eu fiquei em grande parte sozinha. Eu tinha sua proteção.

Também foi horrível porque eu não conseguia parar de pensar no Priest, não conseguia parar de lembrar como suas mãos eram, como seu pau trabalhava dentro de mim, como ele às vezes olhava para mim como se eu fosse um tesouro a ser contemplado,

algo mais celestial do que qualquer coisa que Deus prometeu. Quando ele olhava para mim, eu sentia isso nos meus ossos, e é por isso que eu ficava pensando na nossa última noite

juntos, tentando descobrir o que eu fiz para transformá-lo em uma fera tão raivosa, em algo que só queria morte e destruição.

Porque tinha que ter sido eu. Foi algo que eu fiz que o fez pirar, embora eu não consiga descobrir o que foi naquela noite. Ele tinha me desamarrado, me levado para fora, para sua casa de campo. Eu chorei quando senti a noite fria

e vi as estrelas. Ele me disse que encontrou Deus em mim. Mais tarde, ele leu um livro chamado Dom Quixote em voz alta até eu adormecer em sua cadeira, enrolada perto do

fogo. Eu era humana. Eu estava inteira.

Ele tinha sido meu captor em todos os sentidos da palavra. Ele segurou minha mente, corpo e alma, mas meu coração foi o último a se render.

Ele me levou para sua cama, amarrou minhas mãos em seu rosário e me disse que não tinha certeza de como ele viveu tanto tempo sem me conhecer.

Olhei em seus olhos e vi algo que não estava lá antes.

Eu não queria pensar muito sobre isso.

Eu estava com muito medo.

Mas o que eu pensei ter visto naquela noite foram meus próprios sentimentos refletidos de volta para mim. Eu pensei ter visto seu coração, aberto pela primeira vez e completamente meu.

E então eu adormeci em seus braços, envolta em sua força e calor, confortada por sua respiração constante e batimento cardíaco lento, quase como uma canção de ninar.

Quando acordei, ele tinha ido embora.

Eu o encontrei na igreja.

E eu imediatamente soube que esse era o fim para nós.

Nossas linhas de amor ficaram irremediavelmente emaranhadas, e suas garras as rasgaram.

Larimar, Ullan zomba, o que você acha que está fazendo?

Ele me puxa para baixo, e eu grito. Eu sempre tento não dar nada a ele, já que minha reação é o que ele quer. Este Syren vive para me torturar, e eu tenho sido um alvo fácil desde que Sipha morreu e o reino se partiu.

Sempre indo para a superfície, ele diz, as mãos cravadas em meus ombros enquanto ele me segura no lugar. É como se você estivesse tentando escapar do que você é. Você

acha que o mundo lá em cima é melhor?

Eu quero dizer a ele que já estive lá, que sei que é.

Melhor o diabo que você conhece — não é esse o ditado que os humanos usam?

E eu conhecia Priest. Pelo menos, eu achava que conhecia.

Há uma tempestade, eu digo a Ullan, tentando manter minha voz em branco.

E isso é interessante para você? Vamos. Fique com o grupo. Nós estamos indo para as águas rasas.

Ele me solta e nada em direção à água mais rasa perto das margens da ilha. Olho para a superfície. Embora seja dia, quase não há luz que filtre para baixo, toda ela varrida pelas grandes ondas. As tempestades sempre me atraíram. Quero romper a superfície e absorver o céu selvagem e implacável que se estende acima. Ele reflete as profundezas tempestuosas

do oceano de algumas maneiras, tornando-se mais atraente pelo fato de estar para sempre fora de alcance.

Sigo Ullan até as águas rasas. Sei que se não fizer isso, ele vai me fazer fisicamente, e não estou com vontade de lutar no momento. Nunca ganho. Ullan assumiu como líder da colônia quando Sipha morreu. Ela foi capturada por um navio que passava — pelo menos, foi o que Ullan disse. Ele estava supostamente com ela quando aconteceu. Sempre pensei que ele a matou, de uma forma ou de outra. Talvez ele tenha tirado o coração dela, ou talvez realmente houvesse um

navio caçando Syrens, e ele permitiu que ela fosse pega. Ele sempre quis fora do caminho, assim como muitos de seus seguidores, e rapidamente assumiu o papel. Ele não tem sangue real Syren, apenas a habilidade de usar violência em todas as situações até conseguir se nomear Rei.

De qualquer forma, obviamente não confio nele ou naqueles que cumprem suas ordens, mas alguns dias, sei que é melhor não forçar a sorte. Em outros dias, porém, eu insisto de qualquer forma, só para sentir algo, só para não ficar para sempre nadando na escuridão, entorpecida para o mundo. Naqueles dias, eu quero uma briga. Eu

quase gosto quando ele me mutila. Isso quase me lembra Priest, embora não seja a mesma coisa. Não há obsessão ou devoção nos olhos de Ullan quando ele me faz sangrar — há apenas ódio.

Às vezes, me sinto tão vazia e vazia que a dor é melhor do que nada absolutamente.

Continuo nadando em direção à ilha. As águas rasas consistem em rochas escuras com um fio ocasional de areia que se destaca como uma mancha brilhante contra o vazio. Às vezes, nós forrageamos aqui por caranguejos; outras vezes, desafiamos as

focas leopardo e os leões marinhos para tentar capturar alguns dos pinguins em suas viagens diárias de alimentação. Se os outros predadores nos superam em número, geralmente seguimos

em frente. Dependendo da época do ano, o acúmulo de gelo pode se estender para as profundezas, embora, no momento, o gelo esteja principalmente contido em um fluxo no

outro lado da ilha, pedaços gigantes dele se quebrando no oceano, a água ficando leitosa conforme a água doce se mistura com ela.

Mas quando as águas rasas aparecem, noto apenas alguns Syrens, suas silhuetas corporais contra os fios de areia azul brilhante. Nenhum deles parece ser Ullan.

Eu nado em direção a eles, e tudo parece normal — há duas fêmeas e um macho, todos eles virando pedras, procurando caranguejos. Meu coração palpita em minhas veias, minhas guelras ficam pegajosas. Estou ansioso por razões que não consigo descobrir, possivelmente porque toda vez que me aproximo de um grupo, me preocupo que serei ainda mais condenado ao ostracismo. Era uma vez, eu nunca levei para o lado pessoal quando

Fui rejeitado pelos outros — eu estava completamente focado em encontrar Maren — mas desde Priest, sinto que cada parte de mim foi desgastada. Conforme me aproximo das Syrens, porém, as reconheço como sendo três das confidentes mais próximas de Sipha: Esmerelda, Vialana e Meriw. Elas sempre foram gentis comigo, pelo menos mais do que o resto.

E ainda assim, minha ansiedade não diminuiu. Ainda sinto como se houvesse algo errado, algo que não estou vendo.

Larimar, Meriw me cumprimenta, sua voz mais curta do que o normal. Estábamos esperando por você.

Olho para ele surpresa. Esperando por mim?

Sim, Esmerelda diz, seu rabo se contraindo enquanto ela quebra uma concha. Ullan disse que você queria que a encontrássemos aqui para procurar ouriços.

Viro minha cabeça, em alerta máximo enquanto procuro por Ullan. Ele ainda não está à vista. Ninguém mais na colônia está aqui também; somos só nós quatro. Os maiores apoiadores de Sipha.

É uma armadilha! Eu grito.

O que você quer dizer? Vialana pergunta, parecendo em pânico, mas não em pânico o suficiente. Uma armadilha preparada por quem?

Ullan, Meriw diz. Então, seus olhos se arregalam quando ele olha por cima do meu ombro.

Navio! Navio! Retirada!

Eu me viro para ver uma grande embarcação vindo em nossa direção, semelhante àquela que

arrebatou Asherah. Com a curva estreita da baía, teremos que nadar por baixo dela para escapar; caso contrário, vamos encalhar.

Há uma chance, é claro, de que o navio não esteja aqui por nós. Talvez esteja indo em direção às águas rasas porque está prestes a lançar âncora, a baía proteção durante a tempestade.

Mas não vou descobrir.

Nado rápido pelo fundo, indo em direção ao fundo para poder passar por baixo do navio sem ser detectado, quando de repente, Vialana grita.

Paro paravê-la enredada em uma rede enquanto Meriw e Esmerelda nadam para longe.

Não posso simplesmente deixá-la ali.

Ela está tentando rasgar a rede com suas garras, mas sem sucesso. A rede deve ser feita de algum tipo de metal.

Larimar, ela grita freneticamente. Não consigo sair.

Alcanço-a, minhas garras saindo, e faço o meu melhor para libertá-la da rede, tentando serrá-la.

Vá, ela diz. Salve-se.

Espere, eu digo a ela, tentando fazê-la se concentrar em mim. Vou pegar uma das amêijoas. Suas conchas podem cortar qualquer coisa que não podemos.

Mas no momento em que me viro para mergulhar, a água começa a ser cortada em muitos quadrados.

É uma rede correndo em minha direção, como se já estivesse lá.

Uma armadilha que havia sido armada.

Eu grito, e antes que eu possa nadar para fora do caminho, a rede corre ao meu redor até que eu seja pego da mesma forma que Vialana.

E então, a rede é puxada para a superfície comigo dentro.

OceanofPDF.com



I

Capítulo Vinte e Seis

PRIEST

Faz uma semana que Abe e eu andamos na prancha e tivemos um julgamento decidido por um tubarão. Ainda não tenho certeza de como o tubarão decidiu alguma coisa, mas suponho que se ele mordesse nossas cabeças, isso significaria que éramos culpados de algo. De qualquer forma, sobrevivemos, recebidos na tripulação como se nada tivesse acontecido, como se fôssemos velhos amigos.

Bem, eu diria que é assim para Abe. Embora o médico possa ser estranho e estranho às vezes, ele se encaixa bem com esse bando de desajustados e malfeiteiros. Todos eles são igualmente estranhos em seus próprios modos; suponho que é

por isso que eles são piratas e não vivem nas camadas mais altas da sociedade como os vampiros

normais. A alta sociedade ama aqueles com dinheiro, e os imortais tendem a ter muito dinheiro. Ainda assim, é preciso muito para se moldar para parecer um humano comum, mas extraordinariamente bem-sucedido, e não os desviantes sanguinários

assassinos que todos nós somos.

Quando se trata de mim, no entanto, parece que fiz um bom progresso com todos na nave — todos, exceto Maren. Não possuo muito charme — sou muito mal-humorado para isso — mas o que tenho vai longe quando estou lidando com um não-vampiro. No entanto, Maren parece imune. Eu não a encontro com muita frequência, o que é bem estranho quando vocês estão presos em uma nave juntos, mas quando cruzo seu caminho, ela me trata com distância e suspeita. Foi decisão dela fazer de um tubarão o juiz, mas não tenho certeza se ela concorda com o veredito.

Estou começando a me perguntar se talvez ela saiba do meu relacionamento com Larimar. Eu não disse nada, e até agora, ninguém pediu mais informações sobre os Syrens, nem o objetivo da nossa jornada foi mencionado.

Bem, isso não é bem verdade.

Outro dia, depois que fomos tratados com sangue, Ramsay e Thane nos sentaram e nos questionaram sobre nossas verdadeiras intenções. Deixei Abe falar a maior parte da conversa. Ele convenceu Ramsay de que eu preciso estar perto da minha própria espécie para

uma mudança, que o isolamento que ele pensou que ajudaria a me curar é o que me levou à loucura no final.

Acho que eles acreditaram nele. Eu esperava que eles me importunassesem com as mesmas

perguntas, mas eles abandonaram o assunto depois disso. O que eu realmente queria era

perguntar sobre a jornada deles para encontrar os Syrens, mas eu não queria chamar atenção para mim quando eles parecessem satisfeitos com a resposta de Abe.

Estranhamente, nosso destino e missão não foram mencionados com tanta frequência. Aqui e ali, ouço um membro da tripulação falar sobre a ilha, e presumo que eles estejam falando da Ilha Roche. Alguns falarão sobre se encontraremos

problemas no Estreito de Magalhães, mas nada mais do que isso.

Por mim, tudo bem. Posso lidar com um relacionamento tenso, mas cordial, com a senhora do navio. Percebi que Ramsay é muito protetor com ela; se eu olhando para ela por muito tempo, ele fica rude comigo, então não estou prestes a tentar conquistá-la.

Além disso, sei como manter meu lugar e quando abaixar minha cabeça. Agora que estamos navegando há um tempo, estou me acostumando a estar no Nightwind. Isso me lembra da camaradagem que tínhamos no mosteiro, ou pelo menos naqueles últimos anos, quando tínhamos mais humanidade. Depois de ficar estacionado

sozinho por tanto tempo, ou com a única companhia de Abe, tem sido bom realmente estar perto de outros, especialmente bebedores de sangue. Eu sei que sou diferente, e há um pouco de apreensão e curiosidade dos outros, mas somos todos pássaros da mesma plumagem.

Embora eu suponha que eu seja o único que já teve asas.

"Miau."

Eu me assusto e me viro para encontrar um gato laranja em pé na prateleira de panelas e frigideiras. Estou na cozinha com o cozinheiro, Sedge, enquanto ele prepara a refeição desta noite. Ele é o outro humano aqui, além de Maren. Um mudo, mas tudo bem para mim; aprendi um pouco de linguagem de sinais básica quando estava na

mosteiro, ensinado pelo monge Pedro Ponce de Leon para nos ajudar quando tínhamos que viver em silêncio.

Quem é esse? Eu gesticulo para Sedge, movendo minhas mãos de forma desajeitada. Eu ainda estou enferrujada, e Sedge não aprendeu exatamente a língua que eu aprendi, mas quanto mais tempo estou com ele, mais ele me ensina a me adaptar à maneira como ele se comunica. Embora eu pudesse falar com ele, porque ele não é surdo, acho que ele gosta que eu faça sinais.

Skip, Sedge diz, soletrando as letras. O gato de Ramsay.

O gato me encara com olhos verdes penetrantes, seu rabo balançando para frente e para frente.

Skip mia novamente, inclinando a cabeça para mim.

"Miau para você também", eu digo, tirando meu chapéu imaginário.

Navios são ótimos para gatos, Sedge explica, seus dedos se movendo tão rápido que é difícil acompanhar. Eles cuidam dos roedores.

Você tem muitos roedores? Tento perguntar, embora minhas tentativas sejam estranhas.

Sedge assente gravemente. O sangue.

Ah. O sangue.

Olho de volta para a comida que ele está preparando, cortando atum fresco em bifes. Não é de se espantar que tenha chamado a atenção do gato. Comemos bem no navio, mesmo não precisando comer. Sedge é um bom cozinheiro, e ele tem que fazer refeições para o filho de Maren e Thane, Lucas, que ainda não se tornou um vampiro e não precisará de sangue até os trinta e cinco anos, então Sedge frequentemente insiste em cozinhar para todos nós bebedores de sangue, mais os humanos no porão.

De repente, minha nuca formiga, e eu respiro um cheiro que me lembra Larimar, fazendo meu coração pular uma batida.

O gato mia, e eu juro que ele levanta a pata em saudação.

Eu me viro para ver Maren parada na porta da cozinha.

"Aragon," ela diz em uma voz cortante com um sorriso tenso. "Posso ter uma palavra com você em particular?"

"Claro," eu digo. Eu aceno para Sedge e caminho com ela para fora da cozinha.

Atrás, eu ouço o gato cair no chão e nos seguir.

"É muito gentil da sua parte usar sua linguagem de sinais com Sedge," ela diz para mim, suas mãos entrelaçadas na frente, mas eu não acredito no ato recatado.

"Eu aprendi no mosteiro. Tivemos que viver em silêncio por muitos anos como parte do nosso treinamento. É bom poder usá-la novamente."

"Mmmm," ela cantarola enquanto descemos as escadas para o convés inferior, seu vestido dourado balançando atrás dela. "Eu tenho que dizer, a maioria de nós estava... apreensiva sobre ter um homem do clero a bordo. Um Vampiro, nada menos. Mas o fato de você não ter tentado dizer a nenhum de nós que estamos destinados ao inferno foi revigorante."

"Como você sabe, eu era um padre. Não sou mais."

Ela olha para mim por cima do ombro. "Ah, sim. Por que isso?"

Eu franzo a testa para ela. "Porque eu não sou adequada para ser uma. Você sabe o que eu fiz com minha congregação."

"Eu sei," ela diz, olhando para frente novamente enquanto caminhamos em direção à parte de trás do navio, nós dois inclinando para o lado enquanto fazemos isso. Estamos um nível acima do porão, e o navio geme e range em sua própria canção assustadora pontuada pelo tapa das ondas. Estamos em algum lugar na costa do sul do Chile, e o clima piorou. A qualquer momento, devemos entrar no estreito, o que deve nos dar algum alívio.

"Acho estranho que você estivesse mais preocupado com o fato de eu ser um padre do que com o fato de eu ser um vampiro transformado. Um monstro."

"Suponho que um monstro é algo com o qual todos nós temos que lidar bem lá dentro."

"Mas você não", eu aponto. "Você é apenas um humano."

Ela para do lado de fora da porta fechada da cela da prisão e levanta sua sobrancelha escura. "Até os humanos têm o diabo dentro deles." Então ela abre a porta e me mostra uma sala onde uma grande gaiola do tamanho de um humano fica no canto.

Minha boca fica seca e estou em alerta máximo. Isso é uma armadilha? Sem dúvida eu poderia lutar contra ela, mas se o resto da tripulação se juntasse com a intenção de me trancar lá dentro, não há muito que eu possa fazer.

"Não se preocupe", ela diz. "Esta é a nossa prisão. Não é para você."

Entro na sala e olho para ela de longe. Há alguns outros itens de interesse aqui — correntes penduradas na parede e no teto, uma longa caixa de vidro vazia com tampa.

Ela acrescenta: "Bem, eu deveria dizer que ainda não é para você."

Ela franzo a testa para ela. "Fiz algo que a ofendeu, minha senhora?"

"Possivelmente", ela diz. Então, ela junta seu cabelo preto e o empilha no topo da cabeça, exibindo suas guelras. "Eu sei que você viu isso. Eu sei que você sabe o que são. Eles disseram que você tem experiência com Syrens, então você deve saber que eu sou uma."

"Uma Syren com pernas", comento cuidadosamente. "Que peculiar."

"Sim", ela diz, soltando o cabelo. "É muito peculiar. Não vou entrar na logística disso, mas como você era uma bruxa, ou é uma bruxa, tenho certeza de que você consegue adivinhar o que aconteceu."

As palavras de Larimar ecoam em meus ouvidos.

Conheço uma Syren que queria pernas em vez de um rabo. Ela queria ser capaz de se tornar humana, andar e viver em terra. A bruxa do mar conseguiu fazer isso por ela.

Minha boca está cheia de areia e tento engolir. "Uma bruxa te deu pernas", digo com a voz rouca. "Que tipo de bruxa? Como isso aconteceu? Quando? Isso é comum?"

Suas sobrancelhas se juntam. "Era uma bruxa do mar", ela diz cautelosamente. "Seu nome era Edonia e, até onde eu sei, não é algo comum. Eu queria pernas para poder estar em terra."

"Mas por quê?"

Ela dá de ombros. "Eu era jovem e terrivelmente estúpida. Eu estava com raiva do meu pai

por me ignorar, por dar mais atenção às minhas irmãs mais velhas. Então eu fiz um acordo com ela..." Ela acena com a mão desdenhosa para mim. "De qualquer forma, é uma

longa história e, dependendo de como você se comporta, há muitos dias e noites pela frente para contá-la."

Estou tentando lembrar se Larimar já disse algo sobre sua família ou suas irmãs, mas ela nunca me disse nada.

"O que você quer dizer com 'se comportar'?" Eu pergunto, pensando no que ela acabou de dizer.

"Ouvi rumores de que um Syren foi encontrado nas águas perto da sua vila, e ouvi seu relato do que aconteceu."

"De quem?"

"De Abe," ela diz com um sorriso tímido. "Você dá um pouco de rum para aquele médico

e ele vai te contar tudo."

Skip mia, e ela se abaixa para pegar o gato em seus braços.

"Eu sei," ela diz para o gato. "Mas eu tenho que ter certeza de que ele não é uma ameaça."

"Você está falando com o gato?"

"E o gato está respondendo," ela diz friamente.

Eu ignoro isso. Imagino que ficar em um navio por muito tempo fará isso com você.

"O que Abe te disse?"

“Que você caçou a Syren, a pegou, a torturou um pouco, se alimentou dela e então ela escapou. Como ela escapou?”

Eu permaneço composta. “Ela estava secando. Eu a coloquei na arrebentação para molhar

a cauda, e essa é a última coisa que eu lembro. Ela deve ter me acertado com isso.”

“Estou feliz que ela escapou,” ela diz.

“Eu não estou.”

Ela me dá um sorriso cúmplice. “E é por isso que eu preciso saber se você vai se comportar. Eu não posso deixar você capturar essas Syrens e tentar torturar ou banquetear com elas.”

“Não?”

“Eu sou uma Syren, afinal,” ela diz. “Mesmo agora. Com magia, eu posso ter minha cauda de volta a qualquer momento que eu estiver submersa. Eu ainda sou um monstro, assim como você, e eu devo proteger minha própria espécie, mesmo que sejamos bestas selvagens. Você deve ter se sentido da mesma forma sobre seus parentes no monastério.”

Eu pisco, ainda perplexa com tudo isso. “Mas se você não quer que nenhum mal aconteça

aos Syrens, por que você está indo atrás deles? Ouvi dizer que isso era uma expedição de caça.”

“É,” ela diz, uma frieza surgindo em seus olhos. “Estamos caçando um Syren em particular.”

“Qual?”

“Minha irmã,” ela diz levantando o queixo. “O nome dela é Larimar.”

OceanofPDF.com



"Um
Capítulo Vinte e Sete
PRIEST

ragon", Cruz diz enquanto coloca a cabeça na porta da minha cabine.

"Você me disse para te avisar quando for a hora. É hora."

Saio da cama, largando meu livro. Tenho um talento raro para ser capaz de ler quando o navio está balançando e capinando e não ficar enjoado. Abe está no convés superior a maior parte dos últimos dias, seu foco grudado no horizonte e parecendo um tom incômodo de verde.

Sigo Cruz escada acima até o convés, meu corpo imediatamente fustigado por ventos fortes e chuva leve e frio cortante que até eu consigo sentir infiltrando meus ossos, o sol escondido atrás das nuvens, tornando-o escuro como o pecado no meio do dia.

Sinto o cheiro antes de ver: o cheiro familiar de uma terra de partir o coração.

Nombre de Jesus.

Cruz aponta para a costa à nossa esquerda. Abe e Maren estão parados na proa, olhando para ela. Maren está vestida com um vestido vermelho que se destaca entre

o cinza infinito, como uma mancha de sangue na névoa. Vou me juntar a eles, balançando conforme vou, enquanto o navio atinge onda após onda.

"É isso", digo, tomando meu lugar ao lado de Abe. "Não pensei que chegáramos aqui tão cedo."

"Lembro-me do estreito ser mais calmo do que isso", diz Abe, colocando seu lenço em volta do pescoço, apenas para ele se desfazer novamente.

"Sua memória está contaminada", digo a ele, embora tenha certeza de que a minha também está. "A

água costumava ser agitada aqui. Estávamos seguros na costa, só isso."

"Realmente não sobrou nada", comenta Maren. "Você queimou tudo até o chão."

Eu sei que deveria sentir vergonha. Os únicos restos do assentamento são algumas estruturas carbonizadas. Até a igreja desapareceu completamente, reduzida a cinzas e levada pelo vento constante. Apenas alguns túmulos do cemitério permanecem, destacando-se nos arredores agora dizimados, os últimos sinais de humanidade entre os pinheiros e canelos tortos e o ocasional guanaco.

Eu reprimi um arrepião. Ainda posso sentir o gosto do sangue daquele animal. Lembro-me de ser um monstro e passar fome, como se minhas entranhas estivessem comendo minha alma — pelo menos, o que restava dela.

Mas o que eu realmente estava faminto era por Larimar.

E estando aqui agora, todos os sentimentos voltam à tona.

Você está bem? A voz de Abe desliza em minha mente, sempre preocupada.

Eu engulo em seco e dou o menor aceno. Não quero falar sobre isso, nem na minha mente, nem nunca, nem mais. Uma coisa era tentar lutar com meus sentimentos, aceitar o que aconteceu naquela noite fatídica e os anos de degeneração depois. Outra coisa é estar aqui de novo, navegando pela vila onde minha vida inteira desabou pela segunda vez, deixando meu coração sangrando e minha mente fraturada em minhas mãos.

E agora que sei que traçamos um curso para encontrar Larimar, tudo se tornou mais importante e assustador do que nunca.

Não contei a Abe o que Maren me disse algumas semanas atrás: que Larimar é sua irmã. Não confio nele para não bater as gengivas, especialmente agora que sei que ele é suscetível ao rum. Sempre soube que ele tinha uma fraqueza, mas não achei que fosse o grogue horrível que eles preparavam a bordo.

Não, guardei para mim.

Fiquei pensando no conhecimento de que ver Larimar novamente não é uma tarefa infrutífera. Minha obsessão em encontrá-la nos últimos anos existiu apenas na escuridão do meu coração. Sonhei com o que faria com ela se a encontrasse, como a faria sofrer. Eu queria mordê-la, beber seu sangue, contaminar ela. Eu queria mantê-la acorrentada novamente, pregá-la na parede, ter certeza de que ela não poderia sair. Eu não cometaria o mesmo erro novamente. Eu negaria

as pernas dela, faria com que ela ficasse com o rabo, e eu foderia aquela boceta de qualquer maneira.

Eu queria fazê-la sangrar.

Por mim.

E para sempre.

Mas uma parte de mim sabia que encontrá-la seria impossível. Eu tentei.

Durante aqueles anos, tentei como o monstro, mas sem sucesso. Mesmo quando Abe me encontrou e disse que me ajudaria a recuperá-la, eu sabia que isso não aconteceria.

Eu realmente não esperava que ele enviasse uma carta a Ramsay para garantir que pudéssemos

embarcar no Nightwind e tentar. Mesmo quando nos tornamos parte desta tripulação heterogênea e partimos navegando pela costa do Chile na expedição para a Ilha Roche, pensei que a ideia de localizar Larimar era um sonho febril.

Agora, porém, tudo mudou.

A irmã de Maren é Larimar. Ela era aquela de quem Larimar falava, aquela a quem a bruxa deu pernas. Continuo repetindo isso repetidamente na minha cabeça, tentando dissecar tudo o que Larimar me disse, para ver se havia algo mais que ela havia dito, mas ela manteve suas cartas perto do peito.

Ela disse que estava procurando por alguém — alguém que não queria ser encontrado.

Tenho que presumir que era sua irmã. Maren me disse que ela desapareceu e deixou seu pai e irmãs para trás em Limonos, para nunca maisvê-los. Ela mais tarde revelaria que acabou sendo encontrada por um príncipe e se casou com ele, um erro que ela não entraria em detalhes. Ela ficou com o príncipe por dez anos, viajando pelo mundo.

Eu queria que Larimar estivesse aqui agora para que eu pudesse perguntar a ela, para que ela pudesse me contar

o que ela passou, se ela estava procurando por sua irmã esse tempo todo.

Mas eu sei que se Larimar estivesse aqui agora, ela não estaria falando.

Ela estaria amordaçada com uma corrente. Os únicos sons que sairiam dela seriam gemidos e gritos de dor até que ela se desculpasse pelo que fez comigo.

Até que ela soubesse como era ter seu coração arrancado do seu peito.

Você está fazendo de novo, Abe diz, e eu percebo que estou puxando minha orelha.

Maren parece notar, olha para mim e franze a testa, mas ela não diz nada. Eu tinha prometido a ela que não tocaria em nenhum Syren, principalmente sua irmã.

Eu pretendo quebrar essa promessa.

"Há uma tempestade ruim chegando", Ramsay diz, pisando no convés de proa. Ele coloca o braço em volta de Maren e acena para as nuvens escuras no

horizonte. "Assim que chegarmos ao Atlântico Sul, seremos surrados."

Maren concorda. "Ficaremos bem. O navio cuidará de nós."

"Sim," Ramsay diz. "Ela cuidará."

"Maren!", grita o grego Drakos do cesto da gávea no alto do mastro principal, acenando sua luneta para nós. "Tem um tubarão à frente!"

"Nill!", diz Maren, inclinando-se sobre a borda da proa.

"Cuidado, querida," Ramsay diz, agarrando seu ombro firmemente para segurá-la para trás. "Você quer ter certeza de que é Nill primeiro antes de mergulhar."

Ela sorri para Ramsay em antecipação nervosa. "Eu posso cuidar de mim mesma."

Então, ela se solta do aperto do marido e pula no mar.

Abe e eu nos inclinamos sobre a borda, observando enquanto ela mergulha perfeitamente na

água, embora seja imediatamente engolida pelas ondas cinzentas.

Abe prende a respiração. "Ela pode atingir o navio."

"Ela é uma Syren. Ela vai ficar bem", Ramsay diz, embora pareça um pouco nervoso também.

Nós três olhamos para as ondas enquanto elas batem contra a proa e batem contra o casco, ficando maiores conforme nos aproximamos da entrada do Atlântico. Mesmo com a excelente visão dos Vampiros, ainda é difícil enxergar.

Mas então o contramestre grita da popa. "Eles estão aqui embaixo!"

Todos correm para o lado do navio, onde Cruz e Thane

já estão abaixando as cordas para puxar Maren de volta.

Ramsay se estica e a pega pelo resto do caminho enquanto Thane, irmão de Ramsay, grita com Lucas para pegar um cobertor para ela. Diante dos meus olhos, eu

observo a cauda azul-petróleo e roxa de Maren balançando por baixo do vestido e então lentamente

se transforma em pernas, sem necessidade de feitiço.

"Fascinante," Abe sussurra.

Lucas corre com o cobertor, e Maren é rapidamente enrolada nele.

Seus dentes estão batendo, sua pele pálida e azul. Suponho que na água, como uma Syren, a temperatura não tem efeito sobre ela, mas no momento em que ela volta a ser humana novamente, tudo desaba.

Ela tenta falar, mas seus dentes batem muito forte, e alguém lhe entrega uma caneca de chá quente, que ela segura em suas mãos enquanto Ramsay a segura perto, esfregando o cobertor em suas costas.

"Não tenha pressa," ele diz.

Esse tubarão pode realmente falar com ela? Abe pergunta na minha cabeça.

Aparentemente sim, eu digo a ele. Ontem, eles enviaram o tubarão à frente do navio para tentar localizar a colônia Syren na Ilha Roche. Eles explicaram que enquanto nenhum deles consegue se comunicar com o tubarão, Maren consegue, assim como com outras criaturas do mar, incluindo baleias, focas e o Kraken. Não estou muito convencido com esse último, já que o Kraken é supostamente um animal de uma lenda antiga no Mar do Norte, mas Ramsay diz que a besta certamente existe, e que Maren pode controlá-la.

Independentemente disso, ela consegue falar com um tubarão sangrento, então talvez a besta realmente exista.

"Ela-ela está em p-perigo", Maren finalmente diz, mordendo suas palavras.

"Há uma co-colônia inteira e-e outro navio, um navio inglês. E- eles os capturaram. Eles capturaram Larimar."

"Larimar!" Abe exclama.

Eu mantengo meu rosto imóvel. Ele não sabe que esse é o nome da Syren que eles estão procurando.

Maren olha para ele. "S-sim. Minha irmã. É por isso que temos que resgatá-la." Então ela olha para mim e franze a testa. Apesar de seus lábios azuis e

seus dentes batendo e a notícia de que sua irmã foi capturada, há um olhar em seus olhos que diz que ela me subestimou, provavelmente porque Abe acabou de provar que eu nunca contei a ele sobre o relacionamento deles. Que eu posso guardar um segredo.

Mas esse olhar dura pouco.

De repente, a determinação surge em sua testa, e ela se levanta, tirando o cobertor. "Eu tenho que nadar na frente e pegá-la."

"Maren, não", diz Ramsay. "Nós a pegaremos juntos."

Ela balança a cabeça violentamente, seu cabelo molhado voando. "Nill disse que a tempestade está

ruim, o suficiente para desacelerar até mesmo o Nightwind. Eu serei capaz de ir sob as ondas. Nill me levará até lá. Tenho que ir em frente — é a única maneira de tentar salvá-la antes que o navio parta com ela a bordo."

Você sabia que a irmã dela é Larimar? Abe me pergunta. Ah, mas você soube e não me contou. Francamente, estou magoado.

Não tenho tempo para tentar explicar a Abe por que não contei a ele, porque Maren de repente começa a correr pelo convés e salta para o lado, Ramsay gritando atrás dela enquanto ela desaparece.

Uma tempestade está chegando.

E minha Larimar está lá fora, capturada por algum outro navio, por alguma outra pessoa que quer fazer mal a ela.

Eu me pergunto se agora, de todos os tempos, minha besta deveria ser convidada a retornar.

OceanofPDF.com



C

Capítulo Vinte e Oito

LARIMAR

haos.

Em segundos, meu mundo caiu no caos.

As redes foram puxadas para o convés do navio, e eu fui jogado lá em uma pilha. Não me lembro muito disso, exceto que fui chutado, cutucado e cutucado por várias botas e armas. Ouvi homens rindo, me xingando. Eu não entendia a língua deles, os sons eram ásperos e guturais, mas eu sabia quando eles estavam me insultando, cuspidão em mim. Devo ter rosnado para eles, batido neles com minhas garras, tentado mordê-los, mas eles estavam preparados. Não era a primeira vez que caçavam Syrens, e eles sabiam o que fazer. Eles vieram até mim com correntes e um objeto pesado na cabeça.

O mundo estava cheio de dor e estrelas antes de ficar preto, e quando eu acordei, eu estava nesta caixa de vidro, mal longa o suficiente para caber em mim, minha cauda

enrolando na ponta. Está cheio de água salgada turva, minhas guelras estão apenas entrando o suficiente, embora eu não ache que a água vá me sustentar por muito tempo. É difícil

dizer se eles sabem muito sobre Syrens e se podemos respirar ar se necessário. Eu preferiria respirar o ar do que ficar preso dentro desta gaiola de vidro com água suja.

Larimar.

Inclino minha cabeça para o lado, estremecendo de dor enquanto olho para ver Vialana na caixa ao meu lado. Estamos na cabine de um navio, a água em nossas caixas chapinhando enquanto o navio bate em onda após onda.

Você não deveria ter vindo por mim, Vialana diz, tristeza em seus olhos angustiados. Ela está certa. Eu não deveria ter vindo. Mas me senti tão impotente quando vi Asherah ser levada pelos piratas que não pude deixar a mesma coisa acontecer com outro Syren.

Embora eu não ache que esses homens sejam piratas. Eu os vislumbrei quando Asherah foi içada — eles falavam outra língua, inglês, eu acho, e não estavam vestidos da mesma forma que esses homens. Esses homens me lembram daquele soldado no Chile.

E tenho a sensação de que eles têm a mesma coisa planejada para mim. Meu sangue gela com o pensamento. Eu preferiria tirar minha própria vida do que ser submetida aos caprichos torturantes e imorais desses homens.

Ullan deve ter sabido, Vialana diz. Mas como?

O pensamento de Ullan injeta raiva em meu coração, mas toda a fúria do mundo não vai me ajudar agora.

Talvez ele os tenha visto na área e os tenha levado para a baía, certificando-se de que já estávamos lá, eu digo, pressionando minhas mãos contra o topo do vidro, testando a força. Talvez ele os conheça de alguma forma.

Mas um Syren fazendo amizade com um humano? ela pergunta.

Acontece, eu digo a ela.

E às vezes, eles se apaixonam por eles.

O silêncio se estende entre nós. Eu queria ter conhecido Vialana melhor antes disso. Ela parece muito mais doce do que eu pensava. Talvez eu pudesse ter feito mais esforço para conhecer os Syrens em vez de confiar em Sipha.

Mas estou cansada de ter tantos arrependimentos.

Estou tão cansada de tudo.

Meus olhos se fecham e eu adormeço por alguns minutos antes de ouvir

Vialana dizer: O que você acha que eles farão conosco?

Eu não sei, eu digo. Lembro-me do que Priest disse sobre exposições e museus e ser mantido em uma caixa de vidro muito parecida com esta, as pessoas batendo

nela, tentando provocá-lo, mas não quero contar nada disso a Vialana. Se a liberdade de uma Syren for tirada, ela perde toda a esperança. Ela perde tudo.

Mas você ganhou tudo quando perdeu sua liberdade para Priest, eu me lembro.

De repente, a porta se abre, três homens cambaleando para dentro. Eles cheiram a álcool, e eu conheço aquele olhar em seus olhos. Luxuriosos e sem lei.

Eles apontam para Vialana e gritam um com o outro, seus sorrisos desleixados, lascivos.

O desgosto me invade, misturando-se à raiva até que sinto como se não pudesse respirar.

Observo enquanto eles tiram a tampa de vidro, expondo Vialana por baixo. Ela sibila e se lança sobre eles. Suas garras pegam um dos homens, quase cortando seu braço, e o sangue espirra na água, misturando-se com seu cabelo já vermelho.

O homem grita, cambaleia para trás enquanto segura seu braço balançando, enquanto os outros homens agarram Vialana, rapidamente amarrando seus pulsos com arame.

Ela

se debate em sua caixa, a água ensanguentada se espalha por todo lugar, espirrando meu próprio copo.

Eles a puxam para fora, jogando-a no chão. Eles gritam com o homem com o braço sangrando para enrolar a corda em volta de sua cauda, mas agora, ele está

sentado no canto da sala, respirando lentamente e parecendo pálido.

Outro homem entra na sala agora. Ele nem presta atenção ao homem ferido. Não, ele vai direto para a Syren e tira seu pênis de suas calças, longo e de aparência suja. Ele late para os outros homens — um segura Vialana por trás, segurando seu cabelo, e o outro senta em seu rabo. Enquanto ela ainda grita, tentando desesperadamente escapar, o recém-chegado monta nela e passa o dedo pela frente de seu rabo, tentando encontrar sua fenda.

Ele grita quando o faz, e Vialana grita novamente enquanto seus dedos a penetram. Quando seu pênis o faz e ele continua a estuprá-la na minha frente, seu grito se transforma na canção de sua Syren.

Isso faz com que rachaduras se formem em minha caixa de vidro, fissuras ao longo das janelas

de vigia. Os homens gritam com o som, sangue escorrendo de seus ouvidos, e ainda assim eles continuam prendendo-a, continuam a profaná-la. Quero me virar —Não suporto ver a dor e a humilhação no rosto dela enquanto ela é violada tão horrivelmente, mas tenho medo. Tenho que ficar de olho, tenho que ficar vigilante, tenho que descobrir como revidar.

Seus gritos continuam, mais altos agora, e as rachaduras na minha caixa de vidro estão se espalhando, se aprofundando. Um dos homens dá um soco no rosto dela para calá-la

, o que rende um tom de repreensão do outro, como se estuprar fosse legal mas bater não, e enquanto eles estão distraídos, respiro fundo a água suja. Reúno todas as minhas forças e, com um grito meu, empurro o vidro até que ele se estilhaça.

A água jorra rapidamente, enchendo a sala, e eu me debato no chão em cima do vidro quebrado.

Os homens estão gritando agora enquanto tento me levantar para sentar, para melhor me defender, quando de repente, mais pessoas irrompem na sala. Um homem em particular, com um bigode loiro grosso, começa a latir ordens. Pelo jeito que eles pulam e escutam, presumo que ele esteja no comando. Ele aponta para mim, e os homens avançam com correntes, mas eu abro minha boca e grito novamente, balançando meu rabo para frente e para trás no chão, levando-os para fora. Um homem cai bem ao meu lado, e eu ajo rápido. Mordo seu nariz, arrancando-o enquanto minhas garras cravam em seu peito para encontrar seu coração. Eu consigo engolir seu nariz, um de seus olhos e sua bochecha antes de enfiar o coração em minha boca, tentando reunir mais força. Há caos ao meu redor, meu grito misturado com o de Vialana misturado com os homens, mas então alguém tem uma corrente em volta da minha boca, do mesmo jeito que Priest fez, estrangulando meu grito na minha garganta. Tento mordê-lo, mas a única coisa que consigo fazer é lascar um dente. Então, outra pessoa agarra minhas mãos e cauda, amarrando as duas juntas para que eu fique curvado para trás em um arco. Fico lá no chão, observando enquanto eles tentam fazer o mesmo com Vialana, mas ela não está reagindo. Na verdade, ela está completamente parada. Por um momento, penso que talvez o homem tenha lhe dado um soco forte demais, mas então vejo o sangue escorrendo dela, e quando um dos homens dá um passo para trás, vejo a terrível verdade. Há um coração em sua mão. O dela. Vialana simplesmente abriu o próprio peito e arrancou seu coração, matando-se instantaneamente. Eu congelo. Fico entorpecida. Sei que disse que faria a mesma coisa se algum daqueles homens estivesse prestes a me tocar, mas ainda é uma coisa tão chocante e horrível de se testemunhar. Profanada por esses pagãos e então destruída por sua própria mão. Mesmo se eu pudesse encontrar coragem para arrancar meu próprio coração, estou algemada, incapaz de me mover. O homem loiro fica vermelho no rosto enquanto grita mais coisas que eu não consigo entender. Eles empurram o corpo sem vida de Vialana para o canto, e então o homem no comando se vira para mim, colocando a mão no meu rosto enquanto diz algo. Ele não está exatamente me olhando daquele jeito sexual dos outros, mas seus olhos também não são gentis. Eles brilham com algum tipo de zelo



fascinação, e de alguma forma, eu acho que o que ele planejou comigo é muito pior do que o que aconteceu com Vialana.

Então, ele sorri para mim, e antes que eu saiba o que está acontecendo, ele me bate na cabeça.

Eu acordo debaixo d'água.

Movendo-me rápido.

E ainda assim, estou imóvel.

Estou preso no lugar, correntes enroladas em volta de mim em três lugares diferentes.

Eu olho para baixo para ver as profundezas escuras do oceano abaixo.

Eu olho para cima e não vejo nada além da barriga do navio escuro.

Eu fui acorrentado a um pedaço de madeira que gruda no fundo do navio, um que se move para frente e para trás de vez em quando. Quando isso acontece, o navio corrige o curso e se move naquela direção.

E agora?

A última coisa que eu lembro é daquele homem loiro, talvez o capitão, me batendo, e agora eu estou aqui. Por que ele faria isso?

Talvez ele pense que eu preciso estar na água para sobreviver, e ambas as caixas de vidro

foram quebradas. Talvez ele tenha pensado que me amarrar no fundo do navio era a melhor maneira de me manter em cativeiro até que o navio chegasse ao seu destino final.

Mas onde é isso? Para onde eles estão me levando? O que acontece quando eu fico com fome? Sem poder usar meus braços, não consigo pegar nenhum peixe enquanto estou

amarrado aqui. Se eles vão ficar no mar por semanas antes de chegarem ao porto, vou morrer de fome.

Uma morte melhor do que a que você teria lá em cima, digo a mim mesmo, meu coração afundando com a última imagem de Vialana segurando seu próprio coração em sua

mão. Pelo menos aqui, estou seguro e vivo — por enquanto. É difícil dizer o que poderia acontecer no futuro. Talvez haja uma chance de escapar quando eles nadarem para me soltar — afinal, eles estarão no meu mundo pela primeira vez.

Tento manter esse pensamento.

Preciso ter esperança.



Houve momentos durante esses últimos anos em que pensei que toda a esperança estava perdida. Eu acreditava que nada mais importava, e eu faria qualquer coisa para escapar do meu coração machucado e maltratado. Eu realmente pensei que a morte seria a fuga perfeita, um lento afundamento no esquecimento.

Mas no momento em que a rede caiu, senti a luta retornar, a luta pelo espírito, pela alma, a luta pela vida — não apenas pela sobrevivência, mas uma vida que vale a pena viver e prosperar.

Sinto que a luta começa a se infiltrar. Talvez seja uma causa sem sentido, visto que estou amarrado ao fundo de um navio enquanto ele se dirige a algum lugar para fazer algo

terrível comigo, mas não vou deixar esses homens me levarem.

Não vou deixá-los me quebrar.

Sou o único que tem permissão para me quebrar.

E não sinto mais vontade de desmoronar.

Não sei quantos dias se passam. É impossível dizer as horas com o escuro navio bloqueando a superfície. O navio está constantemente batendo nas ondas acima, o que me faz pensar que ainda estamos em uma tempestade. De vez em quando,

passamos por um iceberg, o gelo azul brilhante caindo nas profundezas, sempre tão lindo e assustador. Às vezes, baleias ou golfinhos passam, e eu os procurei com um pedido de ajuda.

Mas não há nada que uma baleia ou golfinho possa fazer para me ajudar. Eles não podem

desfazer as correntes — um tentou brevemente, mas não conseguiu desfazer a trava com

o nariz — e eles são naturalmente cautelosos com as pessoas, especialmente com as que

acorrentariam uma Syren ao seu navio. Apenas os gigantes golfinhos pretos e brancos com as altas barbatanas dorsais seriam capazes de danificar o barco, mas eu não vi nenhum deles.

Em um ponto, acho que até vejo um tubarão, mas não ouso chamá-lo. Eu seria uma presa fácil para um deles, já que não posso revidar. Além disso, pode ser um sonho. Tudo começa a desaparecer em uma névoa escura, um pesadelo meio acordado,

meio adormecido. Agora estou acostumado com a água constantemente fluindo pelo meu rosto e corpo, os movimentos ocasionais da madeira virando o navio. Eu quero manter a luta viva, mas sinto que estou enfraquecendo a cada momento.

Mais tempo passa, passa com o gelo.
Então, saindo da escuridão, ouço uma voz familiar, uma que eu nunca esperava ouvir novamente.

Lá está o navio, diz a voz, baixa, profunda e desumana.
A voz de um tubarão.

Nill, penso comigo mesmo, abrindo meus olhos para os mares escuros. Quando partimos

Limonos, o tubarão de Maren, Nill, ficou para trás para esperá-la. Ele nunca foi meu tubarão, mas era parte da família, e doeu deixá-lo para trás, mesmo que ele insistisse.

Mas Limonos estava em um oceano totalmente diferente, um onde icebergs não existiam, onde a água era morna e cheia de corais brilhantes e peixes coloridos. É onde Nill pertencia, não aqui na escuridão gelada dos mares do sul.

O leme, diz a voz. Vejo algo preso ao leme.

Esforço meus olhos, tentando ver através da água turva constantemente agitada pelas ondas e correntes. Alguém está falando; sei que posso ouvi-los. Talvez outro tubarão?

Desta vez, estou pedindo comida.

Olá! Eu grito. Tem alguém aí?

Oh meu Senhor, ouço outra voz dizer com admiração.

Mas desta vez, a voz não é apenas familiar.

É a voz do meu coração.

A parte perdida da minha alma que tenho procurado a maior parte da minha vida.

Maren! Eu grito.

Larimar! Eu ouço a resposta dela.

Não pode ser. Não pode. Continuo olhando para o mar, esperando estar alucinando, ouvindo coisas. Não pode ser ela ou Nill — as duas não podem estar aqui. Nill é um exagero, mas Maren é uma impossibilidade. Ela trocou suas nadadeiras por pernas! Não é possível que ela seja uma Syren novamente.

E ainda assim, era possível para mim.

Meu coração se fecha em um pequeno punho apertado, mantendo toda a esperança.

Maren, estou aqui! Eu grito.

E pela primeira vez sozinha, eu rezo. Oh Deus, se você existe como Priest pensa que você existe, por favor, por favor, por favor.

Que seja ela.

Há silêncio por um momento, e então de repente, das águas turvas, duas formas aparecem, nadando em minha direção.

Uma é um tubarão.

Uma é uma mulher em um vestido, esfarrapado na ponta com uma cauda para fora, bombeando para cima e para baixo furiosamente enquanto se impulsiona para frente. Os detalhes aparecem lentamente e depois todos de uma vez.

O vermelho de seu vestido, destacando-se como uma mancha de sangue contra o fundo.

Então, cabelo preto esvoaçante.

Uma cauda azul-petróleo e roxa.

Seus olhos azuis brilhantes.

Seu sorriso largo e de partir o coração.

Ela é muito mais velha do que eu me lembra, não é a garota que eu imaginava na minha

cabeça, mas isso não a torna menos bonita ou menos ela.

Maren.

Eu sei que disse ao padre Syrens para não chorar debaixo d'água, mas sinto as lágrimas

caindo dos meus olhos de qualquer maneira, levadas pelas correntes.

Larimar! ela grita. Ela nada até mim e acompanha o ritmo do navio, sua mão na minha bochecha, maravilhada com meu rosto enquanto Nill circula

ao redor de nós, agitando animadamente sua cauda para frente e para trás. Não acredito que é você. Eu

não acredito que encontramos você.

Você estava me procurando? Eu pergunto surpresa. Eu tenho te procurado desde o dia que você foi embora. Todo esse tempo, todos esses anos, eu tenho te procurado. Eu tento engolir o nó na minha garganta. Asherah também.

Eu sei, ela diz, mas antes que eu possa perguntar como ela pôde, ela balança a cabeça um pouco, sua expressão dolorida, embora seu sorriso seja suave. Nós temos tanto para conversar.

Mas como você me encontrou?

Ela acena para Nill. Ele ajudou.

Como você encontrou Nill? Você ficou fora por tanto tempo; como você ao menos tem uma cauda de novo?

Magia, ela diz com um sorriso cúmplice. Vamos, vamos te libertar.

Como? Eu pergunto enquanto ela começa a nadar ao longo das correntes, passando as mãos

sobre elas, seu vestido vermelho girando ao redor dela. Suas garras não podem quebrar. Eu não acho que a mordida de Nill poderia fazer isso também.

Eu poderia tentar, Nill diz. Mas acho que há uma solução melhor.

Ele está do outro lado do que ele chamou de leme, mordendo uma parte da corrente. Não consigo virar a cabeça para trás o suficiente para olhar.

Eu posso abrir essa fechadura, Maren diz determinada. Nill, preciso de um dos seus dentes.

Feliz em fornecer.

Não consigo ver isso acontecer, mas ouço Nill dar um pequeno ruído de desconforto e então Maren pede desculpas a ele, tendo arrancado um dente de sua boca.

Não vai demorar muito, Maren diz enquanto ouço o dente raspando contra metal.

Onde você aprendeu a arrombar fechaduras? Pergunto a ela. Teria sido útil saber quando fui capturada pelo Priest. Por outro lado, se eu tivesse escapado na primeira chance que tive, nunca saberia como era me entregar a alguém como ele. Eu nunca teria experimentado aqueles altos felizes.

Nunca teria experimentado aqueles baixos terríveis.

Aprendi muito ao longo dos anos, ela diz. Mas meu marido me ensinou, entre outras coisas.

Eu enrijeço. O príncipe? Ouvi dizer que você se casou com um príncipe. É por isso que você

fez o acordo com a bruxa.

Eu me casei com o príncipe, ela diz, sua voz dura. Mas eu o deixei... em pedaços.

Oh.

Acabei me casando com um pirata.

Um pirata? Eu exclamo.

Quase lá, ela diz, sua atenção de volta para a fechadura.

Mas piratas mataram Asherah.

Larimar, eu sei, ela diz. Como eu disse, temos muito o que conversar. A coisa mais importante é te libertar e voltar para o nosso navio.

Navio! Você está preso em uma caixa de vidro? Foi o que aconteceu comigo neste navio. Não sei o que eles estão planejando fazer comigo.

Eu tenho uma cauda de Syren na água, mas fora da água, eu tenho pernas.

Como?

Mágica, ela diz. E falando em mágica... Eu ouço o clique da fechadura. Você está livre.

As correntes ao meu redor se soltam e caem, correndo rapidamente para as profundezas até que eu não consiga maisvê-las.

Eu avanço rapidamente, nadando para fora do caminho, e então observo o navio continuando, deixando nós três para trás.

De repente, os braços de Maren estão ao meu redor em um abraço, e ela me segura fortemente enquanto eu a seguro de volta com toda a força que consigo reunir.

Minha irmã.

Finalmente tenho minha irmã.
O buraco no meu coração que eu achava que nunca seria preenchido agora está transbordando
de amor por ela.

Minha irmã, minha família, meu sangue.
Vamos, ela diz, agarrando minha mão. Nós vamos nadar para cá.
Cerca de um dia de viagem, se não mais, dependendo de como a tempestade estiver soprando.

O navio pode estar sofrendo.
Espere. Você vai me levar no navio? Eu não posso ficar com você do jeito que eu estou, eu digo a ela, mantendo o ritmo. Você é humana; você tem pernas em terra. Eu não. Eu
não posso fazer parte do seu mundo, e você não pode fazer parte do meu.
Eu posso, ela diz. Eu ficarei na água com você o tempo que você quiser, mas
não me subestime, querida irmã. Eu tenho meus próprios modos de fazer as coisas funcionarem. Ela faz uma pausa. Há alguém no navio que eu gostaria que você conhecesse.
Ele é um bruxo. Ele seria capaz de lhe dar pernas. Se você quiser, é claro.
Meu corpo fica tenso. Eu sei que não há absolutamente nenhuma chance de ela estar falando
sobre o Priest, e ainda assim meu coração começa a bater forte, como se soubesse que
é ele.
Um bruxo? Eu pergunto. E ele não é o capitão?
Bem, o capitão sabe magia, mas foi ensinado a ele com um
livro de magia muito poderoso que mantemos escondido. O homem em questão tem
uma
magia inata dentro dele. Eu sei que ele foi capaz de transformar uma Syren em
humana uma vez.
Eu paro de nadar e olho para ela.
Qual é o nome dessa bruxa? Eu pergunto cautelosamente.
Aragon, ela diz, e é como se eu tivesse levado um soco no coração. Estranhamente
o suficiente, ele costumava ser um padre.
OceanofPDF.com



"T

Capítulo Vinte e Nove

PRIEST

esta tempestade vai piorar antes de melhorar”, Thane resmunga para mim enquanto tentamos puxar uma vela solta no mastro de mezena enquanto ela bate fora de controle. A corda em si está raspando toda a pele das minhas mãos, deixando as fibras sangrentas, mas mal sinto. Há muita coisa acontecendo ao mesmo tempo para que eu me concentre em apenas uma coisa.

“Como pode piorar?”, pergunto, no momento em que uma onda gigante quebra na proa e leva três membros da tripulação, jogando-os no convés e esmagando-os nas laterais das grades.

“Quando você fica no mar por tempo suficiente, aprende a ouvir o oceano”, Thane diz. “Meu palpito é que quanto mais perto chegarmos da Ilha Roche, pior a tempestade ficará. As tempestades tendem a usar o vento e as correntes de ar da terra para

se alimentarem. Adicione o fato de que estamos no meio da Passagem de Drake, onde o Atlântico se mistura com o Pacífico, e você tem uma receita para os mares mais agitados do mundo.”

“Você está falando como Abe agora,” eu comento secamente. “De pirata a cientista.”

Juro que o ouço rir, embora possa ser o vento. Pode ser a primeira vez que o ouço rir — não que eu seja de falar. É provavelmente por isso que Thane e eu nos encontramos juntos com frequência. Nós dois somos altos e mais fortes do que a maioria da tripulação, o que nos torna úteis em um navio como este, mas eu gosto que ele nunca sinta a necessidade de sorrir, me faz sentir

como se eu pudesse ser tão malditamente taciturno quanto eu quisesse. Às vezes, Abe fica um pouco irritado com minha melancolia implacável.

Às vezes, eu fico irritado com seu otimismo implacável.

Além disso, Thane passou pelo mesmo tipo de dor que eu. Ele perdeu sua esposa, Samantha, que também era membro da tripulação, durante uma batalha

com um Kraken alguns anos atrás. Ele pode não ter assassinado sua própria esposa, mas ainda sinto que posso me identificar. Posso não me lembrar claramente daquelas décadas

após sua morte, assim como não consigo nem lembrar seu nome, mas posso ver no rosto de Thane que ele ainda está sofrendo profundamente.

E eu também.

Porque há uma nova tristeza em minha vida que se fez presente a cada dia nos últimos cinco anos.

E agora, aquela tristeza que eu rapidamente escondi dentro de mim está ameaçando me dominar novamente. Tudo está em jogo. Esta tempestade que abala o Nightwind, golpeando as laterais do navio e jogando todos ao redor, não é páreo para a tempestade dentro do meu coração, aquela que oscila da esperança mais brilhante ao desespero mais sombrio, sem um porto seguro no meio. Assim que passarmos por esta tempestade, encontraremos Larimar ou não.

Ela estará nas garras de Maren, ou estará perdida para ela para sempre. Perdida para mim

para sempre, ainda mais do que já estava, nas garras de alguns homens mortais selvagens planejando fazer sabe-se lá o que com ela.

Além desses trovões e relâmpagos, que estão começando a parecer uma mensagem do próprio Deus, está tudo o que eu sempre quis e nunca mereci. Eu tentei tanto ser um homem decente depois que me transformei, embora talvez eu não tenha tentado o suficiente. De qualquer forma, estou preparado para queimar os oceanos para recuperá-la, mesmo que isso signifique perdê-la para as chamas no processo.

"Aragon", Thane me avisa. "Você precisa deixar ir."

Fico olhando para ele por um momento, me perguntando como ele acabou de ouvir meus pensamentos.

Então, percebo que ele está falando sobre a corda.

Abro minhas mãos, e a corda se solta do meu aperto, a vela ondulando o suficiente para pegar o vento.

Thane agarra a ponta solta, amarra e então me dá um tapinha nas costas.

"Você está aprendendo", ele diz. "Mas você ainda tem que aprender a parar de se afogar dentro da sua cabeça."

Eu resmungo com isso. Hipócrita.

Eu mudo de assunto do meu tormento. "Então, se o Nightwind é mágico e o vento está sempre enchendo as velas, como é que o resto do clima não obedece?"

Thane dá de ombros. "Você teria que perguntar isso ao navio."

"Você não acredita realmente que o navio seja um ser senciente", eu zombo.

Ele limpa a chuva do rosto com as costas da mão. "Bem, eu suponho que sim, já que conheço um gato falante e um tubarão falante, sem mencionar o Kraken e as bruxas do mar. Ser um Vampiro deve permitir que você acredite em muitas coisas."

Eu balanço a cabeça enquanto seguimos para o próximo mastro para ajudar Lothar e Cruz com aquelas velas. "Eu não. Eu acredito no que vejo."

Ele bufa. "E ainda assim você era um homem de Deus. Diga-me, você vê Deus em algum lugar?" Ele balança os braços no momento em que outro trovão soa, a chuva açoitando o navio ainda mais forte.

"Vejo sinais dele", digo, quase baixo demais para ser ouvido acima da tempestade. "Mas talvez não o suficiente para que eu seja um padre. Apenas um observador casual do Senhor."

Thane resmunga com isso. "Não consigo entender você, Aragon."

"Bem, se você acabar me entendendo, por favor, me avise", digo a ele.

Porque eu também não sei.

"Ahoy!" Drakos grita do ninho de corvo, sua voz carregada pelo vento. "Vejo algo!"

Thane e eu recuamos em torno das velas e olhamos para cima para ver em que direção Drakos está apontando.

"Estibordo", diz Thane. Então, ele se vira e coloca as mãos em concha sobre a boca e grita para Ramsay. "Vire para estibordo!"

O barco começa a inclinar para a direita, quebrando sobre as ondas que se arqueiam sobre

o convés, nos encharcando até os ossos.

"Avante!" Thane grita para Drakos. "O que você vê?"

Drakos apenas balança a cabeça, tentando ver através da luneta antes de limpar a lente com sua camisa encharcada e tentar novamente. "Acho que vi uma barbatana de tubarão!"

Todos correm para estibordo, procurando nas ondas por qualquer sinal de um tubarão ou Syren. As ondas são profundas, o céu é o hematoma escuro e sombrio de um

crepúsculo tempestuoso. Espuma espirra por toda parte, e as nuvens negras acima pulsam

com relâmpagos. Não consigo imaginar como os humanos lá embaixo no porão devem estar se sentindo — é difícil não ficar enjoado aqui em cima.

"Lá!" Abe grita da proa, apontando freneticamente.

Seguimos a direção do seu dedo no momento em que um raio ilumina as ondas, brilhando na barbatana de um tubarão que desce uma onda.

Meu coração salta para a garganta, e estou agarrando as laterais da grade com tanta força que posso quebrá-la ao meio.

Então, uma cabeça escura rompe a superfície, um braço disparando para acenar para nós.

"Lá está ela!" Ramsay grita. "Espera aí, amor, estamos chegando!"

"E quanto a Larimar?" Eu grito roucamente, as emoções traendo minha voz.

Thane me lança um olhar curioso por um momento antes de voltar sua atenção para o oceano.

Ainda assim, só vejo Maren e o tubarão antes de Maren mergulhar novamente, indo para o navio.

"Linhas de vida ao mar!" Thane grita enquanto todos se esforçam para soltar as cordas. Eles entram no mar com um respingo, embora as ondas ansiosamente os joguem de volta contra as laterais do navio com um baque.

Mas por mais que meus olhos examinem as ondas, procurando por qualquer sinal da cabeça loira de Larimar, não consigo ver muita coisa. Os raios refletindo na água gostam de pregar peças em você. Continuo pensando que a vejo em todos os lugares, mas ela nunca se materializa.

O medo agarra meu peito, dificultando a respiração.

O que Maren dirá?

Que ela não conseguiu encontrar Larimar?

Não conseguiu resgatá-la?

Que Larimar não a seguiria?

Que ela já morreu?

Que Nill estava errado?

Não suporto não saber. Os segundos que leva para Maren aparecer novamente são pura agonia.

E então, Maren aparece, seu rosto rompendo a superfície e agarrando a corda.

"Puxe-nos para cima!", ela grita.

"Nós?" Não consigo evitar gritar, a esperança está à beira do abismo.

Os homens começam a puxar as cordas para trás, puxando Maren para fora da água. Seu vestido vermelho é pouco mais do que alguns fios de roupa enrolados em seu peito e tronco, mal cobrindo seu traseiro enquanto sua cauda começa a se transformar em pernas diante dos meus olhos, pernas que se enrolam na corda.

Meu olhar então vai para as ondas abaixo, para a barbatana de tubarão nadando ao lado do navio. Ela desaparece, a cauda batendo na água como se Nill estivesse mergulhando. Estou prendendo a respiração, dizendo tantas orações internas quanto minha alma consegue reunir, não esperando uma resposta dessa vez, mas pedindo uma mesmo assim.

Então, vejo uma mão se estendendo da arrebentação.

Agarre a corda.

E então, o resto de Larimar aparece.

Sinto que posso ter um ataque cardíaco ali mesmo.

Ela parece tão bonita quanto eu me lembro, mas muito mais magra, e não agradavelmente assim — meias-luas escuras ficam sob seus olhos, cavidades magras em seu rosto. Seus seios também estão menores. Meu estômago se revira, imaginando o que aconteceu com ela.

Fui eu?

Foi tudo por minha causa?

Então, ela olha para cima e encontra meus olhos.

Olha diretamente para mim.

E ela não parece nem um pouco surpresa em me ver.

Seu olhar está vazio, mas há uma vibração em sua mandíbula, como se ela estivesse rangendo os dentes.

Percebo que, apesar de todos os cenários que imaginei, não levei em conta este um.

Aquele em que Larimar está viva.

Aquele em que ela me odeia.

Porque como ela não poderia?

Ela poderia ter ficado com minha obsessão.

Mas eu era seu profanador.

Ela era meu anjo.

E eu não era nada mais do que o Diabo.

Ela me deu vida.

E eu a deixei sangrar.

Tudo isso eu vejo em apenas um olhar.

E então se foi enquanto ela é içada pelo resto do caminho e trazida para o convés com Maren, seu foco em todos os outros lugares, menos em mim.

Ramsay já está ao lado de Maren, e todos os outros se aglomeraram ao redor, cuidando das duas Syrens. Preciso de toda a minha força para ficar para trás, para não correr para Larimar, embora eu não saiba o que faria ou o que diria.

Você não parece tão eufórico. A voz de Abe desliza na minha cabeça enquanto ele caminha até mim.

Acontece que é complicado, murmuro.

Lembre-se de respirar, ele diz. Você está puxando sua orelha.

Então eu estou.

Eu trago minha mão para o meu lado, mas meus dedos cravam em minhas palmas em vez disso enquanto eu fecho um punho.

Qual é a probabilidade de sua besta aparecer hoje à noite?
ele me diz.

Não vai.

Você realmente não pensou nisso, pensou? ele continua, apontando o óbvio.

Eu o encaro. Isso deveria estar me ajudando?

O médico me dá um sorriso gentil. Eu só quero que você pense nas coisas agora, enquanto você pode. Antes que você tenha uma reação.

Eu já estou tendo uma reação.

Não, ele diz. Uma reação que pode mudar nosso relacionamento com todos nesta nave. Uma reação que pode nos levar ao ostracismo. Uma reação que pode colocar a vida de todos em risco. Uma reação na qual você acaba partindo seu próprio coração novamente.

Eu quero gritar com meu amigo, dizer a ele que ele não sabe nada sobre desgosto, mas eu não sei.

Porque ele está certo.

As últimas semanas no Nightwind foram algumas das mais agradáveis que tive em muito tempo, e tenho certeza de que Abe sentiu o mesmo. Mesmo

com a caçada por Larimar no fundo da minha cabeça, eu era capaz de deixar isso de lado

de vez em quando para me concentrar na jornada, na tripulação, na camaradagem de estar entre criaturas com ideias semelhantes. As tarefas do dia a dia para manter o Nightwind em ótima forma fizeram maravilhas para minha alma, mais do que pregar o evangelho todo domingo. Como padre, eu estava sempre lutando com meu relacionamento com Deus, mas aqui, percebi que meu relacionamento com homens e vampiros era o verdadeiro desafio. Uma coisa é pensar que Deus te abandonou por causa do monstro que você se tornou, mas é outra quando você pensa que a humanidade o fez.

No final, eu estava cansado de ficar sozinho, de me sentir sozinho. Acho que todo mundo

fica assim eventualmente. A necessidade de conexão, não importa o quanto tentemos negar, é mais importante do que nossa necessidade de salvação.

É por isso que a igreja e a religião são tão importantes para tantos.

Por que Larimar era tão importante para mim.

Ela entrou na minha vida assim que Abe saiu, me mostrou que havia mais de uma maneira de realmente me conectar com alguém.

E agora, ela está aqui, e eu tenho que estar pronto para seu ressentimento e sua raiva.

Eu tenho que descobrir como deixar o meu de lado pelo fato de que ela me deixou e quebrou sua promessa.

Eu tenho que encontrar uma maneira de controlar meu temperamento e meus próprios sentimentos antes de destruir essa segunda chance com ela.

Deus, me ajude a fazer isso.

Ou o Diabo vai intervir.

Eu toco as contas do rosário em volta do meu pulso e tento contar de dez para trás.

A multidão se afasta, e Maren tropeça para frente, segurando Ramsay para apoio enquanto o navio bate em outra onda. Ela parece exausta, mas triunfante, e quando ela me vê, ela tem um brilho penetrante em seus olhos.

"Aragon", Maren me diz antes de sair do caminho, mostrando Larimar enquanto Thane a carrega. A fúria vulcânica dentro de mim incendeia, querendo entrar em erupção. Ela pertence aos meus braços, de mais ninguém.

Calma, Abe diz, bem a tempo de eu me conter. Calma, agora.

"Esta é minha irmã, Larimar", Maren diz, me olhando atentamente. "Eu peço que você faça sua mágica nela."

"Minha mágica?" Eu repito.

Eu não posso continuar olhando para Larimar. Ela me devasta completamente. Bem aqui, enquanto estou de pé, eu a vejo, e eu poderia muito bem estar de joelhos.

E ela não olha para mim.

Aquele único olhar enquanto ela era içada para a lateral do barco foi tudo o que eu consegui.

Em vez disso, ela descansa a cabeça no ombro de Thane, olhando para o nada.

Sua reação determinará nosso destino, Abe me lembra rapidamente.

"Sim, sua mágica", Maren continua. "Eu sei que seus poderes são fortes, Aragon, fortes o suficiente para transformar a cauda de uma Syren em pernas."

A essa altura, a tripulação se reuniu ao nosso redor, me observando com essa nova informação, sussurrando uns para os outros.

Eu viro minha fúria para Abe, meus olhos queimando nele.

"Não fui eu," Abe diz em voz alta com uma exibição de suas mãos. "Eu não contei a ela."

"Ele não fez isso", explica Maren. "Às vezes, nossa pedra da visão nos diz muito sobre o que acontece no futuro... e no passado. É sempre bom se pudermos esclarecer o que vemos quando pudermos."

"E sua pedra lhe disse que eu fiz minha mágica na Syren que peguei?"

pergunto cuidadosamente.

Ela concorda. "Há uma razão para você ter sido trazido a bordo, Aragon. Eu sabia que você era uma bruxa e um monstro. Eu sabia que você tinha poderes mais fortes do que qualquer destas tripulações poderia conjurar. Quando o cristal me deixou vislumbrar o que aconteceu em Nombre de Jesus, eu sabia que tínhamos que ter você. A correspondência de Abe conosco foi o sinal de que precisávamos."

Engulo em seco, passando os dedos sobre as contas do meu rosário, sem me importar se a ação parece ansiosa para alguns. Estou ansiosa. Estou selvagem.

"Eu não farei isso", eu digo.

Todos suspiram, e Maren parece que eu lhe dei um tapa.

Então, Larimar levanta a cabeça e olha para mim.

Ela realmente olha para mim.

Seu olhar não é mais um olhar vazio; em vez disso, aqueles lindos olhos violeta estão cheios de dor, raiva e vergonha.

"É melhor você jogá-la de volta no oceano", eu digo, mudando para espanhol para que ela possa me entender, as palavras como navalhas na minha garganta.

"Parece que é onde ela pertence, não no mundo dos homens e monstros."

Não no mundo dos homens e monstros como eu.

"Padre", Larimar diz em tom de reprovação, a mágoa fervendo em sua voz.

Ela pode ter ouvido que eu era um padre, mas é a maneira como ela diz isso, com tanto peso por trás disso, que faz Maren franzir a testa.

"Espere um momento", Maren diz, olhando entre nós dois. "Vocês dois se conhecem?"

"Parece que sua pedra não lhe diz tudo", eu digo.

OceanofPDF.com



Eu
Capítulo Trinta
LARIMAR
poderia matá-lo.

Se o homem que me segurava me trouxesse um pouquinho mais perto, eu me lançaria em Priest com a última gota de energia que tenho, minhas garras estendidas e miradas direto em seu coração. Mas se eu alcançasse seu peito, eu provavelmente encontraria o espaço entre suas costelas vazio.

O homem não tem coração.

O homem é um monstro.

Ele nunca me amou. Claro que não. Ele nunca disse que amava.

Ele nunca teve um coração para dar.

Houve muitas vezes durante o nado com Maren e Nill que eu pensei em contar a ela, revelando que eu conheço esse antigo Padre Aragon e exatamente o quão bem eu o conhecia.

Mas eu não consegui me obrigar a fazer isso.

Porque parte de mim estava envergonhada. Que eu fui capturada por um vampiro raivoso que virou padre, e eu me apaixonei por ele. Que ele me manteve prisioneira e fez o que quis com meu corpo repetidamente, e eu amei cada minuto disso.

Mesmo quando Maren me contou sobre sua vida depois de deixar Limonos, todos os horrores pelos quais ela passou com o Príncipe Aerik, como seu marido, Ramsay, o capitão do Nightwind, a capturou e a torturou de forma semelhante, mesmo que parecesse que ela entenderia completamente, eu simplesmente não conseguia contar a verdade a ela.

Parte de mim esperava que ela estivesse errada sobre o nome, que talvez ela tivesse algum outro pirata sacerdote vampiro mágico a bordo.

Parte de mim esperava que ela estivesse certa.

Eu pensei que usei o resto da minha força para agarrar a corda enquanto a tripulação me puxava a bordo, auxiliado pela ajuda de Nill, mas acontece que o resto da minha força se converteu em raiva quando coloquei os olhos no Priest.

Meu Priest.

Meu Aragon.

Ele não mudou nada. Os anos foram tão cruéis comigo; perdi toda a minha gordura preciosa, meu cabelo ficou mais ralo e sei que o brilho em meus olhos

se foi. Mas ele, ele parece tão perigoso como sempre, tão bonito, tão selvagem.

Seus longos cabelos pretos, sua barba, o penetrante azul glacial de seus olhos... até suas roupas parecem as mesmas, camisa branca, calças pretas, embora ele agora tenha um

coldre em volta da cintura e uma espada curta.

E o rosário.

O rosário que deixei na cabana.

Agora está em volta do pulso dele.

Ele está aqui, é humano e inteiro.

Por que o monstro teve que vir atrás de mim? Por que ele teve que mudar?

Larimar, Maren me diz bruscamente, trazendo minha atenção de volta ao assunto em questão. Você conhece esse homem?

Engulo em seco e respondo em voz alta, em espanhol, para que ele entenda.

"Ele não é um homem. Ele é um monstro."

"Você fala espanhol?" Maren me pergunta, ainda mais incrédula.

"Ela fala", Priest diz, sua voz baixa e comedida, embora eu possa ver a maneira ansiosa como ele está tocando seu pulso, as faíscas em seus olhos. "Então, até

ela aprender inglês, sugiro que todos falemos a língua dela. Presumo que a maioria das pessoas neste navio também fale espanhol?"

Os homens ao nosso redor murmuram. Deve ser bom ser imortal e ter todo o tempo do mundo para aprender quantas línguas você quiser.

Mas qual língua falamos é a menor das minhas preocupações.

"O que você disse para minha irmã antes?" Eu digo a Priest, provocando-o.

"Você disse isso em inglês."

"Eu pedi para ele te dar pernas," ela diz. "Ele recusou," ela acrescenta amargamente.

Eu levanto meu queixo. "É mesmo? Com base em quê?"

Ele não responde, sua mandíbula apertando.

Um homem alto e ágil com cabelo ruivo desgrenhado se aproxima dele e olha para o resto da tripulação. "Talvez seja melhor se dermos Aragon e Larimar um tempo sozinhos."

"Eu não vou ficar sozinho com ele", eu praticamente cuspo. "Eu não tenho nada a dizer a ele."

"Sinto muito, mas como é que vocês se conhecem?" o homem com o cabelo puxado para trás diz, coçando os pelos faciais. Pelo jeito que ele paira protetoramente atrás de Maren, vou presumir que este é o marido vampiro

dela.

"Por que você não conta a eles, Sacerdote?" Eu zombo. "Por que você não conta a eles o que você fez?"

"Eles sabem o que eu fiz", ele diz calmamente. "Eles só não sabiam que era você."

"Então todos sabiam que você me tirou do oceano? Que você me sequestrou me, me manteve cativo na sala dos fundos da sua igreja onde você iria me torturar e drenar meu precioso sangue?"

"Parece familiar," o homem comenta rispidamente.

Viro minha cabeça para olhar para ele. "Quem é você?"

"Thane," ele diz. "Seu cunhado. Prazer em conhecê-la, minha senhora."

Eu franzo a testa para ele. Ele não é diferente de nenhum desses homens. Pelo jeito que todos eles olham para mim, com aquela fome nos olhos, esses Vampiros estão morrendo por um gostinho meu, assim como Priest estava.

Olho de volta para Maren. "Ele então te disse que baixou minhas defesas? Me fez acreditar que ele se importava comigo?" Eu paro, desviando o olhar, odiando ter uma audiência para isso, que eles tenham que ver minha vergonha. "Ou talvez ele nem tenha tentado. Eu me apaixonei por ele de qualquer maneira, alma, coração... corpo."

"Larimar," Priest diz, sua voz rouca.

Eu o ignoro, me ajustando no aperto de Thane. "E então um dia, um dia eu pensei que eu era igual a ele, e ele deixou seu monstro sair. Ele tentou me matar. Eu só escapei por pura sorte. Eu bati no oceano, e graças à maneira que ele amarrou seu feitiço, a magia se reverteu, e eu voltei a ser uma Syren. Eu nadei para longe enquanto sua igreja queimava."

Maren esfrega os lábios, pensando sobre isso enquanto olha para Priest.

"A pedra não me deixou ver quem era a Syren. Se eu soubesse que era Larimar..."

"O quê?" Priest pergunta. "Você ainda me traria a bordo? Ainda me deixaria entrar na sua tripulação?"

"Sim", ela diz, seus olhos lacrimejando. "Sim, porque eu teria feito qualquer coisa para trazer minha irmã de volta à minha vida. Eu preciso da sua magia, Aragon. Eu preciso que você a deixe ter uma vida adequada comigo."

O olhar intenso de Priest desliza para o meu. "E você, Larimar? É isso o que você quer? Ou esses são os desejos da sua irmã?"

Todos estão olhando para mim, esperando por uma resposta.

Mas tenho medo de falar a verdade.

Tenho medo de que se eu fizer isso, isso não aconteça.

Porque esse monstro ainda tem tanto poder sobre mim, e eu o odeio por isso.

Eu o odeio por tanto.

Mas principalmente, eu o odeio porque eu o amava.

"Sim", eu finalmente digo, tentando soar forte e autoritária, o oposto de como me sinto. "Quero que você me dê pernas de novo para que eu possa me juntar à minha

irmã em terra, e quero poder me transformar em uma Syren quando estiver de volta ao oceano. Acima de tudo, quero que você desapareça depois. Assim que essa tempestade passar, quero você em um daqueles pequenos barcos ali, e quero você à deriva."

"Podemos pelo menos esperar até chegarmos ao nosso próximo porto", Ramsay sugere.

Eu balanço minha cabeça. "Não. Não sei quanto tempo isso vai durar, e não quero ficar preso neste navio por mais tempo do que o necessário com aquela criatura ali."

Se Priest está magoado com minhas palavras, ele não demonstra.

Agora, todas as cabeças se viram para ele, esperando sua reação.

Ele me encara, e quase posso sentir-lo sondando minha mente, procurando profundamente nos recessos do meu coração e alma. O que ele está procurando

encontrar? Acabei de dizer a ele — e a todos os outros — tudo o que há.

Então, ele exala profundamente, suas feições suavizando um pouco. "Eu vou te dar o que você deseja", ele diz lentamente, "mas isso vem com uma pegadinha."

"Claro que sim", Maren murmura.

Ele mantém seu foco em mim. "Eu farei tudo isso se você falar comigo sozinho."

"E como podemos confiar que você não fará nada para machucá-la?" Maren pergunta.

"Você não pode", ele diz a ela. "Mas sua confiança não é o que eu estou procurando. É dela.

E essa decisão não é sua."



Ele está certo. A decisão é minha, e pesa mais do que tudo.

"Você não precisa ter medo de mim, Larimar", ele diz, seu olhar firme. "Embora você tenha todos os motivos para isso. Eu até serei contido em correntes se isso fizer você se sentir melhor."

Francamente, isso me faz sentir melhor.

"Você será contido? Acorrentado?"

Ele concorda gravemente.

Oh, como a situação mudou. Eu quase sorri com a ideia dele ser trancado para variar, comigo sendo a única no controle.

"E você vai me conceder meu desejo primeiro?" Eu certamente não me sinto poderoso como

uma Syren fora d'água, tendo que ser carregado para todos os lugares.

"Pode levar alguns dias", ele diz. Ele olha para Ramsay. "A menos que você tenha algumas provisões que possam ajudar a acelerar esse feitiço? Eu trabalho com matéria física; não consigo conjurar um feitiço do nada."

Ramsay concorda. "Eu posso tentar conseguir o que você precisa. Temos tópicos, ervas secas, ervas frescas que Sedge cultiva. Elixires. O que você quiser."

"Alguns dias?" Maren diz, com a testa pesada de decepção. "O que ela deve fazer antes disso? Ela está muito desnutrida para continuar nadando com o navio — em uma tempestade, veja bem — mesmo com o apoio de Nill mantendo-a à tona."

Uma pausa se estende entre nós.

"Você tem uma banheira?", pergunto.

"O sol saiu," Maren diz enquanto entra, fechando a porta atrás de si. "A tempestade chegou ao fim."

"Eu poderia dizer," comento. "A maior parte da água ficou dentro da banheira."

Estou na banheira de cobre no banheiro particular de Ramsay e Maren nos últimos dias enquanto Priest faz o que precisa fazer para conduzir seu feitiço. O navio estava balançando e balançando com a tempestade, o que por sua vez fez a água do meu banho chapinhar violentamente, até que acordei esta manhã com uma calma total.

Mas embora o fim da tempestade signifique uma navegação tranquila para o navio, não há nada de calmo em como qualquer um de nós está se sentindo. A voz de Maren pode ser brilhante, mas há uma ponta em seu olhar, e eu sei pelo jeito que ela morde o lábio que ela está tão ansiosa quanto eu sobre o que deveria acontecer.

"Você falou com ele hoje?", pergunto a ela, me referindo ao Sacerdote. Ela balança a cabeça. "Não. Ele tem estado ocupado em seus aposentos." Ela faz uma pausa enquanto se agacha ao lado da banheira, colocando sua mão sobre a minha enquanto eu a descanso na borda. "É isso mesmo que você quer, irmã? Ou estou forçando sua mão?" Dou a ela um sorriso fraco. "Você sabe que é difícil me forçar a fazer qualquer coisa. É isso que eu quero. Parte de mim se sente como uma traidora de todas as Syrens por fazer isso, mas não vou perder você de novo. Eu procurei por você todos esses anos para poder falar com você de novo, assim. Fiz Priest me dar pernas na esperança de que eu escapasse e te encontrasse em terra. Quero me juntar a você, você e essa tripulação."

Ela sorri. "O Nightwind adoraria ter você, mas você não deveria se sentir um traidor. Só porque você nasceu de uma certa maneira não significa que você tem que amar isso. Não significa que você tem que permanecer assim se você tiver

a escolha de mudar. O mar está cheio de Syrens que nunca fariam o que fizemos, nem em um milhão de anos."

"Você disse que Syrens são uma raça em extinção," eu aponto, e posso confirmar que isso é verdade pelo que vi.

Ela acena solenemente. "Nós somos, mas isso não muda o que queremos, muda? Eu estou escolhendo minha própria felicidade. Você precisa escolher a sua. Além disso, se a magia de Priest funcionar como antes, você terá o melhor dos dois mundos."

Faço um barulho de concordância, me ajustando na banheira.

"Posso te perguntar uma coisa?", ela pergunta depois de um momento.

De alguma forma, pelo tom dela, posso dizer que será sobre Priest. "Você pode", eu digo cautelosamente.

"Você realmente o amava?"

Suspiro e desvio o olhar de seus olhos inquisitivos. "Eu não sei."

"Você sabe, no entanto. Eu posso ver isso em você. Eu sei como é isso."

Minha cabeça gira para trás enquanto a encaro. "Bem, eu ainda não o amo", eu digo irritadamente. "Isso é absurdo. Depois do que ele fez?"

"O amor é uma criatura estranha", ela diz. "Ele não segue lógica ou razão.

Ele simplesmente existe, e podemos fazer amizade com ele ou nos tornar seu inimigo,

mas não para o que é."

Eu aperto minha boca, sem querer dizer nada em resposta, assim que uma batida soa na porta.

"Entre," Maren chama.

"Sou eu," Ramsay diz do outro lado. "Eu tenho Aragon comigo.

Ele está pronto para fazer o feitiço."

Meu pulso dispara, e eu sento ereta na banheira, ajustando meu cabelo sobre meus seios em uma estranha demonstração de modéstia.

Maren olha para mim pedindo consentimento antes de se levantar e abrir a porta.

Eles se juntam a nós, Priest vestindo todo preto, um jarro em uma mão. Como na igreja, está cheio de vários itens suspensos na água.

Ele encontra meus olhos e me dá um leve aceno.

Eu aceno de volta, repentinamente aterrorizada. A visão dele assusta meu coração frágil,

enquanto a ideia do feitiço me enche de pavor. E se tudo der errado?

"Eu os quero aqui para isso," eu digo rapidamente.

"Claro," Priest diz. "Se eu pudesse ter você sozinha depois."

Uma emoção percorre meu corpo, embora não devesse, e eu faço o meu melhor para escondê-la.

Eu exalo asperamente pelo nariz. "Sim. Isso era parte do acordo."

"Ela deveria sair da banheira?" Maren pergunta. "Ramsay poderia segurá-la."

"Isso não será necessário," ele diz. "Provavelmente é melhor para ela ficar onde está."

Ele se aproxima, seu corpo alto e grande pairando sobre mim, sua presença parecendo tomar todo o ar e todo o espaço na sala até que tudo o que eu consigo focar é nele.

O predador e a presa.

Por um momento, eu deixo o medo ir embora, o tipo ruim de medo, e deixo o tipo bom entrar. Eu imagino que estamos sozinhos na sala juntos, que eu estou nu nesta banheira diante dele e indefeso a seus pés. Eu ignoro para onde minha mente quer

ir, como ela continua querendo se lembrar dele como uma fera voadora que me fez machucar, e em vez disso, penso no homem que me fez sangrar. Aquele que bebeu de mim, não conseguiu se saciar, que fez a dor e a antecipação tão doces quanto um beijo.

"Isso pode doer", ele me diz com uma voz rouca enquanto alcança a água.

Antes que eu perceba o que ele está fazendo, ele arranca uma escama da minha cauda.

"Ai!" Eu grito, me livrando do seu aperto.

O canto da boca dele se levanta levemente. Ah, ele gostava de causar aquela dor. Algumas coisas não mudam.

"Bastardo", eu juro.

Ele levanta uma sobrancelha, e eu conheço esse olhar. Ele sempre entende quando eu xingo.

Eu acho que isso faz seu sangue ferver.

"Mais alguma coisa que você precisa?" Maren pergunta. "Unhas e cílios, talvez?"

Priest dá a ela um olhar morno. "Só um pouco do sangue dela." Ele olha de volta para mim. "Agora, eu posso me alimentar de você, ou eu tiro sangue de alguma outra forma. Depende de você."

"Eu não vou deixar sua boca suja chegar perto de mim", eu rosno para ele, jogando meu braço para fora. "Me corte com uma faca se for preciso."

Ele franze a testa e resmunga algo para si mesmo antes de sacar sua espada da bainha. Segurando o jarro aberto debaixo do meu braço, ele faz um corte hábil com a ponta da espada, bem no meu antebraço interno. Eu prenho a respiração e observo um pouco de sangue escorrendo no copo, certamente não como da primeira vez. Então, ele pega o copo e mistura o sangue com o resto do conteúdo antes de colocá-lo sob meus lábios. "Você sabe o que fazer. Você deve beber tudo."

Eu faço uma careta. "É vil."

"Assim como eu", ele diz severamente. "E a magia enfrenta seu criador. Beba."

"Você não vai me perguntar o que eu vou te dar em troca?"

"Bem, da última vez, você me prometeu seu corpo e alma para sempre", ele diz, limpando a garganta. "E veja como isso acabou."

"E você prometeu que iria me caçar, que a magia iria garantir que você me encontraria, não importa quanto tempo demorasse."

Ele concorda. "Como aconteceu."

"Você também disse que eu não gostaria que você me encontrasse", acrescento.

"Você está discutindo com isso, peixinho?" ele pergunta distraidamente.

Ignoro a pontada no meu coração ao som do meu apelido e balanço a cabeça. "Não."

Mas estou mentindo.

E ele também sabe disso.

"Então beba", ele diz.

Pego o jarro das mãos dele dessa vez, tento não respirar pelo nariz, então bebo o conteúdo de volta.

"Caudam capio et tibi pedes dabo", ele começa a cantar enquanto eu me concentro em não vomitar. "Vocem capio et servitutem tibi trado."

De alguma forma, consigo engolir o líquido nojento enquanto Priest continua cantando, e estou prestes a perguntar se é só isso ou se ele vai me morder como da última vez quando ele se estica para frente, palmando o lado da minha cabeça e expondo meu pescoço.

"Aragon, não!" Maren grita com ele, como se estivesse sendo repreendido.

Mas Priest não escuta, e eu tenho tempo suficiente para agarrar as laterais da banheira, o jarro vazio caindo na água enquanto me preparam para sua mordida. É tão forte quanto eu me lembro, suas presas afundando profundamente enquanto ele puxa meu sangue de volta para minha boca como se estivesse faminto.

Eu suspiro de dor, mas o prazer logo toma conta, e eu me encontro afundando na banheira, escorregando para o esquecimento em um fluxo vermelho.

"Meus deuses", ouço Ramsay sussurrar.

Então, começo a sentir.

Além da alimentação de Priest, há outra sensação, esta bem lá no fundo e estranhamente familiar. A sensação de ossos sendo quebrados por dentro.

De repente, estou gritando enquanto a dor rasga meu corpo, e Priest para de beber de mim. Eu o vejo de pé ao lado de Ramsay e Maren, sua boca ensanguentada, observando com admiração enquanto eu começo a me transformar.

Fecho meus olhos, meu corpo se contorcendo, a água espirrando pela lateral da banheira, o mundo se contorcendo e girando em ondas quentes, como se eu estivesse

nascendo de novo, explodindo da casca quebrada das minhas costelas.

Eu não sou mais eu.

Eu sou outra pessoa.

Eu sou todo o resto.

Eu sou mágica.

"Você conseguiu", Ramsay sussurra. "Aragon, você conseguiu."

"Larimar?" Ouço Maren gritar, sua mão na minha bochecha. "Você está bem?"

Levanto minha cabeça e abro meus olhos para ver meu antigo corpo novamente. Nu e em uma banheira ensanguentada.

Duas coxas, duas panturrilhas, dois pés, dez dedos.

E o espaço rosa e sem pelos entre minhas pernas que Priest conhece tão bem.

Eu nem me incomodo em cobrir.

Deixe-o olhar.

“Funcionou”, eu digo, encontrando seus olhos. Ele está lutando para encontrar meu olhar, embora eu tenha que dizer, Ramsay também não está fazendo um bom trabalho. Quando ele me pega notando, ele rapidamente desvia os olhos.

“Vou pegar algumas roupas para você”, ele diz baixinho antes de sair do quarto.

“Você precisa de alguma coisa?” Maren pergunta, segurando minha mão. “Você está com dor?”

Eu balanço minha cabeça. “Estou dolorida, mas não estou com dor alguma. Mas eu tenho um pedido para o Priest.”

Ele engole em seco. “O quê?” ele pergunta com voz rouca.

“Você queria uma chance de falar comigo a sós? Então eu posso escolher quando. E eu quero você trancada até lá.”

OceanofPDF.com



I

Capítulo Trinta e Um

LARIMAR

É uma noite assustadoramente calma e a lua está cheia, refletindo na água, então o oceano inteiro parece brilhar. De vez em quando, a barbatana de Nill surgirá na superfície, nos lembrando que ele está lá.

Às vezes, eu pulo direto no oceano para testar se o feitiço funciona. Cada vez, minhas pernas voltam a ser uma cauda com apenas algum desconforto, e eu nado ao lado de Nill. Às vezes, Maren se junta a mim, e nós nadamos como costumávamos quando éramos crianças e não sabíamos nada melhor, surfando nas ondas na proa do navio, fingindo que os humanos não poderiam nos machucar.

Mas hoje à noite, o oceano não está tão convidativo.

Eu ignorei Priest por muito tempo.

Segundo ele, eu já quebrei um acordo, e agora, estou quebrando outro.

Ele me deu pernas com a condição de que eu falasse com ele a sós, e ele está na cela da prisão há dias, esperando que eu finalmente tenha coragem para ouvir o que ele tem a dizer. Embora talvez não seja coragem que eu esteja

esperando. Talvez eu esteja esperando que uma armadura se forme ao redor do meu coração.

Mas isso nunca vai acontecer. Eu nunca serei capaz de me proteger dele, mesmo que ele esteja acorrentado. Eu nunca deixarei de me machucar com o que ele tem a dizer.

Nossas interações sempre giraram em torno da dor — por que isso deveria ser diferente agora?

O mar pode estar calmo, mas por dentro, eu não estou. Eu nunca estarei até que eu o enfrente, enfrente o que nós tivemos uma vez — ou o que eu acreditava que tínhamos.

Olho de volta para o leme, onde Thane está com um homem chamado Matisse. Eles acenam para mim, mas não dizem mais nada. Todos neste navio têm me dado grande distância. Pensei que eles estariam me olhando de soslaio, como aqueles homens no outro navio fizeram. No mínimo, pensei que eles sentiram o cheiro do meu sangue e agiriam como vampiros, mas ou todos eles têm boas maneiras, ou Maren os assustou, porque eles me tratam como uma dama, com respeito, se não um pouco de cautela.

Sinceramente, me sinto tudo, menos uma dama. Estou usando os belos vestidos de Maren, mas me sinto uma impostora, como se estivesse apenas fingindo ser humana quando, por dentro, sou um desastre nervoso e delirante. Agora ando sobre duas pernas, mas elas podem muito bem ser uma cauda.

Vou para meus aposentos, tiro as camadas de roupa e visto minha camisa. Vou para minha cama, o tempo todo tentando não pensar nele.

Mas eu só consigo pensar nele.

Acorrentado, esperando por mim.

A imagem me faz pulsar.

Eu alcanço entre minhas pernas, me tocando, me permitindo explorar meu novo corpo pela primeira vez novamente.

Mas eu não consigo parar de imaginar Priest.

A maneira como ele me tocou, como se suas mãos fizessem a adoração e cada oração estivesse em sua língua. Ele usou meu corpo como se isso o levasse ao céu, e eu usei o dele como se ele estivesse me levando ao inferno. Às vezes, no auge da nossa paixão, íamos para os dois lugares, pagãos e santos, perdidos e amando cada minuto disso.

Eu quase me levo ao orgasmo, mas paro antes de atingir esse pico.

Eu posso fingir o quanto eu quiser que não o quero mais, mas estou cansada de mentir para mim mesma.

Eu saio dos meus aposentos, descendo descalça as escadas e descendo outra até chegar onde Priest está sendo mantido. Está quieto aqui, apenas o rangido ocasional da madeira e risadas ao longe nos aposentos compartilhados da tripulação, uma última bebida antes de dormirem.

Eu paro do lado de fora da porta da prisão. Eu sei que ele pode me ouvir, sentir meu cheiro,

sabe que estou aqui. Estou dando a ele tempo para preparar seu discurso, a menor cortesia que posso ter.

Eu ouço as correntes chacoalhando.

Meus dedos se enrolam ao redor da maçaneta, brevemente se transformando em garras enquanto eu me testo, então voltando ao normal enquanto abro a porta.

A cela da prisão está completamente escura, e leva um momento para meus olhos se ajustarem.

Ouço a inspiração aguda de Priest enquanto ele me inspira.

Eu mesmo cheiro o ar. Eu estava preparado para a cela cheirar mal, mas

Os próprios vampiros são extraordinariamente limpos, eu descobri.

Eu sinto o cheiro dele, no entanto.

O cheiro de ervas, oceano, sal, pinho e tudo o que

faz meu peito ficar apertado me faz voltar no tempo para Nome de Jesus.

"Larimar", ele sussurra, áspero, reverente. Minha pele lava com calor

enquanto um dedo imaginário desliza pela minha espinha.

Fecho a porta atrás de mim, lançando tudo em sombras escuras. Minha

visão ainda é tão boa quanto a de uma Syren, embora eu não tenha certeza se é tão
boa quanto a de um

Vampiro.

"Há uma lanterna perto da porta", ele diz.

Eu a procuro e encontro os fósforos, acendendo-a.

Ele entra em cena, e tento não ofegar.

Ele está completamente nu. Algemas em volta dos pulsos estão presas ao teto
com correntes, algemas em volta dos tornozelos estão soldadas à parede. As correntes
são longas o suficiente para ele se mover um pouco, mas não o suficiente para explorar
o cômodo inteiro. Há um balde escondido no canto mais distante que ele pode
alcançar — não preciso me perguntar o que é. Há outro maior cheio
de água com várias barras de sabão e toalhas de rosto empilhadas ao lado. Então,
junto à parede, está um jarro vazio com resíduos vermelhos, que presumo ser sangue.
"Por que você está nu?", pergunto.

"Por que não?", ele responde. "Roupas são um obstáculo se você não pode lavá-las.

Nosso olfato significa que temos que tomar banho com frequência e frequência. Não
diferente de se você estiver aqui como um prisioneiro."

"Você não é um prisioneiro", digo a ele.

"Eu realmente pareço um."

Ele parece. Um prisioneiro muito nu. Meus olhos percorrem seu corpo de cima a baixo,
deliciando com a visão dele, sem saber se o verei novamente. É seu corpo
que me faz pensar que se Deus ou algum tipo de divindade existe, ele certamente
favorece alguns de seus súditos. Priest teria sido sua criação premiada desde
o começo, começando com seu rosto perfeito — o nariz reto e nobre
acima dos lábios carnudos e o queixo quadrado, o azul intenso de seus olhos
assombrados, suas
sobrancelhas escuras arqueadas e cabelos pretos longos e brilhantes que vão até suas
clavículas.

Então há seu corpo, a ampla extensão de seus ombros, o arredondado

músculo que mostra todo o seu poder, as linhas fortes e finas descendo pelos braços. Seu peito é firme e grosso, com apenas uma camada de pelos escuros que salpicam a linha entre seu abdômen rígido e seu estômago plano. Seus quadris se curvam acentuadamente para baixo até as pernas musculosas, e eu sei por experiência que seu traseiro é tão esculpido e firme. Sua pele bronzeada pelo sol praticamente brilha na luz da lanterna. Se eu sou prata, então ele é ouro.

Eu sei que não deveria encará-lo assim — vim aqui para ouvir o que ele tinha a dizer, não para cobiçá-lo.

Mas minha boceta ainda pulsa de necessidade, minha excitação continuando de onde parei

e tenho que admitir, é bom estar do lado receptor disso pela primeira vez.

"Você gosta do que vê", ele comenta, sua voz mais grossa agora, gutural.

Ele pode sentir o cheiro da minha luxúria, e eu posso ouvi-la nele, vê-la nele, até. Seu pau

não está mais pendurado pesadamente entre suas coxas — agora, está escurecido com sangue e em posição de sentido total, se contorcendo com o movimento de sua respiração, que está ficando mais difícil a cada minuto. Já há excitação acumulada em sua ponta, brilhando na luz bruxuleante.

"Eu gosto do que vejo", eu digo, caminhando lentamente até ele até que eu esteja fora de alcance. "Eu gosto de estar deste lado do jogo."

"Jogo?" ele diz, franzindo a testa. "Nada disso é um jogo, Larimar."

"Você tratou como um jogo", eu digo a ele, me esforçando para não encarar seu pau por mais um segundo. Eu continuo focada em seus olhos, embora eles sejam tão hipnóticos. "Você me soltou para ver se eu correria, e quando eu corria, você tentou me caçar."

"Não fui eu", ele rosna, se movendo para mim, mas as algemas puxam seus pulsos, mantendo-o no lugar.

"Você diz isso", eu digo. "E eu sei. Eu vi o monstro com meus próprios olhos. Mas como eu sei que você não o convidou para entrar? Como eu sei que você não gostou da transformação?"

"Porque o monstro é um assassino, e eu não sou!"

Eu o encaro por um momento. "Foi isso que aconteceu com sua família? Você os matou?"

Ele engole em seco e dá um aceno solene, seus olhos queimando de vergonha, o suficiente para soltar um fio em volta do meu coração partido. "Eu matei. Eu matei os. Eu não me lembro de tudo, mas... eu matei."

Eu sinto o peso de sua confissão, o ar engrossando com seu arrependimento. Eu suspeitei que foi isso que aconteceu com sua esposa e filhos, já que ele não

falar sobre isso, mas ainda é muita coisa para ouvir.
E ainda assim, não estou olhando para ele de forma diferente. Não acho que ele seja mais um monstro. Só sei agora o que o levou a essa luta constante por salvação, o que o levou a compensar o homem que perdeu.
"Mas você é um assassino", digo baixinho. "É sua natureza. Você tem que matar outros para sobreviver. Todos nós fazemos isso."
"Você e eu fazemos isso", diz ele, lutando contra as correntes. "O resto do mundo parece estar bem."
"Eles estão?", pergunto, levantando minha sobrancelha. "Nós somos os monstros, mas os humanos não são? Você sabe que isso não é verdade. Você ouviu o que aconteceu comigo naquele navio, o que aconteceu com meu amigo. Você acha que eles não são parte besta também?"
Ele não diz nada sobre isso. Finalmente, ele suspira. "Eu matei minha família. Eu matei inúmeros outros desde então, centenas. Acho que não importa muito por que eu fiz isso no final."
"Você ia me matar?", pergunto, minha voz caindo para um sussurro, meu coração alto no peito.
Ele me encara, procurando meu rosto antes de piscar. "Eu não sei."
"Oh," digo, olhando para baixo. Eu realmente queria ouvir um não definitivo.
"Mas eu não queria," ele diz. "E eu não estava no controle. Você tem que acreditar em mim. Se eu estivesse... eu nunca teria te machucado." Seu olhar cai para minhas pernas.
Eu me viro, olhando para a parte de trás das minhas panturrilhas. O lembrete está lá; a cicatriz onde ele cortou minha pele foi transferida para a cauda do meu Syren e de volta para meu corpo humano, deixando marcas feias para trás.
Um lembrete que sempre terei.
"Larimar," ele diz.
Olho de volta para ele.
Um músculo contrai em sua mandíbula enquanto ele pisca para mim, como se estivesse tentando não dizer algo. Emoções giram em seus olhos, puxando outro fio solto.
"Sinto muito", ele diz em uma voz baixa e áspera. "Sinto muito pelo que fiz, por tudo isso. Desde o momento em que te encontrei no oceano, lamento ter te submetido a um pagão como eu, um pecador disfarçado de santo, um assassino em pele de cordeiro. Eu sou um monstro, um peixinho, em todos os sentidos da palavra, e eu nunca deveria ter trazido você para o meu mundo. Eu deveria ter sido um porto seguro, mas em vez disso, eu trouxe a tempestade para você. Minha igreja era um santuário para todos, menos para você."

Quero dizer a ele que foi apenas um pesadelo no final, que mesmo quando ele me torturou, eu encontrei algum prazer perverso nisso, uma emoção doentia em sua

posse, em como ele me desejava e cobiçava, tanto que ele tinha que me manter por qualquer meio necessário. Talvez um humano não encontrasse tal consolo em seus desejos desenfreadados e descontrolados, mas meu lado monstro só queria mais.

Mas eu não digo isso a ele. Não, eu quero que ele sofra. Eu quero que ele se humilhe. Eu quero que ele saiba que, embora eu amasse ser sua prisioneira, amasse ser o objeto de todos os seus pensamentos e afeições do nascer ao pôr do sol e todas as horas escuras no meio, ele me marcou, tanto no corpo quanto na alma.

"Eu te dei meu coração", eu digo a ele, caminhando até o balde de água. "Eu me apaixonei por você, Padre. Rápido e de repente, eu estava apaixonado. E naquela noite, eu queria te contar. Acordei no meio da noite para te contar. Corri para aquela igreja para te contar. Então eu vi no que meu amor te transformou."

Ele balança a cabeça, seus olhos se enchendo de lágrimas. Drogado, ele não deveria estar me quebrando de novo. "Sinto muito," ele sussurra roucamente. "Por favor. Eu não sabia."

"Teria feito alguma diferença?" Eu pergunto, pegando uma barra de sabão oleoso que cheira a limão. "Se eu dissesse que te amava, o monstro teria ficado longe? Ou eu o teria deixado com mais fome?"

Ele me encara, uma lágrima escorrendo. Eu sei o que ele vai dizer: ele não sabe.

"Não importa," eu digo, suspirando pesadamente, embora não importa o quanto forte eu exale, eu não consiga sacudir o peso disso, o peso de nós. "O que está feito está feito. Eu te amei. Você tentou me matar. História das nossas vidas, não é?"

"Não," ele diz, balançando a cabeça. "Um capítulo das nossas vidas. A história não acabou. A história nem precisa ter um fim."

"Não para você," eu digo a ele. "Você estará vivo até o fim dos tempos. Minha história acabará eventualmente, e nossa história estará feita."

"Por favor," ele sussurra, tentando se mover contra as correntes, mas elas chacoalham enquanto o seguram.

"Por favor, o quê?" Eu pergunto, odiando o quanto bom soa ouvi-lo implorar por uma mudança.

"Por favor... só por favor. Por favor, não vá. Por favor, não desista de mim.

Por favor, só..."

"Só o quê?"

Seu olhar é uma pistola carregada. "Dê-me seu coração novamente e eu prometo não quebrá-lo."

Eu quase rio. "Dar-lhe meu coração? Padre, eu não te amo. Eu posso até odiar você." Estou cuspido as palavras agora, tentando machucá-lo.

"Eu posso lidar com seu ódio", ele diz depois de um momento, ajustando sua postura. É o suficiente para meu olhar cair para seu pau novamente. Claro; eu acho que o ódio só o excita ainda mais. "Eu posso até desejar seu ódio às vezes."

"E você ainda quer meu coração?"

"Eu quero cada parte de você", ele admite. "Eu preciso de cada parte de você. Você é minha, Larimar. Não importa o que você diga, pense ou faça, se você me jogar em um barco, nunca mais me ver, ou se você colocar seu coração atrás de uma caixa trancada para mantê-lo seguro. Você ainda é minha. Você sempre será minha. Você não tem

nenhuma palavra a dizer sobre o assunto."

Isso parece mais com o padre que eu conhecia, e eu odeio o quanto eu amo ouvir isso.

Odeio o quanto meu corpo responde ao seu chamado.

"Você me trata como se eu fosse sua posse", eu digo, colocando o sabão na água limpa e fria e me agachando para submergir uma toalha. "Como se eu fosse algo que você possui. Algo que você guarda. Algo que você controla." Eu me endireito, torcendo o excesso de água do pano. "No entanto, aqui está você, aquele acorrentado. Parece que sou eu quem está mantendo você no momento."

"Acho que nossos papéis se inverteram", ele diz sombriamente, o desejo ardendo em seus olhos.

Eu arrisco e dou um passo para o lado dele, o mais longe possível de seu pau faminto. O calor de seu corpo quase me domina, e eu levanto a toalha. "Você me banhou tantas vezes", eu digo a ele. "É justo que eu faça o mesmo."

Um ruído baixo chacoalha em seu peito enquanto eu trago o pano molhado para baixo sobre seu

peito, lentamente passando-o para seus quadris. Ele começa a sacudir as correntes, mas

ele não tenta se afastar de mim.

"Mas quando eu te dei banho, não foi uma tortura," ele diz através de um gemido enquanto eu trago o pano para baixo sobre suas coxas, para baixo dos músculos tensos de suas panturrilhas.

"Como você sabe?" Eu pergunto, endireitando-me para trazê-lo para baixo sobre suas costas.

Sua cabeça arqueia para trás. "Você gostou?"

"Claro que sim," eu admito. "Eu nunca te diria isso, no entanto. Você provavelmente teria parado se descobrisse que eu gostei."

"Eu teria feito você gozar, é o que teria acontecido", ele diz.

Eu sorrio com isso, molhando o pano novamente e fazendo o resto de suas costas, aproveitando a sensação de seus músculos magros sob minha mão. "Que contradição. Não há problemas em enfiar unhas em meus pulsos, como se eu fosse seu Jesus pessoal, mas você não ousou me dar prazer sem minha permissão."

"Sinto muito por ter alguma moral", ele diz, arqueando as costas, seu traseiro firme empurrando contra minhas mãos.

Eu mordo meu lábio, resistindo à vontade de morder suas bochechas.

"Ou era apenas sobre humilhação?" Eu pergunto. "Era esse seu objetivo?"

"Você não usa bem a humildade", ele diz.

"Você usa? Posso te humilhar em vez disso? Ou isso só vai te excitar?"

"Tudo o que você faz me excita", ele diz rispidamente.

Molho o pano novamente e gozo na frente, tocando em todos os lugares exceto seu pau, que está praticamente implorando por atenção. "E se eu não deixar você gozar dessa excitação, o que acontece?" Eu provoco.

Ele rosna, praticamente rosnando para mim. Ele está tão dolorosamente excitado que parece cruel deixá-lo assim.

Então, decidido torturá-lo um pouco mais, do meu jeito.

Eu me abajo e passo o pano sobre seu pau da raiz à ponta, sentindo o calor na minha mão, o peso pesado dele. Ele solta um grito áspero, sufocado pela necessidade.

"Só para ter certeza de que você está limpo o suficiente para minha boca", digo a ele. Ele choraminga de frustração, e isso me faz apertar minhas pernas juntas. Preciso me concentrar em negá-lo, não ceder às minhas próprias necessidades.

Pego o sabonete oleoso, passando por todo o seu corpo, deixando seu pau e seu traseiro por último. Eu limpo minha palma sobre a barra gordurosa até minha pele ficar lisa, e

então faço um punho sobre seu pau, dou duas sacudidas fortes e firmes.

"Deus!" Priest grita, resistindo contra minha mão.

Eu rapidamente solto antes que ele tenha a chance de gozar.

"Mulher demônio", ele rosna para mim.

Eu só consigo sorrir, saboreando o poder rolando através de mim. Eu amo me submeter a esse homem, mas é bom tê-lo se submetendo a mim pela primeira vez.

Então, eu esfrego a toalha sobre ela e me abajo. Sem tocar em seu pau, eu passo a ponta da minha língua sobre a parte inferior rígida antes de mergulhar em

a fenda na ponta, sentindo o gosto do sal do oceano.
O padre está xingando de novo, uma sequência de xingamentos que faria qualquer pirata
corar, e todo o seu corpo está tenso, músculos salientes, veias saltando de sua pele corada.
"Já chega?", eu digo.
"Sim", ele geme.
"Implore por mim."
Mas ele não implora. Não por isso.
"Muito bem."
Eu molho o pano na água e vou até seu traseiro, molhado entre suas bochechas com o pano para que ele esteja limpo o suficiente para comer, embora ele já parecesse brilhando limpo antes. Então eu pego a barra de sabão e deslizo para cima e para baixo pela fenda. Seus músculos ficam tensos, e ele solta um sibilo agudo.
"Você gosta disso?"
"Não", ele diz, mas de alguma forma, eu não acredito nele.
"Você está me dizendo para parar?" Eu pergunto, concentrando a ponta da barra em sua entrada, tornando-a lisa e escorregadia.
Ele engole audivelmente, praticamente ofegante agora. "Não."
Foi o que pensei.
Esfrego meus dedos ao longo da barra e então lentamente penetro o anel de músculo.
"Oh Deus", ele grita, a cabeça indo para trás. "Oh, merda."
Eu sorrio para mim mesmo e começo a trabalhar meus dedos lá dentro, bombeando-os para e para fora como se fossem um pau. Eu os observo enquanto eles desaparecem entre as bochechas de seu traseiro, observo enquanto seus músculos se contraem, como ele está na ponta dos pés, estendido e esticado, suas panturrilhas tensas.
Eu não acho que estarei em tal posição de poder novamente.
Eu levo isso para tudo que tenho.
Eu continuo trabalhando nele, e ele está gritando, respirando com dificuldade, sons ásperos e inaudíveis saindo de sua boca aberta. Olho ao redor dele para ver seu pau balançando com o movimento, inchado e com aparência raivosa, morrendo para ser tocado.
Sei que estou torturando-o agora.
Não vou deixá-lo gozar.
Mas então ele me surpreende.

Ele grita meu nome como uma prece desesperada, e goza mesmo assim. Ele rosna enquanto seu pau sacode, e longas cordas de seu esperma jorram da ponta, arqueando no ar e cortando o chão de madeira. Eu não achava que era possível para um homem gozar sem nada tocar seu pau, mas Priest sempre foi cheio de surpresas.

"Porra", ele geme, abaixando a cabeça, seu corpo inteiro ficando mole nas correntes. "O que você acabou de fazer comigo?"

Pego a toalha molhada novamente e volto a limpá-lo, seu corpo estremecendo ao meu toque, ainda sensível. "Acredite em mim, minha intenção não era deixar você gozar."

"Eu sei que foi", ele diz asperamente. "Há muita coisa sobre mim que você não sabe."

"Aparentemente", comento, certificando-me de que todo o sabão foi completamente lavado.

Então, dou um passo para trás e olho em seus olhos. Esperovê-los pesados e saciados, mas, em vez disso, eles estão tão selvagens como sempre.

"Agora que você fez a cortesia de me profanar", ele diz, "talvez você me deixe sair dessas correntes." Ele faz uma pausa. "Para que eu possa fazer o mesmo com você."

OceanofPDF.com



S

Capítulo Trinta e Dois

PRIEST

limões açucarados e água salgada.

O cheiro de Larimar ainda tem a capacidade de me destruir, mesmo depois de todos esses anos.

Embora ela definitivamente tenha outras maneiras de me destruir também.

Eu a encaro, a intensidade dos meus sentimentos rolando por mim — amor, mágoa, luxúria. Tanta luxúria. Meus braços estavam doendo de estar acorrentados por tanto tempo, mas não sinto mais dor ou desconforto, não depois do que ela acabou de fazer comigo.

Ela está me encarando com fogo nos olhos, embora eu ainda possa ver a dor ali. Ela está furiosa comigo, e eu nunca posso culpá-la por isso. A última coisa que eu esperava era que ela fizesse o que fez. Eu sei que ela não queria me fazer gozar, que ela estava tentando sua própria marca pecaminosa de tortura, mas eu

não pensei que ela me tocaria novamente.

Mas ela tocou.

E aquele fogo em seus olhos lilás também é alimentado pelo desejo.

"E se eu não quiser que você me contamine?" ela diz levantando o queixo. "E se eu quiser te colocar naquele barco para que você possa ficar à deriva para sempre?"

"Então eu darei a você", eu digo a ela. "Mas é isso que você realmente quer?"

Estou correndo um risco aqui. Estou preparado para que sua teimosia entre em ação, a mágoa que eu causei a ela fique muito profunda. A mera visão das cicatrizes em suas pernas me faz sentir mal; não consigo imaginar como elas a fazem se sentir. Ela pode

realmente quer que eu saia da vida dela para sempre, e não terei escolha a não ser obedecer.

Eu disse a ela que a caçaria e a encontraria, que ela era para sempre minha, que ela me pertencia, corpo e alma. Mas até eu tenho meus limites. Até eu tenho que encontrar coragem para deixá-la ir se é isso que ela realmente quer. Francamente, é o que ela merece.

E eu mereço sofrer por todos os meus pecados.

Mas isso não significa que ela não deixará de pertencer a mim. Ela sempre irá.

"Eu quero..." ela começa e então para, desviando o olhar. Então ela balança a cabeça e fecha os olhos. "Eu não sei o que quero, padre", ela diz suavemente.

"Você quer me odiar", eu digo.

Ela engole em seco, assentindo.

"Parte de você me odeia", eu acrescento.

Ela para de assentir, pressionando os lábios em uma linha fina.

"Mas parte de você ainda me ama", eu digo. "Eu sei que você ama. Caso contrário, você não estaria aqui."

Outro risco. Eu nem sabia que Larimar estava apaixonada por mim quando o inferno começou. Eu certamente não sei se ela ainda me ama. Mas se houver uma chance...

Seus olhos abertos, seus cílios molhados. Parece que nós dois estamos com vontade de fazer

um ao outro chorar.

"Por que eu daria meu coração a um homem que nunca me deu o dele?" ela diz, sua voz embargada.

Eu respiro profundamente. "Não é que eu não quisesse", eu digo a ela. "É que eu não tive uma chance. Nós dois percebemos que nos amávamos no pior momento possível."

Ela engole em seco. "Você me ama?"

Eu quero dizer a ela que é claro que eu amo. Meu amor por ela está entrelaçado com minha obsessão por ela. Ela tem um poder sobre mim, vive em minhas veias.

Mas como ela deveria saber disso? Eu nunca dei a ela nenhum sinal de como me sinto, exceto quando estou enterrado profundamente dentro dela, fazendo-a ver

estrelas. Eu nunca disse a ela como me sinto; eu apenas a machuquei de todas as maneiras possíveis.

Eu suponho que ficar pendurado nu em correntes é um momento tão bom quanto qualquer outro.

"Você teve suas garras Syren enganchadas em meu coração desde o momento em que coloquei os olhos em você pela primeira vez", digo a ela, esperando que ela possa sentir a gravidade em minha voz, o peso da minha alma sendo exposto. "Eu nunca consegui escapar. Eu não quero escapar. Mesmo que você não me ame mais, meu coração pertencerá a você até o meu dia eterno."

Engulo o nó na garganta. "Eu te amo, Larimar. Eu te adoro, eu peco por você e morreria por você, somente por você. Então, se você me quiser longe de você para sempre, eu posso te dar isso. Eu te darei o que você pedir para. Peça e você receberá."

Seu lábio inferior treme, mas ela endireita os ombros, tentando se segurar. Talvez se essas correntes não estivessem me segurando, eu estaria no chão.

"Eu quero seu coração", ela diz.

"Você tem meu coração, peixinho."

"Eu quero seu amor."

"Você tem meu amor."

"Eu quero..."

"Você tem cada pedaço quebrado e perverso de mim, Larimar, e você tem meus pedaços bons também. Toda a escuridão e toda a luz. Você tem todos eles juntos, mas é só você que vai me fazer inteira."

Ela me encara, seu queixo balançando, e uma única lágrima rola por sua bochecha, que ela rapidamente enxuga com os dedos.

"Agora, você vai me desfazer dessas malditas correntes?" Eu rosno.

Ela solta uma risada rouca e olha ao redor da sala, avistando a chave pendurada na parede. Eu exalo alto, o alívio me inundando enquanto ela caminha até mim e alcança a chave, me libertando da minha algema.

Eu puxo meu braço para baixo, o sangue correndo de volta para ele, formigando como mil agulhas, mas uma vez que ela me libera da outra corrente, eu não perco tempo.

Eu agarro seu rosto, uma mão na parte de trás do seu pescoço, ignorando o fato de que eu

não consigo sentir meus dedos direito. "Eu te amo", eu sussurro, meu coração martelando no meu peito.

Então, eu a beijo.

Suave no começo, enquanto a sensação volta ao meu corpo, saboreando o veludo de seus lábios, o gosto cítrico em sua língua. Uma boca com a qual eu tinha sonhado por tanto tempo, uma que eu nunca pensei que beijaria novamente.

Então, meu aperto na parte de trás do pescoço dela aperta, e enquanto meu corpo volta à vida, minha fome por ela retorna.

Eu a beijo profundamente enquanto o momento me invade.

Que ela está aqui, agora, comigo, e que eu nunca a deixarei ir.

Minha língua mergulha fundo, inflexível, faminta, nossas bocas se abrindo uma contra a outra enquanto toda a tensão interna é liberada. Ela choraminga, suas mãos

tentando me agarrar onde pode — meus bíceps, meu peito, passando suas unhas pelas minhas costas.

Há urgência vibrando em minhas veias agora, e eu não perco tempo pegando o que eu quero.

Eu me afasto do nosso beijo, nossas bocas molhadas, nossa respiração pesada, nossos olhos selvagens enquanto nos encaramos, dominados pela luxúria, pelo amor, pelo ódio e tudo mais no meio.

Então, eu a pego em meus braços. Meus tornozelos ainda estão algemados e acorrentados, mas tenho espaço suficiente para me virar e empurrá-la contra a parede. Rapidamente empurro a ponta da camisola dela para cima enquanto ela envolve as pernas em

mim, e posicionei meu pau em sua boceta. Eu pretendia provocá-la com isso, esperar, mas a necessidade queima por mim como um incêndio florestal, e eu rapidamente enfiro meu

pau dentro dela até que o ar seja empurrado de seus pulmões. Ela está tão molhada e quente que meus olhos reviram na minha cabeça.

Ela engasga, segurando meus ombros, seus dedos brevemente se transformando em garras, afiadas o suficiente para perfurar minha pele. Claro, a dor só me deixa mais insaciável.

"Porra", eu gemo enquanto começo a entrar nela. Ela é tão apertada, mais apertada do que eu

lembro, e eu preciso disso, eu preciso tanto disso. Acho que posso morrer antes de ver essa versão do céu novamente.

"Larimar," eu sussurro, meus lábios em seu pescoço, mordendo levemente, mordendo forte,

tirando sangue. Eu bebo e fodo e sinto tudo, tudo. Tantos anos, décadas, séculos, tantas preces que eu pensei que nunca seriam respondidas, todas culminando neste momento, no ápice não apenas do desejo, mas do amor.

Eu a amo.

Ela me ama.

E eu preciso gozar dentro dela como se não houvesse amanhã.

Eu resmungo, acelerando o ritmo, meus quadris batendo nela enquanto eu dirijo mais e mais fundo, como se eu estivesse tentando me embutir em sua alma.

Ela também está tão molhada, seus próprios gritos tão pecaminosos, tão crus, se misturando com os sons escorregadios de nossa cópula urgente. As tábuas de madeira atrás dela rangem e gemem, aumentando a sinfonia.

Eu me abaixo, sentindo o nó inchado de seu clitóris, e ela solta um suspiro irregular enquanto começo a esfregá-la em círculos firmes e rápidos.

"Uma garota tão boa", murmuro, observando seu rosto atentamente enquanto seu orgasmo

aumenta, vendo-o no rubor rosado em suas bochechas claras, o redemoinho escuro de suas

pupilas, sua boca aberta e brilhante. Eu apenas quebro o contato visual para olhar para baixo, onde

meu pau desaparece dentro dela, brilhando com nosso desejo. "Uma garota tão boa com uma boceta tão doce. Olhe o jeito que você me pega, como se você tivesse sido feita só para mim."

Às vezes, tenho que me perguntar se eu a fiz assim para mim, para que nós nos encaixássemos perfeitamente. Talvez quando criei o feitiço, criei a mulher perfeita

, uma que seria minha redenção final.

Mas Larimar era perfeita para começar. Mesmo se ela continuasse uma Syren, eu teria encontrado Deus e todos os seus demônios dentro dela. Eu a teria amado com todo o meu coração sujo e perverso.

Eu teria me encontrado lá.

Salvação.

"Posso fazer isso melhor para você?" Eu sussurro para ela através de um gemido, meus quadris começando a se mover mais rápido, mais forte, machucando-a.

Seus olhos se arregalam em um olhar que diz como isso poderia ficar melhor, mas então coloco minha outra mão em sua garganta e envolvo meus dedos em volta dela.

"Confie em mim", digo a ela, porque preciso que ela confie em mim. Preciso que ela acredite que eu nunca iria querer machucá-la. Se ela pode se submeter a isso, então ela não tem nada a temer.

Ela engole em seco, e sinto sua garganta balançar contra minha palma.

Eu aperto meu aperto, cortando lentamente seu suprimento de ar. Suas guelras não funcionam

fora da água. Sua boca se abre, tentando respirar, o branco de seus olhos aparecendo ao redor da violeta.

"Confie em mim, peixinho", murmuro, meu pau ainda empurrando firmemente para dentro e

fora dela. "Não vou te fazer mal. Só quero que você se submeta."

Eu a estudo atentamente, procurando seu consentimento.

Está lá, no mais leve aceno.

Não consigo esconder meu sorriso enquanto aperto sua garganta até que ela não consiga respirar.

Nossos olhos se encontram.

Boa menina, eu acho.

Então, eu círculo meu dedo ao redor de seu clítoris, molhado, escorregadio e grosso, dando a ela o que ela precisa até que ela goze.

Só então eu a deixo respirar novamente.

Ela suspira descontroladamente por ar, resistindo contra mim enquanto goza, seus gritos

saltando nas paredes de madeira da prisão. Sua boceta aperta meu pau tão apertado que eu também fico sem fôlego, e eu o solto completamente.

Com algumas estocadas finais e fortes, me empurrando o mais fundo que posso, eu gozo com um grito estrangulado, gozo derramando dentro dela. Minha cabeça vai para trás, minha alma parece ter sido arrancada de mim e remontada. Eu me sinto esfolada, exposta, estéril, como se Larimar pudesse olhar para meu peito e ver minhas costelas puxadas para trás e meu coração ali, batendo descontroladamente e apenas por ela.

Quer ela veja ou não, sua boceta me ordenha até a última gota até que eu desmorone para frente, minha cabeça apoiada na parede, tentando recuperar o fôlego, tentando voltar à Terra.

"Padre", Larimar sussurra asperamente, mas é tudo o que ela diz.

É tudo o que ela precisa dizer.

Meu nome soa como uma prece atendida.

Eu levo um momento antes de sair dela e colocá-la no chão.

Enquanto ela está ofegante, encostada na parede para se apoiar, eu rapidamente me abajo e pego a chave do chão para destrancar as algemas aos meus pés. Então eu olho para suas pernas, para meu esperma escorrendo pelo interior de suas coxas, misturando-se com o dela.

Eu rastejo até ela, a única vez que eu rastejo, e então deslizo minha língua por suas pernas, saboreando o gosto de nossa união profana. Eu corro minha boca até sua boceta e empurro o resto de volta para dentro com minha língua, fazendo-a dar um aperto involuntário, e acho que ela está ficando excitada de novo.

Eu afasto minha boca, sorrindo suavemente para mim mesmo, então me endireito.

"Caso você não tenha notado, eu ainda não terminei com você."

Então eu a pego em meus braços, carrego-a pelo quarto e abro a porta com um chute, indo para meus aposentos completamente nu. Se Abe estiver lá, ele será expulso, porque eu vou foder pra caramba Larimar na minha própria cama.

E então, eu finalmente, finalmente vou dormir.



F

Capítulo Trinta e Três

LARIMAR

ou a segunda vez, adormeço nos braços de Priest.

Mas desta vez, quando acordo, ele não se foi. Não o encontro em uma igreja, prestes a mudar nossas vidas para sempre.

Em vez disso, o encontro bem ao meu lado, seu braço forte e firme em volta da minha cintura, segurando-me mesmo dormindo.

E ele está dormindo, seus olhos fechados, um olhar de paz total em seu rosto enquanto ele inspira e expira firmemente.

Ele está aqui e eu estou aqui, espremido em seu beliche estreito em seus aposentos, Abe tendo desocupado o quarto mais cedo. Lá fora, a luz cinza começa a filtrar através das janelas circulares manchadas de sal, e sei que o sol nascerá em breve.

A tripulação estará trabalhando, e o navio voltará à vida depois que a noite passar. Mesmo apenas sendo mantido na banheira nos últimos dias, consegui ouvir as atividades diárias do navio ao meu redor.

Mas por enquanto, parece que somos só nós dois aqui, só nós dois neste mundo.

Meus sentimentos por Priest são às vezes complicados, mas não mudaram.

Eu o amo. Eu o amava naquela época e o amo agora, e não acredito que

foi sua magia que nos uniu novamente, que o trouxe direto para mim

e eu para ele. Acredito que foi mais simples do que isso. Acredito que foi o destino. O destino

me trouxe para ele, ele para Maren, e os dois para mim.

Não posso dizer que não carrego medo no meu coração, mas é um tipo diferente de medo

agora. Talvez a fera que vive dentro dele sempre esteja à espreita lá, do lado de fora

de alcance. Talvez eu veja apenas um vislumbre disso de vez em quando, na pupila vermelha penetrante de Priest quando ele é dominado pela sede de sangue, ou no

manuseio rude da nossa foda. Talvez quando ele me empurra para a morte, como fez ontem à noite quando me estrangulou, é quando eu realmente estou olhando para o monstro dentro dele.

Mas a noite passada foi um teste. Eu me submeti a ele. Eu confiei nele. Imaginei que se ele vai tentar me matar, ele deveria acabar logo com isso.

No entanto, eu não morri. Priest tomou muito cuidado para ter certeza de que eu estava bem, que eu estava apenas experimentando o melhor prazer. E quando terminamos, ele levou seu tempo para ter certeza de que eu estava satisfeita e segura, o suficiente para que eu adormecesse em seus braços.

Então, por enquanto, meu medo daquele monstro reaparecer, aqueles pesadelos da igreja que picam sua traição final, terão que ser ignorados. Eu vou enfrentá-los quando eles mostrarem suas cabeças feias, e espero não ter que enfrentá-los sozinho. Priest vai encarar seus demônios ao meu lado.

Meu maior medo é que se Priest e eu estivermos para sempre ligados um ao outro... quanto tempo dura o para sempre?

Ele viverá para sempre. Ele carregará meu coração com ele pelos infinitos trechos de tempo e o que quer que esteja além dele, mas eu só estarei aqui por trezentos anos, talvez menos agora que sou humano. Talvez eu tenha apenas cem anos com ele antes de morrer, antes de ficar velho e grisalho e doente e perecer.

Ou talvez o destino distribua uma mão amarga e me dê ainda menos tempo do que isso. Eu posso ser um selvagem, capaz de lutar e levar uma boa surra, mais difícil de matar do que um humano comum. Syrens são fortes de muitas maneiras, e eu sei que essa força ainda está dentro de mim. Mas se eu for baleado? Se eu for esfaqueado?

Se eu for incendiado? Se eu for envenenado ou de alguma forma me tornar suscetível a alguma

doença humana, ou se eu cair no oceano na frente do grupo errado de tubarões, então eu morro.

E Priest continuará.

Embora o capítulo de nossas vidas no Chile tenha chegado ao fim, um novo está apenas começando. Nossa história continua.

Mas ela terá que chegar ao fim eventualmente, e isso acontecerá quando eu morrer.

Eu não quero morrer.

Estou sob o feitiço deste homem, e pretendo ficar para sempre. Eu não quero ver seu rosto enquanto ele me observa partir, tendo que viver a vida

sem mim. Ele já perdeu a esposa, e embora tenha sido por sua mão, eu posso ver o que essa perda fez com ele. Se eu for, ele se submeterá ao monstro e existirá em agonia? Como será ver todos ao meu redor nunca envelhecerem enquanto eu envelheço? O que acontece se tivermos filhos? Eles serão imortais como ele, ou ele terá que vê-los morrer também?

Ele se mexe um pouco, sua respiração parando e recomeçando.

"Padre?" Eu sussurro.

Ele solta um gemido baixo e me puxa para mais perto dele, esfregando o nariz pelo meu cabelo e pela parte de trás do meu pescoço enquanto ele pressiona seu pau contra mim, já duro e quente.

"Você accordou cedo", ele murmura.

"Eu pensei que você não dormisse."

"Só depois que você me cansar", ele diz. Ele se ajusta e escova meu cabelo para trás das orelhas, mordiscando delicadamente a concha. Meu corpo imediatamente responde a ele, faminto, como se ele estivesse descobrindo uma fome anteriormente adormecida.

Mas não quero me submeter ainda. Não posso, ou vou perder a coragem e o foco.

"Padre, quero te perguntar uma coisa. Algo importante."

Ele fica parado. "Tudo bem."

Respiro fundo, mas seus braços me seguram firme.

"Estou pensando sobre isso... talvez não por muito tempo, mas não acho que seja algo em que precisamos nos concentrar."

O silêncio gira em torno de nós enquanto ele espera que eu continue, sua respiração suspensa.

"Você é imortal", eu digo. "E eu não sou. E não acho justo que um imortal e um mortal possam se apaixonar."

Ele limpa a garganta depois de um momento. "Nada é justo. Nós dois sabemos disso bem."

"Mas... e se houvesse uma maneira de contornar isso?"

Ele enrijece ao meu lado e se move para que sua mão esteja no meu braço e ele esteja olhando para mim, a cortina preta de seu cabelo longo fazendo cócegas na minha pele. "Que jeito é esse?"

"Me transformar em um vampiro."

Ele pisca para mim e então me dá o sorriso mais incrédulo e azedo. "Você sabe que isso é impossível."

"Impossível?" Eu me sento, quase batendo minha cabeça no fundo do beliche. "Não é. Você está aqui. Você é a prova disso, a prova viva de que você pode ser

transformado."

O azul em seus olhos se transforma em gelo enquanto seu olhar endurece. "Eu era —"

"Um monstro. Eu sei. Nós sabemos."

Ele olha para mim e solta um rosnado irritado.

"Mas você era humana antes. Uma bruxa, talvez, mas uma humana. Você era mortal. Você foi transformada e se tornou o monstro. Mas eu não sou humana. Eu também sou um monstro. Meu corpo foi capaz de lidar com ser humana e Syren ao mesmo tempo, então eu deveria ser capaz de lidar com ser um Vampiro também."

"Não," ele diz, balançando a cabeça veementemente. "Absolutamente não."

"Mas e se eu implorar?"

"Larimar," ele diz bruscamente, agarrando-me pelo queixo e me segurando ali enquanto me lança seu olhar raivoso. "Eu não vou fazer de você uma criatura tão suja e vil quanto a que eu sou."

"Mas você vai me transformar em um Vampiro? Se houvesse uma chance de eu beber sangue e viver para sempre ao seu lado? Você me daria isso?"

"Não há chance de isso acontecer sem perder sua alma no processo."

"Como você pode ter tanta certeza?"

"Você pode falar com Abe sobre isso se não acredita em mim. Ele viu em primeira mão. Foi sua vocação, sua vida inteira. Quando ele me deixou para trás no Chile, ele voltou para salvar e reabilitar mais de nós. Ele sabe o quanto fútil e perigoso é seu pedido."

"Tudo bem," eu digo secamente. "Eu vou falar com o médico sobre isso."

Seus olhos se estreitam. "Larimar."

"Ou é que você não me quer ao seu lado para sempre? Só por cem anos para que você possa seguir em frente com outra pessoa."

Eu esperava irritá-lo um pouco, querendo uma reação, mas eu não estava preparada para a que tive.

Desespero abjeto estampado em seu rosto.

Seus ombros caem, sua mão treme levemente enquanto se move ao longo do meu mandíbula para segurar minha bochecha.

"O fato de que você não estará ao meu lado até o fim dos tempos é a cruz mais pesada de carregar. É uma que eu nem me permito pensar, porque se eu pensasse, acho que não conseguiria sobreviver. Eu seria transformado de volta em um louco. A ideia de que, um dia, terei que te perder é... minha versão de condenação eterna."

Sua voz é crua, fraturada, e acho que vejo as bordas de uma rachadura se formando ao redor dele também, como se todo o seu ser estivesse à beira de desmoronar na minha frente. O lado egoísta de mim — meu próprio monstro — quer empurrar essa rachadura até que ela quebre, para que ele caia em pedaços do jeito que ele me fez quebrar.

Mas o lado humano me mantém acima desses baixos morais.

Porque eu o amo.

E mesmo que haja uma mesquinharia dentro de mim que ainda quer que ele sofra pelo que ele fez comigo, eu o amo demais para fazer isso.

"Então deixe-me", eu sussurro para ele, estendendo a mão e arrastando meus dedos ao longo do cabelo espetado de sua barba. "Deixe-me viver com você e amar você através do tempo."

Ele fecha os olhos e move o rosto para o lado, pressionando os lábios na minha palma. "Larimar. Minha deusa do mar. Meu peixinho. Você é minha pela eternidade, estendendo-se pela vida e pela morte. O amor não morre, não como os mortais morrem. Ele é eterno em si mesmo."

Eu passo meu polegar sobre seus lábios macios. "Eu vou falar com Abe," eu sussurro. Seus olhos se abrem, brilhando como uma tempestade. "Eu não vou permitir."

"Você não pode me impedir de fazer nada," eu digo docemente, sorrindo algo perverso agora. "Uma palavra para Ramsay e Maren, e você estará de volta acorrentado."

"Você não ousaria," ele ferve.

"Eu faria se você tentasse me impedir," eu o aviso. Então, eu dou a ele meu sorriso mais tímido. "Além disso, você gostava de estar acorrentado. Você gostou exatamente

do que eu fiz com você. Eu acho que há provas do quanto você gostou de manchar o chão."

Ele rosna para mim.

Eu rosno de volta.

De monstro para monstro.

OceanofPDF.com



Uma semana
do Capítulo Trinta e Quatro
LARIMAR

passa num piscar de olhos, como se o tempo não tivesse passado. A vida no mar se tornou reconfortante e monótona, o mesmo dia após dia fora, o clima se manteve estável, além das ocasionais ondas pesadas que rolam.

Naquela semana, tentei convencer ainda mais Priest a me transformar em um Vampiro.

Ele se recusa terminantemente a ter a conversa.

Não posso culpá-lo de forma alguma.

E ainda assim, continuo tentando — em parte porque toda vez que faço isso, ele usa o sexo para

me calar. Não tenho certeza se ele percebe como me treinou, mas nenhum de nós está reclamando no final.

Hoje à noite, no entanto, decidi procurar Abe. Priest não sabe meu plano, e esperei o momento certo para ter privacidade para fazer isso.

No momento, Priest está jogando cartas com Ramsay e Thane, e estou esperando a chance de sair e dizer que vou falar com Maren.

Mas Maren me disse que está tirando uma soneca durante o jogo, como sempre faz, roubando um pouco de silêncio. Eu planejo falar com ela sobre meu plano, porque isso pode envolvê-la também — se for possível, ela gostaria de se tornar uma vampira também? Se juntar a Ramsay pela eternidade? Eu presumo que sim,

porque os dois estão terrivelmente apaixonados, mas ela mudou muito ao longo dos anos. Sua busca por aventura se acalmou um pouco, talvez porque ela esteja vivendo isso todos os dias.

No entanto, eu poderia vê-la como uma Vampira, sugando o sangue de humanos como uma criatura da noite. Seria adequado para ela. Acho que seria adequado para todas as Syrens.

Espero até que as bebidas estejam fluindo e Priest comece a ganhar algumas rodadas do jogo, o que me garante que ele não vai desistir de repente, antes de me desculpar e desaparecer no navio. Encontro Abe exatamente onde pensei que ele estaria: no convés, no ninho do corvo. Ele gostou bastante de observar o mar daquela altura, provavelmente estudando todos nós correndo abaixo dele como formigas.

"Abe!", grito no mastro. "Você tem um momento?"

Vejo seu esfregão vermelho espiar pela lateral. "Quer que eu desça?"

"Eu vou subir!"

Nunca subi no mastro antes, mas acho que não deve ser difícil. Uma mão sobre a outra.

Mas na metade do caminho, tenho que parar, meus músculos tremendo. Ainda estou ganhando força novamente, este corpo ainda é novo, e eu nunca escalei nada antes. Tenho que respirar fundo algumas vezes antes de continuar subindo, acalmando meus nervos e músculos trêmulos.

Finalmente, alcanço Abe na pequena plataforma de madeira, meu coração martelando no peito. Aposto que os Vampiros não fazem tanto esforço. Tudo que eles fazem é fácil.

"Com medo de altura?" Abe me pergunta enquanto me inclino para trás contra o mastro, longe da grade.

"Não é diferente de olhar para o abismo do oceano", eu digo.

"Mesmo que nadar e cair para a morte sejam completamente diferentes?"

Dou a ele um olhar sujo. "Vou tentar não pensar na diferença."

Ele me encara com diversão. "O que posso fazer por você, Larimar? Imagino que seja sobre Aragon?"

"Você pode me transformar em um Vampiro?" Pergunto, sem me importar se estou sendo direta.

Ele não parece surpreso com a pergunta. "Você está perguntando se eu posso?"

"Padre. Você. Alguém nesta nave."

"Você quer se tornar um de nós? Porque eu acho que você já é um membro honorário dos Brethren."

"Eu quero viver para sempre", eu digo a ele. "Eu não quero perder o Padre. Eu quero estar ao lado dele por toda a eternidade."

Ele coça o cabelo castanho escuro no queixo e olha para o pôr do sol. "Sim, eu suponho que o amor faz isso com as pessoas."

“Você consegue?”

“Você já discutiu isso com o Priest?”

Eu aperto meus lábios e aceno.

“E eu presumo que ele seja contra a ideia.”

“Ele diz que eu me tornaria um monstro. Eu me tornaria um?”

“Bem, você pode ver por que ele pode pensar isso. Foi o que aconteceu com ele.”

“E na sua experiência, é isso que sempre acontece?”

Ele me encara por um momento, aparentemente imerso em pensamentos.

“Sabe, Larimar, você me surpreende.” Ele faz uma pausa por um momento. “Sua constituição é bastante surpreendente,” ele diz, colocando as mãos nos bolsos.

“Sua disposição de abraçar tudo. Sua devoção à sua irmã, àqueles que você ama. Você vive a vida para experimentá-la, e não deixa nada afastá-la. Você é uma pequena alma feroz e corajosa, e eu posso ver por que Aragon se apaixonou tanto por você.”

Tenho que admitir, fico um pouco emocionado ao ouvi-lo dizer essas coisas. “Eu não acho que alguém já tenha me observado assim.”

“Esse é o meu trabalho,” ele diz com uma risada. “É o que eu faço. É no que eu sou bom. Mas não descarte Aragon. Ele vê você também, todos vocês. É por isso que ele te ama, e a última coisa que ele quer é colocar isso em risco. Ele não está preocupado com você enlouquecendo no navio e machucando alguém — ele está preocupado que você perca tudo o que a torna bonita. Sua alma.”

O calor sobe pelas minhas bochechas. “Seria legal se ele me dissesse isso.”

Ele ri. “É fácil para mim te dizer porque sou um observador casual. Eu não tenho nada em jogo. Meu coração não está em jogo. É difícil para Aragon por causa do jeito que ele é, das maneiras como ele se quebrou e se recompôs. Isso torna tudo muito... mais difícil. Mas você sabe que ele se sente

assim, você pode ver. Todos nós podemos. E as ações falam mais alto do que qualquer uma das palavras que acabei de falar.”

Penso nisso por um momento, olhando para o horizonte enquanto o sol começa a se pôr, o azul do céu se aprofundando, me lembrando dos olhos do Priest, a maneira como eles escurecem com a luxúria.

“Uma vez, um monstro do monastério escapou”, Abe relembra. “Estábamos todos tão preocupados. Já tinha acontecido antes, com consequências desastrosas, e achamos que seria o mesmo, um rastro de sangue e partes de corpos deixados em seu rastro. Mas enquanto havia sangue... encontramos algo surpreendente.”

“O quê?”



“Nós encontramos o monstro. Ele mordeu um humano, transformou-o em um monstro. A besta dentro dele disse que queria a companhia. O estranho foi que ele não criou outro monstro. Ele apenas criou um Vampiro.

Claro, o homem era um pouco selvagem, eu acho. Tinha um apetite voraz, mas ele não se transformava fisicamente, e ele estava no controle de si mesmo. Ele sabia quem ele tinha sido e quem ele ainda era. Nós nunca descobrimos se ele acabou se tornando imortal, pois um dia ele foi embora com o monstro que o entregou a reboque,

para viverem felizes juntos.”

Eu o encaro. “Por que você não me contou isso antes? Por que você não contou ao Padre?”

“Porque nenhum de vocês mencionou querer transformá-lo em um Vampiro.”

“E Maren?”

“Ela não sabe.”

Eu estendo a mão e o agarro pelo colarinho, minhas garras saindo e cravando em sua pele. “Você precisa contar a ele,” eu rosno. “Você precisa dizer ao Priest o que ele pode fazer. Você precisa fazer com que ele me transforme em um vampiro, transforme

Maren em uma também para que ela possa viver para sempre com Ramsay.”

Seu queixo se move para dentro enquanto ele tenta olhar para minhas garras o segurando.

“Tenha em mente que eu só tenho essa evidência anedótica para apoiar minha teoria. Aconteceu uma vez. Eu nunca vi outro monstro transformar um humano depois daquilo. Monstros geralmente os matavam. Nunca é uma decisão sábia basear as coisas

em um resultado anterior.”

“Mas agora esse é um risco que vale a pena correr,” eu digo a ele. “Priest tem que ver isso.”

“Então você terá que contar a ele,” ele diz calmamente. “E eu serei o único a respaldar sua afirmação.”

“Bem, nós faremos isso hoje à noite então,” eu digo a ele enquanto começo a descer do mastro.

“Apenas perceba o que a imortalidade significa, Larimar,” Abe grita atrás de mim. “Isso significa que você ainda vive depois que o mundo foi queimado até o chão.”

“Eu viverei em uma Terra arrasada se isso significar ter Priest ao meu lado.”

Eu o ouço suspirar, e então sigo pelo mastro.

Eu marcho direto para a cozinha onde Priest e os piratas se reuniram, pegando uma faca do balcão de Sedge enquanto caminhou. Eu tenho que pensar rápido, agir rápido. Vampiros se movem como um borrão; eles vão me parar se tiverem alguma ideia do que estou prestes a fazer. E se eu pensar mais nisso, vou perder a coragem. Eu tenho que arriscar. Eu tenho que ser o único a fazer isso. Eu tenho que forçar a mão de Priest. Acima de tudo, eu preciso ter fé. Fé em um deus desconhecido, fé no destino, fé de que minha própria força vai me salvar e me ajudar, que eu vou sair disso não mais um monstro do que eu já era. Eu marcho pela sala, Priest, Ramsay e Thane todos se virando para me ver me aproximando. Priest percebe a faca na minha mão, e seus olhos se arregalam, a boca cai aberta. Ele provavelmente pensa que estou aqui para matá-lo. Respiro fundo, levanto a faca e a levo até meu peito, descendo em direção ao meu coração em um movimento cortante e penetrante. Assim que Abe grita atrás de mim para parar. Mas ele não precisava. Porque Priest é mais rápido do que eu pensava que seria. No momento em que a ponta da faca pressiona a pele do meu peito, Priest passou de sentado à mesa segurando um monte de cartas para segurar a lâmina da faca em si, as cartas ainda caindo no ar, uma reação tardia à sua velocidade. "Não", ele rosna para mim, segurando a lâmina de modo que ela esteja cortando sua própria palma, seu sangue escorrendo para meu peito. "Não." "Larimar", Abe me repreende por trás. "Eu não disse para você se matar. Meu Deus." "Eu não estava tentando me matar", eu praticamente choramingo. Eu solto o cabo da faca, e Priest a afasta de mim. "Eu só estava tentando fazer Priest me escolher." "Escolher você?" Priest pergunta enquanto Ramsay tira a faca de sua mão ensanguentada. "Para ser sua para sempre. Para se tornar um Vampiro." "Larimar," ele grita comigo. "Nós já falamos sobre isso." "E Abe sabe de algo que você não sabe."

"De minha parte, não sei o que diabos está acontecendo", diz Ramsay.

"Larimar quer se tornar um vampiro? Claro, você está brincando. Você sabe o que aconteceria com você."

"Explique, Abe", eu digo.

Espero que Abe solte um suspiro desanimado, mas, em vez disso, ele conta aos outros o que me disse no ninho do corvo. O tempo todo, Priest fica em silêncio, sua expressão cautelosa enquanto absorve todas as informações. Finalmente, no final, ele diz baixinho para Abe: "Por que você não me contou isso antes?"

"Você nunca perguntou", ele diz. "Eu não pensei que isso surgiria."

"Então..." Ramsay começa, "isso significa que Aragon pode transformar Maren em uma vampira também."

"Você não está considerando isso seriamente", Priest diz a ele, seus olhos brilhando.

Ramsay dá de ombros. "Eu amo minha esposa. Eu a quero por todos os meus dias. Por que

eu não iria querer que ela se tornasse uma Vampira? Por que eu não traria a imortalidade dela se eu pudesse?"

"Ramsay," Priest diz, avisando-o.

"O quê? Eu nunca considerei isso porque, como todos sabemos, ela seria destruída no processo. Mas se o que o médico diz é verdade..."

"E é verdade," Abe aponta. "Mas devo reiterar que dificilmente foi um estudo controlado. Aconteceu uma vez. Pode não acontecer novamente."

"É um risco que você quer correr?" Priest pergunta ao capitão.

"Tudo é um risco," Thane murmura, falando. "Mesmo a imortalidade não é uma garantia. Temos que arriscar, ou morreremos de qualquer maneira."

O silêncio cai sobre nós. Todos nós sabemos que ele está falando sobre Sam.

"Você pode fazer o que quiser com Larimar," Ramsay diz a Priest. "Mas meu desejo, meu pedido, é que você nos conceda uma vida inteira juntos. Quero que você transforme Maren em uma Vampira."

O padre balança a cabeça. "A responsabilidade se algo der errado..."

"É minha", Ramsay diz determinado. "E de Maren também. Essa será a escolha dela no final."

"Qual é a minha escolha?"

Nós nos viramos para ver Maren parada na entrada da cozinha.

Ela caminha lentamente pelo corredor, observando nossas expressões. "O que está acontecendo?"

Ramsay se aproxima dela com um olhar apaixonado, segurando o rosto dela em suas mãos. "Se você pudesse viver para sempre, assim como eu, como uma Vampira,

você faz isso?"

"Mas é claro," ela diz rapidamente. "Nós conversamos sobre isso. Mas isso nunca foi uma opção." Ela olha para Priest. "Por causa do que eu me tornei."

"E se não tivesse que ser assim?" eu digo a ela. Ramsay tira as mãos do rosto dela enquanto ela se posiciona em minha direção. "E se Priest tivesse a habilidade de transformar você em um vampiro e apenas um vampiro?"

"Porque ele é uma bruxa?"

"Isso pode ajudar," Abe observa.

"Porque eu já sou uma fera," Priest diz amargamente. "Porque eu fui transformada. De acordo com o médico, é uma espécie de dom."

"E eu ainda acho que o fato de já sermos monstros, Syrens, significa que estamos acostumados a manter o controle," eu digo a ela. "Nós nunca fomos humanos para começar."

Maren caminha até Priest, e eu posso ver a esperança crescendo em seus olhos a cada passo. "Você poderia me transformar em um imortal? Um bebedor de sangue? Você faria isso por mim?"

Agora Priest parece encurralado. "Eu nunca disse que faria."

Seus olhos brilham com determinação. "Mas você faria? Estou perguntando a você, Aragon."

Ele não diz nada por um momento, e eu não sei o que ele está pensando.

"É um risco."

"Eu gosto de riscos," ela diz com um sorriso lento. "Assumir riscos me deu a vida que eu queria."

"Eu tenho que implorar?" Ramsay diz. "Fique de joelhos e tire seu pequeno pau das suas calças?"

Com isso, Priest se irrita, dando a ele o olhar mais ofendido enquanto Abe e eu caímos na gargalhada.

"Eu faria qualquer coisa pela minha senhora," Ramsay acrescenta, colocando o braço em volta da cintura de Maren e segurando-a para ele.

Sacerdote olha ao redor da sala. Até agora, ele é o homem estranho.

Há uma batalha dentro dele, uma necessidade de permanecer piedoso, uma necessidade de evitar a culpa.

Então, ele fecha os olhos e passa as mãos no rosto.

"Tudo bem", ele admite.

Maren e Ramsay soltam suspiros felizes.

"Mas você não ficará feliz quando ela se tornar um monstro", ele resmunga.

"Eu a pegarei de qualquer maneira, forma ou formato", Ramsay diz com um sorriso.

"Tudo bem, então", Abe diz, batendo palmas, "acho que devemos começar." Ele faz uma pausa. "Como devemos começar?"

"Bem, eu tenho que matá-la", Priest diz.

"Isso é macabro", Thane murmura baixinho.

"E então trazê-la de volta à vida", Priest acrescenta.

"Hmmm", Abe diz. "Matá-la ou levá-la à beira da morte? Essa é uma distinção sutil a ser feita."

Priest olha para mim. "E você está bem comigo fazendo isso com sua irmã?"

Eu aceno. "Se é o que ela quer, sim."

"E então você pode transformar Larimar", Ramsay diz a ele.

Se for um sucesso, é o que Ramsay não acrescenta, mas ele não precisa.

Todos nós sabemos o que está em jogo.

"Onde está aquela faca?" Abe pergunta. "Precisamos disso de novo."

Tudo depois disso acontece bem rápido.

Maren é obrigada a se sentar em uma cadeira. Há uma rápida discussão sobre como ela deveria morrer. No começo, Ramsay insiste que vai esfaqueá-la no coração, mas então ele muda de ideia, e Priest diz que vai fazer isso. Então, Abe sugere que uma facada no coração pode resultar em morte instantânea, muito menos trauma para

Maren, então a melhor maneira é cortar uma artéria para que ela sangre rápido. Isso dá tempo suficiente para ela morrer lentamente, mas não morrer.

Claro, enquanto tudo isso acontece, estou lutando com o fato de que tudo isso foi ideia minha, e se algo der errado, será minha culpa. Eu queria me tornar um Vampiro, mas não queria envolver Maren dessa maneira. Eu queria discutir isso com ela em particular primeiro, para ver se funcionaria em mim. Eu queria ser o sacrifício, não ela.

Mas não foi assim que aconteceu.

E agora, estou com tanto medo que talvez essa não seja a melhor ideia. Talvez precise haver outra instância disso funcionando além daquela que

Abe forneceu. Talvez todas essas esperanças sobre Syren domar o monstro sejam apenas uma tentativa de alcançar algo.

"Eu deveria ir primeiro", eu deixo escapar enquanto Abe segura a faca, pronta para fazer um corte

ao longo do pescoço dela com precisão cirúrgica.

Maren balança a cabeça levemente, atenta à lâmina abaixo dela. "Se não fosse por mim, você não teria se apaixonado por um imortal de qualquer maneira. E se

não fosse por você trazer Aragon para nossas vidas, eu não teria a chance de ficar com meu amor para sempre."

Ela vira o olhar para Ramsay e lhe dá o olhar mais adorável.

Ele o devolve, dez vezes mais.

E então Abe corta seu pescoço.

Ela grita, suas mãos vão automaticamente para seu pescoço para parar o sangramento.

Eu corro para frente por puro instinto, tentando salvá-la, mas Thane tem seus braços ao redor de mim, me segurando. "Deixe seu amante fazer o trabalho dele," ele diz em meu ouvido. "Deixe-o salvá-la."

E então, eu observo.

Eu observo enquanto o sangue flui do pescoço de Maren e ela fica mais pálida, Ramsay segurando sua mão e persuadindo-a, como se estivesse em um parto reverso. Então, Abe acena para Priest dar um passo à frente, assim como a luz nos olhos da minha irmã

começa a diminuir, e um medo escuro e sombrio entra em meu coração.

Priest pega a faca de Abe e corta seu pulso.

Mais sangue escorre.

Ele segura o pulso na boca de Maren enquanto Ramsay abre os lábios

"Beba", seu marido sussurra em seu ouvido. "Beba, querida, por favor."

E Maren tem vida suficiente para engolir.

Thane me solta, mas estou segurando-o agora para me confortar, e nós ambos ficamos ali, observando e esperando e...

Os olhos de Maren se fecham.

Ela para de engolir.

Carmesim escorre do canto de sua boca.

E então...

Ela suspira, um suspiro horrível, um estertor de morte.

Seus olhos se abrem e, por um segundo, eles ficam vermelhos, um carmesim brilhante, e

então eles voltam ao azul enquanto ela se senta ereta.

Sua mão voa para agarrar Ramsay, e então ela salta para fora da cadeira e pula sobre ele, derrubando-o no chão.

Ela vai para sua jugular, e eu vislumbro presas enquanto rio.

Eles conseguiram.

Funcionou.

"Joseph saltitante!" Abe grita. "Ela é uma vampira!"

"Posso ser condenado, funcionou", Thane diz em silêncio e admiração. "Eu vou ter uma cunhada pelo resto da minha vida."

"Ela vai estar ocupada tentando se saciar com ele", diz Abe. "Eu acho que ela vai precisar de sangue humano depois de um tempo, mas o de Ramsay será o suficiente para

sustentá-la por enquanto." Ele olha para mim. "Mas você, Larimar, você será capaz de se alimentar de Priest, assim como ele é capaz de se alimentar de você. Ele já foi humano, e ele

sempre carregará essa parte com ele."

"Eu nunca disse que faria o mesmo com Larimar", Priest diz rispidamente, teimoso como sempre.

Mas quando eu caminho até ele e coloco minha mão sobre o sangue que flui de seu pulso, agora reduzido a um fio, a expressão em seu rosto estoico suaviza.

E ele cede.

"Não me faça implorar para fazer parte da sua vida", eu digo a ele.

Ele consegue dar um sorriso fraco. "Mas você sabe que eu gosto quando você implora." Abe traz a faca, segurando-a como uma oferenda. "Estou pronto para fazer as honras novamente."

"As honras são todas minhas", diz Priest, pegando a faca dele. "Ela é minha para machucar e somente minha. Ela é minha para transformar. Ela é minha. Para sempre."

Ele me senta na cadeira. Continuo olhando para Maren, para a criatura feral que ela se tornou enquanto chupa o pescoço de Ramsay, mas ele parece estar gostando, e de vez em quando ela solta suas presas para lhe dar um beijo apaixonado e sangrento, sorrindo para ele como uma jovem apaixonada. Basta dizer que ela não é mais um monstro do que era antes.

"Tem certeza de que quer que eu faça isso?" Priest pergunta, mas ele não parece mais inseguro de si mesmo. Em vez disso, ele parece ansioso. Animado.

A eternidade espera na ponta da faca.

"Sim", eu digo a ele.

Ele pressiona a lâmina contra meu pescoço.

"Espere, espere!" Eu grito, cuidadosamente. "Beije-me primeiro."

Ele sorri para mim e se inclina para um beijo longo, profundo e apaixonado, do tipo que faz meus dedos dos pés se curvarem.

"Eu te amo", ele sussurra contra minha boca. "Sempre e até o fim, qualquer que seja o fim."

"Eu te amo", eu digo de volta, dando-lhe outro beijo rápido em seus lábios, o lado de sua boca, seu queixo. "Sempre e até o fim, qualquer que seja o fim."

ser."

Nós olhamos nos olhos um do outro por um momento, perdidos um no outro, corações entrelaçados, murmurando tudo o que precisamos saber.

E então ele passa a lâmina pelo meu pescoço.

OceanofPDF.com



"T

Capítulo Trinta e Cinco

PRIEST

que foi um grande risco que você correu," Abe diz em tom de reprovação, mas quando eu

olho para ele, ele parece mais impressionado do que qualquer coisa.

Eu tento dar de ombros, como se não fosse nada, como se eu não me sentisse como o próprio

Deus com o futuro da humanidade em jogo. Se eu tivesse escorregado, se eu tivesse transformado Larimar em um monstro, então eu teria me tornado o Diabo, liberando mais de seus asseclas no mundo.

Mas eu não fiz.

"Eu só tentei encontrar uma solução para o que ela queria," eu digo a ele. "Para o que nós dois queríamos."

Estamos sentados em cima de uma pilha de caixas no meio do navio, consertando redes de pesca para Sedge. Embora Larimar e Maren sejam bebedores de sangue agora, eles ainda gostam de comer comida humana e comida Syren,

e peixes são um meio termo. Às vezes, as irmãs saltam do navio juntas e encontram os peixes elas mesmas, mas estamos navegando em um ritmo rápido

hoje, e se pudermos arrastar essas redes atrás de nós, podemos pegar o suficiente para

que Sedge possa preparar um banquete.

"Sim, mas que soluções são tão simples quanto conceder a imortalidade a alguém", ele diz. "Você não poderia saber que isso funcionaria."

"Eu não sabia", eu digo a ele. "Mas você sabia."

"Eu apenas tinha uma hipótese", ele diz com uma fungada. "O risco ainda era seu para assumir."

Eu suspiro. Imagino que, embora Larimar tenha conversado com Abe em particular sobre os desejos dela, ele ainda finge que não estava envolvido, como se não fosse ele que usou a faca em Maren. Mas o médico gosta de meter seus dedinhos pegajosos em tudo.

Decido seguir em frente. "Imaginei que eles também são monstros. Eles sabem como controlar esse lado deles que os humanos não sabem. Que eu nunca conseguiria. O candidato perfeito para transformar alguém em um vampiro que pode manter sua sanidade."

"Falando nisso", ele diz, abaixando a voz. "Você vai ter que testar a besta eventualmente."

Eu enrijeço com isso. Por algum tempo, Abe teve a ideia de tentar deixar o monstro sair de propósito, mas nós dois sabemos que não parece funcionar assim. Emoções intensas foram o que trouxeram a besta para a frente de Larimar naquela época, mas isso estava além do meu controle. De qualquer forma, acho que

aprendi a controlar o que sinto por ela. Não deixo que isso me assuste mais.

Não estou mais fugindo do fato de que estou apaixonado por ela. Quando se trata de amor, ela é a predadora e eu sou a presa, e desta vez, eu me deixei capturar de bom grado.

Às vezes, é bom se submeter.

Até certo ponto, em qualquer aspecto. Eu certamente me submeti nessas correntes na outra semana, mas isso foi uma coisa única. Ela é a única acorrentada daqui para a frente.

"Muito arriscado", digo a ele.

"O que é arriscado é o fato de que você não pode controlar isso, e pode ressurgir quando você menos espera. Se você pudesse trazer o monstro para fora, talvez em um ambiente controlado, então você sempre o teria sob seu poder. Você não teria nada a temer." Ele faz uma pausa. "E nem ela."

O médico está certo sobre isso. Mesmo com Larimar sendo uma Vampira, mesmo com sua habilidade Syren de revidar, posso dizer que ela ainda está preocupada com o reaparecimento da besta. Eu a traumatizei naquela igreja. Eu a machuquei e tentei matá-la. Isso é algo difícil de superar, não importa o quanto mudado eu possa parecer, não importa o quanto poderosa ela possa se sentir.

"No mínimo, ela é imortal agora", ele continua, captando o que eu estou pensando, "então mesmo que as coisas dessem errado, as chances são de que ela ficaria bem. Além disso, você tem os Irmãos do Sangue aqui para mantê-la na linha."

Tento me concentrar na rede. "Vou pensar sobre isso." "Bem, é melhor você pensar sobre isso antes de chegarmos à Colônia do Cabo e às Índias Orientais Holandesas", ele diz. "Quando chegarmos ao porto, todos nós temos que nos comportar da melhor forma."

"E eu digo que não é um momento muito cedo", comento com um suspiro. Os humanos no porão estão morrendo. Não há chance de eles chegarem à terra e sobreviverem se forem soltos. Eles morrerão neste navio, apesar das melhores intenções de Maren. Eles provavelmente morrerão em breve — Ramsay sugeriu que atirássemos neles e os afastássemos de sua miséria. Diz que é a maneira humana de lidar com o gado, e suponho que ele esteja certo sobre isso.

Mas com os humanos desaparecidos, isso significa que nós, bebedores de sangue, ficaremos

sem comida. Há uma chance de encontrarmos outro navio, mas Maren tem seus escrúpulos sobre matarmos todos que encontrarmos. É fácil para ela dizer, já que ela consegue sobreviver de comida se as coisas ficarem difíceis. O mesmo vale para

Larimar. Nenhum deles parece precisar de sangue da mesma forma que nós, embora isso não signifique que eles não o desejem da mesma forma.

Mas não podemos manter esse ciclo para sempre. Precisaremos nos alimentar de humanos eventualmente.

Voltamos a trabalhar nas redes, caindo em um silêncio confortável. Pelo menos podemos continuar puxando peixes, e embora isso não vá nutrir a todos, pelo menos ameniza a fome por enquanto.

Já se passaram algumas horas, o sol alto no céu, um dia azul brilhante sem nuvens no Atlântico Sul, onde o tempo bom é difícil de encontrar, quando Maren começa a correr pelo convés. Ela e Larimar estão na proa esse tempo todo, conversando ou fofocando ou trocando dores de crescimento de Vampiros. Ambos têm uma experiência de quase morte que podem compartilhar.

"Ramsay!" ela grita, e percebo que Larimar está correndo atrás dela. "Vire o navio para bombordo!"

"Por quê?"

Ela corre até o leme enquanto Larimar vem até mim, um brilho febril nos olhos. Eu já vi esse olhar antes. Ela tinha esse brilho antes de arrancar o coração daquele soldado e comê-lo.

Enquanto Maren grita com Ramsay sobre algo a ver com Nill e um navio, Larimar me diz: "Nós os encontramos."

"Encontramos quem?" Eu franzo a testa.

"Eles," ela diz, aquele olhar em seus olhos se intensificando tanto que o violeta está ficando rosa brilhante. "Os bastardos que me capturaram e estupraram minha amiga."

Meu maxilar aperta. "Como você sabe que é o navio deles?" Larimar me contou o que aconteceu com ela quando foi capturada pelo outro navio, sobre como ela foi presa por um Syren macho que fez da vida dela um inferno, junto com outro de sua espécie, como ela foi levada a bordo e mantida em uma caixa de vidro e teve que assistir enquanto sua amiga era brutalmente estuprada,

tanto que ela alcançou seu próprio coração e o arrancou, a única maneira de escapar que ela conhecia. Os mesmos humanos sangrentos que então acorrentaram Larimar ao

leme — uma tortura conhecida como keelhauling para meus companheiros piratas — e a deixaram

lá para morrer... ou encontrar um destino muito pior no porto.

"Nill viu", ela diz. "Ele saiu em busca de qualquer navio que pudesse ser usado para, bem, sustento. Ele reconheceu o nome e a bandeira. O Gelderland. Podemos pegá-los, Priest. Podemos pegá-los e matar todos eles."

Não consigo evitar o sorriso vingativo dela. "A bombordo!", grito de volta para Ramsay.

Mas ele já está dando ordens e girando o leme, e todos começam a correr e ajustar as velas, gritando: "Sim, sim, Capitão!"

"Bem, isso certamente ajudaria nosso estoque esgotado", diz Abe.

"Sim, mas desta vez, não estamos ouvindo Maren", digo a ele. "Estamos levando todos eles a bordo, torturando-os o quanto quisermos e bebendo até nos fartar. Eu pessoalmente vou arrancar as cabeças de qualquer um dos homens

que sequer olharam para você", rosno para Larimar. "Mije nas malditas gargantas deles."

"Não se eu chegar neles primeiro", diz ela, levantando o queixo.

Meu Deus, eu poderia beijá-la agora mesmo.

Então, estendo a mão e agarro seu rosto, e faço exatamente isso.

"Maravilhoso como um assassinato faz vocês dois se tornarem pombinhos", Abe comenta secamente. "Acho que eu deveria ir e dar a vocês dois um pouco de privacidade, ver se mais alguém precisa da minha ajuda."

Ele sai, mas eu mal percebo.

Eu a beijo profundamente, famintamente, sentindo tanto a necessidade física por ela quanto o

desejo que tenho por sua alma. Se eu pudesse jogá-la no convés e devastá-la na frente de todos, eu faria, mas ela ainda é uma dama, mesmo que ela seja um monstro também.

Ela se afasta, seu rosto corado e respirando com dificuldade, e nesta forte luz do sol que machuca meus olhos, ela é a criatura mais linda de todo esse

mundo.

E ela é meu mundo inteiro.

"Podemos matá-los todos juntos", ela diz. "Você bebe o sangue deles, eu como os corações deles, e talvez possamos foder em cima dos corpos deles."

Eu me inclino e gemo em seu pescoço, meu pau ficando dolorosamente duro.

"Se você não tomar cuidado, não vou durar tanto tempo."

Ela se abaixa e esfrega a mão sobre as linhas rígidas, pressionando até que isso arranca um suspiro dos meus lábios, e eu balanço em sua mão.

"Aragon!" Thane grita. "Larimar! Precisamos que vocês dois se concentrem!"

Eu o encaro por cima do ombro de onde ele está manejando as velas com Cruz. "E eu preciso que você desvie o olhar de vez em quando e finja que não estamos aqui."

Mas por mais que eu queira foder Larimar aqui, agora, há caos girando ao nosso redor em todas as direções. A tripulação inteira está zumbindo como uma

tempestade elétrica, animada para uma luta, sua fome por sangue fresco os impulsionando.

Eu me endireito e aperto sua mão.

Não vou deixar que nada aconteça a ela. Sei que as batalhas às vezes tirarão a vida dos imortais, como o que aconteceu com a esposa de Thane, então vou ser extremamente cauteloso. Claro, vou deixá-la festear e beber, mas serei eu quem matará todos e cada um desses homens.

Tudo o que posso dizer é agradecer ao Senhor por ter ouvido seus apelos e a transformado

em uma vampira. Se não tivesse, as chances de ela se machucar ou morrer seriam muito maiores.

Sim, uma voz sussurra dentro de mim, uma voz que eu não ouvia há muito tempo.

De repente, fico parado, com medo de me mover.

"O que foi?", pergunta Larimar.

Não quero assustá-la. Agora não. Agora não. Não posso assustá-la; não posso perdê-la.

O pânico começa a me arranhar.

Isso não pode estar acontecendo de novo.

"Estou bem", consigo dizer, embora as palavras sejam um sussurro.

Abe! Eu grito na minha cabeça. A fera está falando!

Já vou, ele diz, e corre para o meu lado em segundos.

"O que está acontecendo?" Larimar pergunta, olhando entre nós dois, sua voz aumentando.

Abe olha para ela. "Nada, querida. Só um pouco de sigilo médico-paciente. Você se importaria em nos dar um momento? Você entendeu."

Eu aceno para ela continuar, e ela continua, relutantemente caminhando pelo convés em direção ao leme enquanto continua lançando olhares preocupados para mim por cima do ombro.

O que aconteceu? Abe pergunta, colocando a mão no meu ombro. Olhe para mim. O que aconteceu?

Eu encontro seus olhos. Eu ouvi a voz. Dela.

O que ela disse?

Ela disse sim.

Para quê?

Eu estava pensando em como eu era grato por ouvir Larimar. Agora que ela é imortal, eu não preciso me preocupar tanto com ela se machucando ou morrendo durante uma batalha.

Um bom ponto, ele diz com um aceno. E ela disse sim a isso?

Eu aceno.

Nada mais?

Não.

Ele franze a testa, as engrenagens atrás de seus olhos girando. Você pode falar com ela? Pergunte

algo.

O quê?

Faça um acordo com ela. Escolha algo que o beneficiaria. Descubra como você pode estar no controle. Essa pode ser sua chance, Aragon.

E se, ao falar com ele, eu estiver apenas convidando-o a entrar?

Então convide-o a entrar. É disso que estamos falando. Este é o ambiente controlado.

Eu não deveria estar acorrentado primeiro?

Você não acha que isso começaria as coisas com o pé errado, ficando na defensiva desse jeito?

Eu franzo a testa para ele. Você está do lado do monstro ou do meu?

Ele me dá um pequeno sorriso condescendor. Eu conhecia o monstro antes de conhecer você. Vocês são um e o mesmo. O fato de ele ter dito sim, concordando com você quando você disse que era bom que Larimar fosse imortal agora, significa que ele quer estar do seu lado. Ele sabe que não pode realmente machucá-la agora.

Isso não é exatamente verdade. A besta poderia morder sua cabeça ou arrancar seu coração. Mas eu nem quero pensar nisso, para não dar a ele alguma ideia.

Fale com ele, Abe insiste.

Olho em volta. Todos estão prestando atenção no mar enquanto o Nightwind navega em perseguição ao navio holandês. O único que está olhando para nós é Larimar.

Tudo bem, digo e fecho os olhos. Abe mantém a mão no meu ombro para me firmar, e embora eu seja grata por isso, também me sinto muito boba, parada aqui no meio do navio assim enquanto todos os outros estão correndo por aí.

Você está ouvindo? Pergunto à fera, procurando pelos espaços escuros bem no fundo lá dentro, os lugares que tenho medo de ir, onde sei que meus demônios vivem.

Nenhuma resposta.

E então uma resposta fraca, tão fraca que mal consigo ouvir.

Estou sempre ouvindo.

Tento reunir minha coragem. O que você quer de mim?

Não era a pergunta que eu queria fazer. Eu nem deveria fazer uma pergunta; eu deveria contar a ela os termos do nosso acordo.

Quero que você faça as pazes com seu lado negro, diz a fera. Quero que você faça as pazes comigo.

Você é meu lado negro?

Armand Cruz, ele diz, meu antigo nome me fazendo tremer. Eu sou você.

Mas você veio quando Kaleid... você veio de Kaleid, quando ele me matou, me transformou. Ele te deu para mim.

Ele não fez isso. Eu vim para seu resgate. Você teria morrido se eu não tivesse aparecido. Seu lado negro te manteve vivo. Eu te mantive vivo. Ele me transformou em um imortal.

Mas não é assim que os imortais são feitos. Se eu não tivesse intervindo e feito você ir para o lugar escuro, você nunca teria sobrevivido no mundo.

Você me fez matar minha família! Eu grito dentro da minha cabeça, punhos cerrados ao meu

lado. O aperto de Abe no meu ombro fica mais forte.

Todos nós fazemos coisas que não queremos dizer, ele eventualmente diz. Mas às vezes nós

fazemos coisas que fazemos, coisas que nunca poderíamos entreter, que nunca admitiríamos para nós mesmos.

Eu nunca quis matar minha família. Eu fervo.

Nunca? Oh, houve momentos em que você pensou sobre isso. Quando as crianças eram barulhentas e sua esposa não demonstrava interesse em você. Quando você se ressentia de ter que

trabalhar o dia todo, todos os dias, exceto o dia do Senhor.

Você está errado.

Eu estou certo porque eu sou você. Dentro de cada ser humano há uma grande capacidade para

o mal. Há uma sombra que se forma dentro de nós desde o nascimento.

Você—nós—éramos

bem versado nessas sombras. Nós as usamos em nossa bruxaria. Você chamou a escuridão tantas vezes, Armand, é de se admirar que ela tenha chamado de volta? Eles o chamavam de Armand, o escuro, você se lembra? Você se lembra de toda a magia e os feitiços que você fez que causaram mal aos outros?

Eu nunca machuquei...

Mas eu me lembro agora.

Eu me lembro de ser criança e matar uma cobra com uma espada, cortando-a em pedaços enquanto ela estava viva, não porque eu estava curioso, mas porque eu estava com muita raiva que meu pai tinha morrido tão jovem, e eu queria descontar em algo. A raiva que tomou conta de mim, era como se eu estivesse possuído pelo próprio Diabo, quando eu pensava que era jovem e inocente. Eu cortei e cortei e cortei até que me tornei outra pessoa completamente, e eu vivi com essa culpa todos os dias acordado porque como eu, uma criança, poderia fazer uma coisa tão horrível?

Lembro-me do ciúme fervente que eu tinha do meu vizinho, do jeito que a esposa dele me olhava de um jeito que a minha nunca fez, o suficiente para que eu a roubasse uma noite para um encontro mútuo. Quando ela engravidou, não muito tempo depois, ela veio até mim, e eu tive que fingir que não tinha ideia do que ela estava falando, tive que fingir que nunca tinha falado com ela um dia sequer na vida dela. Lembro-me de sabotar o ferreiro na cidade vizinha, colocando um feitiço nele que o fez perder toda a sensibilidade nas mãos para que eu pudesse assumir os clientes dele. Eu fiz isso, colhendo os benefícios, e nunca dei a ele o seu sentimento de volta. Lembro-me de sentir a raiva incandescente vazando quando meus filhos me desobedeceram e me lembraram que eles eram mais uma boca para alimentar. Eu nunca quis matá-los, eu sussurro por dentro. Você não matou, diz a fera. Mas seu lado negro matou. Aquele que vive

bem lá no fundo, aquele que você nunca quis enfrentar porque se o fizesse, estaria olhando para seu próprio rosto. Você estaria olhando para mim.

Eu balanço minha cabeça. Não.

Sim, ele sibila. E quanto mais cedo você fizer as pazes com isso, melhor será para você. Há uma diferença entre ter esses pensamentos e desejos e agir de acordo com eles. Quanto mais você os afasta, mais forte é a atração. Quanto mais você tenta ser bom, mais eu tento controlá-lo. Somos vítimas de nossas almas quebradas e corações desnutridos. Queremos tanto, cobiçamos, e negamos. Vivemos nossas vidas fingindo ser melhores do que isso, mas não somos. A raiva que me fez viver em cada ser, monstro e

humanos. E de vez em quando, se você tem muito medo de encarar o que você verdadeiramente é, isso será liberado.

Mas há pessoas boas, eu digo. Há pessoas boas no mundo.

Eu as vi. Pessoas altruístas que farão qualquer coisa por outra.

Há pessoas que são melhores do que você, moralmente, espiritualmente. Há pessoas que são mais corajosas do que você também. Mas mesmo as melhores pessoas abrigam

os segredos mais obscuros às vezes. Cada rosto que você olha está travando uma batalha

da qual eles nem sempre estão cientes. E a maioria deles está perdendo.

Silêncio.

Eu me sinto nivelado pelo que a besta acabou de me dizer.

Eu nunca quis... eu...

Mas agora, tudo parece uma mentira.

Eu sou uma pessoa má, não consigo deixar de pensar. Eu sempre fui.

Somos todos maus, diz o monstro. Mas somos todos bons também. Talvez a melhor abordagem seja um pouco de equilíbrio.

Engulo em seco.

Você está bem aí? Abe pergunta, sua voz chocando contra os sussurros roucos da besta. Pelo menos isso significa que ele não pode ouvir nossa conversa. Eu odiaria que ele soubesse o quanto horrível eu realmente era antes de me transformar.

Ele sabe, a besta diz. Abe sabe. Eu sou aquele que tem falado com ele quando você não estava disponível. Ele é um verdadeiro amigo, você sabe. Vê toda a

feiura dentro de você e ainda fica ao seu lado, porque ele não é melhor também. Ele acabou de fazer as pazes com sua escuridão, da mesma forma que você precisará

fazer as pazes com a sua se quiser que coexistamos. Ele faz uma pausa. Se você quiser que eu

concorde com sua barganha.

A barganha.

O que eu ia oferecer a ele?

O que eu queria em troca?

Você queria fazer amigos, a besta diz. Você queria me usar quando você pudesse e manter o controle. Agora mesmo, você está pensando, lá no fundo, que você quer abrir suas asas e voar para aquela nave e derrubar cada pessoa nela, puni-los por seus pecados, puni-los pelo que eles fizeram com Larimar.

Mas eu não quero punir Larimar.

Então eu paro.

Ou eu paro?

Ah, a besta diz. Aí está o progresso. Você quer puni-la.

Engulo em seco e concordo. Quero. Quero puni-la por quebrar sua promessa e por me deixar, mesmo que eu entenda o motivo, mesmo que não seja justo eu me sentir assim.

Mas sentimentos não são justos. E isso é algo que vem com o ser humano também. No entanto, agora que você sabe que quer puni-la, você está com medo de fazer isso?

Penso nisso por um momento, buscando dentro da minha alma. Não, digo honestamente. Não quero machucá-la, a menos que ela me peça. Quero protegê-la com tudo o que tenho. Quero realizar a vingança dela por ela. E assim você pode, diz. Pois você está pronta.

Então, um sentimento escuro e vibrante começa a se formar dentro de mim, e meus olhos

abre. O sol não está mais tão brilhante; em vez disso, o céu escureceu. Abe está me encarando com uma expressão urgente, mais excitação do que preocupação.

"O que aconteceu?", ele sussurra.

Eu balanço a cabeça e olho ao redor. Há um navio muito à distância, e percebo que todos estavam gritando e falando impacientemente, mas eu não tinha ouvido nada. Larimar está na proa agora, Maren ao seu lado, e ela olha por cima do ombro para encontrar meus olhos, levantando sua sobrancelha em questionamento.

"Esse é o navio holandês", eu digo.

"É", diz Abe. "Muito tempo se passou enquanto você estava em sua cabeça."

"Ninguém disse nada?" Eu procuro os rostos da tripulação.

"Oh, todos estão dando a você olhares estranhos, mas não mais estranhos do que o normal." Ele me encara profundamente. "Diga-me o que a besta disse."

"A besta disse que estou pronto."

Abe abre um sorriso largo. "Excelente. Então, por favor, diga, o que você vai fazer sobre isso?"

Eu enrolo meus ombros para trás, sentindo um toque familiar no fundo dos músculos. Algo se move sob minha pele, como se meus músculos e ossos estivessem acordando.

A escuridão se espalha dentro de mim como tinta derramada sobre papel.

Ela penetra em minha medula.

Eu me submeto às sombras.

Eu me torno a besta.

Eu jogo minha cabeça para trás e grito enquanto a dor corre pelo meu corpo quebrado. O mundo fica ainda mais escuro, todo o som agora é um silêncio ao fundo. Eu sei que as pessoas estão correndo até mim para ver se preciso de ajuda; eu sei que algumas estão ficando para trás porque sabem.

Eu deixo a fera assumir.

Só um pouco.

Só o suficiente para meu corpo mudar e meu sangue ferver e a escuridão dentro de mim se entrelaçar com a luz.

Sem mais brigas.

Eu olho para Abe e abro minhas asas. Estou mais alto agora, e o jogo completamente na sombra.

"Bem, olá, velho amigo", Abe diz com um sorriso genuíno e uma gorjeta de chapéu.

"Olá de novo", eu digo, como eu mesmo, como o monstro. "Eu tenho algo que preciso fazer."

Eu começo a bater minhas asas, soprando o cabelo de Abe para trás, tentando voar.

"Não mate todo mundo, Aragon", Abe me repreende. "Parece que já faz um tempo desde que essa tripulação viu uma batalha. Deixe-os se divertir um pouco.

Deixe Larimar

ter sua vingança. E pelo amor de Deus, lembre-se de que precisamos manter alguns vivos para o sangue."

Eu sorrio para ele. Deve ser o sorriso mais feio do mundo.

Então, eu me viro e olho para Larimar, que está segurando Maren em puro medo, Ramsay parado protetoramente na frente deles, pronto para lutar comigo por qualquer meio necessário.

Eu aceno para eles e então começo a bombar minhas asas até que eu esteja voando, voando sobre a lateral do barco e descendo sobre a água, reunindo ar extra das ondas antes de disparar direto para o céu.

A fera me deixa rir.

Não, eu me deixo rir.

Eu vou vingar a mulher que amo.

E eu vou amar cada minuto disso.

OceanofPDF.com



"B

Capítulo Trinta e Seis

LARIMAR

últimos meus olhos!" Ramsay xinga em espanto enquanto Priest voa sobre a cabeça.

Meu Priest, que agora é o monstro mais uma vez.

Meu Priest, que abriu suas asas novamente, uma criatura terrível que tomou os céus.

Por um momento, pensei que poderia morrer.

Eu tinha esquecido que era imortal. Só sou imortal há tanto tempo, é natural pensar que a morte está vindo para você quando ela está bem na sua cara. E seu monstro estava me encarando.

Mas, diferente da vez na igreja, eu vi Priest nos olhos daquela criatura.

Eu vi um homem ainda no controle, um homem com alma.

Um vampiro com asas.

Ele voou em direção ao navio holandês, deixando o Nightwind e sua tripulação em admiração.

E eu já sei o que Priest vai fazer.

Ele vai caçar todos os homens naquele navio.

Ele vai fazê-los sangrar.

Por mais assustado que eu esteja com essa criatura, não quero perder o massacre também.

"Então, esse é o monstro", Maren comenta enquanto fica ao meu lado.

Eu aceno. "Sim. É esse."

Ela solta uma risada seca. "Ele é muito mais assustador do que eu imaginava." Então, ela estende a mão e coloca a mão no meu ombro, como se estivesse se lembrando

do que aconteceu comigo. "Você está bem?"

Dou a ela um sorriso tranquilizador. "Acho que sim. Eu certamente não esperava ver a fera novamente ou tão cedo. Mas me sinto melhor sobre isso do que pensei que faria. Talvez porque ele não veio direto para mim, tentando me matar."

"Ou talvez porque você saiba, no fundo, que é quase impossível matar", ela aponta suavemente. "Eu não sei sobre você, mas ser imortal realmente faz você olhar para a vida de forma diferente."

Ela está certa sobre isso. Desde que Priest cortou minha garganta e me deixou sangrar antes de me trazer de volta à vida como um vampiro, a vida parece diferente.

Não é só que eu vejo mais; as cores são mais vibrantes, posso ver as coisas com mais detalhes, posso ver coisas que estão muito distantes. Não é só que meu olfato, audição, paladar e até mesmo tato foram intensificados — fazer sexo com Priest é quase intenso demais às vezes com todas essas novas sensações.

Não, é algo mais profundo do que isso, mais do que apenas minha recém-descoberta força e poderes. É saber que você tem a eternidade ao seu lado. Isso muda você, te torna mais corajoso, menos medroso do que a vida pode jogar em você.

Embora, devo admitir, eu não seja destemido quando se trata de questões do coração. Ser imortal não te protege de todas as habituais preocupações humanas. Corações de vampiros ainda se partem tão facilmente quanto qualquer outro.

E embora eu possa carregar o medo de desgosto comigo, isso não me impede. Vou amar Priest com tudo o que tenho, até o fim dos tempos.

E isso significa aprender a amar o monstro também.

"Maren, amor", Ramsay diz, aproximando-se dela. "No caso de essa batalha sair do controle, você seria capaz de chamar o Kraken para derrubar o navio deles? Pode ser bom também não deixar nenhuma evidência do que estamos prestes a fazer."

Ela concorda. "Eu vou, mas deixe-me me fartar primeiro. Não posso deixar vocês, garotos, sempre terem toda a diversão."

Ele sorri para ela e então sai correndo, pegando uma corda do mastro e subindo nela.

"Rapazes!" Thane grita, sua espada larga no ar. Ele olha para mim e Maren e nos dá um breve aceno. "E moças. Aqui estamos! É isso! Estamos prontos para embarcar e não dar trégua a esses bastardos?"

"Sim!" a tripulação grita, pegando suas armas e entrando em suas posições de batalha. Alguns deles estão lá embaixo no convés de armas, armando os canhões.

Maren e eu olhamos por cima da proa enquanto o outro navio se aproxima cada vez mais,

o Nightwind chegando a toda velocidade.

"Vocês podem querer ficar fora do caminho por enquanto," Cruz nos diz, brandindo uma espada antes de subir na grade da proa, segurando-se a uma corda para se equilibrar. "O fogo do canhão pode decapitá-lo."

"Esta não é minha primeira batalha, Cruz," Maren diz friamente. "E além disso, eles já teriam atirado em nós se pudessem. Ouso dizer que Aragon já cuidou deles."

Todos nós olhamos para trás para o navio enquanto começamos a nos aproximar dele, vemos os respingos de sangue na madeira que Priest deixou para trás. Um homem ocasional corre pelo convés e então parece se esconder. Um olha para o nosso navio, grita e então pula no mar.

Uma raiva incandescente e fervente começa a crescer dentro de mim.

"Covardes", eu rosno. Então eu grito para o resto da tripulação. "Vocês encontram um vivo, vocês o guardam para mim!"

"Sim!" eles gritam de volta, tão ansiosos para que eu tenha minha vingança.

"Firme, firme como ela vai!" Thane grita de volta para o contramestre no leme. Algumas das velas são recolhidas rapidamente, e o navio começa a virar em um ângulo para que estejamos chegando pelo lado.

Cruz corre pela amurada e pula sobre o vão que se fecha entre os navios, enquanto Ramsay grita: "Vamos rapazes, vamos festejar!" e balança em uma corda. O resto da tripulação no convés espera até que os lados dos navios estejam nivelados um contra o outro antes de jogar ganchos de escalada para prendê-los, nossos canhões enfiados em suas portas. Parece que eles nem tiveram tempo para armar os seus.

Padre, não consigo deixar de pensar. Por favor, guarde um para mim.

"Está na hora", diz Maren, agarrando minha mão enquanto os Irmãos sobem no navio holandês. "Vamos encontrar os homens que capturaram você."

Nós pulamos sobre a água e entramos no outro navio, nossos movimentos sem esforço agora que somos vampiros, e começamos a correr loucamente junto com todos os outros. A tripulação dos Irmãos sempre me pareceu tão civilizada em comparação com o que eu tinha ouvido sobre piratas — especialmente quando se trata

de limpeza pessoal — mas agora vejo seu lado selvagem. Eles estão correndo por todo lugar com suas armas em punho, puxando o covarde

humanos de seus esconderijos, esfaqueando-os completamente antes de mordê-los e beber seu sangue.

"Eu pensei que eles deveriam manter alguns vivos?" Eu digo a Maren enquanto descemos as escadas para onde a maioria dos gritos parece estar vindo.

Ela faz um som de decepção. "Eles deveriam, mas às vezes a sede de sangue leva a melhor sobre eles. Agora que sou um vampiro, bem, não posso dizer que os culpo."

Então ela vê um homem encolhido no canto atrás de um barril e se lança para ele. Minha irmã o agarra pela garganta, suas garras Syren saíndo e cortando sua pele. Então, com olhos vermelhos e um rugido monstruoso, ela morde o pescoço do homem e começa a se alimentar.

"Não se esqueça de comer o coração", eu digo a ela enquanto continuo.

Eu só me alimentei de Priest, e isso foi logo depois que ele me trouxe de volta à vida com um apetite insaciável por sangue — um que desde então diminuiu, talvez porque eu sabia que nossos suprimentos estavam baixos — e enquanto eu sinto

o desejo faminto de beber sangue, minha vingança está na vanguarda da minha mente, nublando todos os outros pensamentos.

Eu ouço outro grito e um rosnado profundo e ameaçador, e eu sei onde eu posso encontrar a besta.

Eu corro direto para uma sala no final, onde a porta está entreaberta, marcas de garras tendo rasgado a madeira.

Eu respiro fundo, acalmando meus nervos porque eu sei que não será apenas Priest do outro lado, mas o monstro também, e então eu entro.

O cheiro delicioso de sangue enche meu nariz, e estou de volta à sala em que fui capturado pela primeira vez.

A besta está no canto, tão alta que ele tem que se abaixar, suas asas abertas e ocupando toda a largura da sala.

Em suas mãos está Ullan.

Ullan.
A besta segura o Syren pelos ombros, garras escuras gigantes cravadas diretamente em sua pele. Há uma caixa de vidro cheia de água no chão da qual Ullan foi arrastado para fora, apenas sua cauda ainda submersa. Há uma corrente ao redor da boca de Ullan para impedi-lo de morder e gritar.

Parece que a tripulação holandesa voltou para buscar mais Syrens depois que perderam

Vialana. Tenho que me perguntar quando eles me descobriram desaparecido do fundo do navio.

Larimar? Ullan diz em choque, olhando para meu vestido, imaginando como eu possivelmente posso estar andando.

Eu olho para a fera. Ele realmente deveria ser horrível, aqueles olhos insondáveis, os dentes rosnando, a pele escura e coriácea. E ainda assim eu vejo Priest de alguma forma. Eu vejo o homem que eu amo ali.

A fera olha para mim e acena, soltando um rosnado baixo.

Ele está esperando que eu termine o trabalho.

Eu sinto uma vibração de calor no meu coração, como se Priest tivesse acabado de realizar o

gesto mais romântico. Eu suponho que não foi fácil manter Ullan vivo quando tudo o que ele queria fazer era — qual era o ditado? Arrancar a cabeça dele e mijar nela?

Eu trago minha atenção de volta para a traidora Syren.

Os holandeses se voltaram contra você? Eu pergunto a Ullan. Você fez um pequeno acordo

com eles para me levar? Levar Vialana e o resto? Eles te traíram no final quando voltaram para pegar mais? Ou você nos armou, esperando que fossemos capturados?

Ullan pisca para mim, suas guelras abrindo e fechando, tentando descobrir como respirar corretamente.

Diga-me a verdade, Ullan, eu digo, caminhando lentamente em sua direção. Diga-me a verdade para que eu possa acalmar minha curiosidade, e talvez eu deixe você viver.

A besta solta um som baixo e chocante, suas garras cravando, tirando mais sangue. A visão do sangue de Ullan faz minhas próprias veias vibrarem. Eu quero minha vingança, mas talvez o sangue Syren vá longe para o resto da tripulação.

Diga-me a verdade e eu vou garantir que você seja capturado vivo, eu acrescento, tentando não sorrir.

Não houve barganha, Ullan finalmente diz, sua voz alta e em pânico.

E fraca. Eu vi o navio, sabia o que eles estavam fazendo lá, e sinalizei para eles entrarem na baía. Eles pensaram que estavam me caçando; eles não sabiam que você estava lá embaixo.

Eu aceno. Estranhamente, agora que ouvi o que aconteceu, a verdade não faz diferença para mim. Entendo.

Você não pode confiar em humanos, Ullan diz, com os olhos arregalados.

Agora, eu sorrio. "Não, você não pode", eu digo em voz alta, mesmo sabendo que ele não me entende. "Mas nós não somos humanos de qualquer maneira."

Eu olho para a besta novamente, finalmente me sentindo relaxado o suficiente em sua monstruosa

presença. "O que devemos fazer, Padre?" Eu pergunto, esperando estar alcançando-o.

"Manter o Syren vivo para que todos possamos nos alimentar dele pelos próximos anos? Ou deixar eu tirar o coração dele e fazê-lo me ver comê-lo?"
Não espero que a besta responda, mas responde.
"Estou em dúvida", diz o monstro, sua voz terrivelmente baixa, assustadora e totalmente desumana. "O padre gostaria que você ficasse com Ullan e o torturasse pela eternidade. Eu preferiria comer a cabeça do Syren. Suponho que você poderia ficar com o coração."

"Oferta generosa", digo. "Achei que você o estava guardando para mim."
"O padre está guardando o Syren para você, para que você possa se vingar. O que eu quero é comer o cérebro dele."

Tento não franzir os lábios com isso. Ullan está olhando entre nós dois, tentando descobrir o que estamos discutindo. Provavelmente é uma coisa boa que ele não tenha ideia.

"Tudo bem", digo. "Pelo bem dos Irmãos, levaremos Ullan a bordo. Suponho que mantê-lo meio vivo no porão por algumas centenas de anos enquanto lentamente tomamos seu sangue pode ser a melhor vingança que posso ter."

A besta concorda. "Eu também tenho alguns humanos que guardei para você," ele diz asperamente.

"Um deles é o capitão. Eles estão em seus aposentos. Não se preocupe, eu removi as pernas deles para que não possam escapar."

"Isso foi muito atencioso da sua parte," eu digo à besta.

Juro que vejo o monstro sorrir.

Pego as pontas do meu vestido, como uma dama, e saio do quarto enquanto a besta arrasta Ullan, a cauda se debatendo como um peixe moribundo. Lá fora, ainda há caos no navio, cheio de gritos ocasionais, o ar cheirando a sangue.

Eu corro para Ramsay e Thane, que me mostram o caminho para os aposentos do capitão.

A besta não estava mentindo quando disse que removeu as pernas dos homens. Há três humanos amontoados no meio da cabine, todos eles sangrando. Suas pernas não estão em lugar nenhum, o que deve significar que a besta as comeu. Tenho que me perguntar o que isso significa para Priest quando ele voltar à sua forma de Vampiro novamente, mas acho que descobriremos isso quando acontecer.

Também há marcas de mordidas em todos eles, para as quais Ramsay e Thane parecem um pouco envergonhados, embora haja um humano que não foi tocado. O capitão com seu bigode loiro espesso olha para mim com olhos atordoados enquanto Ramsay se aproxima e o levanta para a posição sentada.

Eu sorrio para ele. "Então, nos encontramos novamente, Capitão", eu digo ao homem enquanto eu caminho até ele. "Aposto que você não achou que me veria vivo. Aposto que você não achou que eu teria pernas também. E aposto que você não achou que eu seria a última coisa que você veria." Eu franzo a testa para ele ironicamente. "Isso é muita pensamento que você não fez."

Eu paro na frente dele e me agacho até seu nível, estendo a mão com minhas garras de Syren, e deixo uma delas deslizar pela lateral de seu rosto empoado, desenhando uma fina linha de sangue.

"Então, deixe-me fazer você parar de pensar no que vai acontecer em seguida", eu continuo. "Eu vou te dizer o que vai acontecer. Eu vou te morder e drenar todo o sangue que você tiver. Então, pouco antes de você morrer, vou enfiar a mão no seu peito, arrancar seu coração e comê-lo na sua frente. Então, farei o mesmo com qualquer membro da tripulação que sobrar." Faço uma pausa, tirando meu dedo do rosto dele e lambendo o sangue da ponta da minha garra. Ele dança na minha língua como fogo, a fome me atingindo profundamente. "Finalmente, no final de tudo isso, o Kraken virá e derrubará sua nave para que ninguém nunca saiba a verdade do que aconteceu com você, nenhuma evidência de que você tenha visto Syrens. Será como se você nunca tivesse existido."

Olho para Ramsay, que ainda está segurando o capitão.

"Alguma última palavra?" Ramsay diz ao capitão.

Mas nem dou ao capitão a chance de responder.

Inclino-me e cravo meus dentes em seu pescoço, dando-lhe uma mordida selvagem, o primeiro humano puro que já tive a chance de me alimentar.

O sangue flui para minha boca, e sinto tudo dentro de mim ganhar vida, como se estivesse renascendo novamente. O sangue do padre era adorável, mas eu estava em um estado tão estranho e voraz depois que me transformei que não consegui aproveitar

o meu tempo e apreciá-lo.

Havia também uma parte de mim que não queria machucar o padre ou tirar muito sangue dele.

Mas agora, tenho permissão para ser meu eu totalmente selvagem, feroz e violento.

Então eu me banqueteio e me banqueteio com o sangue do capitão.

Então, quando ele começa a morrer, faço Ramsay manter os olhos abertos para que ele possa

me ver arrancar seu coração e comê-lo na frente dele.

E então deixo o capitão como uma casca seca, e o resto de nós passa pelo restante do navio, procurando por quaisquer sobreviventes que a besta possa ter deixado para trás.

Quando terminamos e voltamos ao Nightwind, o crepúsculo caiu, e cada membro da tripulação tem sangue e um olhar de satisfação no rosto. Temos seis humanos ainda vivos para colocar no porão, e Ullan foi transferido para a cela da prisão, junto com a caixa de vidro, para ser mantido pelo tempo que ele permanecer vivo.

Estou de pé na grade enquanto o Nightwind começa a se afastar do outro navio, enquanto Maren está nadando nas águas iluminadas pela lua abaixo, esperando pelo Kraken. E eu estava esperando minha própria besta fazer uma aparição. Depois que ele voou com Ullan para o nosso navio, ele desapareceu em algum lugar. Abe me garantiu que ele provavelmente queria ficar sozinho para se transformar de volta em Priest.

Mas estou começando a temer que ele não se transforme de volta em forma humana. E se ele decidir continuar sendo o monstro para sempre?

"Peixinho."

Eu sorrio para mim mesmo em alívio e então me viro para ver Priest caminhando pelo navio em minha direção. Ele está tão lindo como sempre e cada pedaço do padre pirata, com sua camisa branca aberta exibindo o rosário em volta do pescoço.

"Eu estava com medo de não te ver assim de novo", eu digo a ele.

Ele sorri para mim e pega minhas mãos nas dele. "Você ainda me amaria se eu ficasse como a besta?"

Mesmo que ele diga isso levianamente, eu não levo isso assim.

Eu aperto suas mãos, olhando profundamente em seus familiares olhos azuis.

"Eu ainda te amaria em qualquer forma ou formato."

A gravidade das minhas palavras paira no ar entre nós. Seu rosto suaviza por um momento e então, "Mas você me amaria se eu continuasse como a besta?"

Eu reprimi um sorriso. "Você está dizendo que eu te foderia na forma de besta?"

Eu não preciso apontar que já fiz uma vez, embora isso não tenha sido realmente nos melhores termos e não conte realmente.

"É exatamente isso que estou dizendo", ele diz.

Eu dou de ombros, agindo timidamente. "Talvez. Afinal, temos a eternidade. Tempo de sobra

para tentar algo novo."

Ele ri disso, um som raro, mas alegre, que faz meu coração pular várias batidas, e então ele agarra meu rosto com a mão, coloca o braço em volta da minha cintura e me puxa para ele, me beijando com força.

Me beijando como se eu fosse dele.

E eu o beijo de volta como se ele fosse meu.

Porque ele é.

Para sempre agora.

"Lá está!" Eu ouço Abe gritar do ninho do corvo.

Priest e eu nos separamos e olhamos para ver Maren nadando de volta para o Nightwind, Nill ao seu lado, e os grandes tentáculos do Kraken alcançando a água. Eles se enrolam nas laterais do navio holandês e começam a puxar o navio em dois.

Eu inclino minha cabeça contra o ombro de Priest, minha fome saciada, meu coração feliz, e nós assistimos enquanto o navio desaparece sob as ondas, deixando apenas a luz das estrelas brilhantes para trás.

O FIM

OceanofPDF.com

Um navio de ossos e dentes
OceanofPDF.com

PRÓLOGO

Não havia lua na noite em que decidi vender minha alma. As águas estavam tão escuras quanto tinta de polvo e, pela primeira vez em muito tempo, eu estava com medo. É como se eu finalmente tivesse percebido não apenas o que estava prestes a fazer, mas o que eu já tinha feito.

Um mês atrás, eu tinha deixado minha família para trás sem pensar duas vezes. Com apenas meu tubarão, Nill, como meu único companheiro, virei as costas para minhas irmãs, para meu pai, para seu reino e nadei em direção a outro futuro. Eu sempre fui imprudente e impulsiva, querendo mais do que a vida comum nas profundezas de Limonos, mas nunca tinha feito algo tão precipitado e perigoso antes. Eu nunca tinha saído de casa.

Não é que eu não tivesse insinuado isso. Quantas vezes eu vaguei pelos imensos caules verdes da floresta de algas com Asherah, falando sobre como tudo que eu queria era fugir, ou nadei pelos jardins de corais com Larimar, desejando que minha vida fosse mais do que o que meu pai planejou para mim. Mas minhas

irmãs nunca me ouviram — eu era a mais nova e facilmente descartada. Uma princesa apenas no nome, nunca seria rainha, nunca teria nenhum poder próprio.

E então um dia, eu parti. Comecei a nadar para o sul ao longo da costa, deixando o mar e o reino para trás, indo em direção a águas ainda mais quentes, mais profundas e mais escuras. Nill nadou comigo, meu protetor leal desde que nasci, nunca questionando o que eu estava fazendo.

Eventualmente, cansei e mandei Nill para a superfície para ver se era seguro dar uma olhada. Quando ele me garantiu que era, eu me levantei e rompi as ondas.

Um mundo totalmente novo me esperava. Em vez da paisagem seca e rochosa que cercava Limonos, aqui tudo era exuberante e verde, com papagaios voando das árvores, gritando enquanto voavam. O céu não era tão brilhante azul quanto em casa, mas havia drama e perigo nas grandes nuvens escuras que rolavam sobre os picos das montanhas ao redor, cheios de vegetação.

E na praia estava o homem mais bonito que eu já tinha visto.

Claro, eu já tinha visto homens antes. Antes de minha mãe desaparecer, ela frequentemente os levava para as profundezas de Limonos e oferecia seus

órgãos para nós. Asherah, a primogênita, ficaria com o coração, Larimar ficaria com o fígado, e eu geralmente ficaria com um rim. Eu sempre quis o coração de um homem,

mas minha mãe disse que era algo que eu tinha que ganhar. Eu nunca tive a chance de perguntar a ela como eu poderia ganhar, já que minha mãe foi retirada da água por marinheiros uma noite, para nunca mais ser vista.

Como Syren, nosso primeiro instinto é atrair os homens para a morte. Nós os seduzimos,

os afogamos e os comemos, seus corpos nos fornecendo poder e nutrientes suficientes para durar meses. Eles são uma iguaria rara, mas muito desejada.

Mas eu nunca tinha caçado um homem antes, e mesmo que meu primeiro instinto ao ver esse homem em particular fosse seduzi-lo para destruí-lo, tudo o que eu queria era seduzi-lo. Eu tinha apenas dezesseis anos na época, mal era adulta, e a visão dele fez algo com minhas entranhas. Ele me fez sentir coisas que eu nunca tinha sonhado em sentir antes. Eu estava com fome de uma forma diferente e mais atraente.

Eu era uma idiota.

Em segundos eu me apaixonei por ele, engolida pela luxúria, e esse homem se tornou minha obsessão. Eu passava meus dias escondida atrás das pedras nas águas rasas, espiando-o enquanto Nill circulava as águas atrás de mim. O humano estava viajando com uma trupe de pessoas que atendiam a todos os seus caprichos. À noite, ele dormia em uma barraca na praia, a lona branca como as velas de um navio,

um desfile de mulheres desaparecendo lá dentro, seus gemidos roucos fazendo meu corpo doer de necessidade e inveja. Durante o dia, ele descansava na areia entretenendo os convidados, empanturrando-se de comida fina. Eu me vi querendo experimentar tudo o que eles estavam comendo, mas tive que me contentar com mariscos,

caranguejos e pepinos do mar que viviam nas águas rasas ao meu redor.

Eu não entendia inglês na época, mas acabei percebendo que eles o chamavam de "Príncipe Aerik".

O que eu entendi foi que eu precisava que ele fosse meu. Algo que eu finalmente pudesse chamar de meu. Durante toda a minha vida eu me senti tão fragmentada e solitária, meu

pai gentil, mas firme e distante, minhas irmãs a luz da vida dele depois que a mãe desapareceu. Mas eu, fiquei com Nill e foi isso. Ninguém nunca olhou para mim ou se perguntou como eu estava. Eu era apenas a terceira irmã ocupando

muito espaço no mar. Até as outras Syrens no reino me ignoraram

. Embora eu não fosse ninguém dentro da minha própria família, eu também era muito diferente

e real para que aqueles de fora fizessem amizade comigo.

E então eu pensei, tolamente, que se eu pudesse fazer com que esse humano, esse Príncipe

Aerik, se tornasse meu, então eu não teria que ficar sozinha. Mas ele vivia

terra e nunca sobreviveria mais do que alguns minutos abaixo da superfície do mar. Ele nunca faria parte do meu mundo.

Foi quando eu soube que teria que me tornar parte do dele.

Quando criança, fui avisada sobre as bruxas do mar, seres que possuíam magia que as deixava mudar de forma à vontade, permitindo que vivessem tanto acima

da água quanto abaixo dela. Embora as Syrens fossem as que os humanos temiam, nós, Syrens temíamos as bruxas do mar. Elas tinham a capacidade de nos conceder desejos, mas nenhum de seus dons vinha sem um preço.

Mas eu era jovem, teimosa e imprudente. Eu queria aventura, eu queria ver como era a vida acima do mar, eu queria me tornar algo mais do que eu era. Eu queria amor.

E então comecei a invocar uma bruxa do mar. Minhas irmãs me disseram que elas gostavam de coisas brilhantes como oferendas e que elas responderiam ao meu chamado Syren. Passei a noite correndo por aí, encontrando coisas que chamaram minha

atenção, como corais coloridos em tons saturados de vermelho, laranja e amarelo, pequenas estrelas do mar roxas, algas azuis brilhantes raras e pérolas que eu extraí das

bocas relutantes das ostras.

Depois de reunir esses pedaços brilhantes do mar, nadei até um cânion com paredes de rocha e coral se erguendo ao meu redor, um lugar com acústica fantástica. Então comecei a cantar.

Até onde eu sabia, não havia nenhuma música específica que conjurasse as bruxas do mar,

eram apenas nossas vozes em geral que poderiam atraí-las para nós. Todas as Syrens tinham vozes encantadoras e bonitas para cantar e a minha não era exceção. Eu simplesmente não gostava de cantar, pois isso me tornava o centro das atenções

(a menos que uma das minhas irmãs estivesse cantando, então ninguém nem me ouviria).

Mas lá eu cantei. Eu cantei para a bruxa do mar, cantei sobre querer fazer uma barganha, sobre querer uma vida em terra, ganhar o coração de um homem, e depois do que

pareceu uma eternidade, Nill começou a fazer círculos de proteção ao meu redor, significando que uma bruxa do mar estava chegando.

A primeira coisa a aparecer foram os tentáculos. Eles eram cordas gigantes e deslizantes

com pontas de sucção e pele roxa enrugada. Eles não pertenciam à bruxa do mar, mas sim a um dos Kraken, os monstros marinhos gigantes que as bruxas controlavam.

O resto do Kraken estava escondido nas profundezas azuis escuras do oceano, embora eu pudesse distinguir vagamente pequenos olhos amarelos brilhantes. Então Edonia veio para a frente, caminhando em minha direção sobre duas pernas ao longo do fundo do mar, completamente nua.

Ela era deslumbrante. Eu tinha ouvido que bruxas do mar eram bruxas feias, mas esse não era o caso. Ela era suave e pálida, com longos cabelos brancos que se moviam ao redor de sua cabeça como cobras do mar. Ela parecia humana mais do que qualquer coisa e eu fiquei imediatamente com ciúmes dela.

"Querida", ela me disse, sua voz melódica, mas baixa. "Diga-me o que a aflige?"

Fiquei tão perplexo com ela que não consegui falar.

"Você pediu ajuda a uma bruxa do mar, não foi?"

Eu assenti e ela se aproximou. Nill começou a ficar entre nós, mas antes que eu pudesse dizer para ele ficar para trás, um tentáculo chicoteou em sua direção,

agarrando-o. Nill gritou, um som agudo que muito poucas criaturas poderiam ouvir, e o Kraken se enrolou em seu meio, apertando-o com força.

"Não, pare!" Eu gritei. "Não o machuque!"

Edonia sorriu para mim e de repente toda a sua beleza pareceu desaparecer.

Ela pode ter sido bonita, mas era fria e implacável e eu imediatamente soube que não podia confiar nela. "Uma medida de precaução. Dependendo de como isso for, eu o libertarei. Caso contrário..."

Eu entendi a ameaça. Eu a chamei para um favor e agora ela era quem estava no controle.

"Diga-me o que você quer, querida", ela disse, parecendo entediada. "Para que façamos esse acordo às pressas. Eu não tenho a noite toda."

Por um momento eu tinha esquecido até mesmo por que eu a tinha chamado, o que me possuía

para fazer uma coisa tão imprudente como conjurar uma bruxa do mar. Mas então eu lembrei. O desejo dentro de mim, aquela necessidade de pertencer a alguém e algum lugar, era visceral demais para ignorar.

"Eu vi um homem na praia", eu disse enquanto seus olhos vermelhos atentos se estreitavam.

"O nome dele é Príncipe Aerik. Quero me tornar um humano e quero que ele se apaixone

por mim. Você pode ajudar?"

Ela riu sem alegria. "Oh, querida. Sim, eu posso. Mas nada que eu faça vem sem um preço."

Olhei em volta para os pedaços brilhantes do mar que eu tinha reunido, assim que o tentáculo do Kraken apareceu e os varreu. Todo aquele esforço em vão.

"Você acha que isso vai servir?" Edonia riu. "Você é tão ingênuo. Diga-me, quantos anos você tem?"

"Dezesseis," consegui dizer.

"Dezesseis. Tão jovem. E você acha que sabe o que é amor nessa idade?"

Eu não disse nada sobre isso.

Ela me estudou por um momento. "Mas eu posso ver que talvez seja o amor que você não tem em casa que realmente te aflige. Uma sensação de descontentamento. De não

pertencer. Sim?"

Eu assenti. Olhei para Nill para ter certeza de que o Kraken não estava o machucando, mas de repente Edonia estava em mim, suas unhas afiadas no meu queixo e me forçando a encontrar seus olhos.

"Eu vou te dizer uma coisa", ela disse. Eu me vi perdido no vermelho rodopiante de seus olhos, como coral em um redemoinho. "Eu vou te conceder o que você deseja, então,

contanto que eu tome algo seu em troca."

O fato de que ela poderia conceder meu desejo fez meu coração pulsar de alegria e possibilidade, tanto que eu não achei que nenhum preço seria alto demais para pagar.

"O que você quer?"

"Sua voz," ela disse simplesmente.

"Minha voz?"

"É linda," ela disse com um ar de desprezo. "Todos nós sabemos que Syrens têm a habilidade de atrair homens para o mar com sua canção. Eu gostaria de ter a chance de fazer o mesmo. Os Kraken são animais de estimação maravilhosos, mas falta-lhes a finesse. Eles sabem como matar, mutilar e destruir, mas não sabem como atrair."

"Mas você é uma bruxa. Certamente você já pode fazer isso com os homens."

"Nem todos os homens são criados iguais," ela disse bruscamente. "Alguns homens são resistentes aos encantos de uma bruxa. Sua voz não seria algo para se ouvir. Eu precisarei da sua língua."

"Minha língua!" Eu gritei.

"A língua de uma sereia é um ingrediente que falta no meu livro de magia."

"Pegue meu rabo então se você vai me dar pernas," eu protestei.

"Oh, eu vou pegar isso também. Agora ouça aqui, minha querida, porque você só tem uma chance de decidir. Com meu feitiço, eu lhe darei pernas. Eu vou tirar suas guelras e suas garras e suas presas e sua força e fazer de você uma linda mulher. E você encontrará seu príncipe e o fará seu, se desejar. Mas você não poderá se tornar uma Syren novamente. Você não poderá viver sob o mar. Você será uma humana por completo. Você não viverá trezentos anos, viverá talvez sessenta,

se tiver sorte.” Ela fez uma pausa e cravou a unha mais fundo na minha pele. “Você ainda está interessada?”

Eu deveria ter dito não. Por que não disse não?

Mas, em vez disso, eu disse: “E esse não é um preço suficiente a pagar?”

Seus olhos ficaram frios. “Você quer se tornar uma humana e experimentar esse mundo? Você quer o amor do príncipe ou de quem você escolher? Então você deve saber que o mundo humano não é igual ao mundo das Syren abaixo.

Não, vale mais. O mundo humano é um mundo onde você controlará seu próprio destino. Para ser a pessoa que você, e somente você, decide se tornar. Como humana, você pode fazer o que quiser, ser quem quiser. Você será uma mulher, e uma mulher tem todo o poder lá em cima. O mundo será seu para tomar. Tudo o que você deseja, você encontrará os meios para ter.”

Ela sabia todas as coisas certas para dizer. Ela estava mentindo descaradamente “Tudo o que peço em troca é sua língua”, ela acrescenta com um encolher de ombros, removendo

os dedos do meu queixo. “Se você tiver sorte, não fará muita diferença para você. Os humanos são adaptáveis.”

Quando ela colocou dessa forma, não parecia um preço tão alto a pagar.

“Mas eu nunca mais verei meu pai e minhas irmãs”, lamentei.

“Você nadou para longe deles, não foi? Você já foi embora por um motivo.

Você já tomou sua decisão antes desta noite. Além disso, não há nada que a impeça de pegar um barco para seu antigo reino um dia. Talvez eles façam uma visita a você. O mundo é sua ostra, e você é a pérola, minha querida.”

Talvez não tivesse que ser o fim. Talvez eu realmente pudesse pegar um barco até que estivesse acima de Limonos e se eu mergulhasse abaixo, mesmo que apenas por um minuto,

talvez eu pudessevê-los e dizer que estava bem.

“Ok”, eu disse a ela. “Eu farei isso. Mas primeiro eu quero que você solte Nill.”

Edonia olhou para o Kraken e sorriu. O Kraken apertou com tanta força que os olhos pretos de Nill começaram a esbugalhar e eu gritei.

Então um dos muitos dentes de Nill saltou, espiralando para o fundo do oceano.

“Solte-o,” Edonia disse relutantemente para o Kraken.

O tentáculo se soltou e Nill nadou para longe rapidamente, indo na direção de Limonos. Eu não tinha dúvidas de que ele contaria ao meu pai o que eu fiz.

Edonia caminhou até o dente caído e o pegou, então voltou para mim e o colocou na minha palma.

"Lá. Você pode ter um lembrete de quem você costumava ser. Sempre que você se arrepender de sua vida lá em cima, você pode se lembrar que o único amigo que você já teve foi um tubarão maldito."

"Espere. Por que eu me arrependeria da minha vida lá em cima?" Eu disse, começando a entrar em pânico.

Mas Edonia não disse nada. Em vez disso, ela sorriu, um sorriso muito malicioso que ainda me assombra em meus sonhos, e pegou uma faca que parecia ter sido conjurada do nada.

O tentáculo que estava segurando Nill disparou e se enrolou em mim, a ponta segurando minha boca aberta.

Eu gritei.

Então Edonia pegou minha língua em seus dedos, passou a lâmina afiada por ela até minha cabeça explodir de dor e a água se encher de meu sangue.

Os gritos pararam.

OceanofPDF.com

Agradecimentos

Primeiramente, tenho que agradecer aos meus editores e revisores, Laura, Alexa e Sandy. Por causa do comprometimento literalmente incansável deles, este livro pôde ser concluído e eles também suportaram minhas travessuras com atraso após atraso após atraso. Este livro pertence a eles! Mas, por favor, observe que eles não editaram esta seção de agradecimentos, então quaisquer erros são meus (nem eles estão me fazendo dizer isso :D)

Segundo, notei alguns meses atrás que os autores estão sempre falando sobre sua equipe. Pensei comigo mesmo: "quem tem uma equipe? Eu faço isso desde 2011, não tenho uma equipe". Porque para mim uma equipe é um grupo de pessoas

que se movem juntas para ajudar você. Sempre pensei que era apoiada por muitas partes móveis diferentes.

No entanto, neste livro eu realmente senti que tinha uma equipe. Dos meus editores, ao meu designer de capa Hang (com quem trabalho há DEZ anos) que criou não uma, mas duas capas diferentes (uma para arcos), a todos os artistas que contratei para este livro que produziram um trabalho tão adorável e foram tão ótimos para se comunicar (estou olhando especialmente para você,

Alicia!), minha leitora beta de olhos afiados Betul que me ajudou a mudar de rumo no último minuto, E, claro, a inestimável Lauren B Cox que faz tudo acontecer e está lá para mim quando eu mando mensagem para ela tarde da noite com

outro Menty B. Quer todos saibam ou não, eles realmente são minha equipe e estou honrado em tê-los!

Então, eu sempre começo meus agradecimentos falando sobre o quanto difícil foi escrever este livro (ocasionalmente falo sobre o quanto fácil é). E sim, este livro foi difícil. Demorou um tempo para eu sentir meu ritmo porque eu sei que as pessoas

queriam outro ASOBAT, mas Priest e Larimar não são Ramsay e Maren. Eu soube imediatamente que este seria um livro sombrio, mais silencioso e mais sexy e que eu tinha que deixar para lá. Eu sabia que não era parte de ASOBAT

dois, e levou tempo para aceitar isso (e aceitar que poderia decepcionar algumas pessoas que queriam mais do mesmo).

Então, havia muito trabalho nisso na minha cabeça e na página, e ao mesmo tempo, eu estava lidando com outros prazos na minha vida, esgotamento neurodivergente, depressão, problemas familiares E ganhar um novo cachorrinho. Muitos fatores diferentes conspiraram para tornar este livro um desafio para realmente escrever as palavras.

MAS... eu continuei de alguma forma. Não poderia ter feito isso sem a equipe acima, mas também Scott e Perry Palomino (nossa nova cachorrinha... e se você não leu EIT, sim, esse é um nome de menina). Scott especialmente foi além de cuidar desse patife indisciplinado e eu sempre e para sempre serei grata a ele. Ele me salvou tantas vezes e eu realmente espero que este livro seja bem-sucedido o suficiente para que eu possa comprar um grande presente para ele. Ele merece isso e muito mais.

Scott, eu te amo até o meu dia eterno. Este livro é para você!

OceanofPDF.com

Sobre a autora

Karina Halle é roteirista, ex-jornalista de música e viagens, e autora de best-sellers do New York Times, Wall

Street Journal e USA Today de River of Shadows, The Royals Next Door e Black Sunshine, além de 80 outras leituras selvagens e românticas, que vão de comédias românticas leves e sensuais

a romance de terror/paranormal e fantasia sombria. Nem preciso dizer que, seja qual for o gênero que você curte,

ela provavelmente escreveu um romance para ele.

Quando não está viajando, ela, seu marido e seu cachorrinho recém-adotado — Perry — dividem seu

tempo entre uma casa possivelmente mal-assombrada de 120 anos em Victoria, BC, seu veleiro, o Norfinn, e

seu condomínio em Los Angeles. Para mais informações, visite www.authorkarinahalle.com

Encontre-a no Facebook, Instagram, Pinterest, BookBub, Amazon e Tik Tok.

OceanofPDF.com

Também por Karina Halle

FANTASIA SOMBRIA E ROMANCE GÓTICO

Rio das Sombras (Deuses do Submundo #1)

Coroa de Carmesim (Deuses do Submundo #2)

Cidade das Trevas (Deuses do Submundo #3) - 2023

Brilho do Sol Negro (Dueto Olhos Negros #1)

O Sangue é Amor (Dueto Olhos Negros #2)

Lobo da Noite

Laranja Sangue (Dueto Drácula #1)

Rosa Negra (Dueto Drácula #2)

Um Navio de Ossos e Dentes

Oceano de Pecado e Luz das Estrelas

Oco (Um Tom Gótico de Romance #1)

Lenda (Um Tom Gótico de Romance #2)

ROMANCE DE TERROR

Darkhouse (EIT #1)

Raposa Vermelha (EIT #2)

O Benson (EIT #2.5)

Manhã do Céu Morto (EIT #3)

Estação da Mentira (EIT #4)

Sobre Asas do Demônio (EIT #5)

Sangue Velho (EIT #5.5)

Os Arquivos Dex (EIT #5.7)

Into the Hollow (EIT #6)

E Com a Loucura Vem a Luz (EIT #6.5)

Viva (EIT #7)

Das Cinzas às Cinzas (EIT #8)

Poeira ao Pó (EIT #9)

Fantasma (EIT #9.5)

Voltou Assombrado (EIT #10)

The Devil's Metal (Duologia do Diabo nº 1)

The Devil's Reprise (Duologia do Diabo nº 2)

Veiled (Ada Palomino nº 1)

Song For the Dead (Ada Palomino nº 2)

ROMANCE CONTEMPORÂNEO

Amor, em inglês/Amor, em espanhol

Onde o mar encontra o céu

Correndo contra o sol

O pacto

A oferta

A peça

Desejos de inverno

A mentira

A dívida

Smut

Onda de calor

Antes de eu conhecer você

Afinal

Rocked Up

Wild Card

Maverick

Hot Shot

Ruim no amor

O príncipe sueco

O herdeiro selvagem

Um rei nórdico

O Royal Rogue

Nada pessoal

Minha vida em frangalhos

O Royal Rogue

O homem proibido

Aquele que escapou

Lovewrecked

Um verão italiano quente

[Todo o Amor do Mundo \(Antologia\)](#)

[The Royals Next Door](#)

[The Royals Upstairs](#)

SUSPENSE ROMÂNTICO

[Pecados e Agulhas \(Trilogia dos Artistas nº 1\)](#)

[Em Cada Rua \(Uma Novela da Trilogia dos Artistas nº 0.5\)](#)

[Cicatrizes de Tiro \(Trilogia dos Artistas nº 2\)](#)

[Truques Ousados \(Trilogia dos Artistas nº 3\)](#)

[Anjos Sujos \(Anjos Sujos nº 1\)](#)

[Atos Sujos \(Anjos Sujos nº 2\)](#)

[Promessas Sujas \(Anjos Sujos nº 3\)](#)

[Corações Negros \(Dueto dos Pecados nº 1\)](#)

[Almas Sujas \(Dueto dos Pecados nº 2\)](#)

[Discrição \(Dumonts nº 1\)](#)

[Desarmar \(Dumonts nº 2\)](#)

[Repudiar \(Dumonts nº 3\)](#)

[OceanofPDF.com](#)